

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

IVAN PAGANOTTI

PELOS OLHOS DE UM OBSERVADOR ESTRANGEIRO:

**REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA COBERTURA DO CORRESPONDENTE
LARRY ROHTER PELO *NEW YORK TIMES***

**SÃO PAULO
2010**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

IVAN PAGANOTTI

PELOS OLHOS DE UM OBSERVADOR ESTRANGEIRO:

**REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA COBERTURA DO CORRESPONDENTE LARRY ROHTER
PELO *NEW YORK TIMES***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração I: Teoria e Pesquisa em Comunicação, inserido na Linha de Pesquisa Linguagem e Produção de Sentido em Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes

**SÃO PAULO
2010**

IVAN PAGANOTTI

PELOS OLHOS DE UM OBSERVADOR ESTRANGEIRO:

**REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA COBERTURA DO CORRESPONDENTE LARRY ROHTER
PELO *NEW YORK TIMES***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração I: Teoria e Pesquisa em Comunicação, inserido na Linha de Pesquisa Linguagem e Produção de Sentido em Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes

**SÃO PAULO
2010**

Autorizo a divulgação do texto completo em bases de dados especializadas e a reprodução total ou parcial, por processos fotocopiadores, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte.

Assinatura: _____

Data: _____

Autor: PAGANOTTI, Ivan

Título: Pelos olhos de um observador estrangeiro: representações do Brasil na cobertura jornalística do correspondente internacional Larry Rohter pelo *The New York Times*

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes – ECA/USP (orientadora)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aprovada em: ___/___/_____

Agradecimentos

Sou grato à minha orientadora, a Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes (ECA-USP), pela inspiração para enfrentar uma pesquisa que imaginei impossível no presente e por me mostrar o que gostaria de fazer no meu futuro. Depois de quase dez anos desde suas primeiras aulas, continuo vendo o novelo de suas histórias desenrolar para tecer conceitos que cobrem o mundo com novos significados.

Muitas das idéias aqui apresentadas só ficaram claras (ou até mesmo surgiram) enquanto eu discutia minhas pequenas descobertas diárias com Mariana de Toledo Marchesi. Entre tantas coisas que devo a ela, o agradecimento por essas contribuições inestimáveis é, ainda assim, a menor das dívidas que tenho com alguém que me fez perceber que o melhor modo de viver é compartilhando nossas vidas.

Agradeço meu pai, minha mãe e meu irmão, por serem meu porto seguro, minha bússola e meu vento. Tenho dívida especial com meu irmão, pelas emergenciais revisões e traduções, com meu pai, por me ensinar como domar os bancos de dados, tabelas e planilhas, e com minha mãe e Douglas Smith, pela consultoria nas traduções e aproximações culturais Brasil/EUA. Também agradeço meus avós, familiares e amigos pela compreensão de que, às vezes, as páginas de uma dissertação impõem distâncias sobre laços de fraternidade.

Preciso reconhecer a inestimável contribuição e o acolhimento que recebi da Profa. Dra. Rosana de Lima Soares (ECA-USP) e dos colegas pesquisadores do “Midiato – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas” Ana Claudia Mielki, Andrea Limberto, Cintia Liesenberg, Daniele Gross, Eliza Casadei, Mariana Tavernari, Mariana Duccini, Mariane Murakami, Neide Arruda, Paula Paschoalick, Rafael Venâncio e Renata da Costa. Depois de dezenas de reuniões e tantos debates férteis sobre nossas pesquisas, fico feliz ao ver que as amizades e as pesquisas podem ser construídas juntas nas mesas de salas de aula, cafés ou bares.

Também agradeço ao Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho (ECA-USP) e ao Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado (PUC-SP) pelos apontamentos, críticas, sugestões e, principalmente, pelos questionamentos que tem me intrigado desde a banca de qualificação. Também devo a eles, à Profa. Dra. Alice Mitika Koshiyama (ECA-USP) e ao Prof. Dr. Márcio Serelle (UFMG) muitas recomendações bibliográficas que foram essenciais para essa dissertação.

Agradeço as contribuições dos colegas pesquisadores Vinicius Rodrigues Vieira (University of California) e Tamara Gonçalves (FFLCH-USP), cujas visões e leituras, provenientes de áreas de interesse tangenciais à minha, continuam a me surpreender e inspirar. Sou grato às grandes amigas Thaís Renzi, Paula Scarpin, Ana Luiza Serrão e Marília Ponte, por todos os cafés que invadiram – e ainda assim, contribuíram com – minhas pesquisas. Também fico feliz pelas contribuições de Juliano Machado e Letícia Sorg (Revista Época), Caio Cavechini (TV Globo), Francisco de Souza (Itamaraty), Luciana Silveira e de todos os meus colegas “mais ou menos” jornalistas da turma de 2001 da ECA, por compartilhar o fascínio por contar boas histórias. Agradeço ainda o convívio com Leonardo Sakamoto e Rodrigo Ratier, responsáveis pela inspiração e pelo encorajamento de que eu precisei quando ainda considerava iniciar essa pesquisa.

Finalmente, agradeço Fernando, (o primeiro a prever meu mestrado na ECA, enquanto ainda verificava as impressões do meu TCC) e sua equipe gráfica da Multiofício, que tantas vezes trouxeram o alívio de um sorriso para apagar a tensão da entrega de trabalhos. Tenho também uma dívida imensa com meus alunos, por minhas doses semanais de dúvidas, lições, questionamentos, desafios e risadas. E também sou grato a todos os professores, alunos e funcionários da Escola de Comunicações e Artes que insistem em ver esses prédios como o cenário para os melhores momentos de suas vidas.

Dedicatória

Para Mariana,

*por uma história que não cabe em página alguma
e que entrelaça os nossos passos em um só horizonte.*

Epígrafes

The poets are wrong of course. ... But then poets are almost always wrong about facts.

That's because they are not really interested in facts: only in truth: which is why the truth they speak is so true that even those who hate poets by simple and natural instinct are exalted and terrified by it.

- William Faulkner (The Town, 1957)

Tentar encontrar o desenho certo na tapeçaria de seus próprios escritos pode ser tão desanimador como tentar encontrá-lo na própria vida; tentar tecê-lo post facto – “isto é exatamente o que eu pretendia dizer” – é uma verdadeira tentação.

- Clifford Geertz (A interpretação das culturas, 1973)

Resumo

Objetivo: Artigos jornalísticos publicados no diário norte-americano *The New York Times* por Larry Rohter, seu correspondente no Brasil, tomam como base uma gama de imagens e expectativas sobre o país que seu público possa ter e reconhecer como válidas. Esta pesquisa procura identificar as estratégias textuais adotadas por Rohter para reproduzir, alterar, questionar, negar ou criar representações brasileiras. **Métodos:** Por meio da análise de discurso crítica, são avaliados os mecanismos de tradução de conceitos próprios do Brasil para um público estrangeiro, a partir de conhecimentos básicos compartilhados e aproximações por analogia com similares norte-americanos. Também é analisada a influência e o reforço de imagens brasileiras esperadas e das expectativas sobre medidas a serem tomadas no campo econômico e político do país. **Resultados:** Ainda que as narrativas das reportagens partam de imagens brasileiras estereotipadas, quebram-se as expectativas pela eclosão de eventos desviantes, que rompem com o que é esperado pelo público. O desequilíbrio estabelecido por Rohter aumenta o interesse em notícias menos urgentes; essa estratégia não é tão necessária em situações marcadamente conflituosas, que representam desvios na ordem social naturalmente pressupostos nos textos.

Palavras-chave: narrativa jornalística; correspondentes internacionais; representações sociais; identidade nacional; ideologia.

Abstract

Objective: Journalistic articles published in the *The New York Times*, by Larry Rohter, the newspaper's correspondent in Brazil, are based on a full range of impressions and notions regarding the country that his readers might have and might recognize as valid. This study seeks to identify the textual strategies followed by Rohter to reproduce, change, question, deny, or create Brazilian descriptions. **Methods:** By means of critical discourse analysis, mechanisms for translating concepts peculiar to Brazil for foreign understanding are evaluated, taken from basic shared knowledge and analogies with similar American concepts. The influence and reinforcement of anticipated Brazilian imagery and speculations regarding measures to be taken in the economic and political areas of the country are also analyzed. **Results:** Even though the storylines call up stereotypical images of Brazil, presuppositions are disrupted by distracting events that emerge and break with what is expected. The imbalance established by Rohter ends up increasing reader interest in less urgent news items, but this strategy is not as necessary in situations that are obviously conflicting, and that represent deviations in the social order, which are naturally presumed in the texts.

Keywords: journalistic narrative; foreign correspondents; social representations; national identity; ideology.

Lista de Gráficos

Gráfico 4.2.1. Artigos majoritariamente sobre Brasil e textos que somente citam o país. ...p.	154
Gráfico 4.2.2. Elementos de comparação de superioridade, igualdade ou inferioridade. ...	p. 155
Gráfico 4.2.3. Comparação de superioridade, igualdade ou inferioridade nos anos.	p. 157
Gráfico 4.2.4. Posicionamento (crítico, favorável ou equilibrado) sobre neoliberalismo....	p. 162
Gráfico 4.2.5. Posicionamento sobre neoliberalismo, a cada ano.	p. 163
Gráfico 5.1.1. Reproduções e transformações de imagens sobre o Brasil.	p. 171
Gráfico 5.1.2. Quebra de expectativa nos leads de <i>hard news</i> e <i>feature stories</i>	p. 178
Gráfico 5.2.1. Parcela de <i>Hard news</i> e <i>feature stories</i> por assunto (número de textos).	p. 183
Gráfico 5.2.2. Textos por assuntos, com destaque à cobertura de notícias urgentes.	p. 184
Gráfico 5.2.3. Textos dedicados a cada tema e assunto.	p. 185
Gráfico 5.2.4. Quebra de expectativa no lead por assunto.	p. 190
Gráfico 5.3.1. Enfoque (positivo ou negativo) por anos.	p. 197
Gráfico 5.3.2. Objeto de crítica/valorização e enfoque positivo/negativo.	p. 201
Gráfico 5.3.3. Enfoque sobre corrupção e medidas de governo de FHC e Lula.	p. 202
Gráfico 6.1. Enfoque valorativo ou crítico, por assunto.	p. 219

Lista de Tabelas

Tabela 2.1. Métodos para análise de conflitos sociais discursivamente marcados.....	p. 055
Tabela 3.1. Mitos e crônicas entre o centro e a periferia das semiosferas.....	p. 103
Tabela 3.2. Processos de reprodução e transformação de representações sociais.....	p. 122
Tabela 5.1. Reproduções e transformações de imagens sobre o Brasil, por tipo.	p. 170

Lista de Figuras

Figura 3.2. <i>Bordando el Manto Terrestre</i> (1961), de Remedios Varo.....	p. 109
---	--------

Sumário

1. Introdução: “through the eyes of a foreign observer”	p. 008
---	--------

Parte I – Aspectos formais

2. Metodologia: “Saber o que ‘o outro’ pensa”	
2.1. Objeto da pesquisa: Imagens nacionais e visões estrangeiras	p. 030
2.1.1. Representações da identidade nacional brasileira	p. 031
2.1.2. Larry Rohter e <i>The New York Times</i>	p. 041
2.2. Teoria e prática metodológica: “Reforçando cada estereótipo que o mundo anglo-saxônico já teve”	p. 051
2.2.1. Análise de discurso crítica	p. 051
2.2.2. Procedimentos metodológicos: Categorias de análise dos textos	p. 063
3. Referencial teórico, conceitual e contextual: Um noticiário internacional “domesticado”	p. 082
3.1. “Correspondentes internacionais”: Fronteiras entre semiosferas	p. 083
3.2. “Cobertura internacional”: Reprodução e transformação de representações sociais	p. 109

Parte II – Temas, abordagens e visões do Brasil

4. Expectativas e receitas idealizadas	p. 128
4.1. Turismo: valorização do exótico clichê	p. 130
4.2. Receituário para turbulência econômica: das inflações incomparáveis à estabilidade	p. 149
5. Quebra de expectativa: o surpreendente, o desviante e o contraditório	p. 168
5.1. Cultura surpreendente: desvio normalizado na sociedade	p. 169
5.2. Crítica dos conflitos: ruptura e desestabilização nas periferias	p. 183
5.3. Equilíbrio político: aparato de ordenação nos centros de poder	p. 192
5.3.1. Oposição contraditória: crítica de atos públicos e corrupção de FHC a Lula	p. 195
5.3.2. Gota d’água: “bebedeira” e ameaça de expulsão	p. 203

Parte III – Considerações gerais

6. Conclusões: desconstrução de uma “ponte entre ideologias, pessoas, religiões, movimentos”	p. 215
Referências Bibliográficas	p. 223
Anexo: Lista de textos de Larry Rohter publicados pelo <i>The New York Times</i> sobre o Brasil	p. 235

1. INTRODUÇÃO: “THROUGH THE EYES OF A FOREIGN OBSERVER”¹

“De repente”, começa o artigo, interrompendo um *status quo* pressuposto, “a música do Brasil está no topo da moda entre aqueles que, nos Estados Unidos e na Europa, vangloriam-se de apontar tendências e definir gostos.” Segue-se uma lista de diversos lançamentos e shows de brasileiros nos Estados Unidos, com “uma resposta entusiasta do público e da crítica”.

“Mas” (e essa é uma conjunção que será muito usada nas páginas a seguir), “esse aumento de interesse também resultou em uma invasão do Brasil, o que trouxe reações ambivalentes de muitos profissionais da música brasileira”. Essa reviravolta é inesperada: por quais motivos seriam os brasileiros contrários à essa onda internacional brasileira?

Nesse momento, o público do jornal – que provavelmente não está entre os que se “vangloriam de apontar tendências e definir gostos”, talvez nem tenha seu gosto tão influenciado por essas pessoas, e que pode nem saber direito onde fica o Brasil – está curioso. Por que o jornal mostrou algo bom para esse país (“Brasil”, esse é o nome do lugar?), para depois sugerir que isso é negativo para sua população?

“Enquanto agradecem a oportunidade de fazer sua música ser conhecida por uma audiência internacional mais ampla” – o artigo tenta elucidar o mistério auto-infligido – “[os músicos] preocupam-se com a imagem sobre sua cultura que é projetada internacionalmente”. O autor dessa denúncia afirma que essa divulgação “incompleta e enganosa” sobre o Brasil diz mais sobre o nova-iorquino responsável por essa nova onda brasileira – e, por consequência, sobre a busca de tantos outros americanos e britânicos, que procuram com curiosidade inspiração no Brasil – do que sobre o que é realmente feito no país.

O autor dessa crítica coloca uma questão crucial, para a qual procura apoiar-se em fontes genuinamente brasileiras, como Riska Mutarelli, diretor da Som da Gente Records: ao escolher certas canções para um compêndio sobre a música do Brasil, fica evidente a intenção de “caçar o exótico e o exuberante, vendendo uma imagem folclórica de um Brasil que não existe mais, que deixou de existir anos atrás”. O critério de seleção – e, particularmente, a exclusão de outras fontes que contradiriam essa imagem exótica do Brasil – fez com que se ignorasse o que “atualmente é feito no Brasil”, deixando de lado “os mais importantes e mais representativos artistas, e até mesmo os melhores trabalhos dos músicos que foram selecionados”, nas palavras de Mutarelli – o entrevistado que serve para embasar a crítica com um ponto de vista mais verde e amarelo, em contraposição com o invasor nova-iorquino que simplifica e

¹ ROHTER, Larry. “Arts Abroad; Brazilian Renaissance For an American Poet”. *The New York Times*, 06/08/01. Todos os trechos a seguir apresentaram traduções do autor para o original em inglês: “pelos olhos de um observador estrangeiro”.

estereotipa a imagem do Brasil a partir de suas próprias pré-concepções estrangeiras. Entre os legítimos “representantes” do Brasil deixados de fora, o autor da crítica agrupa cantoras femininas como Elis Regina, grupos de axé e trios elétricos da Bahia, além de Hermeto Pascoal, Djavan e Paulinho da Viola. Todos foram deixados de fora para privilegiar a “perpetuação do mito do tropicalismo”, na análise do crítico, pois a maioria das músicas vinha de composições de Gilberto Gil e Caetano Veloso.

Dois ilustres brasileiros deixados de fora – Chico Buarque e Cazuza – podem ter um motivo para a exclusão: o crítico aponta que a melancolia e a fúria de suas músicas, baseadas mais na beleza lírica das letras (o que resvala na limitação linguística internacional do português, uma língua pouco falada entre “aqueles que, nos Estados Unidos e na Europa, vangloriam-se de apontar tendências e definir gostos”) do que na melodia “característica” do samba, da bossa nova ou do tropicalismo, podem não se encaixar nas imagens que os estrangeiros procuram no Brasil. Letras que apontam que “a tua piscina tá cheia de ratos” e que “tuas idéias não correspondem aos fatos”², ou que “Os diamantes rolam no chão / O ouro é poeira (...) Eu posso vender / Quanto vai pagar?”, do “Bancarrota Blues”³, podem trazer imagens indesejadas do Brasil, longe da folia festiva do Carnaval. Ou, como o crítico aponta, próximo à conclusão, “That, however, may not be the message that the outside world wants to hear” [essa, entretanto, pode não ser a mensagem que o mundo lá fora quer ouvir].

De um lado, o alvo da crítica, esse estrangeiro que “caçou o exótico e o exuberante, vendendo uma imagem folclórica de um Brasil que não existe mais, que deixou de existir anos atrás”: o “nova-iorquino” (mas nascido na Escócia) David Byrne, produtor musical famoso pela banda Talking Heads, que é criticado pela sua seleção do CD “Beleza Tropical”.

Do outro, o crítico e autor do texto, que se entrincheira ao lado dos brasileiros nos ataques contra a visão estereotipada, reducionista e anacrônica dos estrangeiros: o “nova-iorquino” (mas nascido em Oak Park, Illinois) Larry Rohter, o correspondente do diário norte-americano *The New York Times*.

Se analisada, a estrutura desse texto apontaria algumas funções narrativas a partir do posicionamento dos autores em relação às ações apresentadas. Essa organização é bastante comum não só às reportagens de Rohter ou a outros relatos jornalísticos, mas é uma ferramenta bastante útil na construção de qualquer tipo de história (MOTTA, 2005):

Um fato que rompe a estabilidade (“De repente...”).

² “O tempo não pára” – composição de Cazuza e Arnando Brandão. Universal Music, 1989.

³ “Bancarrota blues” – composição de Chico Buarque e Edu Lobo. BMG, 1985.

Um envolvimento aproxima o que parece distante (“Brasil está no topo da moda [...] nos Estados Unidos”).

Uma reviravolta inesperada (“Mas...”).

Uma vítima (“muitos profissionais da música brasileira”).

Um desvio da norma subentendida, alvo de crítica/valorização (“vendendo uma imagem folclórica de um Brasil que não existe mais”).

Um juiz legítimo (Caetano, um dos nossos “músicos brasileiros”).

Um responsável pelos atos que são criticados/louvados (o “bem intencionado, porém mal informado” David Byrne).

Essa é uma receita para um texto que amarra o leitor no desenrolar do fio narrativo tecido por um autor perspicaz. O tema pode variar (e a identificação da vítima é certamente um opcional, pois qualquer contravenção ataca o próprio sistema com o qual busca romper), mas a fórmula é eficaz com diferentes ingredientes. Porém, alguns dos ingredientes dessa poção narrativa são instáveis, e podem acabar voltando o feitiço contra seu executor.

A data de publicação desta crítica analisada acima aponta um domingo, 23 de abril de 1989⁴. Quinze anos depois, também em um domingo de abril, o mesmo Rohter seria

⁴ ROHTER, Larry. “Brazilian Pop, Uneasy in the Spotlight”. *The New York Times*, 23/04/89. Os trechos citados em português foram destacados dos parágrafos abaixo:

Suddenly, the music of Brazil is the height of fashion among those in the United States and Europe who pride themselves on setting trends and defining tastes. The album "Beleza Tropical," compiled by David Byrne of Talking Heads, is selling rapidly and getting extensive play in nightclubs and on college radio stations. Joao Gilberto, Gal Costa, Hermeto Pascoal and other Brazilian singers and musicians are touring the United States to an enthusiastic popular and critical response. (...)

But from this vantage point, the upsurge of interest has also resulted in an invasion of Brazil, about which many Brazilian music professionals seem to be ambivalent. While welcoming the opportunity to make their music known to a broader international audience, they wonder about the image of their culture that is being projected abroad, especially in the Byrne compilation. (...)

Mr. Byrne's sincerity in undertaking this difficult task is appreciated, but many in the musical community here who have heard the record nonetheless regard it as an incomplete and ultimately misleading document, one that says more about Mr. Byrne, and by extension other American and British pop stars looking for inspiration outside their own culture, than it does about Brazilian music. "I think David Byrne is well intentioned but ill advised," said Riska Mutarelli, the director of Som da Gente Records, a Brazilian label specializing in instrumental music. "This is not what people here are doing now. He has sought out the exotic and the colorful, selling a somewhat folkloric image of a Brazil that does not exist, that stopped existing years and years ago. You have here neither all the most important and representative artists, nor even the best work of the people he did pick." (...)

His [Cazuza's] hit song "Time Doesn't Stop," an anthem of the summer just now ending here, lashes out at a civilian and military elite whose "swimming pools are full of rats" and whose "ideas do not correspond to the facts." In the song's refrain, the singer sneers, "They've turned the whole country into a whorehouse, because that way they can make more money."

Meanwhile, old reliables of Brazilian pop music such as Mr. Buarque, who is regarded by his peers as the foremost lyricist of the Portuguese language, thanks to songs such as "Calice," a mid-1970's allegorical attack on the military dictatorship then in power and which appears on the Byrne cassette and CD but not the album, are partaking of the same pessimism. His "Bankruptcy Blues," [...] compares Brazil to "a ranch with a big house and an immense veranda" where "diamonds roll on the ground and gold is like dust" but which nonetheless is up for sale to the highest bidder. "I can sell it; how much are you willing to pay?" a melancholy Mr. Buarque sings. (...) That, however, may not be the message that the outside world wants to hear.

Tradução do autor:

ameaçado de expulsão do Brasil por divulgar uma imagem do Brasil contrária aos interesses do governo brasileiro ao criticar reflexos negativos na liderança nacional do presidente Luis Inácio Lula da Silva devido à sua preferência por bebidas alcoólicas. Ele trocava (sem desejar) a função de crítico dos preconceitos estrangeiros e defensor da riqueza cultural brasileira pelo desagradável papel de criticado por divulgar visões “preconceituosas, desinformadas e de má-fé”, nas palavras do porta-voz presidencial citado na própria matéria que causou sua ameaça de expulsão⁵.

Como um repórter, que defende a riqueza cultural brasileira para além das simplificações impostas ou desejadas por observadores estrangeiros, pode ser ameaçado de deportação por falta de seriedade ao lidar com nossas lideranças políticas? Aparentemente, o correspondente reserva um olhar mais generoso para a cultura nacional, enquanto os representantes políticos passam por seu escrutínio ferrenho – nada diferente do que qualquer jornal que pretenda ser um vigilante das ações públicas faria

De repente, a música do Brasil está no topo da moda entre os americanos e europeus que se vangloriam por determinar as modas e definir os gostos. O álbum “Beleza Tropical”, compilado por David Byrne do Talking Heads, está vendendo rapidamente e conseguindo tocar extensivamente em casas noturnas e nas estações de rádio universitárias. João Gilberto, Gal Costa, Hermeto Pascoal e outros músicos brasileiros estão em turnês nos EUA, com entusiástica resposta da crítica e do público. (...)

Mas, desse ponto de vista, o crescimento de interesse também resultou em uma invasão do Brasil, com reações ambivalentes de muitos músicos profissionais brasileiros. Enquanto agradecem a oportunidade de fazer sua música conhecida para uma audiência mais ampla internacionalmente, eles se questionam sobre a imagem de sua cultura que está sendo projetada, especialmente na compilação de Byrne. (...)

A sinceridade de Byrne em assumir essa difícil tarefa é apreciada, mas muitos na comunidade musical daqui que ouviram o álbum o consideram documento incompleto e, no fundo, enganador. O álbum diria mais sobre Byrne, e, por extensão, sobre outras estrelas americanas e britânicas que procuram inspiração fora de suas próprias culturas, do que sobre a música brasileira. “Eu acho que David Byrne é bem-intencionado, mas mal informado”, disse Riska Mutarelli, o diretor de Som da Gente Records, uma gravadora brasileira especializada em música instrumental. “Isso não é o que as pessoas estão fazendo aqui agora. Ele procurou o exótico e o colorido, vendendo uma imagem folclórica do Brasil que não existe mais, que parou de existir anos e anos atrás. Você não tem aqui nem os mais importantes e mais representativos artistas, nem mesmo os melhores trabalhos das pessoas que ele escolheu” (...)

Seu sucesso [de Cazuzá] “O tempo não para”, um hino do verão que está acabando aqui, ataca uma elite civil e militar cujas “piscinas estão cheias de ratos” e cujas “ideias não correspondem aos fatos”. No refrão da música, o cantor zomba que “transformaram o país inteiro num puteiro, porque assim se ganha mais dinheiro”.

Enquanto isso, antigos baluartes da música pop brasileira como Chico Buarque, que é considerado por seus pares como o maior letrista em português, graças a músicas como “Cálice”, um ataque alegórico dos anos 1970 à ditadura militar então no poder e que aparece na fita e CD de Byrne, mas não no álbum, estão compartilhando do mesmo pessimismo. Seu “Bancarota Blues” [...] compara o Brasil a um “rancho com uma casa grande e uma imensa varanda”, onde “os diamantes rolam no chão e outro é como poeira”, mas que ainda assim está a leilão. “Eu posso pagar, quanto vai pagar?”, canta um melancólico Chico Buarque. [...] Essa, entretanto, pode não ser a mensagem que o mundo externo quer ouvir.

⁵ ROHTER, Larry. “Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern”. *The New York Times*, 09/04/04. O trecho diz: “Spokesmen for Mr. da Silva declined to discuss the president's drinking habits on the record, saying they would not dignify baseless charges with a formal reply. In a brief e-mail message responding to a request for comment, they dismissed speculation that he drank to excess as 'a mixture of prejudice, misinformation and bad faith.’” Tradução do autor: “Porta-vozes de Lula rejeitaram discutir oficialmente os hábitos alcoólicos do presidente, dizendo que eles não iriam dignificar acusações sem fundamento com uma resposta formal. Em um breve e-mail que responde ao pedido de comentários, eles desmentem as especulações de que ele bebe em excesso como uma ‘mistura de preconceito, desinformação e má-fé’”

em seu lugar. A própria reportagem de Rohter contra a “bebedeira de Lula” cita outros artigos escritos em diversos veículos brasileiros⁶ – se outros já apontavam as mesmas críticas contra Lula, porque Rohter foi o único ameaçado com punição?

Essa questão abre a discussão sobre o peso diferenciado da influência de certos autores, em certos jornais – e Rohter carrega todo o peso de ser correspondente do diário norte-americano *The New York Times*, referência internacional não tanto pela sua tiragem, mas porque é visto como modelo de bom jornalismo. Num momento em que o governo brasileiro procura maior reconhecimento internacional, a coluna de Rohter, retratando Lula como um líder apático e confuso devido ao abuso das bebidas, certamente traria uma visão que diversos setores no governo gostariam de combater, ou até coibir.

Mas isso só explica a punição, e não a coluna em si. O próprio repórter afirma que a punição só ocorreu porque ele apurava a morte do prefeito petista de Santo André, Celso Daniel, e sua relação com desvio de verbas para campanhas, e que sua ameaça de expulsão somente usava o texto ofensivo contra Lula como subterfúgio para calar pela força um crítico do governo (ROHTER, 2008, p. 172-175). Mas o que levou Rohter a publicar esse artigo? Mais uma vez, o repórter aponta a imprensa brasileira como gatilho para sua pauta – artigos de Miram Leitão, em *O Globo* (Id., *ibid.*, p. 179), sobre as dificuldades de Lula discursar de improviso por estar alcoolizado – além de outras fontes ocultas e suas próprias impressões de Lula, por contatos anteriores. Mas um ponto interessante sinalizado por Rohter, ainda que negligenciado em suas memórias sobre o período, sugere o “choque cultural” (Id., *ibid.*, p. 179) entre um foco na transparência – dos EUA, pois “repórteres americanos são ensinados que qualquer coisa que possa afetar o desempenho no cargo de um servidor público é relevante, e portanto um tema legítimo para investigação e cobertura” (Id., *ibid.*, p. 176) – e outro no sigilo – do Brasil, quando Fabio Kerche, um assistente da secretaria de Imprensa do Planalto que “não tentou negar o crescente burburinho de especulação sobre o hábito de beber de Lula” para Rohter e, em vez disso, “argumentou que a vida privada do presidente era privada, e devia portanto ficar fora dos limites de investigação da imprensa”.

Essa é a versão de Rohter. Mas ela é suficiente para entender tanto a escolha dessa pauta quanto sua repercussão desastrosa.

Rohter escolheu essa pauta porque ela seguia a estrutura de texto típico da sua cobertura política: mostrava mais uma decepção de uma esperança, mais uma quebra de expectativa. Era um texto típico da sua cobertura política: fazia críticas contra o governo a partir das promessas apontadas por suas próprias lideranças, refletidas em fontes de especialistas locais e na visão das ruas, da população brasileira. E, exceto alguns críticos que apontaram um “puritanismo” na atitude de condenar a bebida ante a informalidade e

⁶ Id., *ibid.* Rohter cita Diogo Mainardi, na *Veja*, o colunista Claudio Humerto, e a Folha de S. Paulo.

os excessos típicos de líderes latino-americanos como Lula, Rohter sofreu ironicamente porque não pôde, nesse texto especificamente, honrar as expectativas de qualidade do trabalho jornalístico que eram esperadas do correspondente do *Times*. Faltou-lhe, nesse caso, a observação direta e a documentação, que tanto enriqueceram os seus outros textos. Como muitos observadores brasileiros da imprensa apontaram, nesse caso, talvez Rohter tenha ocupado o espaço de imolação que reservara para David Byrne – sua intenção foi boa, mas talvez tenha faltado para esse observador estrangeiro um pouco mais de fundamentação (BERABA, 2004)⁷.

O jornalista certamente se incomodaria com essa comparação com Byrne, visto que, justamente na esfera cultural, ele apresenta uma afinação com a elite ilustrada brasileira. Apesar disso, é pertinente construir um paralelo entre Rohter e outro estrangeiro, visto que essa frequente estratégia de “traduzir” personalidades brasileiras de forma a aproximá-las de equivalentes na sociedade norte-americana é uma estratégia recorrente nos textos desse correspondente do *Times* – uma construção textual que será analisada posteriormente no capítulo 3.1.

É irônico que o próprio Rohter já tenha tratado desta norte-americana que também foi acolhida pelo Rio de Janeiro enquanto disparava em suas correspondências críticas ácidas contra figuras “políticas e culturais do Brasil”, ao mesmo tempo em que simpatizava com a “fragilidade” e a “felicidade” do povo brasileiro⁸. Além da evidente diferença entre as ocupações – ela era uma poetisa; ele adota a prosa jornalística –, um fator evidente deve ser levado em conta: Elizabeth Bishop é uma das mais lidas poetisas nos Estados Unidos, mas é pouco conhecida no Brasil, ainda que a grande parte de sua produção tenha sido realizada nos 20 anos em que viveu no Rio de Janeiro; por outro lado, Rohter é, desde o incidente com Lula, o correspondente que mais atrai atenção no Brasil, ainda que seja somente um dos (agora ex) correspondentes do *Times* em um país que passava a largo, até recentemente, da atenção internacional.

⁷ O Ombudsman da Folha de S. Paulo, que publicou o texto de Rohter traduzido, apresentou a seguinte crítica, que sintetiza diversos outros pontos de vista semelhantes sobre as insuficiências técnicas de Rohter: “O assunto era pertinente? Um jornalista deve se preocupar com os hábitos ou se interessar pela vida privada de um homem público? Acredito que sim. Como escreveu a advogada Taís Gasparian quinta-feira nesta Folha, “como homem público, sua esfera de privacidade é reduzida, pois seus atos importam à nação”. A reportagem do “NYT” foi bem-feita? Não. Sob o ponto de vista jornalístico, ela é malfeita. É uma colagem de opiniões (o que chamamos no jargão jornalístico, pejorativamente, de recortagem), não há informações novas, as fontes citadas não são corretamente identificadas para que o leitor possa julgar o peso de suas opiniões ou informações e não há o relato de nenhum fato que dê consistência às duas afirmações mais relevantes do texto: a de que o hábito de beber possa estar afetando a performance de Lula no cargo e a de que esse hábito tenha virado uma preocupação nacional.” Essa análise será retomada posteriormente no capítulo 5.3.2.

⁸ Em seu livro, Rohter aponta que um amigo sempre dizia que ele não enfrentava problemas ao lidar com o “povão” na suas coberturas: “é a elite que te dá problemas” (ROHTER, 2008, p.12). Além de essa frase revelar um traço populista em comum entre Rohter e Lula – ambos apresentariam ligações com as massas, e conflitos com as elites –, também não podemos esquecer que, talvez, o “povão” não leia o *Times*.

Sobre o pequeno reconhecimento atribuído à poetisa norte-americana, o correspondente apresenta uma teoria:

The long delay in publishing Bishop's works in Portuguese can only be explained by Brazil's complicated cultural politics. Most intellectuals here, as elsewhere in Latin America, belong to the left, and since Bishop's relationship with the aristocratic [landscape designer Maria Carlota de Macedo] Soares led her to close associations with the elite, especially the controversial right-wing governor of Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, she was regarded as anathema.

"Since she was Lota's affair, a Lacerdista, it was considered unseemly to read the works of an American lesbian who was certainly a 'reactionary,' " the film director Arnaldo Jabor wrote in an essay in June praising Bishop's poetry and the play about her and criticizing his own past prejudices. "We were like that in 1967."

But, Ms. [Marta] Góes noted, for years a prominent publishing house associated with the Lacerda family also passed up the chance to publish Bishop's poems in Portuguese, even after she won the Pulitzer Prize in 1956 for poetry and her critical reputation in the United States began to soar. "Because she was a lesbian, she was a black sheep to the right as well," Ms. Góes argues.⁹

Talvez Rohter apresente mais um paralelo com Bishop por sua associação profissional com um marco do *establishment* norte-americano – o próprio diário *The New York Times*, como será discutido posteriormente –, criticado por ser demasiadamente liberal pela esquerda ou pela xenofobia nacionalista de alguns setores da direita brasileira¹⁰. Além disso, as descrições divulgadas por Rohter sobre Bishop são reveladoras da proximidade (reservadas as evidentes discrepâncias) da atuação e estilo dos dois autores:

What is most striking to Brazilians reading Bishop's poems now, Mr. Jabor said, is her "Calvinist irritation with our shortcomings and endemic problems, mixed with a profound compassion for our suffering and an uncommon love for the fragility of our people that is rarely found in Brazilian poets." Bishop recorded, he continued, "what others did not see," including "a painful anticipation of the difficult future of our country."

⁹ ROHTER, Larry. "Arts Abroad; Brazilian Renaissance For an American Poet". *The New York Times*, 06/08/01. Tradução do autor:

O longo atraso na publicação dos trabalhos de Elizabeth Bishop em português só pode ser explicado pela complicada cultura política brasileira. A maioria dos intelectuais aqui, assim como em outros lugares da América Latina, pertencem à esquerda. Considerando-se que a relação com a aristocrática [paisagista Maria Carlota de Macedo] Soares a levou a associar-se com a elite, especialmente com o controverso governador direitista do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, ela era considerada uma anátema. "Como ela era amante de Lota, uma lacerdista, era considerado estranho ler os trabalhos de uma lésbica americana que era certamente uma 'reacionária'", escreveu em um ensaio em junho o diretor Arnaldo Jabor, elogiando a poesia de Bishop e a peça sobre ela, além de criticar seus próprios preconceitos anteriores. "Nós éramos assim em 1967."

Porém, [Marta] Góes nota, por anos uma eminente editora associada com a família Lacerda também recusou a chance de publicar os poemas de Bishop em português, mesmo depois de ela ter vencido o Prêmio Pulitzer de poesia em 1956, o que começou a elevar sua reputação nos EUA. "Como ela era uma lésbica, ela era uma ovelha negra na direita também", argumenta Góes.

¹⁰ Os capítulos 4.2 e 5.3 tratarão desse polêmico posicionamento do *Times* na esfera da teoria econômica e política, respectivamente – e mostrarão que essa crítica simplista de "direita" ou "esquerda" não pode ser utilizada de forma eficiente em uma análise mais aprofundada dos textos do correspondente.

Bishop's letters, which are full of pungent observations about Brazilian political and cultural figures, have sold even better than her poems and had a big impact in intellectual circles. "To see episodes that marked our history through the eyes of a foreign observer attuned to the tiniest details is fascinating for us," said Paulo Henriques Britto, the poet's [Elizabeth Bishop] translator. (...)

"Doing that research gave me a vision of Bishop's childhood, which was marked by tragedy and a desperate solitude," Ms. [Regina] Braga said. "Perhaps that is why she felt so great an affection for the joyousness of the Brazilian and recognized the value of a culture based on happiness."¹¹

Ao contrário do caso de David Byrne, é reservado um lugar nobre para o estrangeiro nesse texto: Bishop é capaz, nas palavras das fontes (mais uma vez, brasileiros com “legitimidade” e “autoridade” local), de “ver o que outros não viam” por aliar sua “irritação calvinista com nossas falhas e problemas endêmicos” e críticas à elite cultural e política brasileira com uma “compaixão pelo sofrimento de nosso povo”. Com essa valorização, o estrangeiro ocuparia um lugar paradoxal: apesar de não ser próprio de “nossa” cultura, ele apresenta uma perspectiva diferente – e, na visão apresentada pelo texto, melhor do que as dos próprios brasileiros – sobre nossos problemas; também por permanecer um *outsider*, apresentaria mais independência e legitimidade para criticar o que é feito por aqueles que detém o poder no Brasil, seja ele político ou cultural. E, finalmente, esse estrangeiro deve também ocupar um ponto de vista privilegiado (por ser deslocado, independente, diferente) para aqueles que pretendem entender as mudanças atravessadas pela cultura local. Nas palavras do tradutor Paulo Henriques Britto, no trecho acima, é poder “ver os episódios que marcaram nossa história pelos olhos de um observador estrangeiro afinado com os menores detalhes, isso é fascinante para nós”. E, finalmente, a imersão pode fazer com que esses estrangeiros adotem também um ponto de vista legitimamente brasileiro:

Late in 1999 the actress Regina Braga approached Ms. Góes asking her to work with her on a play whose subject would be modern Brazil. Despite Bishop's American background, she seemed immediately to Ms. Góes to be a perfect vehicle to examine the country's turbulent political and cultural life during the 1950's and 60's, when democracy gave way to a military dictatorship.

¹¹ ROHTER, Larry. “Arts Abroad; Brazilian Renaissance For an American Poet”. *The New York Times*, 06/08/01. Tradução do autor:

O que mais surpreende na leitura dos poemas de Bishop agora, disse Jabor, é sua “irritação calvinista com as nossas dificuldades e problemas endêmicos, misturados com uma profunda compaixão por nosso sofrimento e um amor incomum pela fragilidade de nosso povo que é raramente encontrada em poetas brasileiros”. Bishop registrava, ele continua, “o que os outros não viam”, incluindo “uma dolorosa antecipação do difícil futuro do nosso país”.

As cartas de Bishop, cheias de pungentes observações sobre personalidades culturais e políticas, venderam ainda mais do que seus poemas e tiveram grande impacto nos círculos intelectuais. “Ver os episódios que marcaram nossa história pelos olhos de um observador estrangeiro, afinado com os menores detalhes, é fascinante para nós”, disse Paulo Henrique Britto, o tradutor da poeta. (...) “Fazer essa pesquisa me deu uma visão da infância de Bishop, marcada pela tragédia e pela solidão desesperada”, disse Regina Braga. “Talvez seja por isso que ela sentiu tanto afeto pela alegria do brasileiro e reconheceu o valor de uma cultura baseada na felicidade”.

"Bishop had a magnificently refined capacity for observation combined with a highly privileged vantage point and a delicate sense of humor," Ms. Góes explained. "Hers wasn't the typical tourist's image of Brazil, all bedazzled, but a mixture of exasperation and enchantment with the country, which is exactly the way that we Brazilians also feel."¹²

Marta Góes escreveu a peça “Um porto para Elizabeth Bishop”, a partir da qual Rohter inspirou-se para mostrar uma crescente “Bishopmania” no mesmo Brasil que inspirou seus poemas, mas ainda ignora a poetisa. É dela, e não do jornalista, a avaliação de que a norte-americana conseguia superar uma visão deslumbrada, “típica de turistas”, apresentando, no lugar, uma “mistura de rispidez e encantamento pelo país, que é exatamente o modo como nós brasileiros também sentimos”. Assim, o ponto de vista estrangeiro de Bishop é valorizado por suas próprias capacidades de observação detalhada, sua crítica ferrenha das elites, sua proximidade com o povo mais frágil e sua capacidade de reconhecer nossa felicidade, além de, ao mesmo tempo, guardar uma impressão sobre o Brasil que não é superficialmente deslumbrada quanto dos outros estrangeiros que estão aqui a menos tempo, e que não conseguiram se aproximar de nossa própria visão ao mesmo tempo áspera e encantada. Qualquer uma dessas características pode também, como esse trabalho pretende provar, ser atribuída à cobertura de Rohter – mas isso não é, nem de longe, o mais fascinante na relação entre o olhar estrangeiro e o brasileiro para com as representações das identidades nacionais, foco desse trabalho.

Não se pode ignorar o fato de que, no artigo sobre Bishop, a maior quantidade de elogios por essa capacidade de atravessar/superar barreiras culturais seja feita por brasileiros. Assim, ainda é preciso que um brasileiro diga qual estrangeiro é legitimamente igual, ou seja, é necessário ser brasileiro para reconhecer que um forasteiro possa ser também tão brasileiro quanto nós, devido ao fato de compartilharmos visões semelhantes apesar de nossas origens distintas. Obviamente, não podemos nos esquecer de que esse texto foi composto por um estrangeiro – Rohter – que acaba ocupando, em algumas circunstâncias, um espaço semelhante ao de Bishop. A aproximação de Rohter com a figura de Bishop será evidenciada (ainda que, por vezes, indiretamente) nas páginas a seguir, mas, num primeiro momento, já é possível mostrar como a composição textual de Rohter sobre as cartas e a vida de Bishop é válida também para a sua própria obra: a existência dessa dissertação prova que

¹² ROHTER, Larry. “Arts Abroad; Brazilian Renaissance For an American Poet”. *The New York Times*, 06/08/01. Tradução do autor:

No final de 1999, a atriz Regina Braga contactou Góes, convidando-a para trabalhar junto em uma peça cujo tema fosse o Brasil moderno. Apesar dos antecedentes norte-americanos de Bishop, ela imediatamente pareceu perfeita para examinar a turbulenta vida política e cultural durante os anos 1950 e 1960, quando a democracia deu espaço para uma ditadura militar.

“Bishop tinha uma capacidade magnificamente refinada para observação combinada com um ponto de vista altamente privilegiado, além de um senso de humor delicado”, explicou Góes. “Sua imagem do Brasil não era a típica de um turista todo deslumbrado, mas uma mistura de exasperação e encantamento com o país, que é exatamente o modo como nós brasileiros também sentimos”.

estrangeiros como Rohter ocupam sim um espaço privilegiado na análise sobre as mudanças da sociedade brasileira, e, como será apontado nos capítulos a seguir, seus textos apresentam um ponto de vista único, a partir do qual não se pode se ver somente a nossa sociedade espelhada por seus olhos, mas também as lentes que focalizam, ocultam, embelezam ou deformam certos aspectos da nossa paisagem cultural. É “pelos olhos de um observador estrangeiro”, como apresentado pelo tradutor Paulo Henrique Britto, que se pode ver esses “detalhes” que nos fascinam.

Mas, quais “detalhes” podem atrair nosso fascínio – e quais não têm mais sentido e são descartados como exóticos “deslumbramentos” de turistas (ou seja, não são mais considerados representativos das imagens “verdadeiras” do Brasil)? Por que algumas representações sobre a identidade nacional brasileira podem (e devem) ser reproduzidas, enquanto outras precisam ser questionadas, alteradas ou negadas? Qual o papel dos estrangeiros (como Bishop, Byrne e, mais especialmente, Rohter) e dos brasileiros na discussão sobre a legitimidade e representatividade de algumas dessas imagens estereotipadas, usadas para aglutinar ideias mais ou menos complexas ao redor do que seria próprio do Brasil? Por que, quinze anos depois de criticar a visão exótica de David Byrne sobre a música brasileira – e menos de um mês antes de escrever a crítica às “bebedeiras” de Lula e ser ameaçado com a expulsão – Rohter usa a seguinte introdução para mostrar uma peculiar competição de surf... no meio da floresta amazônica, a centenas de quilômetros da costa brasileira:

The ocean is nearly 200 miles away, so this is hardly the kind of place where surfers would be expected to congregate. Yet they flock here every March around the full moon and the equinox to chase a dangerous and elusive prey: the Amazon's endless wave, known as a pororoca. (...)
Responding to nature's challenge, surfers have been gathering here since 1999 for the Brazilian National Pororoca Surfing Championship. The tournament, which this year concludes Tuesday, was the idea of a 35-year-old surfer, Noelio Sobrinho. (...)
At first, "nobody believed me when I said that I had figured out how to surf the pororoca," he said. "They wanted proof, so I had to organize this championship to show that others could do it, too." (...)
In addition, there are what might best be called natural hazards. Surfers need to watch for alligators, piranhas, snakes and leopards, as well as tree trunks and other debris stirred up by the force of the wave. (...)
Old-timers, however, say the strength of the pororoca has diminished in recent years. They attribute the decline to deforestation in this region, once rich with Brazil nut trees but now dominated by pastures.¹³

¹³ ROHTER, Larry. “São Domingos do Capim Journal; Far From the Ocean, Surfers Ride Brazil's Endless Wave”. *The New York Times*, 22/03/04. Tradução do autor:

O oceano está a quase 200 milhas de distância, então este é dificilmente o tipo de lugar onde se esperaria que surfistas se encontrassem. Ainda assim, eles rumam para cá nos meses de março perto da lua cheia e do equinócio para perseguir uma presa perigosa e elusiva: a onda sem fim amazônica conhecida como pororoca. (...)

Como no texto inicial sobre o novo álbum de David Byrne (e também nos parágrafos iniciais do texto sobre Lula e Bishop), há uma reviravolta, uma quebra de expectativa marcada por uma conjunção adversativa (nesse caso, “Yet” [Porém]) logo no início do texto. É esse estranhamento inicial que atrai o interesse do leitor por uma situação por si já bastante insólita: esportistas surfando nas ondas da pororoca, longe das praias. Mais uma vez uma expectativa construída textualmente (quem vai querer surfar no meio da Amazônia, a quilômetros da praia mais próxima?) antecede e cria um conflito com o fato explorado na reportagem, que parece ilógico ante a premissa que sucede. Rohter poderia simplesmente começar o texto descrevendo o cenário inóspito e os “riscos naturais” da prática, que já seriam, sozinhos, o suficiente para atrair a atenção de seu leitor. Mas ele parece precisar frisar para o leitor as imagens que ele supostamente deve ter sobre a Amazônia (um lugar isolado, perigoso, com animais selvagens – e sem surfistas) para depois tentar desconstruí-las. Ao mesmo tempo em que tenta mostrar que os fatos se chocam e até mesmo negam o que poderia se supor, ele usa os próprios estereótipos exóticos como base para a composição dessa surpresa inesperada.

Talvez seja impossível tentar descrever surfistas na pororoca entre “jacarés, piranhas, cobras e onças” sofrendo com os efeitos do desmatamento sem adotar um viés exótico – o que atrai no texto é realmente o insólito desse cenário. Mas em nenhum momento Rohter questiona essa visão exótica e reducionista do esporte – o que havia feito com a música. Talvez seja reservado um espaço para o exótico onde ele “realmente” pertence, enquanto em outros, onde os limites do reducionismo parecem erodir, é necessário construir novas visões mais complexas sobre o conceito.

Mas a pergunta persiste: como definir a legitimidade de estereótipos, se até quando fatos parecem ir contra as expectativas, somente para reafirmar as imagens que pressuponham, e aparentavam negar? Quando os estereótipos continuam válidos – e por quê? Que fatores limitam a validade de imagens compartilhadas e pressupostas, forçando novas definições (e novos limites)?

Respondendo ao desafio da natureza, surfistas têm se encontrado aqui desde 1999 para o Campeonato Nacional Brasileiro de Surf da Pororoca. O torneio, que termina este ano na terça-feira, foi ideia de um surfista de 35 anos, Noelio Sobrinho. (...)

No início, “ninguém acreditava em mim quando eu dizia que tinha descoberto um jeito para surfar a pororoca”, ele diz. “Eles queriam provas, então eu tive que organizar este campeonato para mostrar para que outros podiam fazer isso, também”. (...)

Além disso, há o que pode ser chamado de riscos naturais. Surfistas precisam ficar de olho em jacarés, piranhas, cobras, onças, assim como troncos de árvores e outras restos misturados pela força da onda. (...)

Freqüentadores antigos, entretanto, dizem que a força da pororoca diminuiu nos anos recentes. Eles atribuem o declínio ao desmatamento na região, antes rica em castanheiras mas agora dominada pelo pasto.

Um último fator deve ser levantado para considerar a fundamentação da legitimidade de representações sobre o Brasil e sua relação com observadores estrangeiros. Trata-se não do que o Brasil é atualmente, ou tenha sido no passado, mas envolve o que se pretende fazer com essa nação no futuro.

Brazil and other Latin American governments have followed Washington down the free-market path, only to find they are now losing control over their economies.

The immediate consequences are most visible here in Brazil, which is in the midst of an important national election. Brazil, Latin America's largest country, has just engaged a \$30 billion lifeline from the International Monetary Fund, but one that imposes strict policies on the next government. There is a strong chance that it will be a left-leaning one that promises to improve the lives of the poor who were left behind in the economic experimentation. (...)

"Don't try to strangle us," President Fernando Henrique Cardoso, who leaves office in January, told market speculators who have sent Brazil's currency plummeting in recent weeks on fears of a government default. He said the loan gave Brazil vital oxygen, and showed that the monetary fund played an important role in developing economies.

But to some Brazilians, it is the fund that could do the strangling. (...)

The standard advice of the fund to clients facing crises has been to insist on increased austerity, arguing that fiscal discipline is a necessary precondition to prosperity. But that translates into enormous suffering for millions of people, strengthens the appeal of left-wing critics of free-market economies and weakens governments that have made the changes Washington is urging.

"It's easy at the top to say cut back on expenditures, but it is hard when you are a politician and the unemployment rate is 18 percent," said Joseph E. Stiglitz, winner of the Nobel Prize in Economics in 2001. (...)

Asked during a news conference in Argentina this week why Latin Americans were increasingly rejecting the magic recipe of privatization, lower tariffs and increased foreign investment, Treasury Secretary Paul H. O'Neill replied, "I have no idea." When it was suggested to him that such policies were not yielding the expected results, he said, "I don't know of another plausible answer, do you?"

Mr. O'Neill appeared to offer free trade as the panacea for the region's current difficulties, referring repeatedly to Mr. Bush's approval of trade promotion legislation this week and the opportunities that offers. But Latin American officials consider that formula as simplistic as many of Mr. O'Neill's earlier declarations about the region.¹⁴

¹⁴ ROHTER, Larry. "Brazilians Find Political Cost for Help From I.M.F.". *The New York Times*, 11/08/02. Tradução do autor:

Brasil e outros governos da América Latina têm seguido Washington pelo caminho dos mercados livres, só para perceber que agora estão perdendo controle de suas economias.

As consequências imediatas são mais visíveis aqui no Brasil, que está no meio de importantes eleições nacionais. O Brasil, o maior país da América Latina, acabou de conseguir uma ajuda de US\$ 30 bilhões do Fundo Monetário Internacional – mas uma ajuda que impõe restrições em políticas do próximo governo. Há grandes chances de que será um de esquerda que promete melhorar a vida dos mais pobres que foram deixados para trás na experiência econômica. (...)

"Não tentem nos estrangular", disse o presidente Fernando Henrique Cardoso, que deixa o cargo em janeiro, alertando os especuladores do mercado que derrubaram o câmbio brasileiro em semanas recentes, temendo o calote do governo. Ele disse que o empréstimo deu ao Brasil oxigênio vital, e mostrou que o fundo monetário representa um papel importante em economias em desenvolvimento. Mas para alguns brasileiros, é o fundo que pode estrangular o país. (...)

O conselho padrão do fundo para clientes que enfrentam crises tem sido em insistir no aumento da austeridade, argumentando que a disciplina fiscal é uma pré-condição necessária para a prosperidade.

No trecho, os estrangeiros deixam de ter somente um papel de “observadores”, como nos casos anteriores, e passam a ser também “interventores”: receitam o que deve ser feito com a abertura econômica brasileira, recomendação do secretário norte-americano Paul O’Neill; emprestam dinheiro em troca de garantias de austeridade, ação tomada pelo FMI; especuladores atacam o valor da moeda brasileira, causando (e por causa da) instabilidade e desconfiança em relação à economia brasileira; criticando as medidas adotadas, como feito pelo Nobel Joseph Stiglitz. Esses são estrangeiros que também detêm um ponto de vista privilegiado sobre o Brasil, mas a receita parece amarga, e é seguida a contragosto.

O que pode parecer surpreendente é que Rohter, nesse texto – como em muitos desde 2002 –, posiciona-se mais perto da visão dos próprios brasileiros que criticam (ainda que adotem) as receitas impostas por observadores de fora, como é visto desde o primeiro parágrafo desse trecho: ele critica (por meio de “líderes latino-americanos”) a “fórmula simplista” de O’Neill para a crise; mostra o custo social no “sofrimento de milhões de pessoas”, resultado do “aumento de austeridade”, invalidando o argumento de que a “disciplina fiscal é uma condição necessária para a prosperidade”; e aponta que o resultado pode ser o enfraquecimento dos governos que adotam as medidas exigidas e o simultâneo fortalecimento do “apelo da esquerda que critica a abertura econômica dos mercados”. Além do alerta desesperado de FHC contra o “estrangulamento” imposto pelos especuladores, Rohter parece fazer eco com um dos aparentes críticos “da esquerda”:

Guido Mantega, Mr. da Silva's chief economic adviser, complained that the I.M.F. was trying to confine a Workers' Party government "in a plaster cast." "This limits the capacity for social investment we plan to make," Mr. Mantega said. "If we reduce interest rates and the primary surplus is maintained until 2005, the effort to reheat the economy will be in vain."¹⁵

Mas isso se traduz em enorme sofrimento para milhões de pessoas, fortalece o apelo de críticos de esquerda contra economias de livre-mercado e enfraquece os governos que fizeram as mudanças que Washington está pedindo.

“É fácil dizer do topo para cortar as despesas, mas é difícil quando você é um político e o desemprego está em 18%”, disse Joseph E. Stiglitz, vencedor do Prêmio Nobel de Economia em 2001. (...)

Questionado durante uma coletiva de imprensa na Argentina nesse semana por que latino-americanos estão cada vez mais rejeitando a receita mágica de privatização, tarifas baixas e aumento do investimento estrangeiro, o secretário do tesouro Paul H. O’Neill respondeu: “Não tenho ideia”.

Quando foi sugerido para ele que essas políticas não estavam apresentando os resultados esperados, ele disse: “Eu não sei nenhuma outra resposta plausível, você sabe?”.

O’Neill veio para oferecer livre-comércio como uma panacéia para as dificuldades atuais da região, referindo-se repetidamente à oportunidade oferecida pela aprovação feita por Bush nessa semana da legislação para promover comércio. Mas latino-americanos consideram essa fórmula tão simplistas quanto muitas das declarações anteriores de O’Neill sobre a região.

¹⁵ ROHTER, Larry. “Brazilians Find Political Cost for Help From I.M.F.”. *The New York Times*, 11/08/02. Tradução do autor:

Guido Mantega, o conselheiro-chefe de Lula, reclamou que o FMI está tentando confinar o governo do Partido dos Trabalhadores “em um gesso”.

Esses trechos mostram, mais uma vez, que algumas representações sociais – nesse caso, “o livre comércio como panacéia para os problemas econômicos” do Brasil e da América Latina em geral – parecem descoladas dos eventos apresentados pelo próprio relato. Retomando o trecho citado de Cazuzza no texto sobre David Byrne acima, parece que as “tuas ideias não correspondem aos fatos”. É importante ressaltar que não correspondem aos “fatos” apresentados nos textos por serem “tuas” ideias, e não “nossas” – é importante lembrar que Rohter atribui o trecho de Cazuzza a um ideário da “elite civil e militar”. Essa alteração é crucial para entender a estratégia de crítica em Rohter: quando tenta valorizar algo, prioriza uma visão mais subjetiva, que aproxima o observador do seu tema a partir de um ponto de vista “como nós, brasileiros” – assim como a poetisa norte-americana Elizabeth Bishop. Ele se posiciona, dessa forma, como um “assimilado” pela cultura local, e isso ocorre, geralmente, em matérias sobre a cultura, a arte e a sociedade brasileira – temas para depois do expediente. Por outro lado, quando pretende criticar algum tema, ele apresenta, de forma objetiva e distante, visões que se contrapõe ao que é tratado negativamente, posicionando-se de forma alheia. Ele age como um “outsider”, alguém que, como Bishop, se irrita com os problemas e limitações “dos outros” – ou seja, nossos, dos brasileiros.

Como é possível que um só autor apresente a um público tão distante visões tão distintas, englobando estratégias narrativas e argumentativas recheadas com representações estereotipadas – algumas vezes reproduzidas, outras alteradas, questionadas ou até mesmo negadas – e (en)cobertas por pressupostos e uma retórica envolvida por contradições?

É a partir desse posicionamento oscilante, ora remando dentro do barco, ora criticando a rota fora dele, que pode se entender a legitimidade de quem pode demarcar os limites para as imagens sobre o Brasil. Por deter esse “ponto de vista privilegiado”, cabe ao narrador das histórias retomar (marcando-as textualmente de forma explícita) as expectativas sobre o que se imagina sobre o Brasil, somente para depois mostrar seus limites e contradições. E é fascinante como Rohter parte exatamente dessas contradições para tecer suas histórias, como visto anteriormente – e esse será um dos focos principais desse trabalho.

Objetivos

Esta pesquisa procura identificar os processos de construção de imagens sobre o Brasil no noticiário internacional. Para isso, o trabalho foca um dos maiores e mais

“Isso limita a capacidade de investimento social que planejamos fazer”, disse Mantega. “Se nós reduzirmos as taxas de juros e o superávit primário for mantido até 2005, o esforço para reaquecer a economia será em vão”.

respeitados jornais do mundo – o diário norte-americano *The New York Times* (*NYT*) – a partir da cobertura do correspondente Larry Rohter, chefe da sucursal no Rio de Janeiro de 1998 a 2007. Como visto anteriormente, esse jornalista passou a atrair grande interesse e atenção no Brasil desde seus conflitos com Lula em 2004, e estudos anteriores já demonstraram como Rohter é representativo e se destaca entre os correspondentes internacionais no Brasil (PAGANOTTI, 2007a). Usando a metodologia da análise de discurso crítica descrita por Fairclough (1992; 2001; 2003), avaliam-se os principais temas e abordagens utilizados pelo periódico na construção de visões sobre o país. Ao mesmo tempo, é essencial apontar a reprodução e a transformação de estereótipos – presentes e pressupostos nos textos publicados pelo *NYT* – relativos à identidade nacional.

Esta dissertação foi desenvolvida pelo Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências de Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É resultado do estudo de uma parcela da mídia deixada em segundo plano pela academia brasileira: a produção dos correspondentes estrangeiros no Brasil; em particular, os textos de um correspondente – Rohter – que atrai mais polêmica nas tribunas dos jornais do que discussões acadêmicas aprofundadas. Para isso, procura-se refletir sobre a relação entre o correspondente, os temas locais que ele retrata e as estratégias discursivas empregadas para aproximar seu público de uma realidade estrangeira, da qual poucos detêm informações aprofundadas previamente. Por jogar com estereótipos e pressuposições difundidas sobre a identidade nacional brasileira, a produção de correspondentes internacionais é um terreno fértil para avaliar a construção de pontes entre realidades distintas e as estratégias narrativas e argumentativas empregadas na preparação (e, como veremos, quebras) de expectativas.

Assim como milhões de leitores diariamente recorrem às páginas dos jornais para receber um “retrato” – ou, melhor dizendo, uma seleção de histórias – do dia anterior, esses mesmos textos podem ser utilizados nesta pesquisa por tratarem-se de parcela representativa das histórias e visões que grupos detêm sobre determinados assuntos – nesse caso, as visões que os leitores estrangeiros têm sobre o Brasil. O jornal é um meio representativo das imagens que se divulgam no mundo por apresentar um recorte do real, e pode ser utilizado como fonte de uma pesquisa acadêmica que pretende delinear visões que a opinião pública tem sobre determinada realidade. Baseado nos estudos da ciência da linguagem, este trabalho busca avaliar, a partir das páginas dos jornais, as narrativas que participam do processo de construção de identidades culturais sobre o Brasil.

Para isso, a pesquisa busca autores como Fairclough e sua teoria da análise crítica do discurso para refletir e, simultaneamente, colaborar com a construção de teorias e pesquisas em comunicação recentes e ainda pouco divulgadas ou debatidas no Brasil. Estudos recentes como este e outros (RESENDE; RAMALHO, 2006) tentam preencher

lacunas na análise acadêmica, contribuindo para a aplicação e reflexão crítica sobre os princípios, finalidades e limitações de teorias da comunicação. Dentro desse quadro de estudos, esta pesquisa preocupa-se principalmente com as relações entre linguagem e produção de sentido em comunicação: num primeiro momento, trata-se essencialmente de um estudo da linguagem – a análise crítica do discurso –, que avalia as implicações dos gêneros discursivos jornalísticos e seus instrumentos de construção e recorte da realidade. Mais especificamente, trata-se também de uma pesquisa sobre a capacidade de produção de sentido de produtos comunicativos, pois analisa a construção, manifestação, transformação ou tentativa de negação de estereótipos e outras formas de representação de identidades – as representações sociais (MOSCOVICI, 2007). A simples seleção de assuntos e a posterior definição das suas devidas abordagens já apontam para uma intencionalidade no mecanismo de produção de sentido dentro da lógica própria da construção de discurso das mídias.

Assim definida, a produção do correspondente internacional Larry Rohter é usada paralelamente como análise dos caminhos trilhados pelo jornalismo e pela ciência da comunicação, a partir de uma reflexão “sobre” sua realidade: as práticas jornalísticas, seus temas, a relação com o público e com suas fontes, a seleção de temas e a definição de abordagens preferenciais. Também é importante debater os limites da reflexão “da” realidade pelo jornalismo, contrapondo visões de que o jornalismo apresente “reflexos” ou “retratos” da própria realidade – como se fosse possível construir um espelho discursivo que mostre somente a mímica do que se retrata, ocultando o espectro da construção formada no seu outro lado.

Imagens do Brasil e a cobertura de Rohter pelo *New York Times*

O principal objetivo desta pesquisa é estudar a imagem do Brasil no exterior e os mecanismos de construção de discursos jornalísticos usados nesse processo. Como tratado anteriormente, desde o início de nossa colonização, nossa identidade foi definida pela visão e pela ordenação determinada por estrangeiros (HUE, 2006). Até hoje, muitos dos relatos dos correspondentes procuram definir o que “é” o Brasil. Avaliações iniciais já apontam que Rohter é particularmente preocupado com a definição dos principais pontos que definem nossa identidade nacional (VIANNA, 2004; PAGANOTTI, 2007). Compreender como somos vistos por outros é fundamental para definir também nossa auto-imagem, moldada pela visão dos que vêm de fora e, simultaneamente, fonte de muitos das pré-concepções já presentes dentro do país e agora exportados (BURKE, 2006). Por outro lado, esse olhar estrangeiro de Rohter e de outros correspondentes pode também destacar visões diferenciadas. Como discutido na introdução, há uma impressão de que, às vezes, os mais distantes ou os mais

preocupados com o panorama geral são os que melhor vislumbram o contexto de um acontecimento que passa despercebido pelos que estão inseridos na realidade narrada.

Na esfera teórica, essa pesquisa procura aplicar e discutir a análise crítica do discurso apresentada por Fairclough (FAIRCLOUGH, 1992) e propor sua articulação com outras teorias, como a psicologia social (MOSCOVICI, 2007), a semiótica da cultura (LOTMAN, 2000), a análise pragmática da narrativa jornalística (MOTTA, 2005; CHAPARRO, 2007; TUCHMAN, 2007).

Além disso, estudar a cobertura de Rohter não se restringe a esboçar a imagem do Brasil sugerida pelo correspondente. Envolve também a desconstrução do próprio discurso com que os jornalistas amarram suas histórias e pretendem construir imagens sobre a realidade a partir de recortes simbólicos. Com a leitura dos textos de Rohter, também é possível perceber o modo como o *NYT* lida com seus assuntos prioritários, definidos de acordo com os interesses do seu público leitor, do seu país de origem e dos laços culturais que compartilha com o Brasil – e as diferenças que os separam.

Justificativa sobre a relevância da pesquisa

O diário norte-americano *The New York Times* é um dos jornais mais lidos e mais influentes no cenário internacional, e também uma referência na produção jornalística (TALESE, 2000). Seus reflexos na mídia nacional também são evidentes devido ao eco que os textos de Rohter têm aqui. Muitos jornais brasileiros dão grande destaque à cobertura do NYT sobre o Brasil, e chegam até mesmo a pautar sua seleção de notícias conforme o que é priorizado pelo diário nova-iorquino (MAGALHÃES, 2008). É o chamado “efeito *New York Times*”, que faz com que muitos editores de jornais brasileiros sejam influenciados pela agenda americana e verifiquem a edição do *NYT* antes de prepararem as suas próprias primeiras páginas¹⁶.

Esta pesquisa tem relevância também devido às polêmicas dos últimos anos envolvendo Rohter e seus atritos com o governo Lula, como o já citado caso da reportagem sobre o suposto alcoolismo presidencial¹⁷ e a conseqüente ameaça de expulsão do correspondente. O jornalista também foi acusado por difundir imagens negativas do Brasil por meio de informações incorretas, como a fotografia de uma turista tcheca ilustrando texto sobre a obesidade no Brasil¹⁸ e uma reportagem que apontava que o governo brasileiro havia entregado dinheiro ilegalmente para Pinochet, o

¹⁶ O correspondente internacional Fabiano Maisonave, da Folha de S. Paulo apresentou esse “efeito” da cobertura do diário norte-americano em palestra presenciada pelo autor em 08/09/2005 na Oboré (São Paulo).

¹⁷ ROHTER, Larry. “Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern”. *The New York Times*, 09/04/04.

¹⁸ Id. “Beaches for the Svelte, Where the Calories Are Showing”. *The New York Times*, 13/01/05. Rohter aponta que o erro tenha sido cometido pelo fotógrafo, sem sua participação (ROHTER, 2008, p. 126).

que posteriormente se mostrou infundado¹⁹. O interesse pela produção desse correspondente permite uma fértil discussão sobre a atração e a função do jornalismo, além de permitir avaliar pontos de fricção entre veículos diferentes e seus públicos.

Justificativa sobre a originalidade da pesquisa

O motivo mais evidente para pesquisar a presença do Brasil no *NYT* é a grande ausência de estudos nessa área. Poucas pesquisas pioneiras foram conduzidas com esse diário como objeto, mas se tratam de estudos fracionados sobre curtos períodos (VIANNA, 2004) ou sobre aspectos excessivamente microtextuais, dentro da tradição lingüística (DOTA, 2005). Sem desmerecer essas importantes pesquisas anteriores, a necessidade de uma análise completa dessa produção fica evidente considerando-se a relevância do tema. Além disso, o momento atual é propício para esta pesquisa, devido ao afastamento de Rohter como correspondente do *NYT* no Brasil – o que permite uma análise da sua produção completa. Rohter foi correspondente da revista semanal *Newsweek* no Brasil de 1977 a 1982, e depois retornou para os Estados Unidos, trabalhando para o *New York Times*. Desde meados dos anos 80, ele passou a trabalhar como correspondente no Rio de Janeiro. Recentemente, Rohter foi substituído por um novo correspondente do *NYT* no Brasil, Alexei Barrionuevo, o que apresenta uma oportunidade única para uma análise abrangente da sua obra – pois é possível dizer, como esta pesquisa pretende demonstrar, que o coletivo de artigos desse e de outros correspondentes caracteriza uma obra com certa unidade, devido à consistência e predominância de temas, abordagens e visões sobre o Brasil.

Justificativa sobre a motivação do pesquisador

Um fator que não pode ser ignorado na justificativa de uma pesquisa acadêmica envolve a motivação do próprio pesquisador em lidar com o tema e com o conceitual teórico aplicado. Nas palavras de Flusser, “a comunicação humana é um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte” (FLUSSER, 2007, p. 90); ignorar o que nos impulsiona a preencher com sentidos nossas vidas é esquecer a importância dessa escolha no contexto dos nossos outros objetivos.

Fui criado num ambiente familiar de grande influência da cultura norte-americana. Minha mãe viveu sua infância nos EUA quando meu avô trabalhava em indústrias de Michigan, e, durante a minha infância, ela e minha avó trocavam os segredos familiares em inglês, um código até então inacessível para mim. Desde cedo percebi o poder de união ou segregação oculto nas palavras e notei a importância da construção de sentido

¹⁹ O'BRIEN, Timothy; ROHTER, Larry. “U.S. and Others Gave Millions To Pinochet”. *The New York Times*, 07/12/04, com errata.

permitida pela tradução – minha primeira atividade profissional, durante a graduação como jornalista. O contato entre realidades diferentes fascinou-me nas poucas experiências que tive como guia turístico e tradutor para americanos e europeus em São Paulo. Para mim, era intrigante avaliar o que eles consideravam “fascinante” em minha cidade (o trânsito, os motociclistas, o Instituto Butantã ou as estradas tortuosas ligando a capital e o litoral), enquanto desconsideravam as atrações principais dos roteiros oficiais – edifícios “históricos” de um século de idade não pareciam tão imponentes ante os milenares olhos europeus. Durante essa experiência, percebi, como jornalista, que precisava afinar minha curiosidade com o interesse de meu público e notar os pontos de atrito e confluência entre a realidade que presenciava e a vida cotidiana de meus interlocutores.

Resolvi seguir a carreira de professor paralelamente às minhas primeiras reportagens inicialmente como voluntário no Projeto Redigir, um curso de extensão universitária promovido por alunos da ECA-USP para atender alunos carentes de ensino médio público que necessitam de um reforço no contato com a interpretação e produção de textos. Há três anos, passei a lecionar Jornalismo e Atualidades para o ensino médio de um colégio de elite de São Paulo, mas pretendo seguir carreira como professor universitário – e, por isso, sentia a necessidade de continuar minhas pesquisas acadêmicas desenvolvidas durante a graduação.

Por fim, minha atuação como jornalista propiciou o contato com realidades que não conseguia compreender nem mudar: a colheita de fome em acampamentos sem-terra no Norte e Nordeste; estudantes da USP que vendiam trabalhos acadêmicos para colegas; trabalhadores rurais no Pará que eram libertados e retornavam à escravidão por dívidas; garimpeiros ilegais na fronteira com a Guiana Francesa que fugiam da miséria no Maranhão; mototaxistas que apelam ao tráfico de drogas para completar sua renda no interior paulista; vereadores paulistanos que marcavam favelados em seus currais eleitorais com promessas de campanha impossíveis; pequenos proprietários que perderam suas terras com a inundação resultante de uma barragem no Tocantins; indígenas que sofrem com a ameaça de latifundiários e o abandono do governo no norte do Mato Grosso.

Da mesma forma como eu não conseguia compreender essa realidade ou as atitudes de meus entrevistados ou colegas jornalistas ao lidar com essas pautas, não sabia ao certo qual deveria ser o meu papel ao lidar com esses problemas sociais. Não estava confortável como simples observador, mas não encontrava tranquilidade na denúncia dessas mazelas. Acreditava que precisava de mais conhecimentos para compreender os problemas, mas de nada adiantaria conhecê-los sem poder mudá-los. Não estava contente com a restrição de papéis imposta pela atuação como jornalista, professor, pesquisador ou ativista social. Encontrei um conforto limitado no potencial de teorias – como a Análise de Discurso Crítica – engajadas que lidassem com a

identificação de problemas e permitisse a mudança social por meio da explicitação dos mecanismos discursivos e a exploração das suas contradições inerentes: era uma forma de continuar sendo jornalista, pesquisador, professor e ativista, respeitando (e amarrando) as fronteiras entre cada atuação.

Apresentação dos capítulos: “*about communication between cultures*”²⁰

Após essa ligeira *introdução (capítulo 1)* sobre alguns dos problemas e conceitos que motivaram este trabalho, é necessário pontuar a divisão temática desta pesquisa para sistematizar a análise das imagens sobre a identidade nacional brasileira presentes na cobertura do correspondente internacional Larry Rohter.

A *primeira parte* desta dissertação trata dos *aspectos formais* da pesquisa, apresentando a metodologia empregada neste trabalho no *segundo capítulo*. Nesse capítulo, o objeto da pesquisa – as representações sobre as identidades brasileiras – e seu *corpus* – as reportagens produzidas pelo correspondente Larry Rohter, do diário norte-americano *The New York Times* – são delimitados. Para isso, esse capítulo apresentaria alguns dos estereótipos e visões mais frequentes sobre o Brasil, assim como uma análise do contexto em que o veículo analisado está inserido – discutindo a importância do diário norte-americano *The New York Times* para a constituição de uma esfera pública de debate que extravasa as fronteiras dos EUA. Essa seção também traz uma sucinta biografia de Larry Rohter e uma análise da inserção desse correspondente dentro do seu jornal e sua relevância no Brasil, a partir da análise da repercussão de suas reportagens na mídia local. A teoria e a prática metodológicas desta pesquisa são apresentadas a partir da discussão de alguns dos princípios da Análise de Discurso Crítica (ADC), focando as ferramentas adotadas para a seleção, leitura, avaliação, sistematização e comentário dos textos de Rohter.

O *terceiro capítulo* apresenta um breve *referencial teórico, conceitual e contextual* que guiou as reflexões aqui apresentadas a partir da revisão das referências bibliográficas principais sobre as imagens do Brasil e a cobertura de correspondentes como Rohter, explorando os processos de tradução nos pontos de contato fronteiro entre diferentes culturas e os resultados da reprodução e transformação de estereótipos. Para isso, são tomadas como base as teorias de Lotman, sobre o limite de sentido nas semiosferas, e de Moscovici, sobre a função, cristalização e alteração de representações sociais. O capítulo mostra como Rohter busca pontos de aproximação – ou “correspondência” – entre a sociedade brasileira (de seus temas) e a norte-americana (de seu público). Também se discute as estratégias de uso das imagens difundidas sobre o Brasil – ou seja, reflete-se sobre as formas como o jornalista busca re-definir limites

²⁰ ROHTER, Larry. “Arts Abroad; Brazilian Renaissance For an American Poet”. *The New York Times*, 06/08/01. Tradução do autor: “da comunicação entre culturas”

simbólicos no contato ou distanciamento entre o imaginário e a “realidade” apresentada pelos fatos em seus textos.

A *segunda parte* da dissertação apresenta dois capítulos que discutem as imagens brasileiras que caracterizam a cobertura de Rohter como única, analisando as estratégias adotadas para difundir representações sociais atreladas à construção de um imaginário coletivo sobre a identidade nacional.

O *quarto capítulo* discute as expectativas sobre o Brasil, a partir das mais antigas representações do país como um paraíso tropical, que remontam até aos relatos de viagem dos descobridores. Essa primeira parte do capítulo analisa a cobertura *turística* sobre o país e a influência dessas imagens paradisíacas centenárias no noticiário atual a partir da reprodução de velhos (e surgimento de novos) clichês sobre o exótico no país.

Sua segunda parte trata dos *receituários para turbulências econômicas*, avaliando a passagem das narrativas sobre a desvalorização monetária dos anos 1980 ao elogio da crescente estabilidade nos últimos cinco anos – e as transformações no posicionamento de Rohter sobre esses temas. Esse capítulo também avalia como o Brasil é adotado como critério de comparação econômica com outros países – como índices ou rankings em que o país é tomado como parâmetro positivo ou negativo. Ambas as partes tratam do que se espera do Brasil: tanto as expectativas prévias sobre o passado, reflexo na beleza natural e na cordialidade atual, quanto nas expectativas avaliativas, sobre o que deve ser feito da economia brasileira a partir dos *receituários* internacionais.

Posteriormente, a quebra dessas expectativas é o foco do *quinto capítulo*, a partir do posicionamento do correspondente em relação a três temas polarizadores: a cultura nacional, os conflitos sociais e o debate político no Brasil. Em primeiro lugar, percebe-se que a demarcação dessa quebra de expectativas é frequentemente explicitada textualmente por contradições, eventos surpreendentes ou pela transformação de representações sociais pressupostas, como visto já nessa introdução. Para isso, parte-se das representações sobre traços do caráter da população brasileira a partir de atitudes consideradas “próprias” dos brasileiros – como a cordialidade e o “jeitinho brasileiro”.

Em segundo lugar, será discutido como as notícias (contrapondo *hard news* com *feature stories*) apresentam as narrativas sobre os casos desviantes e a oposição entre forças que colidem, entre as rupturas e a ordem pré-estabelecida. Ao focar os casos de *violência e conflitos sociais* nas periferias (seja dos centros urbanos ou no interior), envolvem uma constante menção à influência do tráfico de drogas na construção de uma imagem violenta do país. Também será avaliada a relação apontada por Rohter entre pobreza, exclusão, violência e corrupção, assim como a difícil relação entre a preservação ambiental e a expansão do agronegócio, temas que dominam o debate sobre o Brasil em esferas internacionais.

Por fim, a última seção desse quinto capítulo foca a *cobertura política*, desde a abertura democrática até a reeleição de Lula em 2006 – última eleição que Rohter

acompanhou como correspondente do *NYT* no Brasil. Esse capítulo discutirá o alinhamento de Rohter com práticas dos governos desses períodos a partir da análise de suas críticas e valorizações em reportagens políticas. Esse capítulo também tratará dos casos de corrupção focados pelo correspondente e analisará a polêmica ameaça de expulsão de Rohter devido a sua reportagem sobre supostos abusos no consumo de bebidas alcoólicas de Lula, um tema já adiantado nessa introdução.

A *terceira parte* da dissertação apresenta, em sua *conclusão*, uma análise geral das estratégias de posicionamento de Rohter em relação às representações da identidade nacional por ele narradas, retomando as questões apontadas no início do trabalho e sugerindo as peculiaridades que definem esse correspondente como uma fonte rica para as análises comunicativas. Essa reflexão parte dos anos mais recentes de Rohter – quando ele parece se distanciar do Brasil e voltar para a crítica cultural em Nova York somente para soar ainda mais “assimilado” e brasileiro. Um aspecto que não poderia faltar nessa análise envolve a consciência e a auto-reflexão de Rohter sobre seu próprio papel como observador e intermediador entre culturas. Como o próprio correspondente aponta, ao analisar o impacto da obra “Tristes Trópicos”, de Lévi-Stauss, em sua vida, “*it is always worthwhile to look at the familiar as if it were foreign and search for the familiar in what appears to be hopelessly foreign*”²¹ [“sempre vale a pena olhar para o familiar como se fosse estrangeiro e procurar pelo familiar no que parece completamente estranho”].

²¹ ROHTER, Larry. “Other Voyages in the Shadow of Lévi-Strauss”. *The New York Times*, 04/11/09.

2. METODOLOGIA: SABER O QUE ‘O OUTRO’ PENSA ¹

Este capítulo apresenta brevemente o objeto desta pesquisa e aponta o *corpus* selecionado para a análise, após discutir as distinções e aproximações entre ambos. Posteriormente são discutidos os conceitos e os referenciais de investigação e o método que formarão a base desta pesquisa – a *teoria metodológica*, também chamada de Metodologia *da* pesquisa – e as ferramentas aplicadas na prática de coleta, seleção, leitura, descrição e análise desta pesquisa – a *prática metodológica*, ou a Metodologia *na* pesquisa (LOPES, 2003, p. 93). Por mais que seja impossível distinguir esses dois momentos, é crucial examiná-los separadamente, evidenciando os pontos de contato e influência que a teorização determina na atuação, assim como as repercussões conceituais das escolhas práticas.

Apesar de a discussão sobre essas duas instâncias exigir um aprofundamento bastante detalhado e que, por vezes, pode se distanciar do objeto próprio dessa pesquisa específica, é importante lembrar que uma das funções desse trabalho é apresentar e difundir os conceitos, as práticas e as aproximações da análise de discurso crítica (ADC) a partir do objeto selecionado. Entretanto, não se pretende fazer uma divulgação de todos os princípios dessa teoria, pois tal empreita exigiria um espaço que não é possível nesse trabalho – além de já ser possível encontrar obras acessíveis que apresentam esses princípios de forma bastante didática (RESENDE; RAMALHO, 2006) e aprofundada (WODAK; MEYER, 2003).

2.1. OBJETO DA PESQUISA: IMAGENS NACIONAIS E VISÕES ESTRANGEIRAS

Mais do que pesquisar a história do *New York Times* no Brasil, esta pesquisa foca o seu reverso: trato aqui da história do Brasil que é mostrado nas páginas do *NYT* pelo seu correspondente – que, pela lógica da produção jornalística, é quem deve deter mais conhecimentos sobre o país, por sua proximidade e possibilidade de observação *in loco*. É óbvio que, para isso, é necessário compreender a história do diário nova-iorquino (EMERY, 1965), seu posicionamento na sociedade americana (OKRENT, 2004), sua importância mundial como formador de opinião (RIVERS, 1983) e seu papel como referência na prática de jornalismo internacional (ADLER, 1981; TALESE, 2000) – essa discussão será feita na seção 2.1.2. Mas o verdadeiro foco do trabalho está na análise das visões do Brasil sugeridas pelo *NYT*, como as idealizadas paisagens turísticas, as florestas devastadas pelo crescimento econômico, a fome e a pobreza na terra da seca, os confrontos sangrentos nas periferias, a desorganização e a corrupção

¹ Trecho de entrevista com Paulo Freire publicada em: ROHTER, Larry. “Paulo Freire education; radical theorist takes his message to the world”. *The New York Times*, 19/08/86.

nos gabinetes do poder e a turbulência que tanto tempo desestabilizou o crescimento econômico (PAGANOTTI, 2007).

Conhecer esse olhar estrangeiro é, ao mesmo tempo, avaliar a forma de diferenciação do outro e o mecanismo de auto-representação de um povo, pois os processos de representação exteriores de uma cultura baseiam-se na – e também influenciam a – auto-imagem desse próprio grupo (BURKE, 2006).

O amplo recorte temporal desta pesquisa (de meados dos anos 1980 até 2009) também permite avaliar a evolução das abordagens sobre os principais estereótipos relativos à identidade nacional conforme a passagem dos anos – e como o maior contato de Rohter com a sociedade brasileira pode ter influenciado essas mudanças. As mutações por que passaram as construções de visões do Brasil nos últimos anos também podem mostrar uma tendência para futuras representações da identidade nacional. Além disso, a amplitude temporal e a diversidade dos textos selecionados na amostra permitem uma maior representatividade da parcela selecionada de textos dentro do universo de manifestações de imagens atreladas ao Brasil em diferentes fontes midiáticas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 277).

Mais uma vez, para facilitar a compreensão dessa análise, é prudente distinguir o *objeto* desse estudo – as imagens atreladas à identidade nacional brasileira, sua articulação na construção de discursos e os processos de reprodução e transformação dessas representações – do *corpus* que é usado para analisar de forma palpável e sistemática as manifestações desse objeto na prática – os textos sobre o Brasil publicados pelo diário norte-americano *The New York Times* a partir da cobertura realizada pelo correspondente Larry Rohter. Essa distinção parte do princípio de que uma análise empírica precisa da intermediação de um recorte amostral – o *corpus*, um conjunto de textos a ser analisado – para poder avaliar as manifestações e articulações dos discursos e sua relação com atividades materiais, fenômenos mentais e relações sociais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 61) – o *objeto* dos estudos comunicativos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 277-279).

Para melhor compreender as distinções, influências e antecedentes do objeto e do corpus desse estudo, as próximas duas seções apresentam uma breve discussão sobre as principais imagens brasileiras presentes no imaginário, na mídia e, especialmente, no jornalismo, além de uma contextualização sobre o papel do *NYT* e a atuação jornalística de Rohter.

2.1.1. REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

Para fazer um levantamento prévio das imagens relacionadas à identidade brasileira, procurou-se revisar a bibliografia sobre o tema, contrapondo-a com uma primeira leitura de uma amostra reduzida do *corpus* desse trabalho.

O ponto de partida para essa exploração histórica da identidade brasileira envolveu as obras que analisam os primeiros relatos de colonizadores e os relatos de viajantes ao Novo Mundo – além dos próprios discursos registrados por esses visitantes². Como salientado por Ferraz (2002), o primeiro relato reconhecido do Brasil – a “Carta ao Rei D. Manuel”, de Pero Vaz de Caminha (CAMINHA, 2002) – já difundira a “descrição idealizada da natureza e dos nativos da nova terra” (FERRAZ, 2002, p. 9), sua “boa vontade, a ingenuidade, a disposição em ajudar”, além da idealização do clima e as riquezas naturais a serem exploradas (Id., *ibid.*, p. 10) – mesmo sem ver “ouro nem prata nem uma coisa de metal nem de ferro”, “a terra em si é de muito bons ares assim frios e temperados [...]; águas são muitas, infindas [...], querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem” (CAMINHA, 2002, p. 69).

Esse primeiro imaginário de uma terra rica e de uma população acolhedora, aguardando a salvação do colonizador, foi somado às feras bestiais (GÂNDAVO, 2004, p. 126-132) e às imagens de um “Jardim do Éden”, como se o continente recém-descoberto escondesse a localização terrena do paraíso perdido e da fonte da juventude (HOLANDA, 2007, p. 168-173). A representação mítica do “El Dorado” também vem desse período da colonização, contaminando (ainda que em menor medida) os colonizadores portugueses a partir dos relatos vindos das minas na América hispânica (Id., *ibid.*, p. 67-69). É importante salientar que essas características sobre o Brasil foram construídas, como apontado por Chauí, com finalidades ideológicas e práticas que foram alteradas no decorrer do tempo – mas, ainda assim, não deixam de ser construções discursivas (CHAUÍ, 2007, p. 57). Por isso, salienta a autora, é importante considerar que ver o Brasil como “terra abençoada por Deus” ou como “país do futuro” (Id., *ibid.*, p. 75) apresenta implicações – e pressuposições – de uma ordem predestinada da história, e que não podem ser tomadas inocentemente, assim como nenhuma das outras representações discutidas aqui.

Além dos discursos religiosos e colonizadores, outras imagens sobre o Brasil foram posteriormente cristalizadas a partir da própria reflexão teórica de historiadores, sociólogos e antropólogos. A divulgação da “miscigenação” própria da nossa terra – e da decomposição de nosso povo na tríade branco, índio e (posteriormente) negro –, assim como a existência de uma “democracia racial” no Brasil são dois desses fatores que sofreram alterações devido ao debate acadêmico sobre a formação da identidade brasileira (VIEIRA, 2008, p. 57-58).

Outros conceitos, na sua divulgação e assimilação por diferentes grupos sociais, acabaram passando por um processo de simplificação, perdendo partes complexas de seus sentidos. Um caso bastante paradigmático é o da “cordialidade” do brasileiro: como postulada por Holanda, a partir da definição de Ricardo Couto, apresentava a

² Os ecos dessas imagens míticas presentes nos relatos de viagem serão analisadas na seção 4.1 – Turismo: valorização do exótico e do clichê.

intimidade, a hospitalidade, a aversão aos rituais e a generosidade de fundo emotivo de nosso povo (HOLANDA, 2008, p.146; 204). Mas, talvez, a visão mais difundida dessa “cordialidade” ainda seja a visão de Cassiano Ricardo sobre a “bondade, generosidade, afabilidade” do brasileiro (REIS, 2007, p. 134-135), ainda que Holanda tenha publicamente desmentido que essa seja a completa face da cordialidade brasileira – pois nossa afetividade permite igualmente a “inimizade” e a “amizade”, nascidas da mesma esfera íntima e afetiva, privilegiada pelo brasileiro (HOLANDA, 2008, p. 204). Subprodutos desse conceito como a “malandragem” – a capacidade de driblar adversidades – e o “jeitinho brasileiro” – a aplicação da flexibilidade de leis em detrimento de laços sociais, afetivos ou de autoridade – também se apoiam na reflexão acadêmica sobre práticas cotidianas que pretendem explicar o caráter nacional (DAMATTA, 1986, p. 97).

Também os meios de comunicação de massa como a literatura, o cinema, a novela, a publicidade e o jornalismo são importantes veículos de construção e divulgação de imagens sobre o Brasil. Estudos anteriores já apontaram a influência da literatura brasileira – a partir dos *best sellers* de Jorge Amado – na disseminação de imagens do Brasil como uma “democracia racial” mestiça (GOLDSTEIN, 2003, p. 272), terra de samba e capoeira (Id., *ibid.*, p. 187). Entre todas essas mídias, o cinema talvez seja a que apresenta uma imagem mais esquemática do país, estereotipada em alguns planos clichês – e é sintomático que a análise dessas imagens cinematográficas do Brasil seja também o campo de estudo mais avançado, em comparação com outros meios de comunicação massiva. No contraponto às imagens divulgadas pelos próprios brasileiros, como visto até aqui, Amancio (2000) analisa os filmes estrangeiros que retratam o Brasil e os brasileiros e tipifica as principais imagens atreladas ao país nessas produções: o imaginário colonial é retomado com cenas de “sol, mar, praias desertas, cobertas de palmeiras”, uma “réplica do paraíso” (AMANCIO, 2000 p. 43), ou nas selvagens tomadas de florestas densas e animais exóticos (Id., *ibid.*, p. 172). O país atrai também como destino preferido de bandidos fugindo da justiça, reflexo da imagem de impunidade ou terra sem lei (Id., *ibid.*, p. 104), e pela sensualidade das mulheres sambando e exibindo-se semi-nuas no Carnaval (Id., *ibid.*, p. 163):

O Brasil se constitui num certo imaginário cinematográfico, de um pequeno número de imagens folclóricas, simplificações de algumas dinâmicas populares como o carnaval, as cerimônias afro-brasileiras e o futebol, além de certos ícones paisagísticos (O Cristo Redentor e o Pão de Açúcar sendo os mais difundidos) que o cinema vai manipular como expressão globalizante do país, através de seus processos de seleção e recorte. (Id., *ibid.*, p. 106)

Café, futebol e carnaval, permissividade sexual, a mulata e o malandro, Pelé, Carmem Miranda e o onipresente papagaio são os principais personagens e elementos cenográficos usados para dar um tom brasileiro às películas estrangeiras analisadas por

Amancio (ibid., p. 116-125)³. Por outro lado, como lembra Burke (2006), a oscilante imagem do Brasil como um paraíso (sexual, da “democracia racial” e dos cenários edênicos) ou inferno (da corrupção, violência e pobreza) encontra também eco na produção do cinema brasileiro que ganha repercussão internacional e no noticiário de dentro e de fora do país.

Da mesma forma, a telenovela brasileira é um produto de exportação que leva, entremeados em seus episódios, temas e representações próprios da realidade brasileira – mesmo sem ter como objetivo original representar a identidade brasileira para públicos estrangeiros, visto que é produzida inicialmente para o consumo doméstico. A partir da reprodução da teledramaturgia brasileira em Portugal, Cunha aponta que “os meios de comunicação portugueses tendem a privilegiar enquadramentos sutis, onde os brasileiros estão associados a estereótipos, tais como a malandragem, para os homens, e a sensualidade e exotismo, para as mulheres” (CUNHA, 2007, p. 203).

Outra fonte midiática de representação de estereótipos sobre o Brasil pode ser encontrada na publicidade brasileira. Trindade (2005) analisou a relação entre a identidade brasileira e sua construção em anúncios publicitários e desenvolveu uma tipologia sobre a presença de imagens brasileiras na publicidade segundo as construções retóricas de sua apresentação. O país surge nas propagandas em imagens metonímicas (sua natureza, suas tradições e sua modernidade), metafóricas (como o país do futebol e do carnaval), nas representações dos corpos brasileiros (sua idealização e miscigenação), de suas celebridades, do “jeitinho” e do seu humor característico (como o traço popular satírico), sem excluir as representações de problemas sociais brasileiros na publicidade – mais frequentes em campanhas governamentais e de instituições do terceiro setor (Id., ibid, p. 236-239)⁴. Também no marketing de produtos para exportação, Soares (2008) aponta que a construção da imagem internacional do Brasil parte atualmente de cinco pilares: “natureza, beleza, alegria, esporte e exotismo” (2008, p. 5).

Essa retomada das principais imagens brasileiras presentes em diferentes mídias foi um dos pontos de partida para a sistematização proposta neste trabalho. Ainda assim, muitas dessas imagens apontadas anteriormente não foram encontradas nas páginas do noticiário internacional com tanta frequência quanto na literatura, publicidade ou cinema – o caso mais evidente é a ausência das imagens dos papagaios, um coadjuvante representativo no cinema (AMANCIO, 2000, p. 125), mas que não faz sentido como imagem de fundo das reportagens noticiosas analisadas. Paralelamente à comparação dessas imagens presentes em outras mídias, um estudo exploratório inicial foi realizado

³ Alguns dos trechos desses filmes (além de entrevistas ilustrativas com atores e produtores estrangeiros) podem ser vistos no documentário “Olhar estrangeiro” (Brasil, 2006. 70 min. Direção: Lúcia Murat), que é baseado na pesquisa desse livro de Amancio (2000).

⁴ Essa classificação sugerida por Trindade será comparada com a cobertura turística de Rohter para o *The New York Times* no capítulo 4.1.

para definir as imagens brasileiras mais frequentes nos noticiários de correspondentes internacionais no Brasil (PAGANOTTI, 2007b). Ainda que importante para o início da presente pesquisa, a definição prévia dessas imagens brasileiras no noticiário estrangeiro precisou ser ampliada para abarcar novas imagens sobre o Brasil presentes nos textos avaliados para este trabalho, mas que não estavam presentes no estudo exploratório anterior – como a imagem da “malandragem” brasileira, de que “Deus é brasileiro” e que este é o “País do futuro” – ou nem mesmo na revisão bibliográfica sobre outras mídias – como a ideia de que o Brasil “não é um país sério” ou “não tem história”.

Com a finalidade de facilitar sua sistematização, as imagens atreladas à identidade nacional foram agrupadas em quatro categorias – ou “4 Brasis”:

Brasil de Sangue: Tráfico de drogas; Insegurança; Crime domina o país; Convulsão social.

Este bloco conceitual representa o Brasil sangrento e cravado por conflitos: trata das ligações com o tráfico de drogas, a insegurança, a força do crime organizado e a sensação de que o país está à beira do caos. Essas representações podem encontrar-se isoladas, mas costumam aglutinar-se como a própria violência que retrata. Um exemplo destas representações pode ser encontrado no seguinte trecho:

In a show of strength said to be aimed at securing better living conditions for its imprisoned leader, Rio de Janeiro's most powerful criminal gang has forced schools, businesses and public transport throughout the city to shut down. Followers of Fernandinho Beira-Mar, a drug lord with ties to Colombian guerrillas who has been indicted in the United States, have issued such orders before in slum areas they control, but this action, which was successful despite police efforts to encourage shops to stay open, also affected exclusive neighborhoods, including Ipanema and Copacabana.⁵

O trecho demonstra o poder do crime organizado (“crime domina o país”) quando os seguidores de um traficante brasileiro (“tráfico de drogas”) ordena a paralisação da cidade do Rio de Janeiro (um indício do caos, ou da “convulsão social” lá presente) não só nas costumeiras áreas periféricas, mas também em bairros “exclusivos” e supostamente mais protegidos (o que mostra que agora temos uma situação de “insegurança” generalizada, pois não há mais onde se refugiar do poder do tráfico).

⁵ ROHTER, Larry. “World Briefing: Brazil: Gang Order Shuts Rio”. *The New York Times*, 01/10/02.
Tradução do autor:

Em uma demonstração de força que procurava garantir melhores condições para o líder dos presidiários, a mais poderosa gangue criminosa do Rio de Janeiro forçou escolas, comércio e transporte público em toda a cidade a fechar. Seguidores de Fernandinho Beira-Mar, um líder do tráfico com conexões com as guerrilhas colombianas que foi indiciado nos EUA, já mandara antes fechamentos similares em favelas controladas pelo tráfico, mas suas ações, que foram bem-sucedidas apesar dos esforços policiais para encorajar as lojas a permanecerem abertas, também afetou bairros de elite, incluindo Ipanema e Copacabana.

Brasil de Lama: Corrupção generalizada; Discriminação; Pobreza; Impunidade; Desigualdade social; Coronelismo; Sem história; Ignorância; Incompetência; Não é um país sério; Jeitinho brasileiro; Indiferença política.

A representação do “Brasil de lama” envolve o ciclo retro-alimentado de miséria e corrupção. Outras representações menos frequentes na leitura inicial dos textos de Rohter, como o coronelismo e a indiferença política, também se enquadram nesse grupo que trata da relação entre o subdesenvolvimento e a falência do governo – frequentemente relacionado a denúncias de corrupção. Assim como a “lama” da corrupção está conectada com a pobreza, também os estereótipos desse grupo aproximam-se da violência do grupo anterior: o governo omissivo e corrupto não cumpre sua função de proteção social; grupos desfavorecidos são “forçados” ou “atraídos” para a violência, que se infiltra e corrompe no governo. Um exemplo dessa construção pode ser visto abaixo, em uma reportagem sobre a falta de melhoria na cidade-natal de Lula após um ano de sua presidência:

Official corruption also appears to be a problem. Most of the people here are poor enough to qualify for a government food relief program known as "the basic basket," but many say that the monthly \$4 payment often does not get to them, and that when it does, it takes the form of inferior products.⁶

Mesmo ante a “pobreza”, a “corrupção” e os desvios de verbas públicas acometem os que tão pouco têm. Como sugerido no trecho, os desvios impedem que a pobreza seja superada, criando um ciclo vicioso presente em diversas reportagens do correspondente. Mesmo em um cenário turístico, como as praias cariocas, a desigualdade social, o preconceito e a falta de respeito às leis adicionam dissonância à composição de um ensaio sobre as diferenças de classe e suas manifestações na areia:

At the other end of Ipanema, Posto 7 is a favorite gathering spot for local surfers. But it also draws outsiders, many of them dark-skinned, from working-class suburbs up to a three-hour bus ride away, especially on weekends, when entire families station themselves on the sand. The bulk of these suburban bus passengers get off at the first bus stops in Ipanema, near Posto 7. The outsiders are known pejoratively as “farofeiros,” because they are said to prefer to bring picnic lunches that include farofa, a toasted flour made from yucca. They are also the butt of gibes because they sit on drab straw mats rather than colorful cloth towels and apply a cheap red tanning lotion instead of buying more expensive sunscreens. “Most people treat you O.K., but some are really prejudiced, even racist,” said Jefferson Luiz Santos Fonseca, 27, who occasionally goes to Ipanema on summer weekends with his wife and children. Among themselves, Brazilians often criticize their society as one in which selective disobedience of laws and rules is generalized, in ways small and

⁶ ROHTER, Larry. “Brazil Chief’s Hometown Is Poor as Ever”. *The New York Times*, 30/03/2003.

Tradução do autor:

Corrupção governamental também parece ser um problema. A maioria das pessoas aqui é pobre o suficiente para qualificar-se para um programa de assistência alimentar do governo chamado “cesta básica”, mas muitos dizem que o pagamento de US\$4 frequentemente não chega até eles, e que, quando chega, toma forma de produtos inferiores.

large. Cars routinely run red lights and park on sidewalks, and protected forests are felled for their timber or occupied by squatters. In many respects, the beach is no different. Paddleball players at water's edge, dog owners playing fetch with their pets and surfers who threaten to run over swimmers all routinely flout restrictions on their activities, "and nobody does a thing about it, not the municipal guard and certainly not the defenseless sunbather," complained Joana Guimarães, the mother of two small children.⁷

Mesmo que a situação representada não seja tão grave quanto a seca nordestina ou a pobreza nos grotões, apresenta diversas facetas da "lama" diária presente em diversos momentos do cotidiano brasileiro: grupos sociais excluídos como os "farofeiros" sofrem discriminação e preconceito por não usarem dos mesmos bens de consumo que as elites com seus protetores solares e toalhas de banho coloridas ("desigualdade social" e "discriminação"). O "desrespeito seletivo" ("jeitinho brasileiro") das normas de conduta na praia é comparado com o mesmo raciocínio que aceita – e não pune ("impunidade") – tanto o pequeno descumprimento das regras de trânsito quanto o grande desmatamento de áreas florestais protegidas. E "ninguém", nenhuma autoridade competente, "faz nada", nas palavras do entrevistado local, representante de uma indignação também impotente.

Brasil Verde: Depredação ambiental; País exótico; Falta de soberania na Amazônia; Terra sem lei; Função ecológica da Amazônia; Celeiro do mundo

A menção ao desmatamento ilegal pode parecer sem precedente em um texto sobre a desigualdade social e o as normas sociais nas praias cariocas, mas é importante lembrar que o Brasil constantemente atrai a atenção internacional devido aos índices de desflorestamento ou nas negociações multilaterais para propor soluções para problemas

⁷ ROHTER, Larry. "Drawing Lines Across the Sand, Between Classes". *The New York Times*, 06/02/2007. Tradução do autor:

Do outro lado de Ipanema, o Posto 7 é o ponto de encontro favorito para os surfistas locais. Mas também atrai gente de fora, muitos deles com pele escura, vindos de subúrbios da classe trabalhadora após até três horas de ônibus, especialmente nos finais de semana, quando famílias inteiras estacionam na areia.

A maioria desses passageiros suburbanos desce no primeiro ponto de ônibus em Ipanema, perto do Posto 7. Os visitantes são conhecidos pejorativamente como "farofeiros", porque dizem que eles preferem trazer lanches que incluem farofa, uma farinha feita de mandioca. Eles também são alvo de piadas porque sentam em esteiras de palha ao invés de toalhas coloridas e aplicam loção de bronzeamento barata, ao invés de comprar mais caros protetores solares.

"A maioria das pessoas trata você bem, mas alguns são realmente preconceituosos, até racistas", disse Jefferson Luiz Santos Fonseca, 27, que ocasionalmente vai a Ipanema nos finais de semana do verão com sua esposa e filhos.

Entre sim, os brasileiros frequentemente criticam sua sociedade por sua generalizada desobediência seletiva de leis e regras, seja em pequenos ou grandes casos. Carros rotineiramente ultrapassam faróis vermelhos e estacionam nas calçadas, e as florestas protegidas são derrubadas para virar madeira ou ocupadas por invasores.

Em muitos sentidos, a praia não é diferente. Jogadores de frescobol na beira da água, donos de cachorros brincando com seus bichinhos e surfistas que ameaçam atropelar nadadores rotineiramente zombam de restrições a essas atividades, "e ninguém faz nada sobre isso, nem a guarda municipal e certamente nem o banhista indefeso", reclama Joana Guimarães, mãe de duas crianças pequenas.

ambientais globais. A partir da classificação sugerida por Trindade (2005, p. 236), pode-se sugerir que a Amazônia, muito mais do que uma metonímia do país, talvez se aproxime mais de uma metáfora brasileira para as oportunidades, os riscos, o mistério exótico, o desamparo e as riquezas de proporções continentais que ainda aguardam a exploração em “berço esplêndido”.

Esse terceiro grupo de estereótipos aglutina a imagem do “Brasil verde”, mas que, nos jornais, é predominantemente representada negativamente por meio do conceito da depredação ambiental e dos menos freqüentes estereótipos sobre a falta de soberania na Amazônia, uma “terra sem lei” vista como “celeiro” para o agronegócio. Ainda assim, a imagem exótica do país e a função ecológica da Amazônia detêm um espaço considerável. Essa é a imagem mais antiga do país: se, por um lado, isso faz com que ela seja uma das mais reconhecidas internacionalmente, por outro, diminui seu fator de “novidade”, determinante para o noticiário internacional. Uma reportagem sobre as transformações políticas nacionais resultantes das mudanças climáticas globais resume essas imagens sobre o Brasil “natural”:

Brazil remains suspicious of foreign involvement in its management of the Amazon, which it views as a domestic matter. But negotiators and others who monitor international climate talks say Brazil is now willing to discuss issues that until recently it considered off the table, including market-based programs to curb the carbon emissions that result from massive deforestation in the Amazon, in which areas the size of New Jersey or larger are razed each year. (...)

Brazil sees itself as an emerging agricultural and industrial power, and global warming could have a disastrous impact on those aspirations. Scientists note that Brazil's southern breadbasket flourishes largely because of rainfall patterns in the Amazon that are likely to be altered if droughts recur or climate change accelerates.

“Once they really register that the Amazon rain machine is very important to the south of Brazil, they are going to be much more interested in avoiding deforestation,” said Thomas Lovejoy, president of the Heinz Center for Science, Economics and the Environment. “You don't have to be interested in biodiversity to want rain to keep that amazing agricultural system going.”⁸

⁸ ROHTER, Larry. “Brazil, Alarmed, Reconsiders Policy on Climate Change”. *The New York Times*, 31/07/07. Tradução do autor:

Brasil continua a suspeitar do envolvimento estrangeiro no gerenciamento da Amazônia, que é visto como uma questão doméstica. Mas negociadores e analistas que monitoram negociações internacionais sobre clima dizem que o Brasil agora se dispõe a discutir questões que até recentemente seriam consideradas tabus, incluindo programas econômicos para reduzir emissões de carbono que resultam do desmatamento massivo da Amazônia, que tem áreas do tamanho de Nova Jersey sendo derrubadas a cada ano. (...)

Brasil se vê como uma potência agrícola e industrial emergente, e o aquecimento global pode ter um impacto desastroso nessas aspirações. Cientistas percebem que o celeiro no sul do Brasil floresce principalmente devido aos padrões de chuva na Amazônia que provavelmente serão alterados se as secas continuarem a recorrer ou se a mudança climática acelerar-se.

“Assim que eles realmente perceberem que o mecanismo de chuva da Amazônia é muito importante para o sul do Brasil, eles vão ficar muito mais interessados em evitar o desmatamento” disse Thomas Lovejoy, presidente do Centro Heinz para Ciência, Economia e Ambiente. “Você não precisa estar interessado em biodiversidade para querer que as chuvas mantenham o fantástico sistema agrícola funcionando”.

No trecho, está presente o antigo receio da perda da “soberania sobre a Amazônia”, atrelado a forma como o país “se vê” como uma potência agrícola (“celeiro do mundo”) e industrial, mas que sofre com os impactos negativos do desflorestamento (“deprecação ambiental”) devido à importância ecossistêmica da preservação de suas matas (“função ecológica da Amazônia”). Além disso, argumenta-se que a preocupação ambiental deve ser também o objetivo de quem depende – pelo regime de chuvas – da exploração das riquezas dessa mesma terra, como será visto no grupo de imagens a seguir.

Brasil de Confete: Sensualidade; Samba e Carnaval; Nação do futebol; Beleza natural; Riquezas naturais; Noveleiros; Cordialidade; Miscigenação; Democracia racial; País do futuro; Deus é brasileiro; Alma carioca; Malandragem.

O último grupo de representações aglutina a visão do Brasil festivo – ou “de confete” – da alta sociedade e da cultura folclórica/pitoresca à venda para quem se sentir por ela atraída. Entre todos os conceitos, é o mais próximo do gênero da propaganda. Nesse grupo, os textos apresentam a exótica arte e a beleza natural embrulhadas para presente. O grupo também lida com a festividade da música, com sua representação máxima no carnaval, e com os novos produtos-conceito de exportação cultural: as novelas e a beleza estética – seja na natural sensualidade ou nas alterações das cirurgias plásticas. Aglomera conceitos que pretendem apresentar o caráter nacional (a sensualidade, a cordialidade, a miscigenação, a malandragem e o jeitinho) ou as manifestações culturais exóticas enquadradas em cartões postais (a beleza natural de nossas paisagens, o samba, o carnaval, o futebol):

Rio de Janeiro was the first city I visited outside the United States, almost 30 years ago, and from the start it has seemed to me to be not one city but two. First, there are the beaches and the landmarks known from postcards, movies and songs: Copacabana, Ipanema and Sugar Loaf -- the official, acclaimed Rio visible from the foot of the giant statue of Christ atop Corcovado Mountain.

I have nothing against the Zona Sul, mind you. I've lived in Ipanema and Leblon. And a year ago, my wife, Clotilde, and I moved to a house in Sao Conrado with a tantalizing view of the ocean. But there is an expression in Portuguese to describe anything done for show or to make a good impression: *é coisa para inglês ver* -- it's something for the English to see." Too often the Zona Sul seems such a place, full as it is of Brazilians determined to let you know that they are attuned to the current intellectual or fashion trend in London, New York, Paris or Milan.

Beyond the tunnel these things aren't important. Since the residents of the Zona Norte don't see foreigners much, they aren't preoccupied with making the right impression. As a result, they appear more comfortable in their own skins, and it's easier to catch them acting like Cariocas: cordial, gregarious, impulsive and jocular, their emotions close to the surface. (...)

Then, as now, the neighborhood's most popular hangout was the Petisco da Vila bar and restaurant, a place to have a cold drink on a hot day and listen to the sambas of Martinho da Vila, the area's favorite son. All up and down Rua 28 de Setembro, there are other botequins serving freshly squeezed fruit

juices or joltingly strong cafezinhos in tiny porcelain cups. In those refuges and out on the sidewalks, inlaid with stone patterns in the form of sheet music, the talk was of samba and soccer.⁹

O correspondente, ao marcar sua presença explicitamente no texto pelo uso da primeira pessoa, mostra sua relação com as imagens paradisíacas dos marcos turísticos cariocas “conhecidos em cartões postais, filmes e canções” (“beleza natural”), e compara a riqueza cultural da cidade com as manifestações populares dos seus moradores “cordiais”, impulsivos e emotivos, agitados em “botequins” e discutindo “samba” e “futebol” entre cafés e sucos.

Assim como os cenários e traços de caráter dos cariocas selecionados compõem um panorama do que Rohter valoriza no Rio de Janeiro, o uso raro da primeira pessoa nesse texto também é um índice representativo da sua auto-representação: o jornalista só aparece em menos de uma dúzia das 727 reportagens analisadas nesta pesquisa, na maioria em artigos turísticos. Ao citar que seus primeiros contatos com o país datam de mais de três décadas, ele pretende indicar que conhece o país e que pode ocupar o espaço de um observador legítimo (pelo tempo de exposição e contato profundo que teve com nossa cultura) e diferenciado: ao mesmo tempo em que pertence e vive entre nós, ele mostra que não é enganado – nem gosta – das manifestações mais artificiais de setores da sociedade que pretendem exibir “para inglês ver” as mesmas tendências européias e nova-iorquinas que já havia criticado no texto sobre David Byrne, analisado na introdução desta pesquisa¹⁰. Ele, implicitamente, tenta marcar sua imagem de um

⁹ ROHTER, Larry. “OUR CORRESPONDENT IN RIO; The City's Soul Lies Beyond The Tunnel”. *The New York Times*, 03/03/2002. Tradução do autor:

Rio de Janeiro foi a primeira cidade que eu visitei fora dos EUA, há quase 30 anos, e, desde o começo, me pareceu não como uma cidade, mas duas. Primeiro, há as praias e os marcos paisagísticos conhecidos em cartões-postais, filmes e canções: Copacabana, Ipanema e o Pão de Açúcar – o Rio oficial e tão aclamado, visível aos pés da gigantesca estátua do Cristo Redentor no topo do Corcovado.

Entenda, eu não tenho nada contra a Zona Sul. Eu vivi em Ipanema e no Leblon. E, um ano atrás, minha esposa, Clotilde, e eu mudamos para uma casa em São Conrado com uma vista incrível do oceano. Mas há uma expressão em português para descrever qualquer coisa feita para causar uma boa impressão: é coisa para inglês ver. Com uma frequência demasiada, a Zona Sul parece um lugar assim, cheio de brasileiros determinados em mostrar que eles estão afinados com as tendências intelectuais e da moda em Londres, Nova York, Paris ou Milão.

Além do túnel, essas coisas não são importantes. Como os residentes da Zona Norte não veem muitos estrangeiros, eles não se preocupam em fazer a impressão certa. Como resultado, eles parecem mais confortáveis em suas próprias peles, e é fácil vê-los agindo como cariocas: cordiais, gregários, impulsivos e falantes, com as emoções à flor da pele. (...)

Na época, como agora, o lugar mais popular do bairro era o bar e restaurante Petisco da Vila, um lugar para tomar uma bebida gelada em um dia quente enquanto se ouve aos sambas de Martinho da Vila, o filho favorito do bairro. Nos arredores da Rua 28 de setembro, existem botequins servindo sucos de frutas frescas ou cafés surpreendentemente fortes em pequenas xícaras de porcelana. Nesses refúgios e nas calçadas com pavimento com desenhos de partituras musicais, a conversa era sobre samba e futebol.

¹⁰ ROHTER, Larry. “Brazilian Pop, Uneasy in the Spotlight”. *The New York Times*, 23/04/89.

brasileiro tão brasileiro quanto que nós – ou mais, pois, como a poetisa Elizabeth Bishop, pode perceber aquilo que não vemos, por não perder seu “olhar estrangeiro”¹¹.

2.1.2. LARRY ROHTER E *THE NEW YORK TIMES*

Viver “entre culturas” não é uma novidade recente para Larry Rohter. William Lawrence (Larry) Rohter, Jr. nasceu em 1950 no subúrbio de Oak Park, na região de Chicago, Illinois, filho de uma imigrante irlandesa e de um pai que, após se aposentar, dedicou-se à investigação de contratos fraudulentos e desvio de verbas na Autoridade Regional de Trânsito (ROHTER, 2008, p. 10). Seu interesse sobre a América Latina surgiu durante os dois anos em que trabalhava em uma fábrica de lâmpadas próxima ao centro do Chicago em troca do salário mínimo durante parte do colegial. Ao perceber as barreiras culturais que dividiam a linha de produção da fábrica, Rohter atuava como ponte entre a gerência e os imigrantes latinos (ROHTER, 2008, p. 11-12). Na época, o futuro correspondente já se preparava para atividades de mediação, pois explicava aos trabalhadores

(...) a melhor maneira de se adaptar aos desafios da vida nos Estados Unidos: como lidar com a burocracia, como evitar problemas com a polícia, como se comportar de forma apropriada e não causar constrangimento ou chamar atenção desnecessária sobre eles, explicar porque os americanos agiam de certas maneiras em situações em que eles, latino-americanos, agiriam de maneira diferente. (...) Como me disse uma vez um amigo brasileiro: ‘Você sempre se dá bem com o povão. É a elite que te dá problema’. (Id., *ibid.*, p.12)

Nos anos 1970, Rohter estudava política e história moderna chinesa na Escola de Diplomacia e Relações Internacionais da Universidade de Georgetown, em Washington, quando conheceu sua mulher, que chegara do Rio de Janeiro para estudar na Escola de Idiomas e Linguística da mesma universidade (Id., *ibid.*, p. 13). Rohter explica que seu primeiro contato com a cultura brasileira foi feito “via literatura e comida, mas especialmente por meio da música” (Id., *ibid.*). Quando sua esposa passou a trabalhar para a sucursal da Rede Globo em Nova Iorque, Rohter também foi convidado para colaborar com a emissora, de 1971 a 1974, enquanto estudava história e política chinesa na Universidade de Columbia (Id., *ibid.*, p. 14). Em 1972, Rohter veio ao Brasil pela primeira vez para cobrir o Festival Internacional da Canção e presenciou a censura e a violência que encerraram o evento, numa experiência que marcou sua visão sobre a política brasileira (Id., *ibid.*, p. 17), e anteviu um dos episódios de sua própria carreira como jornalista, 32 anos depois – como será discutido na seção 5.3.2.

¹¹ ROHTER, Larry. “Arts Abroad; Brazilian Renaissance For an American Poet”. *The New York Times*, 06/08/01.

Rohter ocupou, em 1974, o cargo de repórter de cultura para o *Washington Post*, mas abandonou sua posição quando soube de uma vaga de correspondente no Rio de Janeiro para a revista *Newsweek*, em 1977 (Id., *ibid.*, p. 18), sendo transferido posteriormente para a sucursal em Pequim da revista.

Em 1984, publicou seus primeiros textos como repórter metropolitano do *New York Times*, cobrindo cultura, educação, cinema, TV e justiça, e posteriormente oscilando entre países latino-americanos, como Panamá, Nicarágua e México, onde sediou a sucursal mexicana do NYT de 1994 a 1998. Antes, esteve na Flórida durante a cobertura do furacão Andrews e das eleições de 1992, escrevendo também reportagens sobre imigração e casos de violência. No Haiti, seguiu as tropas norte-americanas em 1994, mesmo ano em que entrevistou Fidel Castro, em Cuba¹², retornando para a ilha em 1998, durante a visita de João Paulo II. No período em que foi correspondente do jornal para o Caribe e América Central, Rohter recebeu o Prêmio Maria Moors Cabot, da Universidade de Columbia, em 1998, pela sua cobertura “corajosa, compreensiva e compassiva” e pelo “longo comprometimento com o entendimento inter-Americano e com a liberdade de imprensa”¹³.

Por um período recorde no jornal (PINHEIRO; GREENHALG, 2007), Rohter chefiou o *bureau* do NYT no Rio de Janeiro de 1998 até meados de 2007, responsabilizando-se também, posteriormente, por países do Mercosul como Argentina, Paraguai, Chile, Uruguai e Bolívia, com coberturas ocasionais na Colômbia, no Equador e na Venezuela. Ao avaliar sua experiência como repórter e como estrangeiro no Brasil, Rohter faz uma interessante análise das dificuldades envolvidas no trânsito entre mundos tão distintos – o que o aproxima da sua experiência na antiga fábrica de lâmpadas em Chicago, ainda tentando entender as regras de convivências entre grupos estranhos:

Ao contrário do que pensam muitos brasileiros, ser um estrangeiro no Brasil não é tão fácil assim. É claro que ser brasileiro também não é fácil, especialmente se você for pobre ou negro, o que com frequência significa a mesma coisa. Mas para nós, estrangeiros, pode ser desnorteante e exaustivo ter de aprender, por meio de tentativa e erro, os códigos secretos que os brasileiros absorvem intuitivamente enquanto crescem em sua própria sociedade. E calcular como evitar armadilhas comuns e proceder na sociedade brasileira – quando agir de acordo com os códigos e valores prevalecentes, quando ignorá-los e quando fingir que não tem sequer consciência de que eles existem – é para o estrangeiro um desafio constante, infundável. (ROHTER, 2008, p. 91)

Nas próprias palavras do repórter, esse é o desafio de construir pontes entre mundos separados, sabendo caminhar pelos dois lados da margem, reconhecendo (e

¹² GOLDEN, Tim; ROHTER, Larry. "An Evening With Castro: 36 Years and No Regrets" *The New York Times*, 13/12/1994.

¹³ “Columbia's Cabot Prizes Honor Four Journalists Who Cover Latin America” Disponível em: <http://www.columbia.edu/cu/newrec/2402/story.5.html>

sabendo quando ignorar) as normas não escritas de convivência. Obviamente há um paralelo entre essa descrição do estrangeiro no Brasil e a ponte que ele construía para os imigrantes na fábrica onde trabalhara na adolescência, com a demarcação explícita de uma desvantagem para o caso de Rohter: enquanto ele poderia “explicar” a atuação dos norte-americanos para seus colegas de trabalho, só lhe restava a “tentativa e erro” para compreender, tateando, o Brasil. Essa frase é bastante reveladora da sua auto-imagem ainda mais próxima dos EUA do que da realidade brasileira, e também por vislumbrar que sua terra natal apresentava regras claras, somente implícitas no Brasil – esse tema será retomado no quinto capítulo.

Durante o período em que passou no Brasil, Rohter atuou como um correspondente com grande diversidade de temas e enfoques (PAGANOTTI, 2007a, p. 195), contando com o apoio da força do seu veículo para viajar e entrar em contato com regiões do país desconhecidas pelos próprios brasileiros. Apesar de Rohter afirmar que o trabalho dos correspondentes internacionais passou a incomodar mais a sociedade e o poder brasileiros devido à facilidade de acesso da internet, no final dos anos 1990 (PINHEIRO; GREENHALG, 2007), suas reportagens inicialmente não apresentaram grande repercussão na mídia brasileira. A *Folha de S. Paulo*, jornal de maior tiragem nacional no período e com grande cobertura sobre a mídia internacional, publicou somente 23 textos sobre Rohter nos primeiros seis anos em que chefiou o escritório do *NYT* no Brasil. As suas matérias republicadas no jornal tratavam sobre dificuldades governamentais e econômicas nos vizinhos argentinos e colombianos, além de alguns textos próprios da *Folha* repercutindo as críticas publicadas por Rohter contra Lula nos primeiros anos de seu governo¹⁴. Ainda no final de 2001, Rohter atraiu a atenção nacional devido à suspeita de ter recebido cartas com antraz, endereçadas para a sucursal do *NYT* e destinadas ao seu nome – a perícia posteriormente definiu que não se tratavam de esporos de antraz, mas sim de contaminantes ambientais, mas os responsáveis pelas cartas não foram achados¹⁵.

Sua matéria sobre os reflexos no governo Lula do seu consumo de bebidas alcoólicas, em 9 de abril de 2004¹⁶, foi um divisor de águas: nos seis anos seguintes, a mesma *Folha* apresentaria mais de 300 citações sobre Rohter. O correspondente atraiu bastante atenção da mídia brasileira, como será discutido a partir da seção seguinte, evitando ameaças de expulsão que não seriam novidade – o jornalista já fora preso no Chile sob Pinochet e expulso da Cuba de Fidel no mesmo ano de 1980, quando ainda atuava pela *Newsweek* (PINHEIRO; GREENHALG, 2007).

¹⁴ Esse levantamento foi feito a partir de busca no sistema online da versão impressa da *Folha de S. Paulo* pelo termo “Larry Rohter” no período de 1998 (início de sua chefia do escritório do *NYT* no Rio de Janeiro) até 09/04/2004 (data da publicação da reportagem sobre o consumo de bebidas por Lula).

¹⁵ MACEDO, Rosayane. “Carta enviada a jornal no Rio não tinha antraz”. *Folha de S. Paulo*, 21/10/2001.

¹⁶ ROHTER, Larry. “Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern”. *The New York Times*, 09/04/04.

Em 2007, depois de três anos de atritos com o governo Lula, Rohter alegou motivos pessoais para pedir o afastamento da sucursal do Rio de Janeiro (Id., *ibid.*). Depois de um ano sabático com poucos textos sobre a campanha presidencial norte-americana de John McCain (TEIXEIRA, 2008, p. 134), o jornalista norte-americano publicou um livro em que relata bastidores de suas reportagens e sua versão sobre a ameaça de expulsão (ROHTER, 2008). Apesar de inicialmente cobiçar um retorno à China, Rohter tem se dedicado nos últimos meses à cobertura artística na sede do jornal, em Nova York.

Evidentemente, Rohter atraiu muita atenção brasileira durante o seu período como chefe da sucursal carioca devido à força – ou ao “peso”, como ele prefere apontar (PINHEIRO; GREENHALG, 2007) – do jornal ao qual está atrelado. Outro fator que deve ser considerado, ao analisar a recepção desse jornal, envolve a longa tradição de inovação, credibilidade e influência do diário norte-americano *The New York Times*, além das recentes rachaduras nesses mesmos pilares que ajudaram a erguer esse reino na *Times Square*.

The New York Times: todas as notícias dignas de publicar, sem sujar a mesa

Ironicamente, o NYT já superou, há mais de um século, outra crise de legitimidade baseado justamente na força de sua cobertura internacional, entre outros fatores. O jornal foi fundado em 1851 por Henry Jarvis Raymond, ex-deputado estadual pelo partido Whig (que depois daria origem ao partido Republicano), motivado pelo sucesso financeiro de seus antigos empregadores quando ainda trabalhava como editor e repórter para o *New York Tribune* (TALESE, 2000, p. 158). Raymond acreditava que havia mercado na cidade em expansão para um jornal moderado, menos socialista e menos escandaloso do que outros “campeões do povo”, e passou a produzir um diário equilibrado, “com o distanciamento e a calma que o caracterizariam ao longo do século seguinte” (Id., *ibid.*, p. 159). A tiragem saltou de 10 mil exemplares de 4 páginas em 1851 para 26 mil no ano seguinte, e 40 mil após dez anos; porém, no final do século o jornal tinha prejuízos diários de mil dólares e dívidas de 300 mil dólares (Id., *ibid.*, p. 159; 170). Sua tiragem havia encolhido para a menor da cidade, meros 21 mil exemplares – ante os 140 mil do *Herald*, e os 200 mil do *World* (EMERY, 1965, p. 524). Grande parte da credibilidade do jornal, ganha nas décadas anteriores com as denúncias de corrupção do chefe de polícia novaiorquino William Marcy Tweed, foi perdida depois da morte de Raymond. Seu sócio, George Jones, assumiu o jornal, mas sofreu com a fúria dos leitores e o cancelamentos de assinaturas como represálias pelo fato de Jones ter deixado o partido Republicano por não apoiar seu candidato à eleição presidencial em 1881.

Com as finanças arruinadas pela má-administração e com a credibilidade fragilizada, o jornal foi vendido para Adolph Ochs, que já era proprietário do *Chattanooga Dispatch*. Ochs não pretendia competir com os diários sensacionalistas e vulgares de grande tiragem, oferecendo para seus leitores um “jornal com sólida cobertura noticiosa e com um editorial que seria destinado aos leitores que não apreciavam o excesso de entretenimento e de manchetes”, inovando ao separar o conteúdo opinativo das páginas informativas (Id., *ibid.*, p. 525). Além de uma reforma tipográfica, o *NYT* passou a mostrar uma obsessão em divulgar as notícias – todas elas – que os outros jornais desconsideravam, como transações imobiliárias, trâmites dos tribunais e listas de incêndios, com reportagens mais aprofundadas e equilibradas sobre atos governamentais e mudanças econômicas (TALESE, 2000, p. 172). Ao evitar a polarização entre o sensacionalismo dos jornais de grandes tiragens e a politização dos diários partidários, o *NYT* achou seu lugar nas mãos de homens de negócios “sem sujar sua toalha de café da manhã”, o slogan que antecipava o atual “Todas as notícias dignas de publicar” [*All the news fit to print*] (Id., *ibid.*).

A recuperação do jornal foi prejudicada pela guerra hispano-americana em 1898, tanto pela falta de recursos para sua cobertura – farta nos competidores sensacionalistas, que exploraram o drama do evento e a cólera popular – quanto por sua oposição ao conflito. O ponto da virada foi o barateamento do valor do jornal – de três para um centavo – que fez com que as tiragens e a publicidade estourassem (EMERY, 1965, p. 257); o público via que jornais baratos podiam ter também “dignidade”, nas palavras de Talese (2000, p. 174). Nos anos seguintes, o redator-chefe do *NYT*, Carr Van Anda, conseguiu montar uma equipe centrada na reportagem precisa e profunda, separando os artigos opinativos das reportagens factuais e ganhando espaço da competição com furos de reportagem de última hora, como a colisão do Titanic, em abril de 1912.

“Tanto Van Anda quanto Ochs eram apaixonados pela rapidez no agenciamento de notícias e essa paixão fez do *Times* o líder no uso de correspondentes e dos meios de comunicação”, avalia Emery (1965, p. 532). Ao investir em telégrafos sem fio e rádio, passou a publicar diversas páginas de material próprio vindo da Europa – e não mais tão dependente das agências internacionais e seus noticiários pasteurizados – evitando também a censura oficial inglesa dos cabos no começo da I Guerra Mundial (Id., *ibid.*, p. 534).

“A equipe de Van Anda e Ochs estava gastando prodigamente para montar uma rede de correspondentes nos Estados Unidos e no estrangeiro, de modo que o *Times* pudesse ter os seus próprios jornalistas reportando os acontecimentos”, avalia Emery (*ibid.*, p. 534), o que dava um diferencial para o jornal que conseguia mostrar os fatos internacionais a partir do ponto de vista de seus próprios jornalistas, mais afinados com as demandas de seu público e os interesses do seu país. “O *Times* investiu grandes somas numa cobertura total dos fatos políticos e econômicos mundiais” (Id., *ibid.*),

construindo um modelo de atuação e credibilidade para outros veículos que ainda dependiam de informantes indiretos, fontes na diplomacia e em empresas locais ou ainda na reprodução de artigos de agências de notícias:

Acima de tudo que possa ter edificado a grandeza do Times está a sua cobertura dos acontecimentos da I Guerra Mundial. Foi nesse período que o jornal começou a publicar textos de documentos e discursos, uma iniciativa que viria a torná-lo o principal jornal de referência para bibliotecários, estudiosos, funcionários públicos e outros editores de jornais. A compilação do *New York Times Index*¹⁷ assegurou ainda mais a reputação do jornal. (EMERY, 1965, p. 536).

Para atrair novos leitores, ávidos por relatos sobre a guerra, a direção do jornal incentivava seus correspondentes a não economizarem na obtenção de informação e seu envio urgente para a sede do jornal. “Consequentemente, o jornal conseguiu um número recorde de reportagens e furos noticiosos, com exclusividade, aumentando-lhe assim o prestígio” com uma cobertura que recebeu um dos primeiros prêmios Pulitzer, em 1918, e culminou com a publicação exclusiva do tratado de Versalhes em oito longas páginas (Id., *ibid.*, p. 537). No final de seu período no *Times*, Ochs conseguiu atingir a impressionante marca de mais de 300 mil exemplares diários – 500 mil no domingo – ao final da guerra, mesmo tendo aumentado o valor de capa para poder arcar com os custos da cobertura dos conflitos na Europa (Id., *ibid.*, p. 537-538).

Um problema, apontado por Emery, era o grande volume de informação oficial e a necessidade de mais interpretação nas páginas do *NYT*, que podia deixar seu leitor médio perdido “nas colunas noticiosas apresentadas de modo tão objetivo a ponto de se tornarem inexpressivas” (Id., *ibid.*, p. 537). Nos anos 1950, com o advento da televisão, mais ágil do que o impresso, diversos jornais precisaram adaptar sua cobertura e apresentar mais análises, explicações e narrativas envolventes, deixando o simples registro de outrora:

Os repórteres de jornal teriam que cavar mais fundo em mais áreas e informar o público de modo mais completo; não podiam mais simplesmente registrar todos os fatos, mas sim, com frequência, interpretar o significado por trás desses fatos. O segredo estava em fazer isso sem editorializar. (TALESE, 2000, p. 216)

A busca por uma “explicação meditada”, precisaria modernizar a definição de objetividade e separação entre notícias e opiniões que vigorava como cláusula pétrea do *Times* desde os tempos de Ochs. Com o tempo, o *Times* e outros jornais passaram “a se valer mais de análises de notícias, artigos que saíam ao lado das matérias e

¹⁷ O índice anual de temas tratados pelo jornal. Mais informações (e crítica) em OKRENT, Daniel. "THE PUBLIC EDITOR; Paper of Record? No Way, No Reason, No Thanks". *The New York Times*, 25/04/2004. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/04/25/weekinreview/the-public-editor-paper-of-record-no-way-no-reason-no-thanks.html?scp=3&sq=> [acessado em 16/06/2010]

interpretavam declarações e fatos controvertidos e os contrabalançavam com a visão de outras pessoas com autoridade no assunto” (TALESE, 2000, p. 471).

Ao atender uma demanda do público por contextualização e análise, além de explorar o diferencial de seu meio de comunicação (o jornal impresso) ante o advento de novas mídias (como o rádio, a TV e, posteriormente, a internet), o *NYT* poderia aparentar um distanciamento dos princípios de equilíbrio e sobriedade de Ochs. Na verdade, o diário recuperava, talvez sem perceber, uma das frases mais brilhantes do seu *Publisher* quando questionado sobre a cobertura de crimes na primeira década do século XX, quando seu jornal aparentava distanciar-se das suas diretrizes originais de não “sujar sua toalha de café da manhã”: “os sensacionalistas veem tais fatos como mera oportunidade de sensacionalismo; quando o *Times* dedica grande espaço a semelhantes acontecimentos, faz deles autênticos tratados de sociologia” (EMERY, 1965, p. 536).

Esse tratamento “sociológico” levou algumas décadas para deixar o gueto das páginas policiais e contagiar também o noticiário internacional, que, durante décadas, focou mais os atos de governos do que as mudanças sociais de seus povos. Em entrevista dada ao especialista em correspondentes internacionais Ulf Hannerz, o então editor internacional do *NYT* – e posteriormente seu editor-chefe – Bill Keller afirmou que “correspondentes internacionais deveriam se interessar em sociedades, não somente em Estados” (KELLER apud HANNERZ, 2004, p. 36). Essa mudança de foco na cobertura internacional dos atos de governos para transformações nas sociedades já havia sido delineada por Bernard Gwertzman, editor que precedera Keller na chefia dos correspondentes do *NYT* durante a transição da cobertura internacional após o término da Guerra Fria:

In the coming period, he [Gwertzman] suggested, there would be a broadening of reporting from political news to deal more with environmental issues, histories of ethnic friction, and economic developments that might no longer be confined to the financial section of the paper. As a matter of policy, he declared: ‘[w]e are interested in what makes societies different, what is on the minds of people in various regions. Imagine you are being asked to write a letter home every week to describe a different aspect of life in the area you are assigned’. (HANNERZ, 2004, p. 36).¹⁸

Ao “escrever uma carta para casa para descrever um aspecto diferente” da área sob sua cobertura, retorna-se à definição mais ampla de um “correspondente” como aquele que escreve correspondências (essas “cartas”, como visto aqui) ou que traça paralelos, equivalentes ou “correspondentes” entre dois sistemas (como será abordado no capítulo

¹⁸ Tradução do autor: “No período vindouro, ele [Gwertzman] sugeriu, haveria a ampliação do relato de notícias políticas para lidar com mais questões ambientais, históricas de atritos étnicos e desenvolvimento econômico, que não seriam mais confinados nas seções financeiras do jornal. Como uma política, ele declarou, ‘nós estamos interessados no que faz as sociedades diferentes, o que passa pelas cabeças das pessoas em várias regiões. Imagine que você precisa escrever uma carta para casa toda semana para descrever um aspecto diferente da vida na área que você cobre’.”

3.1). Por outro lado, os correspondentes precisariam focar, na cobertura política, as histórias que fogem às “story lines” locais – os enredos predominantes que pretendem explicar e simplificar os conflitos, eventos e conjunturas a partir de um conjunto de estereótipos e ideias pré-estabelecidas e compartilhadas coletivamente (HANNERZ, 2004, p. 143). Mais uma vez na entrevista com Hannerz, Keller enfatiza que correspondentes precisam “procurar coisas que não se encaixam confortavelmente” (HANNERZ, 2004, p. 145). A frase no inglês original, “*looking for things that don’t fit comfortably*”, é reveladora quando comparada com o slogan do NYT apresentado nas páginas anteriores, “Todas as notícias dignas de publicar” [*All the news fit to print*]: o jornal teria como desafio procurar as histórias que não se encaixam confortavelmente [*don’t fit comfortably*] nas linhas narrativas pré-concebidas, ao mesmo tempo em que busca publicar somente as notícias adequadas [*fit to print*].

Atualmente, muito do prestígio do *New York Times* ainda decorre de sua cobertura internacional, calcada em uma das maiores redes de correspondentes do mundo – no começo do milênio, contava com aproximadamente 40 jornalistas em 25 sucursais (HANNERZ, 2004, p. 51). A propaganda oficial do jornal também aponta que é o maior jornal diário de circulação nacional, o único a receber mais de uma centena de prêmios Pulitzers¹⁹. Mas, para alguns analistas, o poder do *Times* está mais ligado à qualidade de seus súditos-leitores do que à pregação de seu clero-jornalista. Até mesmo entre os que fizeram girar as engrenagens do *NYT*, essa avaliação apresenta força, como pode ser exemplificado na visão de um de seus colunistas mais famosos, James Reston:

Reston acreditava que *somente o Times* tinha o público que movia os Estados Unidos. O presidente o lia todas as manhãs, bem como o Congresso, as setenta embaixadas em Washington, inclusive a russa. Mais da metade dos reitores dos Estados Unidos lia o *Times* e mais de 2 mil exemplares eram vendidos diariamente em Harvard, mas de mil em Yale, setecentos em Chicago, 350 em Berkeley. Eram essas pessoas que Reston queria influenciar – o *establishment* de hoje, o *establishment* de amanhã; ele era o colunista do *establishment* e só podia sê-lo no *Times*. (TALESE, 2000, p. 346)

Numa metáfora de engrenagens e rodas dentadas, os textos publicados pelo *Times* seriam o combustível para as ideias dessas pessoas que movem os EUA e, portanto, metonimicamente, fazem o mundo girar. Essa influência política do diário justificaria muitas análises feitas sobre o alinhamento político-econômico do jornal e o enfoque que dava a certos temas a partir da predileção ideológica de seus editores e a consonância com as visões de seu público:

¹⁹ Dados coletados da propaganda institucional do jornal; os números de circulação são baseados no balanço da ABC Publisher's Statement de março/ 2009. Disponível em: http://www.nytimes.whsites.net/mediakit/newspaper/circulation/circulation_facts.php [acessado em 20/06/2010]

Politicamente, o *Times* fora sempre democrata (...). Mas era de caráter essencialmente conservador, sobretudo quanto ao aspecto econômico. Era progressista do ponto de vista social, mas Ochs não foi um dos batalhadores do tipo dos “campeões do povo”. (EMERY, 1965, p. 538).

Muitos autores tentam qualificar essa ênfase “conservadora” na economia e “progressista” nas questões sociais como uma abordagem elitista e favorável às grandes empresas norte-americanas (HERMAN, 1998; GROSECLOSE; MILYO, 2004) e a questões tão diversas quanto direitos homossexuais, controle de armas, aborto e regulamentação ambiental (OKRENT, 2004), que são parte do pacote político “liberal” como definido nos EUA. A versão oficial como o *Times* gosta de se ver e ser visto, entretanto, é a de um representante do espírito cosmopolita da mesma cidade que leva no nome:

Times publisher Arthur O. Sulzberger Jr. doesn't think this walk through *The Times* is a tour of liberalism. He prefers to call the paper's viewpoint “urban”. He says that the tumultuous, polyglot metropolitan environment The Times occupies means “We're less easily shocked,” and that the paper reflects “a value system that recognizes the power of flexibility”. (OKRENT, 2004)²⁰

Mesmo que isso signifique colidir com os valores mais tradicionais de grande parte de seu público para além das pontes que ligam Manhattan ao continente, o jornal continua a defender abertamente sua linha editorial “liberal” – seja nos artigos de opinião quanto pela seleção e enfoque das notícias (Id., *ibid.*). Pesquisas recentes apontam que 40% dos norte-americanos acreditam que o *New York Times* apresenta um viés liberal, ante 11% dos que o veem como conservador e 20% que não consideram o jornal como enviesado – um dos índices mais “liberais” entre a mídia impressa se comparado com seus competidores diretos, como o *Washington Post* e o *Wall Street Journal* (RASMUSSEN REPORTS, 2007). As preferências políticas do jornal também parecem alinhar-se com as do seu público: enquanto 44% dos eleitores democratas tem uma visão positiva do *NYT*, somente 9% dos republicanos apresentam essa mesma opinião; 50% dos norte-americanos que se descrevem como “liberais” apresentam uma opinião positiva do jornal, enquanto 69% dos “conservadores” apresentam visões negativas sobre o jornal (RASMUSSEN REPORTS, 2008).

Certamente um evento que contribuiu para ampliar essa visão negativa sobre o *NYT* foi a descoberta de que um dos repórteres em ascensão no diário publicava sistematicamente informações plagiadas ou falsificadas. Depois de denúncias de que trechos de suas reportagens haviam sido copiados de artigos de outros jornais e de

²⁰ Tradução do autor: “O *publisher* do *Times*, Arthur O. Sulzberger Jr. não acha que o passeio pelo *NYT* seja um tour pelo liberalismo. Ele prefere chamar o ponto de vista do jornal de ‘urbano’. Ele diz que o ambiente metropolitano tumultuado e poliglota ocupado pelo *Times* significa que ‘é menos fácil nos chocar’, e que o jornal reflete ‘um sistema de valores que reconhece o poder da flexibilidade’.”

agências de notícias, Jayson Blair foi afastado da equipe do jornal em 2003, após deixar uma “trilha de falsificações”, causando um dos “pontos baixos” na história do jornal:

The reporter, Jayson Blair, 27, misled readers and Times colleagues with dispatches that purported to be from Maryland, Texas and other states, when often he was far away, in New York. He fabricated comments. He concocted scenes. He lifted material from other newspapers and wire services. He selected details from photographs to create the impression he had been somewhere or seen someone, when he had not. And he used these techniques to write falsely about emotionally charged moments in recent history, from the deadly sniper attacks in suburban Washington to the anguish of families grieving for loved ones killed in Iraq. In an inquiry focused on correcting the record and explaining how such fraud could have been sustained within the ranks of The Times, the Times journalists have so far uncovered new problems in at least 36 of the 73 articles Mr. Blair wrote since he started getting national reporting assignments late last October [2002].²¹

Para reconstruir sua debilitada credibilidade, o diário publicou a lista de erros do jornalista e afastou editores que permitiram que Blair continuasse a publicar notícias mesmo depois de diversos erros terem sido apontados nas suas reportagens antes das acusações de plágio e fraude. Ainda assim, o episódio marcou a forma como o público vê, lê e critica o *Times*: como apontou em entrevista Allan Siegal, o líder do comitê de duas dúzias de jornalistas do *NYT* e de outros veículos que avaliaram o caso Blair, “toda vez que nós recebemos uma carta de alguém que está descontente com qualquer coisa que fizemos... invariavelmente o nome Jayson Blair aparece no primeiro parágrafo” (SIEGAL apud NWAZOTA, 2004).

²¹ A lista de erros e o resultado da apuração sobre as condições que levaram o repórter a falsificar dados foi divulgada no texto “Times Reporter Who Resigned Leaves Long Trail of Deception”. *The New York Times*, 11 de Maio de 2003. Disponível em <http://www.nytimes.com/2003/05/11/national/11PAPE.html> [acessado em 20/06/2010]. Tradução do autor:

O repórter, Jayson Blair, 27, enganou leitores e colegas do *Times* com despachos que pareciam ser de Maryland, Texas e outros estados, quando frequentemente ele estava longe, em Nova York. Ele fabricava declarações. Ele inventava cenas. Ele recortava material de outros jornais e serviços de notícias. Ele selecionava detalhes de fotografias para criar a impressão de que ele estava em outro lugar ou que teria visto alguém, quando ele não tinha.

E ele usava essas técnicas para escrever falsamente sobre momentos emotivamente carregados da história recente, desde os ataques mortais do franco-atirador no subúrbio de Washington até a angústia de familiares sofrendo com a perda de seus membros, mortos no Iraque.

Em um inquérito que foca a correção dos registros e a explicação de como tal fraude pode ter sido sustentada dentro do *Times*, os jornalistas do *NYT* até agora desenterraram novos problemas em ao menos 36 dos 73 artigos escritos por Blair desde que ele começou a ter pautas nacionais no final do outubro passado [2002]

2.2. TEORIA E PRÁTICA METODOLÓGICA: “REFORÇANDO CADA ESTEREÓTIPO QUE O MUNDO ANGLO-SAXÔNICO JÁ TEVE”²²

A crítica sobre os “erros” da imprensa envolve frequentemente a listagem (e correção) das falhas em ater-se aos rigorosos critérios éticos de apuração, edição e equilíbrio que regem as relações entre fontes, jornalistas e leitores. Porém, a análise dos mecanismos que constroem os pontos de aproximação ou fricção entre esses três patamares nem sempre é realizada – apesar de apresentar um terreno fértil para o estudo das práticas jornalísticas, das relações comunicativas e dos contatos interculturais.

Para analisar o uso das representações da identidade nacional brasileira na cobertura internacional do correspondente Larry Rohter, foi frutífero aproximar-se de alguns conceitos e práticas da Análise de Discurso Crítica (ADC), que será explorada na primeira seção a seguir – a “metodologia *da* pesquisa”, que indica “a investigação ou teorização da prática da pesquisa científica”, como apontado anteriormente (LOPES, 2003, p. 93). A segunda seção em sequência trata dos procedimentos metodológicos, desenvolvendo e discutindo as escolhas de recorte e análise empregada nos textos selecionados – a “metodologia *na* pesquisa”, que indica “o trabalho com os métodos empregados” (Id., *ibid.*). Apesar da diferença conceitual, é impossível separar totalmente esses dois momentos da pesquisa. Assim, a seção sobre a teoria metodológica já adiantará exemplos de análise (sua prática) que mostrem a relação dessas ferramentas de análise, da mesma forma como os procedimentos metodológicos serão baseados nos conceitos discutidos na sessão anterior.

2.2.1. ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Como é possível superar a crítica de mídia para além das considerações sobre seus “erros” – presumindo que existiria uma receita “certa” para sua atuação, em códigos de ética ou em manuais de redação, edição e apuração –, para também considerar e avaliar as condições de sua produção, os efeitos de sentido? Desde a teoria crítica, diversos sistemas têm sido propostos para desenvolver-se ferramentas de análise e conceitos para discussão e enfrentamento desse desafio. Uma das mais recentes estratégias, a Análise de Discurso Crítica (ADC) pretende apontar as conexões entre linguagem, ideologia e poder, reunindo a análise linguística, sociologia e política. É uma forma de engajar as ciências sociais na emancipação humana, a partir da exploração das contradições, pressuposições e fundamentações dos discursos, que agem sobre a realidade por meio de sua manifestação em práticas sociais, em textos e na produção material. Nessa concepção, discurso é tanto uma estrutura condicionante quanto um

²² ROHTER, Larry. “ARTS ABROAD; The Real Carmen Miranda Under the Crown of Fruit”. *The New York Times*, 13/12/01.

modo de ação e representação. Constitui e articula identidades (sua função identitária) e relações sociais (função relacional), construindo e sendo determinado por sistemas de conhecimento e crenças (função ideacional) através de cadeias de textos (função textual) capazes de reproduzir e transformar condições sociais (FAIRCLOUGH, 2001, p. 89-92).

Por apresentar uma proposta sistemática, inter-relacionando diversos saberes fundamentais para a avaliação de fenômenos complexos como as representações identitárias em textos interculturais, a ADC será tomada como base desta pesquisa para a análise dos textos de Rohter sobre o Brasil.

Um dos principais teóricos dessa linha de análise de discurso, Fairclough aponta que as pressuposições, os estereótipos e os senso-comuns dissimulam e reforçam ideologias (Id., 1992, p. 92). Como apresentado anteriormente na seção 2.1.1 (e posteriormente discutido no capítulo 3.2), as imagens comumente atreladas ao Brasil podem ser reduzidas a uma gama de estereótipos (AMANCIO, 2000, p.106) identificados diretamente nos textos de Rohter e de outros autores midiáticos. Um exemplo surge logo na primeira frase de uma reportagem sobre os segredos que envolvem as ambições nucleares brasileiras: *“Throughout the world, Brazil has long had an image as a land of soccer and samba, inhabited by a friendly, easy-going people”*²³. O trecho aglutina estereótipos cristalizados que tratam da cordialidade e da afetividade do brasileiro, além de reforçar imagens “típicas” e representativas do país, como o futebol e o samba. Ao mesmo tempo, na continuidade do texto, o trecho é usado para reforçar um efeito ideológico oculto – a crítica à suposta falta de transparência das pesquisas nucleares brasileiras, uma recorrente fonte de preocupação norte-americana: *“So why is it locked in a dispute with the International Atomic Energy Agency, accused by American and other nuclear experts of being a nuclear scofflaw whose actions aid rogue states like North Korea and Iran?”*²⁴. No trecho, o estereótipo de uma nação pacífica, amigável e amante de música e esportes deve ser, segundo o texto, incompatível com quem pretende disputar interesses contrários à agência da ONU que regula a pesquisa atômica, assim como um país *“friendly”* [amigável] não deve se aproximar de representantes do inimigo eixo do mal como a Coreia do Norte e o Irã. Essas duas curtas frases mostram como a ideologia (bem x mal, a partir do ponto de vista norte-americano) pode ser uma alavanca do poder (da administração e da sociedade norte-americana, unidas contra a proliferação de armas nucleares em países que não são “amigáveis”), usando como ponto de apoio os estereótipos compartilhados

²³ ROHTER, Larry, “The World: Nuclear Secrets; If Brazil Wants to Scare the World, It's Succeeding”, *The New York Times*, 31/10/2004. Tradução do autor: “Ao redor do mundo, o Brasil há muito tem uma imagem de uma terra de futebol e samba, habitada por um povo amigável e cordial”

²⁴ Id., *ibid.* Tradução do autor: “Então por que ele está no meio de uma disputa com a Agência Internacional de Energia Atômica, acusado por americanos e outros especialistas nucleares de zombar das regras internacionais, com ações ajudaram países suspeitos como Coreia do Norte e Irã?”

e reconhecidos socialmente (o Brasil é amigável, cordial, pacífico, cheio de felicidade, samba e futebol) para sua argumentação retórica (o Brasil deve se distanciar desses países não-amigáveis).

Mas mesmo os pressupostos já cristalizados socialmente podem ser contestados (FAIRCLOUGH, 1992, p. 154). Dessa forma, esta pesquisa busca identificar se os textos procuram reproduzir (por meio da repetição) ou transformar (pela contestação, restrição ou até mesmo negação) os pressupostos e estereótipos apresentados, considerando também a evolução dessas formas de representação durante o período analisado. Para isso, foi avaliado o efeito cumulativo ou reprodutivo desses instrumentos de representação simplificada, distinguindo estratégias normativas (de reprodução) ou criativas (de transformação). Segundo a hipótese de Fairclough, se as manifestações criativas e adaptativas forem mantidas em longo prazo, elas podem também alterar permanentemente as próprias imagens, pressupostos ou estereótipos que a opinião pública tem sobre certos temas (Id., 1992, p. 165).

É este também o interesse desta pesquisa: mostrar quais são os primeiros passos para desconstruir ou reformar a imagem que os estrangeiros têm sobre o Brasil. Para isso, será avaliada a evolução das representações do Brasil ao longo das décadas de cobertura de Rohter nos capítulos 4 e 5. Fica evidente que a aplicação da análise de discurso crítica é mais do que conveniente, pois apresenta conceitos e ferramentas de análise essenciais para a avaliação da construção de imagens e sentidos provenientes da produção do correspondente do *NYT*.

Fairclough já apontava a preocupação da Análise de Discurso Crítica (ADC) com a instauração, sustentação ou transformação de relações desiguais de poder por meio da linguagem (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Esta qualificação não pretende analisar todos os pormenores da teoria da ADC – semelhante trabalho já foi realizado com primor por Resende e Ramalho no livro “Análise de Discurso Crítica” (RESENDE & RAMALHO, 2006). O que se pretende realizar nesta seção é mostrar a importância dos conceitos e instrumentos metodológicos da ADC para a análise das representações sociais nas reportagens de Rohter e sua influência na constituição de uma imagem coletivamente reconhecida como válida sobre a identidade brasileira.

Em suas obras recentes, Fairclough tem se preocupado em mostrar a ADC como um importante instrumento da ciência social crítica, pois pode “prover base científica para questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e poder” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 15). Trata-se de um engajamento da pesquisa teórica com a possibilidade de mudança social, a partir da emancipação humana e da reflexão científica sobre contradições em práticas e discursos socialmente aceitas. Para isso, o autor retoma a análise sobre hegemonia de Gramsci como construção de consenso e alianças entre grupos sociais para fundamentar práticas de dominação, mostrando sua relação com a naturalização e universalização de

discursos particulares para sustentar relações desiguais de poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122-126). Nesse jogo pelo poder, Fairclough também avalia a influência de ideologias, “significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117). Um exemplo dessa influência de ideologias hegemônicas pode ser discutido a partir do trecho de uma reportagem de Rohter sobre a crise de desconfiança que varreu o Brasil antes das eleições de 2002 devido ao favoritismo de Lula:

Mr. da Silva, who is universally known here as Lula, says his socialist views have "evolved and mellowed." But foreign investors and the Brazilian middle class, whose votes he needs to win, continue to wonder whether his makeover is only cosmetic. The candidate has responded by condemning the market speculation, which he calls "economic terrorism," even as he tries to reassure doubters. (...) Indeed, Mr. da Silva's popularity has surged along with the opposition to free markets that is rising across Latin America, as it becomes clear that the wave of privatization and deregulation of the 1990's did not bring prosperity, or even sustained growth. (...) "First of all," Mr. Dirceu said, "to elect a president with the surname Silva, that is a very important cultural rupture in Brazil." Since Brazil became a republic more than a century ago, he said, "it has been only the elite that elects presidents and controls power in this country, and we need to break with that so there can be popular participation in the management of the state."²⁵

Na reportagem, Rohter reafirma os discursos circulantes na época, como o receio de irresponsabilidade ou de radicalismo de Lula, contrapondo sua avaliação com a nova representação mais “evoluída” do candidato – a própria escolha da palavra “evoluída”, por parte de Lula, já mostra uma valorização de práticas de responsabilidade administrativa diante de ideais de mudança social mais radical que teria no passado. Ao mesmo tempo, Rohter dá voz para o questionamento do sistema econômico hegemônico de submissão aos interesses financeiros internacionais, representado pela citação de José Dirceu. Com isso, a reportagem reafirma e reforma discursos hegemônicos (como a

²⁵ ROHTER, Larry. “Skepticism Greets Leftist's Makeover in Brazil”. *The New York Times*, 07/07/2002. Tradução (ROHTER, 2008, pp. 203-207):

Lula diz que suas opiniões socialistas “evoluíram e se abrandaram”. Mas os investidores estrangeiros e a classe média brasileira, de cujos votos ele precisa para vencer, continuam a especular se sua transformação é apenas superficial.

O candidato tem reagido condenando a especulação do mercado, o que ele chama de “terrorismo econômico”, mesmo quando tenta tranquilizar os desconfiados. (...)

Na verdade, a popularidade de Lula tem subido juntamente com a oposição aos mercados livres que está crescendo na América Latina, à medida que se torna claro que a onda de privatização e desregulamentação da década de 1990 não trouxe prosperidade, nem mesmo crescimento sustentável. (...)

“Antes de tudo”, diz Dirceu, “eleger um presidente com o sobrenome Silva é uma ruptura cultural muito importante no Brasil”. Desde que o Brasil se tornou República, há mais de um século, disse ele, “tem sido apenas a elite que elege presidentes e controla o poder neste país, e precisamos romper com isso para que possa haver participação popular na administração do Estado”.

crítica às privatizações e desregulamentação econômica que eram aceitas com relativo consenso pelos grupos sociais dominantes nos anos 1990 e, atualmente, voltaram a ser ponto de discussão²⁶) e mostra como os conflitos pelo poder passam por disputas discursivas – até pelo sobrenome “popular” do candidato.

A discussão sobre hegemonia e ideologia também mostra a inserção da ADC na ciência social crítica. Para avaliar suas contribuições nesse campo de estudos, é importante explorar a contextualização da ADC dentro da “crítica explicatória” de Bhaskar, como sistematizado e adaptado por Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60). Para a dupla de autores, a ADC sempre parte de um problema relacionado ao discurso, e a partir desse problema precisa analisar seus obstáculos de superação e as práticas relacionadas na sua função lingüística. Por último, deve-se considerar possíveis soluções para o problema identificado anteriormente, refletindo sobre os avanços teóricos obtidos por essa análise específica. Os autores sistematizam as etapas de análise na Tabela 2.1 a seguir:

Tabela 2.1. Métodos para análise de conflitos sociais discursivamente marcados.

Crítica explanatória (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 2003, p. 60)			Momentos	
1. Problema (atividade, reflexividade)			<i>Conflito</i>	
2. Obstáculos a superar	a) Análise da conjuntura (práticas sociais)		<i>Gênero Estilo Discurso</i>	
	b) Análise da prática particular	i) Práticas relevantes		
		ii) Relações do discurso com outros momentos da prática (parte da prática / reflexividade)		
	c) Análise do discurso	i) Análise estrutural (ordem do discurso)		
ii) Análise textual e interacional (análise lingüística e semiótica / análise interdiscursiva)				
3. Função do problema na prática			<i>Avaliação</i>	
4. Possíveis caminhos para superar obstáculos			<i>Interferência</i>	
5. Reflexão sobre a análise (contribuições para teoria)			<i>Teoria</i>	

A primeira coluna mostra as cinco etapas de análise de situações-problema relacionadas a práticas discursivas, com ênfase nas subdivisões do segundo momento, que lida com a avaliação de obstáculos a superar. Dentro desse segundo momento, como mostra a tabela e como será discutido posteriormente, encontra-se o principal interesse das análises de discurso e de outras práticas relacionadas, mas não se deve restringir a avaliação de processos discursivos a esses momentos. A segunda coluna mostra os processos que são focados em cada etapa da análise; conflitos são o foco da análise de problemas discursivos; gêneros, estilos e discursos são avaliados nas análises de práticas e discursos relacionados aos obstáculos a serem superados. A terceira etapa avalia os benefícios e efeitos do problema nas práticas discursivas – nas palavras de Fairclough, avalia quem ou o que “se beneficia da forma como a vida social é

²⁶ Essa discussão sobre discursos econômicos hegemônicos será retomada no capítulo 4.2.

organizada” e seus interesses na manutenção do problema (FAIRCLOUGH, 2003, p. 210). O quarto momento, que analisa possíveis saídas para os conflitos identificados, é um processo de interferência direta da pesquisa na realidade. O último momento foca as teorias discutidas ao refletir sobre a contribuição da análise em particular para a evolução dos conceitos discutidos.

É necessário pormenorizar a segunda etapa – a mais complexa – e diferenciar suas subdivisões antes de aplicar esse quadro conceitual a um exemplo retirado do *corpus* desta pesquisa. Entre os obstáculos que impedem a superação do problema, temos três divisões iniciais: a análise da conjuntura das práticas sociais em que estão inseridas as práticas problemáticas, a análise da prática particular que evidenciou a situação problemática, e a análise das atividades discursivas atreladas a esse evento. Para compreender que práticas são essas, é necessário recorrer à sistematização sobre os quatro momentos de prática social (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 2003, p. 61).

O primeiro momento de prática social envolve as **atividades materiais**, os veículos, meios ou elementos físicos produzidos ou avaliados pelo homem. O segundo momento envolve o **discurso e a semiose**, ou seja, os processos de significação e construção de sentido. O terceiro momento trata dos **fenômenos mentais**, das crenças, valores, atitudes e processos cognitivos relacionados a cada indivíduo. O último momento trata das **relações sociais**, da interação e das estruturas sociais que regem o contato entre seres humanos. É importante frisar que esses quatro momentos são inter-relacionados, articulados e internalizados uns nos outros: não é possível construir sentido para mensagens (discursos) sem processos cognitivos (fenômenos mentais) a partir de objetos (atividades materiais) produzidos e inseridos socialmente (relações sociais).

Dessa forma, a análise da conjuntura de práticas sociais também acarretará posteriormente na avaliação de como a prática problemática (um discurso) insere-se dentro de determinadas atividades materiais, mentais, sociais ou discursivas – inseridas nos itens **a** e **b** da segunda etapa apresentada no quadro anterior.

Para clarear a importância dessa classificação em etapas para a pesquisa, é prudente recorrer a um exemplo que deixa claro a pertinência e o funcionamento desse quadro conceitual. Como discutido na introdução, o evento que motivou a presente pesquisa foi o conflito entre o correspondente internacional Larry Rohter e o governo brasileiro após a publicação de sua reportagem no *New York Times* sobre os supostos abusos de consumo de bebidas alcoólicas por parte do presidente Luis Inácio Lula da Silva²⁷. Isso evidencia o **primeiro momento da análise**: trata-se claramente de uma **atividade problemática baseada em práticas discursivas que revelou conflitos**

²⁷ ROHTER, Larry. “Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern”. *The New York Times*, 09/04/04.

sociais (entre o governo brasileiro e a imprensa, entre o direito à privacidade e o direito à informação, entre a esfera social e a esfera pública).

Após identificar o problema inicial, passa-se a listar os **obstáculos** que sustentam e engatilharam essa situação conflituosa. É necessário analisar a **conjuntura de práticas sociais** envolvidas nesse contexto: a cobertura política da imprensa no Brasil e a relação do governo brasileiro com os principais veículos; a participação dos correspondentes internacionais na mídia brasileira; o histórico de conflitos entre o *New York Times* e governos que foram foco de sua cobertura internacional.

Dessa forma, é possível passar à análise desta **prática particular** – o texto publicado por Rohter – e sua relação com **outras práticas relacionadas**. Avalia-se nesse momento a construção discursiva desta prática (as entrevistas, a edição do texto e sua publicação), a influência da mídia eletrônica (prática material) na difusão de reportagens internacionais sobre o Brasil dentro do próprio país, a relação das imagens construídas no texto com crenças e valores difundidos sobre o alcoolismo e as classes populares (fenômenos mentais) e a estrutura de poder entre jornalistas e governantes envolvidos (relações sociais). A inserção desse texto dentro da cobertura geral feita por Rohter sobre o Brasil também é importante para essa etapa da pesquisa – o que justifica a ampliação do recorte temporal e temático discutido na próxima seção.

Após a análise da prática particular (semiose) com outras práticas relevantes, passa-se à própria **análise do discurso**, tanto em sua **estrutura** (a relação entre o texto e ordens do discurso), quanto em sua **relação textual e interacional** (a própria análise linguística que será discutida a seguir e a relação do texto com outros gêneros e outras vozes implícitas ou explícitas). Assim, avalia-se a forma como o texto se sustenta em outras representações sobre o Brasil, sua relação com o discurso de transparência pública, a função vigilante dos jornais e a discussão contemporânea sobre a relevância da vida privada na atuação pública (três tópicos cruciais para o debate atual sobre a importância do jornalismo). Também tratamos de analisar o uso de fontes e a recorrência implícita a discursos socialmente reconhecíveis, como é possível perceber no trecho a seguir:

Luiz Inácio Lula da Silva has never hidden his fondness for a glass of beer, a shot of whiskey or, even better, a slug of cachaça, Brazil's potent sugar-cane liquor. But some of his countrymen have begun wondering if their president's predilection for strong drink is affecting his performance in office.

In recent months, Mr. da Silva's left-leaning government has been assailed by one crisis after another, ranging from a corruption scandal to the failure of crucial social programs. The president has often stayed out of the public eye and left his advisers to do most of the heavy lifting. That has spurred speculation that his apparent disengagement and passivity may somehow be related to his appetite for alcohol. His supporters, however, deny reports of heavy drinking.

Though political leaders and journalists are increasingly talking among themselves about Mr. da Silva's consumption of liquor, few are willing to

express their misgivings in public or on the record. One exception is Leonel Brizola, the leader of the leftist Democratic Labor Party, who was Mr. da Silva's running mate in the 1998 election but now worries that the president is "destroying the neurons in his brain."

"When I was Lula's vice-presidential candidate, he drank a lot," Mr. Brizola, now a critic of the government, said in a recent speech. "I alerted him that distilled beverages are dangerous. But he didn't listen to me, and according to what is said, continues to drink." (...)

"I've got a piece of advice for Lula," the gadfly columnist Diogo Mainardi wrote in late March in *Veja*, the country's leading newsmagazine, reeling off a list of articles containing such references. "Stop drinking in public," he counseled, adding that the president has become "the biggest advertising spokesman for the spirits industry" with his very conspicuous consumption of alcohol. (...) ²⁸

No trecho, Rohter cita fontes não identificadas entre os membros próximos do governo e da mídia brasileira para justificar a preocupação nacional com os abusos do presidente. Ao adotar prioritariamente o *off* – estratégia jornalística de difundir informações sem identificar sua fonte – e ao basear-se em textos da mídia sobre Lula, o correspondente mostrou uma das fragilidades da construção jornalística: trata-se de uma construção sobre um “castelo de cartas” composto por outros textos e declarações ocultas. As únicas fontes identificadas são Brizola – em um discurso que não foi feito diretamente ao correspondente – e outros jornalistas brasileiros, como Mainardi.

Dentro da análise da interação, é avaliado também os efeitos e tensões resultantes do problema engatilhado pelo texto. Dessa forma, pretende-se analisar por que esse texto teve tanto impacto (uma hipótese considerável é a relevância internacional do *New York Times*, muito maior do que a da mídia brasileira que já tratava do mesmo tema, além da repercussão na mídia brasileira, que procuraria ecos internacionais às críticas locais feitas contra a presidência) e quais foram os efeitos resultantes desse conflito (a

²⁸ ROHTER, Larry. “Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern”. *The New York Times*, 09/04/04. Tradução (*Folha de S. Paulo*, 09/05/04):

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva nunca escondeu sua inclinação por um copo de cerveja, uma dose de uísque ou, melhor ainda, um copinho de cachaça, o potente destilado brasileiro feito de cana-de-açúcar. Mas alguns de seus conterrâneos começam a se perguntar se sua preferência por bebidas fortes não está afetando sua performance no cargo.

Nos últimos meses, o governo esquerdista de Da Silva tem sido assaltado por uma crise depois da outra, de escândalos de corrupção ao fracasso de programas sociais cruciais.

O presidente tem ficado longe do alcance público nesses casos e tem deixado seus assessores encarregarem-se da maior parte do levantamento de peso. Essa atitude tem levantado especulação sobre se o seu aparente desengajamento e passividade podem de alguma forma estar relacionados a seu apetite por álcool. Seus apoiadores, entretanto, negam as acusações de excesso de bebida.

Apesar de líderes políticos e jornalistas falarem cada vez mais entre si sobre o consumo de bebidas de Da Silva, poucos estão dispostos a expressarem suas suspeitas em público ou oficialmente. Uma exceção é Leonel Brizola, líder do esquerdista PDT, que foi companheiro de Lula na eleição de 1998, mas agora está preocupado que o presidente esteja "destruindo os neurônios de seu cérebro".

"Quando eu fui candidato a vice-presidente de Lula, ele bebia muito", disse Brizola, agora um crítico do governo, em um discurso recente. "Eu o avisei que bebidas destiladas são perigosas. Mas ele não me escutou e, de acordo com que estão dizendo, continua a beber." (...)

"Eu tenho um conselho para o Lula", escreveu em março o crítico mordaz Diogo Mainardi, colunista da "Veja", a revista mais importante do país, enumerando uma lista de reportagens contendo referências ao hábito do presidente. "Pare de beber em público", ele aconselhou, acrescentando que o presidente tornou-se "o maior garoto-propaganda para a indústria da bebida" com seu notório consumo de álcool.

frustrada ameaça do governo brasileiro de expulsar o correspondente e sua repercussão nas imagens sobre o Brasil).

O terceiro momento de análise avalia a **função do problema na prática**, ou seja, se as dificuldades encontradas no texto revelam algo sobre as estruturas e práticas consolidadas socialmente. Assim, é importante refletir sobre a relação conflituosa entre governos e a imprensa independente, expressa na ameaça de expulsão de Rohter. Ao mesmo tempo, percebe-se que as práticas adotadas por Rohter que foram tão criticadas (o uso indiscriminado de *off*, a predominância de fontes midiáticas como Mainardi e a citação indireta de discursos como o de Brizola) são recorrentes no cotidiano jornalístico. Isso revela não só um problema pontual de Rohter, mas uma prática viciada e uma vulnerabilidade do próprio jornalismo. Da mesma forma, a mídia brasileira apoiou-se no texto de Rohter para desqualificar Lula, e aproveitou-se da reação desmedida do governo para criticar ainda mais a ineficiência administrativa e os conflitos ideológicos contra a intervenção governamental nas suas práticas. Como será avaliado no final do quinto capítulo, o evento inseriu-se num momento de desgaste da mídia com o governo devido a denúncias de corrupção e de ingerência do governo em práticas midiáticas, e é revelador que o episódio mostre tanto fragilidades da atuação do governo quanto da mídia no Brasil.

A partir dessa reflexão chega-se ao quarto momento, que sinaliza possíveis maneiras de **superar os obstáculos** identificados anteriormente. É importante frisar que a superação dos obstáculos só pode acontecer, dentro do quadro da ADC, a partir da exploração das contradições das conjunturas (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 2003, p. 65), ou seja, no caso do texto avaliado, analisando as contradições no discurso de responsabilidade e liberdade, adotado tanto pela mídia quanto pelo governo. O objetivo não é evitar conflitos entre a mídia e o governo – eles são necessários num espaço democrático. Mas é importante que esses conflitos permaneçam na troca de ideias e não envolva retaliações como a ameaça de expulsão. Ao mesmo tempo, uma saída para o impasse entre Rohter e o governo envolveria discutir como esses conflitos podem ser benéficos para o próprio debate democrático, analisando os processos de apuração adotados por Rohter na edição da reportagem e se eles seriam suficientes para manter semelhante acusação contra Lula. Essa discussão poderia melhorar a prática do jornalismo no país, ao contrário do cerceamento da liberdade de expressão que diminuiria o espaço para a troca de informações e opiniões. O ombudsman da *Folha de S. Paulo*, Marcelo Beraba, apresentou duas análises sobre o episódio:

1 - O assunto era pertinente? Um jornalista deve se preocupar com os hábitos ou se interessar pela vida privada de um homem público? Acredito que sim. Como escreveu a advogada Taís Gasparian quinta-feira nesta Folha, "como homem público, sua esfera de privacidade é reduzida, pois seus atos importam à nação".

2 - A reportagem do "NYT" foi bem-feita? Não. Sob o ponto de vista jornalístico, ela é malfeita. É uma colagem de opiniões (o que chamamos de jargão jornalístico, pejorativamente, de recortagem), não há informações novas, as fontes citadas não são corretamente identificadas para que o leitor possa julgar o peso de suas opiniões ou informações e não há o relato de nenhum fato que dê consistência às duas afirmações mais relevantes do texto: a de que o hábito de beber possa estar afetando a performance de Lula no cargo e a de que esse hábito tenha virado uma preocupação nacional. (BERABA, 2004)

Essa avaliação, apresentada pelo ombudsman, pode levar à resolução do problema exatamente por mostrar os conflitos por trás do discurso do governo e do correspondente internacional – e também contribui para a melhoria das práticas governamentais e jornalísticas. A análise da totalidade desse texto em particular, seus antecedentes e seus reflexos na cobertura de Rohter será retomada no quinto capítulo.

Por último, pretende-se **refletir sobre a contribuição da análise para a teoria**, seja em questões metodológicas, conceituais ou epistemológicas. A análise dos textos de Rohter proposta por este trabalho pode contribuir para a ADC ao integrar suas ferramentas com processos semiosféricos na troca de textos entre culturas diferentes (LOTMAN, 2000) e a análise de representações sociais (MOSCOVICI, 2007) e sua influência na criação de identidades nacionais, além do uso dessas mesmas imagens nas traduções e construções de expectativas narrativas – como será discutido nos capítulos 3, 4 e 5. Esse novo entrelaçamento de teorias pode ser alcançado a partir da reflexão entre a análise apresentada nesta pesquisa e sua relação com os avanços teóricos da ADC.

Antes de passar para as práticas metodológicas empregadas nesta pesquisa, é importante analisar brevemente os principais tópicos de análise linguística adotadas pela ADC, como exposto em Fairclough em suas principais obras. Inicialmente, o autor apresentava um chamado “modelo tridimensional” de análise de textos, práticas discursivas e sociais (FAIRCLOUGH, 1992, p. 109). A **descrição** das propriedades formais do **texto**, como seu vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual (Id., *ibid.*, p. 110-112) avaliava *o que foi comunicado* (PAGANOTTI, 2007, p. 33). A **interpretação da prática discursiva** – os processos de produção e compreensão do texto como sua produção, distribuição, consumo, contexto, força, coerência, intertextualidade (RESENDE & RAMALHO, 2005, p. 30) – analisa *como foi comunicado* (PAGANOTTI, 2007, p. 34). Por último, seria necessária a **explicação da prática social**, como o contexto de produção e transformação de ideologias (sentidos, presunções e metáforas) e hegemonias (orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas), como explorado por Resende e Ramalho (2005, p. 30) – ou seja, tratar da *situação e do sentido em que algo foi comunicado* (PAGANOTTI, 2007, p. 37).

Nessa última etapa, seria inserida a avaliação dos processos de transformação e reprodução de representações sociais como pressupostos e estereótipos que será discutida na seção a seguir. É também nesse momento da análise que seriam avaliados os efeitos cumulativos ou reprodutivos dessas representações, a partir de estratégias *normativas* – reprodução, discussão, contestação e negação de discursos – ou *criativas* – o desenvolvimento de novos conceitos transformadores e o conflito entre discursos (FAIRCLOUGH, 1992, p. 163-165). Essas duas estratégias e seus efeitos relacionados também serão retomados na seção a seguir.

Por último, é necessário contextualizar um item que permanecera intocado no quadro conceitual que inicia esta seção: a análise da relação entre gêneros, estilos e discursos adotados pelos textos analisados. Fairclough parte da Linguística Sistemática Funcional de Halliday para demonstrar que essas três facetas são marcas discursivas de modos relativamente estáveis de atuação, identificação e representação social.

Gêneros, explica o autor, são aspectos especificamente discursivos de modos de **atuação e interação** em eventos sociais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 65). A **representação** de aspectos e perspectivas do mundo é a forma como **discursos** relacionam-se com construções simbólicas e imaginárias da realidade (Id., *ibid.*, p. 129). Já os **estilos** adotados pelos autores nos textos estão relacionados com modos de **ser e construções identitárias**.

Essas três esferas são obviamente inter-relacionadas e mostram a aproximação da ADC com a linguística sistêmica funcional: representações e discursos aproximam-se da função ideacional da linguagem discutida por Halliday; ações e gêneros envolvem processos relacionais da função interpessoal, além da própria função textual; estilos e identidades tratam de processos de identificação da função interpessoal da linguagem (FAIRCLOUGH, 2003, p. 27). Com isso, percebe-se que a análise de discurso crítica envolve a avaliação de modos de ação, representação e identificação. Para isso, é importante avaliar como discursos constituem e articulam identidades (função identitária) e relações sociais (função relacional), construindo sistemas de conhecimento e crenças (função ideacional) expressos em textos (função textual) capazes de reproduzir e transformar condições sociais (Id., 2001, p. 91-92).

Esta pesquisa foca gêneros e ações próximos ao jornalismo, como veremos na seção 3.1. As representações e os discursos presentes na cobertura do *New York Times* já foram apresentadas anteriormente (quanto às imagens brasileiras, no capítulo 2.1) e serão retomadas no capítulo 3.2 na reflexão sobre suas alterações. A construção de estilos e formas de representação de identidades será o foco da conclusão desta pesquisa a partir da reflexão sobre a aproximação de Rohter com a identidade “brasileira” (assimilada, mais próximo do tema de suas reportagens) ou estrangeira (nativa/gringa, distanciando-se do que relata e retomando o contato com seu público e com o veículo

em que trabalha). Esse processo de distanciamento e aproximação, marcado no texto, pode ser exemplificado pelo estilo irônico usado em diversos textos de Rohter, como o apresentado no seguinte trecho:

Put reason aside, for a moment, and imagine this: American students are taught that the Amazon should be taken away from Brazil and made into an "international reserve" under United Nations administration. United States Army special forces are training in Florida to seize control of that zone once it is established. And, to accelerate the process, Harvard University advocates the immediate dismemberment of Brazil.

All of this, of course, is pure imagination. The Brazilian imagination. (...)

Since late last year, suspicions have been running unusually high because of a spurious map that appeared on Internet sites here and was quickly accepted as real by newspapers and radio talk show hosts. Taken from what was said to be a junior high school textbook used in the United States, the map claims that Americans have a "special mission" to wrest the Amazon from the eight "unintelligent and primitive" South American nations that control it.

Though the text is clearly a forgery (it is riddled with grammatical and spelling errors that no native English speaker would make), the controversy continues. Some Brazilians say the C.I.A. fabricated the map to discredit those who would defend the Amazon from foreign interlopers. Others don't care whether the map is authentic.²⁹

Além do próprio estilo formal e informativo característico de uma reportagem jornalística, o texto é marcado pelo estilo irônico-humorístico. Ao retratar toda a conspiração como fruto da “imaginação brasileira”, Rohter tenta mostrar um conflito entre os discursos apresentados na reportagem e a realidade, mostrando como ridícula a posição dos conspiradores, que “nem ligam se o mapa é autêntico”.

Estilos irônicos realizam um distanciamento entre o autor do texto e os discursos analisados ou mencionados, que são representados de forma debochada ou sarcástica. Da mesma forma, a ironia pode ser vista como um conflito entre aparência e realidade, um momento de subjetividade e valoração da informação em meio a estratégias objetivas predominantes no jornalismo (VIANNA, 2007).

²⁹ ROHTER, Larry. “Ideas & Trends; Deep in Brazil, a Flight of Paranoid Fancy”. *The New York Times*, 23/07/2002. Tradução do autor:

Deixe a razão de lado, por um momento, e imagine isso: estudantes norte-americanos aprendem que a Amazônia deveria ser retirada do Brasil e transformada em uma “reserva internacional” sob a administração da ONU. Forças especiais do Exército dos EUA estão treinando na Flórida para tomar controle dessa zona, assim que ela for estabelecida. E, para acelerar o processo, a Universidade de Harvard defende a imediata separação do Brasil.

Tudo isso, logicamente, é pura imaginação. A imaginação brasileira (...).

Desde o ano passado, suspeitas tem crescido devido a um espúrio mapa que apareceu em sites da internet aqui e que foram rapidamente aceitos como verdadeiros por jornais e apresentadores de programas de rádio. Baseados em um suposto livro escolar ginásial adotado nos EUA, o mapa alega que os norte-americanos tem uma missão especial para tomar a Amazônia das oito “pouco inteligentes e primitivas” nações latino-americanas que a controlam.

Apesar do texto ser claramente uma fraude (ele está repleto de erros gramaticais e de ortografia que nenhum americano faria), a controvérsia continua. Alguns brasileiros dizem que a CIA fabricou o mapa para desacreditar os que defendem a Amazônia de intrusos estrangeiros. Outros não se importam se o mapa é autêntico.

A relação entre identidades e estilo, foco da ADC, também é importante para compreender o texto. O correspondente pretende mostrar na reportagem que os brasileiros deixaram a realidade de lado e preferem focar a fantasiosa conspiração, mesmo diante de provas contrárias. As marcas estilísticas de deboche e humor irônico ridicularizam os brasileiros que adotam esse discurso, ao mesmo tempo que elevam a representação da identidade do repórter, que mostra-se apto para desmascarar a farsa conspiratória (ele não é um dos brasileiros enganados) com um toque de humor pois está acima das visões distorcidas que critica (como o seu público nos EUA). Com isso, o texto tenta aproximar seu público (que não quer ser identificado com os paranóicos ridicularizados) de sua construção sobre a realidade, ao mesmo tempo que suaviza – por meio do leve humor irônico – a denúncia contra os brasileiros conspiradores. O humor também é necessário, no texto, para distanciar a reportagem da suposta “campanha de descrédito” promovida pela CIA; seria perigoso para o repórter ligar-se com a imagem de um estrangeiro opressor, e por isso ele tenta suavizar sua construção de identidade por meio da ironia – paradoxalmente, reunindo-se com os brasileiros de forma sutil, pelo humor.

2.2.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS TEXTOS

Coleta de dados e tabulação inicial das informações básicas

Como dito anteriormente, dentro das *práticas metodológicas*, a pesquisa baseia-se nos textos publicados por Rohter na versão impressa e online do jornal *The New York Times* entre meados da década de 1980 e 2009, período em que escreveu sobre o Brasil para o diário americano, seja como correspondente no país ou em outros locais. A coleta de textos para o *corpus* da pesquisa foi feita por meio de pesquisa no site online do jornal norte-americano *The New York Times* (<http://www.nytimes.com>) por meio da ferramenta de busca por autor (restringindo os textos de autoria reconhecida para Larry Rohter, tema desta pesquisa) que dá acesso ao arquivo on-line do diário americano.

Dos mais de 2.500 artigos avaliados a partir do filtro de autoria no *NYT*, 727 textos foram selecionados para a composição do *corpus* desta pesquisa por tratar (como tema central ou periférico) do Brasil – a lista dos títulos desses textos, com suas respectivas datas de publicação, pode ser visualizada no Anexo 1. Optei por não restringir minha busca aos textos com base no termo “*Brazil*”, pois dezenas de textos selecionados não mencionavam explicitamente este termo apesar de referirem-se a localidades ou temáticas brasileiras. Trabalhos anteriores já adotaram filtros semelhantes na seleção de textos por meio de restrição por autoria (PAGANOTTI, 2007) e por palavras-chave como “*Brazil*” (DOTA, 2005). Considero que é necessário evitar a restrição por palavras-chave devido a essa exclusão de textos, o que exige

analisar texto a texto e comparar os resultados restritos (seguindo a seleção por autor e pela palavra-chave “Brazil”) com a busca sem esse filtro (seguindo somente o filtro por autor), para detectar e corrigir possíveis omissões.

Foram excluídos do *corpus* deste trabalho os textos que tratavam de outras nações ou personagens de outras nacionalidades e que somente citavam o Brasil em um trecho que não poderia trazer nenhuma imagem sobre o país, como no trecho “*Specialists from countries like Brazil, China, India and the Philippines have already made many inquiries about the project, Mr. Castrillon said*”³⁰. Nesse caso, e em muitos outros semelhantes, o país somente faz parte de uma enumeração, e portanto o texto de que faz parte foi excluído por não apresentar valor para a análise neste trabalho. Esse é o chamado “limite de exclusão”, que determinou o corte de textos do *corpus* deste trabalho a partir dos critérios explicados anteriormente.

Entretanto, foram incluídos textos sobre o país escritos em outras localidades, ou que usassem o país como comparação com outras nações – pois isso também cria juízo de valores sobre o país. Um exemplo está presente em um texto sobre a crise econômica que abateu o México no final dos anos 1980:

Describing the measure as "temporary and exceptional," the Government [of Mexico] said the indexation would end when inflation declined to a level of 2 percent a month. Utility tolls and prices of Government-produced goods will also rise "in accordance with projected monthly inflation." the document said.

Those measures were instantly disputed in a country that does not have the same tradition of high inflation as other Latin American countries, such as Brazil, Argentina or Bolivia. Though inflation has soared to triple digits the last two years, throughout the 1960's and into the early 70's, it averaged less than 3 percent a year.³¹

No início do segundo parágrafo desse trecho – como em muitos outros textos, analisados no capítulo 4.2 – o Brasil não é somente citado em uma enumeração neutra de países, mas é adotado como comparação (no caso do texto analisado, pela tradição de altos índices de inflação), em relação de inferioridade – o que definitivamente colabora com a construção de imagens sobre o país, ainda que ele não tenha sido o tema principal do texto. Esse texto exemplifica o “limite de inclusão”, que determina o menor sentido possível atribuível ao país dentro de um texto nesse corpus – e, portanto, inclui os textos

³⁰ ROHTER, Larry. “Mexican Rancher Breeds Miniature Cows”. *The New York Times*, 31/12/1987. Tradução do autor: “Especialistas de países como Brasil, China, Índia e Filipinas já fizeram questões sobre o projeto, disse Castrillon.”

³¹ ROHTER, Larry. “Mexicans Fear Inflation in New Economic Plan”. *The New York Times*, 22/12/1987. Tradução do autor:

Descrevendo as medidas como “temporárias e excepcionais”, o governo [do México] disse que a indexação terminaria quando a inflação caísse para o patamar de 2% ao mês. Serviços e os preços de produtos produzidos pelo governo também irão subir “de acordo com a inflação mensal projetada”, disse o documento. Essas medidas foram instantaneamente questionadas em um país que não tem a mesma tradição de inflações elevadas como outros latino-americanos, como Brasil, Argentina e Bolívia. Apesar de a inflação ter subido para três dígitos nos últimos dois anos, durante os anos 1960 e o começo dos anos 1970, sua média era inferior a 3% anuais.

que apresentavam um mínimo de sentido dentro do *corpus* desse trabalho, a partir do seu valor de análise para os critérios desta pesquisa.

O processo de coleta e seleção de textos pertinentes foi realizado em três períodos: em julho de 2006 (para uma amostra inicial, com textos entre 2002 e 2005³²), entre os dias 22 e 28 de julho de 2008 (para o período de 1985 e 2008) e em 10 de maio de 2010 (para os textos de 2008 a 2010). Os 727 textos selecionados foram agrupados em ordem cronológica e impressos, compondo um *corpus* de análise que passou por uma tabulação segundo os critérios a seguir:

Crítérios de classificação do *corpus*

A partir de pesquisas exploratórias anteriores (PAGANOTTI, 2007a), foram definidos critérios de classificação para construir tipologias que facilitassem a sistematização de um *corpus* tão volumoso e diversificado. A classificação dos textos e a definição de tipologias permitiram uma análise quantitativa inicial, seguida da avaliação qualitativa e pormenorizada de textos típicos – representantes de traços frequentes na cobertura de Rohter – e de desvios relevantes – textos que fogem à regra geral, mas que demonstram interesse para a análise sobre a cobertura do repórter norte-americano. Como recomendado por Fairclough:

Os pesquisadores podem bem desejar codificar um corpus inteiro ou grande parte dele, em termos amplos, talvez resumindo o discurso ou codificando-o em tópicos. Ou podem decompor o corpus em classes particulares de traços – certos tipos de questões ou formulações (...). Contudo, a concepção de discurso que apresentei e a visão de análise que resumi anteriormente são especialmente relevantes para a análise detalhada de um pequeno número de amostras de discurso. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 281)

Assim, é necessário primeiramente construir um instrumento de macro-análise, para posteriormente adotar a micro-análise de textos relevantes.

Os critérios iniciais para a identificação do texto envolvem seu título, a contagem de caracteres (para verificar a oscilação no tamanho médio das reportagens durante o tempo ou os temas que exigem maior ou menor espaço), a data de publicação e o local de origem da matéria – nos casos em que ela é explicitada no início da matéria. A presença de fotos, mapas, gráficos e tabelas também foi identificado nessa etapa, assim como a publicação de errata, o uso de palavras em português no texto, a explicação sobre a pronúncia de termos e nomes brasileiros a partir da fonética inglesa e a presença da primeira pessoa marcada no texto. Também foram selecionados trechos das reportagens que construíam paralelos, metáforas e “traduções” sobre eventos e

³² Essa amostra inicial foi avaliada em pesquisa comparativa com outros correspondentes (PAGANOTTI, 2007a) e utilizada para a composição das ferramentas de análise e a sistematização de imagens sobre o Brasil (PAGANOTTI, 2007b).

personagens brasileiros, para facilitar a compreensão por semelhanças com seus “correspondentes” norte-americanos – estratégia que já foi apresentada na introdução e será retomada no capítulo 3.1.

Esses critérios mais descritivos são acompanhados de uma interpretação geral sobre o local abordado majoritariamente na reportagem (nem sempre coincide com o local de origem da matéria, pois o correspondente pode estar em um lugar e escrever sobre eventos que ocorrem em outra localidade), seu assunto e tema, seguindo uma classificação criada em pesquisa anterior (PAGANOTTI, 2007a)³³ e que se mostrou pertinente para a análise deste *corpus*.

Assuntos e temas

Os textos foram classificados segundo uma divisão de assuntos e temas mais frequentes na produção dos correspondentes. Como paralelo didático, é possível comparar essa divisão por assuntos à divisão de editorias que os jornais adotam para sua edição. A subdivisão em temas, nessa mesma comparação, aproxima-se aos setores em que as pautas teriam se organizado dentro das editorias³⁴.

A proximidade entre alguns desses assuntos e as suas correlatas editorias – como “Política”, “Economia”, “Ciências”, “Esportes” e “Artes” – é evidente, mas outros casos – como “Supra-nacional”, “Conflitos” ou “Cultura” – foram definidos devido às necessidades analíticas, e não a partir de convenções próprias às práticas jornalísticas ou aos temas identificados pelo próprio *New York Times*. Um esquema de ordenação das notícias similar ao empregado aqui é apresentado por Gomes (2003, p. 88-97): o jornalismo organiza e hierarquiza notícias quanto a discursos de autoridade (governamental, científica ou econômica), eventos de desestabilização (como crises ou desastres naturais) e representações do mundo (aqui agrupados no assunto “Cultura” sob a definição de *retratos do tecido social*).

Assunto: Política

Temas: Corrupção; Eleições; Governo e Legislação.

Os principais temas relacionados à política nacional, na cobertura de Rohter, são agrupados nesses três tópicos. O tema “Governo e Legislação” engloba mudanças no governo (como troca de ministros) e também discussões sobre alterações de leis – são

³³ Alguns dos tópicos desenvolvidos nas páginas a seguir já foram testados e discutidos anteriormente em pesquisa exploratória durante a graduação em jornalismo (PAGANOTTI, 2007a), e são aqui retomados e complementados.

³⁴ Considerando aqui a carreira de “setorista”, comum em alguns veículos de comunicação, como o especialista responsável pela cobertura de um setor dentro de uma editoria – por exemplo, o setorista responsável pela crítica literária no caderno de artes, ou pelo comércio internacional na seção de economia.

os “atos do governo” (GOMES, 2003, p. 89) tão priorizados pelo jornalismo como forma de reproduzir (ou contestar) o ordenamento do poder.

Assunto: Supra-nacional

Temas: Ameaça Nuclear; Ideologia; Mercosul; Parcerias Regionais; Política Externa; Segurança Nacional; Terrorismo.

O termo “supra-nacional” foi escolhido em detrimento do mais comum “internacional” porque, para a sede do *New York Times*, quase todas as matérias sobre o Brasil podem ser enquadradas nesse segundo rótulo. Além disso, são temas que não envolvem somente outros países, mas sim temas que transcendem fronteiras (como “Mercosul” ou “Terrorismo”). “Ideologias” envolve, majoritariamente, as matérias sobre os Fóruns Sociais Mundiais, que não tratam exclusivamente do Brasil, mas sim dos debates travados no país, e discussões sobre a ascensão da esquerda – logicamente, o uso do termo “ideologia” para ideários de esquerda está distante da neutralidade, e reflete a apresentação desse tema nas reportagens de Rohter. “Parcerias regionais” envolvem os esforços de aproximação do Brasil com outros países da América Latina ou do hemisfério Sul – tema muito comum durante o governo Lula.

Assunto: Ciências

Temas: Ciência; Meio Ambiente; Saúde.

Esses três temas foram agrupados por lidarem com discursos de autoridade científica – seja na esfera da pesquisa científica, na preservação ambiental ou da saúde.

Assunto: Economia

Temas: Agronegócios; Comércio Internacional; Negócios; Crise; Política Econômica.

Outra forma de organizar o mundo (paralela e, por vezes, conflitante com a ciência e a política), a economia agrupa grande parte da cobertura sobre o Brasil – estimativas apontam que cerca de 60% dos 18 mil textos publicados anualmente por correspondentes tratam de tópicos econômicos (PINHEIRO, 2002).

Assunto: Conflitos

Temas: Catástrofes; Conflitos Agrários; Direitos Humanos; Migração; Pobreza; Questão Indígena; Questão Racial; Violência / Policial.

Esse agrupamento de temas tão diferentes poderia também ter o nome de “rupturas”, pois engloba eventos de desestabilização (como crimes, tragédias e desastres naturais ou conflitos sociais). Gomes define um grupo de notícias semelhante a esse – mas mais abrangente – como “focos de instabilidade ou atitudes infratoras” (GOMES, 2003, p. 89). São também os temas mais próximos da definição básica de notícia – pois tratam do extraordinário, do excepcional, do anormal, do condenável e de eventos de

grande impacto. Talvez, por esse motivo, o macro-assunto “conflitos” englobe a maior parte das notícias vindas de países periféricos como o Brasil, pois, segundo Hamid Mowlana, trata das desordens, da violência e das lutas por mudança:

According to the cumulative imagery that emerges from network news reports, disorder looms eternal in the Third World. This violence is a very particular kind; it's overt, blatant, and often irrational. (MOWLANA, 1986, pp. 49-50)³⁵

Assunto: Cultura

Temas: Festas e Tradições; Imprensa; Moda; Perfil de Personalidades; Religião; Sexualidade; Sociedade; Turismo; TV.

Esse agrupamento opõe-se aos “Conflitos” anteriores, pois não envolvem as mudanças, mas sim as reproduções de representações já consolidadas. No trecho citado anteriormente, Gomes (2003, p. 89) contrapõe os “focos de instabilidade ou atitudes infratoras” à necessidade de reforçar a existência de uma ordenação prévia e estabelecida. Apesar de sua definição priorizar a normatização realizada pelo poder do Estado, pode também ser compreendida na esfera de uma estabilidade prévia – como se as reportagens pretendessem refletir um *retrato do tecido social* do país, ou seja, construir representação das tradições, eventos e estruturas que agrupam a sociedade como tal. Os temas relacionados a essa definição de “Cultura”³⁶ têm um objetivo mais documental ou sociológico do que propriamente noticioso – compreendendo notícia nos termos de impacto, novidade e anormalidade expostos anteriormente – e podem se aproximar dos “tratados de sociologia” que Ochs buscava no *NYT*, como apresentado anteriormente (EMERY, 1965, p. 536). São temas comuns nas *feature stories* (que serão discutidas a seguir), como matérias de comportamento, de tendências ou que descrevem o perfil de personalidades famosas ou desconhecidas. Esse tipo de tema é importante jornalisticamente porque reforça os laços sociais de um grupo, ao fixar seus ritos ou comportamentos, e também traz grande interesse para públicos estrangeiros, que podem travar contato com uma realidade diferente da que conhecem. Alguns temas mais heterodoxos (como “TV”, “Moda”, “Sexualidade” ou “Turismo”) encaixam-se aqui porque descrevem facetas da sociedade brasileira do mesmo modo como outros tópicos mais comuns às *feature stories* (como “Festas e Tradições”, “Sociedade” ou “Religião”).

³⁵ Tradução do autor: “De acordo com as imagens que emergem da rede de reportagens, a desordem avulta eternamente o Terceiro Mundo. Essa violência é de um tipo bastante particular; é evidente, ruidosa e frequentemente irracional.”

³⁶ A definição de “Cultura” utilizada aqui se aproxima da terminologia sociológica ou até mesmo antropológica, distanciando-se do que comumente é denominado como “cultura” nos jornais (e aqui é englobado no assunto “Artes”).

Assunto: Esportes

Temas: Futebol; Competições; Ginástica; Surf; Beisebol.

O assunto tem sua amplitude cerceada pela predominância do futebol, com poucas exceções para outras modalidades que compõem o panorama exótico/turístico do país, como o surf. Os textos sobre “competições” tratam da realização dos jogos Pan-americanos, em 2007.

Assunto: Artes

Temas: Artes Plásticas; Cinema; Dança; Gastronomia; Literatura; Música; Teatro; Paisagismo.

Esse assunto, normalmente rotulado como “cultura” ou “entretenimento”, teve sua nomenclatura adaptada para não entrar em conflito com o conceito de cultura tratado acima, e por seu tratamento ser diferenciado da exploração de eventos ou estruturas da sociedade brasileira como um todo; de modo geral, pode-se dizer que, se as reportagens sobre artes tratam de “indivíduos”, as de cultura, como proposto nessa classificação, envolvem “coletivos”.

Essa classificação acima difere substancialmente da empregada pelo próprio Rohter na organização de seu livro (ROHTER, 2008, p. 7), mas é importante considerar suas proximidades. O correspondente organiza os principais textos do seu período no Brasil em cinco capítulos: Cultura (minha classificação de “Artes”), Sociedade (minha classificação de “Cultura”), Política – subdividida em Nacional, Lula (minha classificação “Política”) e Internacional (“Supra-nacional”) – Amazônia (parte da “Ciência” e “Conflitos”) e Ciência/Economia (duas classificações homônimas, mas que excluem os meus temas de “Meio Ambiente”, que Rohter insere em “Amazônia”).

Enfoque e objeto de crítica / valorização

Para analisar os processos de valorização e crítica – a partir da pressuposição de valores desejados ou sancionados, conforme um receituário esperado ou que deve ser seguido – foi também analisado o enfoque geral da matéria, classificado como “Positivo”, “Equilibrado”, “Negativo” ou “Neutro”. Para evitar critérios subjetivos, essas definições correspondiam à valorização (“positivo”) ou sanção (“negativo”) de determinados temas e sua influência na imagem do Brasil. Da mesma forma, os textos que não tinham uma tendência marcada foram classificados como “equilibrados” e, nos casos em que o objeto de crítica ou valorização não apresentava relação com o Brasil – como nos textos sobre outros países e que citavam o Brasil de forma comparativa, como visto anteriormente –, a valorização apresentada era “neutra” em relação ao país.

Também foram identificados os seguintes objetos de crítica ou valorização, agrupados pela proximidade com os assuntos e temas descritos anteriormente:

Corrupção; Medidas do governo; Partidos Políticos; PSDB; PT: Esses temas estão presentes nos textos de Política. “PSDB” e “PT” foram separados pela grande quantidade e polarização de textos tratando da crítica e da valorização desses dois grupos, enquanto “Partidos Políticos” envolvem outros grupos ou comparações entre os dois partidos anteriores. Esse critério foi bastante frutífero na análise do posicionamento crítico ou valorativo do repórter a partir da sua cobertura de práticas governamentais nos períodos em que o Brasil foi governado por lideranças do PSDB (FHC, de 1995 a 2002) e do PT (Lula, de 2003 a 2010).

Ameaça Nuclear; Segurança Nacional; Terrorismo; Diplomacia; Posicionamento Internacional: Relacionados aos temas supra-nacionais já descritos anteriormente, somados da autodescritiva “Diplomacia” e do “Posicionamento Internacional” (sobre esforços do governo brasileiro para ganhar importância no jogo de forças do cenário mundial).

Meio Ambiente; Saúde, Ciência e Tecnologia: Esses dois objetos de crítica relacionam-se aos temas de ciência homônimos. Por sua pequena frequência – e proximidade temática e valorativa, os critérios de Saúde, Ciência e Tecnologia foram agrupados em um só.

Instabilidade Econômica; Negócios; Política Econômica: Entre esses três objetos que compõem o campo econômico, é importante frisar que até mesmo um termo negativo, como a “Instabilidade Econômica”, pode ser objeto de valorização quando é combatida ou controlada, por exemplo.

Descaso com problema social; Desigualdade Social; Tráfico de drogas; Luta dos sem-terra; Pobreza; Violência; Subdesenvolvimento: Esses temas, comuns nas matérias de “Conflitos”, mostram a tendência negativista evidenciada pela maioria dos objetos criticados. É importante também frisar as diferenças entre “Pobreza” (falta de recursos para sobrevivência), “Desigualdade Social” (concentração de recursos em determinadas camadas sociais em detrimento de outras) e “Subdesenvolvimento” (falta de estrutura para o desenvolvimento) presentes em alguns textos.

Esportes: Os temas foram agrupados num só objeto de valorização – o desempenho esportivo de atletas brasileiros ou de dirigentes esportivos na realização de eventos no território nacional.

Modo de vida; Perfil; Religião; Turismo; Arte/Cultura: Os cinco objetos acima estão presentes nos temas de “Cultura” e “Artes”, e normalmente apresentam viés relativamente positivo – é a ordem que se contrapõe ao caos dos conflitos.

Crítica ou elogio do neoliberalismo

Outro fator de análise dos textos foi o posicionamento crítico ou favorável a medidas neoliberais (como abertura econômica, desregulamentação da economia, incentivo ao livre-comércio, redução de impostos e privatizações) ou políticas econômicas ortodoxas (como controle da inflação e rigor fiscal, superávits elevados, respeito aos contratos de dívida e defesa da independência do Banco Central). Esse posicionamento polêmico foi utilizado complementarmente a outras ferramentas de análise para verificar o posicionamento de Rohter sobre essas práticas. Como baliza para a análise, foram utilizados os princípios defendidos pelo chamado “Consenso de Washington”, como definidos por Williamson – a receita de aumento da disciplina fiscal e contenção de gastos governamentais, privatizações, abertura comercial, liberalização dos setores protegidos e diminuição de incentivos governamentais, barreiras ou subsídios, acompanhada pelo fortalecimento de direitos de propriedade (WILLIAMSON, 1997). Muitos textos expunham explicitamente ou pressupunham esse receituário, tomado como base na avaliação das políticas econômicas brasileiras da época, o que permite identificar se os textos tendem a aproximar-se ou distanciar-se dessas recomendações, como exposto no exemplo a seguir, parte de uma reportagem sobre as eleições de 2002 e as influências econômicas no voto do eleitor brasileiro:

Growth flagged in the 1980's, however, so when Fernando Henrique Cardoso ran for president in 1994 and argued that opening up Brazil's closed economy would bring investment and progress, Brazilians handed him a first round victory. The promise seemed credible because Mr. Cardoso was the author of the Real Plan, which had reduced Brazil's annual inflation rate from four digits to one. During his first term, the percentage of Brazilians living in poverty dropped from more than one-third to about one-quarter, infant mortality rates declined sharply, and school enrollments zoomed.

Amado Soares is a 35-year-old parking lot attendant who, like Mr. da Silva, was born in Pernambuco State, in the northeast, and migrated southward as a child. Mr. Soares was one of the millions of working class Brazilians who benefited from that new-found stability: he bought a television set and refrigerator, and after a decade paying rent, was even able to make a down payment on a small plot of land on which he built a house. (...)

In the last four years, though, crises in East Asia, Russia and neighboring Argentina have eroded the value of the currency, the real, and led to a sharp drop in foreign investment, forcing the government to seek help from the International Monetary Fund and other lenders, who have demanded austerity.

"This is the first time in Brazilian history that a government has spent an entire term under an I.M.F. program," noted Gustavo Franco, a former Central Bank president who now writes a column on the economy and is an

investment adviser. The reaction of the man on the street, he added, is that "we did everything right, and the compensation from the outside world is a crisis."³⁷

Os primeiros dois parágrafos do texto exaltam os benefícios macro-econômicos (redução da inflação, diminuição da pobreza, queda da mortalidade infantil e aumento nas matrículas escolares) e micro-econômicos (o consumidor que compra TV, geladeira, terreno e constrói a casa própria) da abertura econômica e das medidas de controle de inflação adotadas no período FHC. Mas o terceiro e o quarto parágrafo criticam o aumento da austeridade exigido pelo FMI e a incapacidade do país de sobreviver às crises sem a ajuda externa. Apesar de o texto mostrar uma crítica aparente no seu final contra as práticas de ortodoxia econômica, o terceiro parágrafo isenta o governo brasileiro de qualquer responsabilidade na crise: o governo foi “forçado” a procurar o FMI, e a crise nacional é culpa de outros – como o sudeste asiático e Rússia. Ao mesmo tempo em que a reportagem critica a austeridade do governo – e, conseqüentemente, aponta as limitações das políticas liberais –, ela isenta o mesmo governo de qualquer responsabilidade nesta crise. A valorização ou a crítica de práticas liberais (e seu emprego na construção textual das reportagens de Rohter sobre a economia brasileira e sua proximidade ou distanciamento em relação ao receituário econômico internacional) serão discutidas no capítulo 4.2.

Lead, hard news & feature stories

Os textos foram divididos em dois grupos de gêneros amplos: as reportagens factuais de *eventos* novos foram classificadas como *hard news*, e os artigos que

³⁷ ROHTER, Larry. “In Free-Market Slump, Brazil’s Voters Look for Change”. *The New York Times*, 05/10/2002. Tradução do autor:

Entretanto, o crescimento murchou nos anos 1980, então, quando Fernando Henrique Cardoso concorreu à presidência em 1994, argumentando que a abertura da fechada economia brasileira traria investimentos e progresso, os brasileiros lhe deram uma vitória ainda no primeiro turno. A promessa parecia plausível porque Cardoso foi o autor do Plano Real, que tinha reduzido a inflação anual do Brasil de quatro dígitos para um. Durante seu primeiro mandato, a parcela de brasileiros vivendo na pobreza caiu de mais de um terço para aproximadamente um quarto, as taxas de mortalidade infantil caíram consideravelmente, e as matrículas escolares cresceram.

Amado Soares é um manobrista de carros de 35 anos que, como da Silva [Lula], nasceu em Pernambuco, no nordeste do país, e migrou para o sudeste quando era criança. Soares foi um dos milhões de trabalhadores brasileiros que se beneficiaram da recentemente atingida estabilidade: ele comprou uma TV e uma geladeira, e depois de uma década pagando aluguel, conseguiu até pagar a entrada em um pequeno terreno no qual ele construiu uma casa. (...)

Nos últimos quatro anos, entretanto, crises no sudeste asiático, Rússia e na vizinha Argentina erodiram o valor de câmbio do Real e levaram a uma grande queda nos investimentos estrangeiros, forçando o governo a buscar a ajuda do Fundo Monetário Internacional e outros fundos de empréstimo, que exigiram austeridade.

“Essa é a primeira vez na história brasileira que um governo passou o mandato inteiro sob o programa do FMI”, notou Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central, que atualmente escreve uma coluna sobre economia e atua como consultor de investimentos. A reação do homem comum, ele acrescenta, é que “nós fizemos tudo certo, e a recompensa do mundo exterior é uma crise”.

envolviam textos sobre eventos menos “quentes” e mais próximos de análises sobre *situações, conjunturas ou estruturas* sociais atemporais foram considerados como *feature stories*. Essa classificação ampla já foi apontada como pertinente na análise da cobertura de correspondentes internacionais aplicada por Hannerz:

It can refer to something that just happened, or something can be news mostly because we simply have not come across it before and find it interesting and even surprising. Certainly the news media are primarily oriented to the first of these kinds, “hard news”, and foreign correspondents tend to take pride in, and be excited by, being present when “history is made”. But that other kind of news has some particular possibilities for foreign correspondents. A situation or practice may have a long-term, even everyday presence in a remote country without our learning it, until someone tells us. (HANNERZ, 2004, p. 31)³⁸

Na definição do autor, também acatada para a classificação do *corpus* desta pesquisa, as “notícias quentes” [*hard news*] “referem-se a eventos maiores e únicos, altamente específicos temporalmente, com consequências que exigem a atenção dos repórteres e suas audiências”, enquanto as notícias de “interesse humano” [*feature stories*] podem se apoiar em eventos com maior ou menor aproximação temporal, variando de perfis, análises e comentários sobre origens históricas ou sociais (Id., *ibid.*, p. 31-32) – o que mais uma vez aproxima essa categoria dos “tratados de sociologia” de Ochs no *NYT* (EMERY, 1965, p. 536). Hannerz lembra também que muito da cobertura dos correspondentes estrangeiros pode tratar justamente do que é diferente, “estranho”, com textos “sobre pessoas pensando, agindo ou vivendo de forma inesperada” (HANNERZ, 2004, p. 32).

Ao analisar o trabalho dos correspondentes sobre o Japão, Hannerz percebeu que muitos dos textos tratavam justamente dessa “estranheza”, relacionando-a com estereótipos clássicos sobre “o que é japonês”, como “gueixas, samurais, hara-kiri e kamikazes” (Id., *ibid.*, p. 112). Da mesma forma, muitos textos de Rohter apresentavam essa relação e até mesmo partiam de estereótipos já no seu primeiro parágrafo – o *lead* jornalístico, que precisa resumir os principais elementos narrativos da história que será contada, atraindo a atenção do leitor. Decidi também classificar os leads dos textos ao perceber uma grande frequência de artigos que partiam de imagens estereotipadas sobre o Brasil, para no mesmo parágrafo inicial contrapô-las à eventos que pareciam não se “encaixar” (KELLER apud HANNERZ, 2004, p. 145) às imagens pré-concebidas do Brasil. Muitos leads apresentavam uma “quebra de expectativa” a partir de imagens

³⁸ Tradução do autor: “Ela pode ser referir a algo que acabou de acontecer, ou algo pode ser notícia simplesmente porque ainda não foi discutido antes e se considera como algo interessante ou surpreendente. Certamente o noticiário é primariamente orientado para o primeiro desses tipos, ‘hard news’, e correspondentes internacionais tendem a se gabar e se excitar por estarem presentes quando ‘a história é feita’. Mas o outro tipo de notícias tem algumas possibilidades particulares para correspondentes internacionais. Uma situação ou prática pode ter uma presença mais longa, até diária, em um país remota sem que se saiba dela, até que alguém nos conta sobre ela.”

marcadas textualmente, retomando uma visão do Brasil que era compartilhada e reconhecida pelo público (ou que era assim suposta), somente para mostrar como a realidade parecia não se comportar de acordo com as expectativas (supostas ou citadas textualmente), como no trecho abaixo:

Picking the King of Carnival here used to be easy: find the city's fattest, jolliest man and stick a crown on his head. But after being reproached for weighing in at nearly 500 pounds, the current Rei Momo has succumbed to critics, begun exercising, changed his diet and lost 175 pounds over the last four years.

To connoisseurs of Carnival, the heretical emergence of a "Rei Momo light" is one of the many indignities recently inflicted on the spectacle that natives of Rio once regarded as an expression of the character and creativity of their city. As they see it, the annual bacchanalia, which begins this weekend, is becoming less a people's festival than a tightly controlled industry.³⁹

No trecho, o estereótipo retoma a imagem de excesso e permissividade atrelada ao Carnaval brasileiro, usando essa imagem pré-concebida para mostrar um fato que parece não se encaixar nessa visão, quebrando a expectativa construída anteriormente e suscitando interesse pelo texto “surpreendente”. Nesse caso, como em muito outros que serão analisados no quinto capítulo, a quebra de expectativa parte de uma das imagens atreladas ao Brasil – o Carnaval – que já haviam sido discutidas na sessão 2.1.1. Outros leads também trabalham com essa mesma estrutura de tensão / resolução-frustração, com contradições marcadas textualmente a partir de eventos *inesperados*, mas que não estão atrelados a imagens do Brasil, e sim ao próprio encadeamento de eventos construído para cada reportagem, como visto no exemplo a seguir:

A year ago, President Luiz Inácio Lula da Silva was on the ropes, his support and legitimacy sapped by the biggest corruption scandal in Brazil's modern history. But with Brazilians scheduled to vote Oct. 1, he now seems likely to cruise to a landslide re-election victory anyway.

The turnaround is a result of several factors, political analysts say, like generous patronage and social programs that have buoyed the president's standing. Simple voter weariness with hearing about corruption day after day has also clearly played a part.⁴⁰

³⁹ ROHTER, Larry. “Carnival in Rio Is Dancing To More Commercial Beat”. *The New York Times*, 25/02/03. Tradução do autor:

Escolher o rei do carnaval aqui costumava ser fácil: ache o homem mais gordo e feliz da cidade e coloque uma coroa na cabeça dele. Mas após ser criticado por pesar quase 500 libras, o atual Rei Momo sucumbiu e começou a exercitar-se, mudou sua dieta e perdeu 175 libras nos últimos quatro anos.

Para conhecedores do Carnaval, a herética emergência de um “Rei Momo light” é uma das muitas indignidades que recentemente tem afligido o espetáculo que os nativos do Rio uma vez consideraram como uma expressão do caráter e da criatividade de sua cidade. Na impressão deles, a bacanal anual que se inicia nesse final de semana está deixando de ser um festival popular e virando uma indústria rigidamente controlada.

⁴⁰ ROHTER, Larry. “In Surprise, Brazil's da Silva Is Back on Top”. *The New York Times*, 22/10/06. Tradução do autor:

Um ano atrás, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva estava nas cordas, com apoio e legitimidade cambaleantes devido ao maior escândalo de corrupção na história moderna brasileira. Mas com a eleição brasileira marcada para 1º de outubro, ele agora parece que vai liderar uma sonora re-eleição de qualquer jeito.

O texto apresenta uma expectativa – Lula perto de um nocaute, sem apoio e legitimidade após “o maior escândalo de corrupção na história moderna do Brasil” – a partir de fatos que seu público poderia recordar da cobertura anterior do correspondente, ou que ao menos são tomados supostamente como consensuais, se não reconhecíveis. Com essa estratégia, o autor constrói um “resumo” do que aconteceu até aquele momento, mas o interrompe com a erupção de um evento esperado – Lula deve ser reeleito mesmo assim –, seguido das justificativas para essa quebra nas expectativas construídas – os “programas sociais paternalistas” e a banalização das denúncias de corrupção.

Uma última tipologia de lead com “quebras de expectativas” foi identificada a partir da marcação de adversidades – “adversativas”, pelo uso constante dessas conjunções – em eventos que se esperavam decorrer de outra forma:

This was supposed to be the year that everything came together for Brazil. Instead everything -- from politics to sports, from the economy to the weather -- has gone wrong.⁴¹

O texto apresenta inicialmente uma expectativa de normalidade – tudo vai dar certo nesse ano no Brasil – que é frustrada a partir da conjunção adversativa “*instead*” [porém], seguida da lista de adversidades: eventos que não seguiram a expectativa, da “política aos esportes, da economia ao clima”. Todos esses leads analisados anteriormente diferem da construção textual da reportagem de “notícias quentes” [*hard news*], que normalmente já parte de um evento que interrompe a estabilidade, mas aproximam-se da sua mesma construção textual, por marcar textualmente uma ruptura – ainda que de expectativas definidas nos próprios textos. As duas primeiras seções do quinto capítulo abordarão essa classificação dos leads, sua utilização nos textos de Rohter e sua relação com as construções de imagens do Brasil, como mencionado anteriormente.

Reprodução, questionamento, negação, criação e alteração de representações

Além de analisar a simples presença das representações sociais mencionadas anteriormente na seção 2.1.1, é necessário avaliar se elas são simplesmente reproduzidas ou se são alvo de processos transformativos na forma como são abordadas nas reportagens de Rohter. O enquadre conceitual e teórico desta análise será desenvolvido

A reviravolta é um resultado de diversos fatores, segundo analistas políticos, como programas sociais generosos e protetores que garantiram a força do presidente. O cansaço do leitor com a repetição das denúncias de corrupção dia após dia também claramente teve uma influência.

⁴¹ ROHTER, Larry. “Energy Crisis Is Just One More Thing for Brazil”. *The New York Times*, 01/07/01.

Tradução do autor:

Esse deveria ser o ano em que tudo daria certo para o Brasil. Ao contrário, tudo – da política aos esportes, da economia ao clima – deu errado.

a seguir, na seção 3.2. Por enquanto, basta tratar das diferenças entre a reprodução, atenuação/questionamento, negação, criação e alteração, avaliados durante a prática metodológica. Esta análise baseia-se nas relações normativas – de acordo com as representações e idéias já compartilhadas coletivamente e reconhecidas socialmente como válidas – ou criativas – que buscam transformar visões pré-concebidas e alterar representações antes validadas – discutidas por Fairclough (1992, p. 165), e que podem ser exemplificadas a partir da análise dos seguintes trechos:

Reprodução de representações sociais: Trata-se de estratégias que procuram reafirmar imagens já compartilhadas e aceitas socialmente como válidas. O trecho abaixo, sobre a pobreza que continuava dominante na cidade-natal de Lula ilustra essa estratégia:

"Things here have changed very little since Lula left," Mr. Ferreira, a 54-year-old farmer, said as he watched his wife and some neighbors grind yucca into flour for sale at a market. "We're still poor, and the government down there in Brasília still doesn't do much to help us. It's always been like that."

The hermetic rural world that Brazil's new president was born into in 1945 is a shrinking one. Today, 80 percent of the country's 175 million people live in urban areas. But Mr. da Silva has talked often of how the parched poverty of his early years here continues to color his view of the world, and he refers frequently to his experiences and the experiences of others like him who escaped indigence by migrating south to Brazil's big cities. Yet the battery of glaring social and economic inequalities still on display here in his hometown are a microcosm of the challenges he now faces on a national level.⁴²

Todo o trecho, desde seu princípio, trabalha com a reprodução das imagens de atraso e pobreza do “hermético” mundo rural, que não sofreu nenhuma melhoria desde a migração de Lula, nem (e esse é o objeto de crítica do texto) desde o começo de seu governo. Ao mesmo tempo, argumenta-se que Lula também não mudou sua forma de ver o mundo, a partir do ponto de vista de quem sofreu com as privações – como “sempre foi assim”, nas palavras de “Mr. Ferreira”, primo de Lula apresentado anteriormente na matéria. Dessa forma, o texto constrói uma argumentação em paralelo: Lula migrou, mas seu discurso não mudou; seu primo ficou, o governo mudou, mas a

⁴² ROHTER, Larry. “Brazil Chief's Hometown Is Poor as Ever”. *The New York Times*, 01/04/03.

Tradução do autor:

“As coisas aqui mudaram pouco desde que o Lula saiu”, disse Ferreira, um fazendeiro de 54 anos, enquanto via sua mulher e alguns vizinhos preparar farinha de mandioca para vender no mercado. “Nós ainda somos pobres, e o governo em Brasília não nos ajuda muito. Sempre foi assim”.

O hermético mundo rural em que nasceu o novo presidente do Brasil em 1945 está diminuindo. Hoje em dia, 80% da sua população de 175 milhões vive em áreas urbanas. Mas Lula tem falado com frequência sobre como ele a pobreza ressecada de seus anos de juventude aqui continua a colorir sua visão de mundo, e ele refere-se continuamente a experiências próprias e de outros como ele que escaparam da indigência pela migração para as cidades grandes do sul do Brasil. Ainda assim, as evidentes e agressivas desigualdades sociais e econômicas ainda vistas aqui em sua cidade-natal são um microcosmo dos desafios que ele agora enfrenta nacionalmente.

pobreza, a seca e as mesmas privações de que Lula fugira continuam, e persiste também o descaso do governo com esse problema social. Assim, as representações brasileiras citadas anteriormente – neste trecho, a “pobreza” – são empregadas de forma a reproduzir visões já esperadas dessa região, e uma “não-notícia” (nada aconteceu, nada mudou) torna-se alvo de um relato exatamente pela quebra da expectativa (o que ocorreu foi a frustração de uma mudança, alvo da denúncia e crítica do correspondente).

Questionamento de representações sociais: Ao colocar em dúvida representações consideradas anteriormente válidas, os textos começam a adotar posturas que levam a transformações das imagens socialmente compartilhadas, como podemos ver no seguinte trecho.

Fat Brazilians? In a body-conscious society whose gifts to global culture include the girl from Ipanema, the tanga bikini and Gisele Bündchen and other supermodels, the idea seems heretical. Yet a controversial government study released late last month confirms it: Brazil is experiencing an epidemic of obesity.⁴³

Mais uma vez, a matéria parte, em seu primeiro parágrafo, do questionamento de uma imagem pressuposta: “brasileiros gordos”. Com isso, supõe-se que exista uma contradição entre os termos; caso não houvesse, não haveria choque nem interesse na sua dúvida. Com essa contestação “herética”, são questionadas imagens sobre a “sensualidade” brasileira, ainda que seja reforçada (e retomada) nossa valorização da beleza corporal e as imagens clássicas da garota de Ipanema e do biquíni, aqui acrescida pela nova representante da beleza nacional, a modelo Gisele Bündchen.

Ironicamente, a pergunta inicial - “Brasileiros gordos?” – poderia ser respondida com uma negação no caso específico da fotografia que ilustrava a reportagem. O que podia ser negado não é a obesidade – tanto dos brasileiros, a partir dos dados do IBGE sobre o aumento nacional da obesidade, quanto das três mulheres representadas na fotografia. O que é negado – ainda que sem diminuir a força do texto de Rohter – é a nacionalidade das retratadas em questão: posteriormente, foi descoberto que o fotógrafo do *Times* registrara turistas tchecas, e não brasileiras, para ilustrar a matéria sobre obesidade nas praias brasileiras. O fato de esse texto ter atraído uma repercussão grande na mídia brasileira devido ao erro do fotógrafo, além de alguns questionamentos sobre a imagem brasileira que Rohter pretendia divulgar, somente reforça o impacto das dúvidas na divulgação – e conseqüente transformação – de imagens como essa.

⁴³ ROHTER, Larry. “Beaches for the Svelte, Where the Calories Are Showing”. *The New York Times*, 13/01/05. Tradução do autor:

Brasileiros gordos? Em uma sociedade preocupada com seus corpos cujos presentes à cultura global incluem a garota de Ipanema, o biquíni, Gisele Bündchen e outras supermodelos, a ideia parece heresia. Ainda assim, um controverso estudo governamental lançado no final do mês passado confirma: Brasil está passando por uma epidemia de obesidade.

Alteração de representações sociais: Transformações das representações sociais sobre um país são processos graduais que deslocam ou alteram partes de imagens socialmente aceitas, mas que não mudam completamente sua representação. Esses processos podem ser exemplificados no trecho a seguir:

By now, walls and streets should have been decorated with patriotic green-and-yellow bunting or painted with gaudy murals recalling past World Cup triumphs and demanding new ones. But they are not, and when the national soccer team left for South Korea recently, barely 100 fans went to the airport here to wish them well.

This is the World Cup of Brazil's discontent. An unpopular coach, a roster missing the country's most consistent scorer and a fetid, seemingly endless corruption scandal have combined to put Brazilians in a sour mood. With the World Cup scheduled to begin Friday, the prevailing attitude among the country's 175 million people is one of indifference.

"The usual climate for a Cup simply doesn't exist," said Celso Unzelte, the author of the recently published "Soccer Gold Book," a World Cup history. "People are still passionate about the game, but everyone has a bad impression of this team. Nobody trusts this particular group of players or has confidence in their leadership or their ability to triumph or even, for that matter, to play with grace and style."⁴⁴

O trecho mostra que a imagem do Brasil como terra do futebol está mudando. A paixão dos torcedores foi substituída por certa “indiferença” ou ceticismo, se comparado com as festividades das copas anteriores. Ao final do trecho, a representação do Brasil como um país apaixonado pelo futebol é reafirmada na fala de Celso Unzelte – “as pessoas ainda amam o jogo” – mas parte dessa imagem continua alterada – na mesma avaliação, “ninguém confia nesse grupo de jogadores ou tem confiança na sua liderança ou sua habilidade de vencer, nem mesmo, (...) para jogar com graça e estilo”. É como se parte da paixão pelo futebol tivesse sido descolada, e o amor pela seleção brasileira tivesse sido abandonado ou alterado.

Negação de representações sociais: Essa estratégia é mais radical do que o questionamento ou a transformação, pois tenta evidenciar que a representação social não corresponde à realidade. Apesar disso, é comum adotar a mesma estratégia

⁴⁴ ROHTER, Larry. “For Brazilian Soccer Fans, Apathy Is Replacing Passion”. *The New York Times*, 28/05/2002. Tradução do autor:

Nessa época as paredes e ruas deveriam estar decoradas com faixas com as cores patrióticas verde e amarelo, ou pintadas com vistosos murais lembrando triunfos de Copas do Mundo passadas e demandando novas vitórias. Mas nada disso aconteceu, e quando a seleção brasileira partiu recentemente para a Coreia do Sul, nem 100 fãs foram ao aeroporto local para desejar uma boa jornada. Essa é a Copa do Mundo de descontentamento brasileiro. Um técnico pouco popular, uma escalação sem um dos maiores craques do país e um fétido e aparentemente interminável escândalo de corrupção combinaram-se para azedar os ânimos dos brasileiros. Com o começo da Copa na sexta, a atitude predominante entre os 175 milhões de habitantes do país é a indiferença.

“O clima habitual para uma Copa simplesmente não existe”, disse Celso Unzelte, o autor do recentemente publicado “O livro de ouro do Futebol”, uma história da Copa do Mundo. “As pessoas ainda são apaixonadas pelo esporte, mas todos têm uma má impressão sobre esse time. Ninguém confia nesse grupo particular de jogadores ou tem confiança na sua liderança ou habilidade de vencer ou mesmo jogar com graça e estilo”.

argumentativa do questionamento ao partir da imagem socialmente aceita para, então, negá-la:

Seen from the south, the Amazon seems a cornucopia of easily extracted oil, minerals, timber, medicinal plants and other riches. The harsh reality, though, is that the few projects foreigners have undertaken in the region, from the Ford Company's Fordlandia rubber plantation to Volkswagen's cattle ranch, have all failed because operating costs in the Amazon are so high and infrastructure so weak.⁴⁵

É necessário inicialmente retomar a representação que será posteriormente negada para criar um vínculo com o leitor – pois não é possível negar um conhecimento que não é antes tomado como válido. Assim, o correspondente mostra a visão predominante no sul do Brasil – para ampliá-la para seus leitores norte-americanos que talvez partilhem dessa opinião – de que a Amazônia é um território repleto de “minerais, lenha, plantas medicinais e outras riquezas” para então negar a facilidade de acesso a esses bens, como exemplificado pela experiências frustradas da Ford e da Volkswagen. Exemplos contraditórios são uma estratégia muito útil para a negação de representações generalizantes como a “riqueza natural da Amazônia” apresentada no trecho.

Criação de representações sociais: Uma estratégia própria dos textos de vertente literária ou subjetiva, a criação mostra uma visão pessoal do autor que permite um novo prisma de representação da realidade. Essa não é uma estratégia muito comum no jornalismo e rara entre os textos de Rohter, mas pode ser identificada na continuação no trecho final da reportagem sobre a imagem do Rio de Janeiro mencionada anteriormente na seção 2.1.1:

But just off to the left of that vantage point, hidden in plain view, is another, very different city, known to local people as além do túnel (“beyond the tunnel”), referring to the Reboucas Tunnel that slices through Corcovado and divides Rio into southern and northern zones. It is there, in largely ignored neighborhoods like Vila Isabel and Tijuca, that I think the essence of Rio's character, its true soul, can be found.
(...) Increasingly, though, I find myself wondering how much longer that duality, which seems an essential part of Rio's character, can last. Most of the city's growth in recent years has been westward toward the Barra da Tijuca, a tendency that blurs the traditional distinction between north and south. The only consolation for someone like me is this: the more the city as a whole changes, the less pressure on my favorite old neighborhoods to change with it.⁴⁶

⁴⁵ ROHTER, Larry. “Ideas & Trends; Deep in Brazil, a Flight of Paranoid Fancy”. *The New York Times*, 23/06/2002. Tradução do autor:

Na perspectiva do sul do país, a Amazônia parece ser um conjunto de petróleo, minérios, madeira, plantas medicinais e outras riquezas prontas para extração. A crua realidade, entretanto, é que os poucos projetos que estrangeiros tentaram desenvolver na região, desde a Fordlândia, as plantações de seringueiras da Ford, até o rancho de gado da Volkswagen, falharam porque os custos operacionais na Amazônia são muito altos, e a infra-estrutura é muito frágil.

⁴⁶ ROHTER, Larry. “OUR CORRESPONDENT IN RIO; The City's Soul Lies Beyond The Tunnel”. *The New York Times*, 03/03/2002. Tradução do autor:

No trecho, Rohter mostra sua própria visão sobre o Rio e sobre sua verdadeira essência; para além dos bairros mais famosos e conhecidos internacionalmente, o “seu” Rio de verdade se esconde nos bairros menores, e mais autênticos. Ele tenta construir sua própria visão sem escorar-se em outras representações – seja reproduzindo, questionando, transformando ou negando imagens socialmente aceitas. Essa é uma das estratégias adotadas para a criação de novas representações: implicar sua individualidade e sua independência de outras representações anteriores. Ainda assim, ele parte das imagens pré-concebidas e mais reconhecidas, justamente para marcar a diferença da sua visão particular para as visões compartilhadas pelos outros.

Esse trecho apresenta ainda outro aspecto digno de análise: ao marcar a divisão da cidade para “além do túnel”, o correspondente delimita dois espaços com sentidos diferentes: um, ao sul, mais famoso; o outro, mais desconhecido e, como sugerido na sua reportagem, mais “legítimo”⁴⁷. É justamente nessa fronteira entre dois espaços, entre o aparente e o oculto, entre o reconhecido e o descoberto, entre o Brasil dos gringos e o dos seus verdadeiros conhecedores que Rohter pretende se posicionar, em seus textos, mostrando um Brasil – o dele (ROHTER, 2008, p. 19) – de verdade. É desse lugar, entre espaços (e representações) diferentes, que ele traduz as suas visões para outra fronteira, muito mais ao norte, cuja espessura não ultrapassa os milímetros da folha de jornal do *NYT*, mas que abarca uma profundidade de imagens, histórias e opiniões nos milhares de quilômetros que separam o Rio Grande, no Golfo do México,

Mas ao lado esquerdo desse ponto vantajoso, escondida bem aos olhos de todos está outra cidade bem diferente, conhecida pelos locais como “além do túnel”, uma referência ao Túnel Rebouças que atravessa o Corcovado e divide o Rio em zonas sul e norte. É lá, em bairros comumente ignorados como Vila Isabel e Tijuca, que eu acredito que se pode localizar a essência do caráter do Rio, sua verdadeira alma.

(...) Cada vez mais, entretanto, eu paro e penso por quanto tempo ainda durará essa dualidade, que parece ser uma parte essencial do caráter do Rio. A maior parte do crescimento da cidade em anos recentes tem sido para o oeste, em direção à Barra da Tijuca, uma tendência que borra a distinção tradicional entre norte e sul. O único consolo para alguém como eu é esse: quanto mais a cidade como um todo mudar, menor será a pressão para que meus antigos bairros favoritos mudem também.

⁴⁷ Como visto na seção 2.1.1, o texto começa com a seguinte retomada de imagens turísticas do sul do Rio, e as contrapõe com o norte da cidade, mais preservado e, portanto, valorizado:

Rio de Janeiro was the first city I visited outside the United States, almost 30 years ago, and from the start it has seemed to me to be not one city but two. First, there are the beaches and the landmarks known from postcards, movies and songs: Copacabana, Ipanema and Sugar Loaf -- the official, acclaimed Rio visible from the foot of the giant statue of Christ atop Corcovado Mountain. I have nothing against the Zona Sul, mind you. (...) But there is an expression in Portuguese to describe anything done for show or to make a good impression: é coisa para inglês ver -- it's something for the English to see." Too often the Zona Sul seems such a place, full as it is of Brazilians determined to let you know that they are attuned to the current intellectual or fashion trend in London, New York, Paris or Milan. Beyond the tunnel these things aren't important. Since the residents of the Zona Norte don't see foreigners much, they aren't preoccupied with making the right impression. As a result, they appear more comfortable in their own skins, and it's easier to catch them acting like Cariocas: cordial, gregarious, impulsive and jocular, their emotions close to the surface. (...)

do Oiapoque. É dessas fronteiras que trata o capítulo a seguir ao discutir a busca por conceitos norte-americanos que sejam “correspondentes” aos brasileiros e o esforço em mostrar o quanto a “cobertura” sobre o Brasil “corresponde” à realidade.

3. REFERENCIAL TEÓRICO, CONCEITUAL E CONTEXTUAL: UM NOTICIÁRIO INTERNACIONAL “DOMESTICADO”

Os múltiplos significados da palavra “**correspondente**” são reveladores sobre os sentidos dessa atuação jornalística que pretendem ser analisados neste capítulo. Em primeiro lugar, a palavra pode significar *missivista*, e trata daquele que escreve e responde cartas. Relações de correspondência também envolvem *semelhanças*, analogias construídas entre diferentes sistemas para apontar aproximações entre elementos distantes devido a suas funções, origens ou características partilhadas. O termo aponta ainda para uma *adequação*, dentro da construção de expectativas de respeito a normas ou expectativas que devem ser devidamente correspondidas. Por último lugar, o correspondente não deixa de ser um *representante*; no caso específico, é visto pelos brasileiros como um homem do *New York Times* em nosso país e, simultaneamente, é para esse jornal o responsável pela parcela brasileira da sua cobertura internacional.

Também outro termo correlato a essa atuação dos jornalistas apresenta um sentido igualmente rico para esta análise. Assim como outras produções jornalísticas com forte laço geográfico, a “**cobertura**” internacional presume um *espaço preenchido*, um vazio que foi tapado: assim, as reportagens inscrevem na ordem simbólica recortes do real que recobrem os espaços com relatos que lhe dão sentido, como se pedaços do mundo antes na escuridão pudessem ser iluminados e vistos pelo mundo externo (HANNERZ, 2004, p. 50)¹.

Como já sugerido anteriormente (PAGANOTTI, 2007a, p. 179-180), Rohter apresenta uma preocupação destacada em construir um “noticiário internacional domesticado”, explicando conceitos próprios do Brasil a partir de visões sobre o país que possam ser compreendidas pelo seu público, seja baseando-se em estereótipos sobre o Brasil ou na construção de paralelos entre conceitos próprios do país e seus semelhantes norte-americanos. Assim, além de tratar de temas de interesse “doméstico” dos EUA – como a economia, tema do quarto capítulo desta pesquisa – o Brasil apresentado nas páginas de Rohter está “domesticado”: por um lado, os conceitos sobre o país são domados pela construção de correspondências que amarram termos brasileiros a seus semelhantes norte-americanos; por outro, as visões sobre o país são cobertas a partir das (ainda que nem sempre limitadas por) imagens simplificadas que o público já reconhece e espera.

¹ No original: “The news flow from the places where the parachutists go is discontinuous, and also there is a fairly rapid turnover of such places in the landscape of news. The lights go on in one of them, as it were, and then flicker and disappear. In the awareness of the outside world, it returns to darkness.” (HANNERZ, 2004, p. 50)

Este capítulo pretende tratar de alguns conceitos que podem ser desdobrados a partir de quatro problemas centrais para esta pesquisa: Como um correspondente internacional (no caso específico, Rohter) constrói uma cobertura sobre o Brasil? Como são utilizadas, na construção textual das reportagens, as imagens que seu público pressupõe sobre o país? Como essa cobertura evolui durante a passagem dos anos e como tenta acompanhar e apresentar as mudanças no Brasil e nos pontos de vista do repórter? Como ele traduz os eventos aqui ocorridos para a compreensão de seu público estrangeiro?

Instigado por esses questionamentos, é possível avaliar quatro processos mencionados anteriormente: a seleção de temas, a definição de abordagens, a construção de imagens e os processos de tradução entre conceitos e realidades distintas. Os três primeiros elementos são fundamentais para a avaliação de representações sociais (MOSCOVICI, 2007), que será tratada na segunda seção a seguir, e o quarto é central nos processos de tradução que ocorrem nas zonas fronteiriças entre semiosferas (LOTMAN, 2000), foco da primeira seção deste capítulo. Da mesma forma, os três primeiros sentidos listados acima para a palavra “correspondente” – um escritor de cartas, um construtor de semelhanças entre culturas diferentes e um normatizador que aponta os limites entre os padrões e os desvios – serão o foco da primeira seção deste capítulo. Já o quarto – as construções de representações, suas alterações e reproduções – será discutida na segunda parte posterior, juntamente com a “cobertura” feita pelos relatos jornalísticos que recobrem os espaços de que falam com uma multiplicação de imagens, histórias e opiniões.

3.1. “CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS”: FRONTEIRAS ENTRE SEMIOSFERAS²

Como mencionado anteriormente, Larry Rohter relembra em um trecho revelador de seu livro as experiências pessoais que o levaram a trabalhar como jornalista e destaca o período em que trabalhou numa fábrica de lâmpadas em Chicago, quando, segundo sua avaliação, ele já construía pontes entre culturas diferentes ao atuar como intérprete informal dos trabalhadores latinos, pois dominava o espanhol:

² Alguns trechos deste capítulo foram apresentados no VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e publicados no artigo “Traduções e trans-gêneros: adaptação de termos e estruturas nos textos de correspondentes estrangeiros”, na revista *CoMtempo* (Cáster Líbero) 2010, v. 2, n. 1 (PAGANOTTI, 2010). Preciso agradecer os comentários, questionamentos e as indicações do Prof. Dr. Márcio Serelle (UFMG) sobre as funções de tradução de textos entre diferentes culturas e idiomas.

No almoço, eles [latinos] me convidavam para dividir os pratos que traziam de casa, e me faziam perguntas sobre a melhor maneira de se adaptar aos desafios da vida nos Estados Unidos: como lidar com a burocracia, como evitar problemas com a polícia, como se comportar de forma apropriada e não causar constrangimento ou chamar atenção desnecessária sobre eles, explicar por que os americanos agiam de certas maneiras em situações em que eles, latino-americanos, agiriam de maneira diferente. (ROHTER, 2008, p. 12)

O conteúdo biográfico desse trecho já foi analisado no capítulo 2.1.2, porém é necessário retomar essa frase, pois ela é representativa do papel que Rohter pretende assumir. O jornalista não somente define o que o impulsionou a aproximar-se das populações que viviam a periferia do sonho americano; sem essa intenção, ele também constrói um bom exemplo de como atua o mecanismo de controle da fronteira numa semiosfera, um espaço em que os signos têm seus sentidos reconhecidos. Em primeiro lugar, é preciso construir um sistema de signos num espaço e num tempo determinado (“explicar por que os americanos agiam de certas maneiras”), delimitando, filtrando e traduzindo o espaço externo em relação ao interno (“situações em que eles, latino-americanos, agiriam de maneira diferente”). Em segundo, é necessário mostrar uma norma de conduta que determine limites e significados para gestos aceitáveis (“como se comportar de forma apropriada”), necessários (“lidar com a burocracia”), inadequados (“causar constrangimento ou chamar atenção desnecessária”) ou proibidos (“evitar problemas com a polícia”).

Esta seção pretende refletir sobre o papel de correspondentes internacionais como Rohter na transmissão e tradução de conceitos definidores de semiosferas entre diferentes culturas (e, portanto, espaços semióticos com inter-compreensão limitada). Como representantes do seu público na busca por informações, todos os jornalistas atuam na fronteira entre semiosferas e no contato entre seu centro, periferia e espaço externo. Ao se posicionar como um observador intermediador, filtrando e traduzindo signos dos temas que procura retratar para seu público, o repórter age como um representante do olhar do leitor, levando as informações sobre temas e locais inacessíveis para seu público. Um dos grupos de jornalistas mais interessantes (e menos estudados) nesse enquadramento é o dos correspondentes internacionais, que constroem pontes entre o exterior (no caso analisado nesta pesquisa, do Brasil para os estrangeiros), o periférico (uma nação em desenvolvimento dentro do sistema capitalista global do qual o Brasil faz parte significativa, mas não principal) e o central de uma cultura (jornais *mainstream* de grandes potências políticas, econômicas e, sobretudo, culturais, como o americano *The New York Times*). Este capítulo busca também demonstrar como diferentes representações míticas e crônicas são articuladas nos textos jornalísticos. Por último, pretende-se contribuir para o estudo das fronteiras (periferias e pontos de contato com a delimitação externa) e dos conceitos definidores das semiosferas (o efeito normativo de textos presentes no centro do espaço semiótico).

Erupções de textos e traduções entre semiosferas

Lotman define semiosfera como um *continuum* semiótico delimitado (LOTMAN, 1996, pp. 22-4), retomando a definição feita por Vernadski da biosfera como uma película que recobre a superfície terrestre e que envolve todos os seres vivos e as condições necessárias para a existência de vida. Assim, a semiosfera funciona como um espaço de semiose, ou o local em que os signos habitam – são criados, reproduzidos e significam.

Delimitando as semiosferas, Lotman situa as fronteiras, que, inicialmente, determinam até qual ponto os signos que lhe são próprios podem ser trocados, reconhecidos e interpretados. As fronteiras também determinam o que está fora do processo de semiose, traduzindo e filtrando os seus conteúdos externos. Esses espaços de fronteira, por estarem no limite entre o interno (que tem seus sentidos reconhecidos) e o externo (um desconhecido determinado e delimitado), possuem o conhecimento de múltiplas linguagens e podem selecionar e traduzir signos de uma semiosfera para outra (Id., *ibid.*, p. 24).

No interior da semiosfera, seu centro apresenta os elementos mais ordenados, por estarem mais próximos das linguagens cristalizadas e dos textos normativos que procuram auto-definir o espaço da semiosfera e seus mecanismos de construção de sentido. Quanto mais nos aproximamos das periferias, é possível encontrar mais elementos caóticos e mais próximos de outras culturas e sistemas de signos; esse contraste entre periferia e centro evidencia a própria irregularidade interna da semiosfera (Id., *ibid.*, p. 30). Ainda que apresente diferenças em relação ao núcleo, as fronteiras também acompanham e são demarcadas e justificadas pelo processo “meta-estrutural” característico do centro da semiosfera, que “exige o direito de falar por toda a cultura” (Id., 2000, p. 133) e cria uma “ilusão de unificação” da comunidade (Id., *ibid.*, p. 134). O processo central de auto-definição (rígido e regulador) pode entrar em conflito com o dinamismo da periferia, próximo às fronteiras com outras culturas e mais suscetível a mudança, levando a uma dinâmica rotação interna do centro e da periferia da semiosfera. Em uma das reportagens de Rohter, esse processo meta-estrutural que cria uma ilusão de unificação pode ser exemplificado no seguinte trecho:

Silva is perhaps the country's most common last name, and Mr. da Silva says he speaks in the name of the dispossessed masses, whose experience he has shared.

"First of all," Mr. Dirceu said, "to elect a president with the surname Silva, that is a very important cultural rupture in Brazil." Since Brazil became a republic more than a century ago, he said, "it has been only the elite that elects presidents and controls power in this country, and we need to break with that so there can be popular participation in the management of the state." (...)

"If the banks and the big corporations want a government in Brazil that is docile to financial capital and submissive to the State Department, then we can't help them," he said. "We'd rather lose the election than accept that."³

No trecho, Rohter constrói uma estratégia argumentativa que envolve diversos processos centrais e periféricos ao analisar as mudanças eleitorais do discurso de Lula em 2002. Em primeiro lugar, lembra que Lula apresenta-se como representante que fala “em nome das massas sem posse, de cuja experiência ele compartilhou”. Essa estratégia é um exemplo do processo central de unificação, em que o centro da semiosfera tenta mostrar-se como representativo de seu todo. Mas, em segundo lugar, Rohter lembra que a eleição de Lula levaria a um rearranjo nas forças políticas brasileiras. Nas palavras de José Dirceu, “tem sido apenas a elite que elege presidentes e controla o poder neste país, e precisamos romper com isso para que possa haver participação popular na administração do Estado” – ou seja, Lula seria um elemento periférico que passaria a ocupar o centro dos processos decisórios, alterando o jogo de forças que determina as ações políticas e também representando, como chefe de governo, o Brasil. É interessante questionar também quem seria o “nós” na fala de Dirceu; seria o povo ou seus supostos representantes, os petistas? Mais uma vez, está presente a construção de uma “ilusão de unificação” da comunidade semiosférica (LOTMAN, 2000, p. 134). Outro argumento adotado por Dirceu – o sobrenome “Silva” de Lula – insere o líder entre as massas e tenta fortalecer um processo de identificação das massas na figura de Lula, para que elas possam ver-se representadas no novo governo.

No centro, entre os sistemas semióticos dominantes, as atividades auto-descritivas têm papel importante na tentativa de homogeneização interna da própria semiosfera, ao apresentar fórmulas que apresentam e sintetizam o próprio espaço semiótico para seus participantes. Com isso, o centro também ajuda a delimitar as suas fronteiras, ao traçar o perfil do que pertence ou não à visão dominante que explica a semiosfera de dentro dela mesma; da mesma forma como a semiosfera organiza seu espaço interno, ela delimita também o que lhe é externo. A própria “organização interna” – a civilização, os sistemas organizados e com sentido – cria a “desorganização externa” – a barbárie, o caos e o sem sentido (LOTMAN, 2000, p. 142). Assim, ocorre uma tentativa de homogeneizar os conceitos que não pertencem ao seu espaço, criando uma visão

³ ROHTER, Larry. “Skepticism Greets Leftist's Makeover in Brazil”. *The New York Times*, 07/07/02. Tradução (ROHTER, 2008, pp. 205-207):

Silva é, talvez, o sobrenome mais comum no país, e Lula diz que fala em nome das massas sem posse, de cuja experiência participou.

“Antes de tudo”, diz Dirceu, “eleger um presidente com o sobrenome Silva é uma ruptura cultural muito importante no Brasil”. Desde que o Brasil se tornou República, há mais de um século, disse ele, “tem sido apenas a elite que elege presidentes e controla o poder neste país, e precisamos romper com isso para que possa haver participação popular na administração do Estado”. (...)

“Se os bancos e as grandes corporações querem no Brasil um governo que seja dócil ao capital financeiro e submisso ao Departamento de Estado, aí não tem jeito”, diz. “Preferíamos perder a eleição a aceitar isso”.

comum para todo um caos indiferenciado e exterior. Observadores externos que operem nos pontos de contato fronteiriços entre semiosferas diferentes (como Rohter e outros correspondentes internacionais, o objeto deste trabalho) também podem formular descrições que sintetizem outras culturas – e, para isso, eles usam categorias do seu próprio sistema, como será discutido a seguir (Id., 1996, p. 31).

O simples papel de selecionar, produzir ou traduzir textos entre semiosferas já posiciona os correspondentes num local privilegiado entre culturas – e constituem um foco bastante rico para análise. Alguns dos maiores jornais do mundo não influenciam somente a visão de seu público sobre si mesmo, mas sobre o outro, o alheio, o externo. Como já visto anteriormente, os mecanismos metaestruturais que “afirmam ter o direito de falar pela cultura inteira” (*idem*, 2000, p. 133) permitem que jornais como o norte-americano *The New York Times* estampem no seu próprio slogan esta presunção: o jornal apresenta “*All the news fit to print*”, ou seja, todas as notícias adequadas [“que cabem”] para impressão, como visto na seção 2.1.2. Esse recorte total desqualifica o que lhe escapa: o que não foi publicado é impublicável, não merece chegar à luz do papel e aos olhos do público ou sua publicação é simplesmente impossível, pois são notícias “intraduzíveis” em palavras ou em imagens impressas. Ao mesmo tempo, tenta abarcar a totalidade do espaço semiosférico, afirmando ter a capacidade de englobar todas as notícias possíveis, adequadas e desejáveis para seu público.

Entre o que é próprio e o que é alheio, entre o interno e o externo, localizam-se as fronteiras das semiosferas. Essas regiões têm uma função ambivalente, na definição de Lotman: ao mesmo tempo em que separam espaços diferentes, unificam-nos. Isso ocorre porque a fronteira não deve segregar totalmente os espaços, mas filtrar os textos que atravessam esses pontos de contato. Para isso, é preciso controlar, filtrar e adaptar o externo para que esses textos sejam traduzidos e possam ser compreendidos no espaço interior da semiosfera (Id., *ibid.*, p. 140). Esse processo é dominado não pela aproximação, mas pela diferença que marca as distâncias e os pontos de tensão entre os sentidos: procura-se “converter, ainda que convencionalmente, o conhecido e próprio em desconhecido e alheio” (LOTMAN, 1996, p. 63), e vice-versa.

Lotman afirma que a emergência de textos externos é necessária, em certa medida, para o desenvolvimento cultural, pois é pelo contato com o outro que se define o próprio eu (Id., 1996, p. 64). Os textos dos correspondentes internacionais agem, de certa forma, como mediadores e tradutores de textos externos que são levados para dentro das semiosferas dos seus países de origem. Esses “observadores externos”, para Lotman, atuam como um capitão que chama seus soldados por nomes comuns – ou seja, agrupam-nos em classificações gerais –, enquanto que, para seus vizinhos, eles são identificados por nomes próprios, e suas especificidades não podem ser confundidas com agrupamentos plurais (Id., 1999, p. 185).

O processo de recepção e tradução de textos externos envolve a entrada inicial de um texto “estranho” na semiosfera e sua “adaptação” por processos de tradução e imitação (que serão discutidos a seguir). Dessa forma, o que é externo à semiosfera é traduzido para “nossa” linguagem, para entrar em “nossa” semiosfera – e o mesmo vale para textos esquecidos ou “expulsos” da semiosfera pela memória cultural que voltam a circular e são re-inseridos no uso cotidiano (Id., 2000, p. 137).

Traduções trans-semiosféricas

O próprio processo tradutório envolve essa função mediadora entre culturas, mais do que entre simples idiomas. Além de uma “fidelidade absoluta ao objeto”, o tradutor precisa reinventar os termos, conceitos e situações que vem de um idioma original adaptando-os para um “contexto (linguístico ou cultural) que é fatalmente ‘outro’” (FINAZZI, 2003, p. 61):

[...] as palavras são, obviamente, refratárias a uma transcodificação completa, a um espelhamento sem restos — e não só no caso da linguagem literária, mas também naquele de outras linguagens especializadas (razão pela qual, diga-se de passagem, todas as tentativas de uma tradução automática são destinadas a naufragar, frequentemente, no grotesco). Também no caso da divulgação de uma cultura num contexto outro existe, todavia, o mesmo perigo que se liga, mais uma vez, a uma impossibilidade de fazer passar para um situação cultural diferente elementos próprios de um espaço, de um tempo, de uma sociedade peculiares. (Id., *ibid.*, p. 61)

Da mesma forma, “a tradução não é uma escrita inocente e que envolve sim questões de poder, cultura e política, como também se evidencia que a tradução do texto jornalístico não é apenas o relato de um fato em outra língua” (LIMA, 2008, p. 199), pois implica em escolhas de equivalências e aproximações empregadas pelos tradutores seguindo não só seus conhecimentos linguísticos, mas também seu posicionamento ideológico ante os termos a traduzir e sua relação com o público final do texto adaptado.

Quanto à dificuldade de traduzir especificidades da cultura brasileira que se ocultam em termos ricos e intraduzíveis, que podem somente ser “aproximados” – como a palavra “sertão” – Finazzi (2003, p. 62) lembra que as diferenças entre termos de idiomas diferentes é semelhante entre as distâncias geográficas e culturais que separam sociedades distintas. Essa “fresta” entre culturas, “a pequena racha separando textos e contextos fatalmente diferentes” nunca pode ser totalmente suturada (Id., *ibid.*):

[...] se podemos talvez *medir* a distância que se abre e se oculta na *mediação*, isto é, se podemos recusar, na prática, uma interpretação que seja infiel e arbitrária; se, mais em particular, podemos [...] e devemos censurar todo recurso ao lugar comum, a um exotismo enraizado e teimoso tentando simplificar a complexidade brasileira, nunca poderemos, porém, fazer com que o hiato existente entre as duas culturas (e as duas histórias, as duas geografias, as duas realidades sociais...) chegue a desaparecer por completo. (FINAZZI, 2003, p. 62)

Ainda assim, é possível contrapor esse processo de aproximação e explicitar as distâncias entre termos por meio de textos bifrontes nas edições bilíngues, em que o original é apresentado junto com o traduzido, pois colocar “lado a lado o texto original e a sua tradução significa, de fato, evidenciar necessariamente aquele branco, aquele vazio que une e separa as duas versões” (FINAZZI, 2003, p. 63). Rohter utiliza-se, em parte, dessa estratégia ao apresentar termos brasileiros em português, seguidos de sua explicação e tradução em palavras aproximadas – o que, ao mesmo tempo, explicita a distância e a incapacidade de traduzir completamente esses termos. Essa estratégia é empregada com termos exclusivos do português que nomeiam elementos próprios de nossa cultura, e, portanto, ainda intraduzíveis, acompanhados por breves descrições – como “‘*língua geral*’ or the ‘*general language*’, [...] a mixture of Indian, Portuguese and African words”⁴ [língua geral, uma mistura de palavras guaranis, portuguesas e africanas], “*forró*, an accordion-driven folk-based style Brazilians once derided as ‘music for maids and taxi drivers’ but now all the rage among young cognoscenti”⁵ [forró, uma música popular de acordeão que os brasileiros antes consideravam como ‘música para taxistas e domésticas’ mas agora cresce entre apreciadores] e “*buchada*, a fatty tripe dish native to his home region that is the bane of nutritionists”⁶ [buchada, um prato gorduroso de tripas nativo de sua região natal que é o terror de nutricionistas].

Nos casos acima, percebe-se que as estratégias adotadas na tradução dos termos variam desde a simples descrição enciclopédica sobre o que é a “língua geral”, até uma interpretação cultural valorativa sobre o tipo de música e a forma como a sociedade brasileira vê o “forró”. Em muitos textos, os termos em português são usados também para sugerir que certas palavras específicas podem apontar não só como o brasileiro fala, mas também parte de suas práticas sociais e as razões por trás de certos comportamentos, como em uma reportagem sobre as suspeitas relacionadas ao enriquecimento de urânio brasileiro e os limites de fiscalização impostos pelo governo federal:

The situation has been complicated by Brazil's apparent desire to deal with the outside world under principles that routinely govern relationships here. In the simplest terms, Brazil is arguing that it deserves a wink-and-a-nod exemption from full inspection because Brazilians are nice people, unlike those nasty North Koreans or Iranians.

Brazilian society functions on the basis of what is known as “jeitinho,” a notion that all formal laws and rules can be maneuvered around if one is clever or charming enough. Of course, the more powerful you are, the better

⁴ ROHTER, Larry. “Language Born of Colonialism Thrives Again in Amazon”. *The New York Times*, 28/08/05.

⁵ Id. “Slowing the Pace Along Brazil's Coast”. *The New York Times*, 20/02/05.

⁶ Id. “Beaches for the Svelte, Where the Calories Are Showinhg”. *The New York Times*, 13/01/05.

your chances of getting around cumbersome procedures by "driblando," the verb Brazilians use to describe a soccer player's adroitness with the ball.⁷

O uso do verbo “driblando” no texto não só se atrela à imagem do Brasil como uma nação futebolística, mas sugere que nossa sociedade aplica nossa capacidade de dribles para também dar “jeitinhos” – também no original – e evitar sanções das leis. Assim, Rohter tenta atrelar a força de sua argumentação – de que o Brasil está tentando evitar as normas internacionais devido a uma falha de caráter nacional – com a observação e tradução de termos próprios da nossa cultura e, portanto, legitimando sua análise que vai além do linguístico. A correspondência de termos entre “driblando”, em português, e “*adroitness*”, em inglês, pode ser considerada como um equivalente válido para compreender o sentido da palavra em português; da mesma forma, se Rohter é capaz de explicar o sentido dos termos, deve ser capaz de apresentar uma interpretação legítima e válida sobre as ações brasileiras, traduzindo as especificidades culturais brasileiras por meio das palavras no próprio idioma português.

Essa estratégia de apresentar os termos em português junto com explicações ou outros termos aproximados em inglês não é uma exceção na cobertura de Rohter: está presente em 82 textos, ou 11,3% do total de 727 artigos analisados nesta pesquisa. Além de mostrar as especificidades do português e de fortalecer a legitimidade de sua argumentação, o uso do português mostra uma proximidade de Rohter com a cultura que pretende retratar; ele não é um completo estrangeiro, porque domina o código da região que pretende retratar⁸. Da mesma forma, pretende aproximar também o seu público, dando um “gosto” de brasilidade por meio do uso de termos próprios dos brasileiros – “para introduzir, nesse lugar do texto, todo o complexo de sentimentos e de emoções” ligadas ao Brasil e ao português, parafraseando Ducrot (1977, p. 25). Da mesma forma, Rohter utiliza com menor frequência, em 16 textos – ou 2,2% dos artigos analisados – a apresentação fonética em inglês da pronúncia de termos em português, tentando mostrar para seu público norte-americano como imaginar a pronúncia de termos exóticos em português – ou como citar o que estão lendo em futuras conversas que tiverem com seus conterrâneos anglófonos. Na maioria das vezes, o autor apresenta

⁷ Id. “The World: Nuclear Secrets; If Brazil Wants to Scare the World, It's Succeeding”. *The New York Times*. 31/10/04. Tradução do autor:

A situação se complicou devido ao desejo aparente do Brasil de lidar com o mundo através de princípios que frequentemente governam as relações aqui. Em termos mais simples, o Brasil quer apenas um tapinha nas costas e um passe livre de uma inspeção completa porque o brasileiro é um povo simpático, diferente dos ardilosos norte-coreanos ou iranianos.

A sociedade brasileira funciona na base do que é conhecido como “jeitinho”, uma sensação de que todas as leis e regras podem ser contornadas quando se é esperto ou charmoso o suficiente. Aliás, quanto mais poderoso, maiores as suas chances de se livrar dos procedimentos difíceis “driblando”, o verbo que os brasileiros usam para descrever as destrezas de um jogador de futebol com a bola.

⁸ O título da autobiografia de Edward Behr, da *Newsweek*, mostra essa dificuldade de acesso aos códigos: “Anybody here been rapped and speaks English?” [alguém aqui foi estuprada e fala inglês], frase proferida por um colega de Behr durante a guerra civil do Congo nos anos 1960 (apud HANNERZ, 2004, p. 89).

nomes próprios de entrevistados sobre os quais escreve perfis – como “Moacyr Scliar [mo-uh-SEER SKLEER]”⁹ e Celso “Pitta [PEET-uh]”¹⁰ – ou nomes comuns, como dos índios “pataxó [pot-a-SHOW]”¹¹, uma estratégia presente em 10 textos. Outros dois artigos mencionavam a pronúncia de locais: “Xapuri [SHAH-poor-he]”¹² e “Joinville [zhoin-VEE-lee]”¹³. Quatro textos também apresentavam outros termos próprios, variando de palavras que descrevem elementos próprios da cultura brasileira – como “acarajé [uh-kar-uh-ZHAY]”¹⁴ e “açáí [ah-sigh-EE]”¹⁵ – até termos que detêm equivalentes em inglês – “dengue [DEN-ghee]”, que em *“English-speaking countries, the disease is known as breakbone fever because of the excruciating pain in the joints and muscles that usually accompanies it”*¹⁶ [países falantes de inglês, a doença é conhecida como febre “quebra-ossos” devido à dor intensa nas juntas e músculos que usualmente a acompanha].

Ao tentar traduzir textos de uma cultura para outra, Rohter (assim como qualquer outro correspondente e, de forma análoga, como outros jornalistas também) precisa atuar de forma equilibrada: é necessário explicar a especificidade de conceitos estrangeiros, mas sem se esquecer de que seu público detém conhecimento e interesse limitados sobre o tema. Esse desafio supera a simples tradução entre linguagens diferentes, que não apresentam correspondência unívoca entre suas estruturas. Não basta somente adotar as “equivalências convencionais” (LOTMAN, 1996, p. 68) entre linguagens ao traduzir os termos, pois é necessário explicar, traduzir culturalmente conceitos complexos entre semiosferas diferentes. Isso fica evidente quando Rohter apresenta expressões realmente intraduzíveis, como em reportagem sobre diferentes bairros do Rio de Janeiro:

But there is an expression in Portuguese to describe anything done for show or to make a good impression: é coisa para inglês ver -- it's something for the English to see." Too often the Zona Sul seems such a place, full as it is of Brazilians determined to let you know that they are attuned to the current intellectual or fashion trend in London, New York, Paris or Milan.¹⁷

⁹ ROHTER, Larry. “Tiger in a Lifeboat, Panther in a Lifeboat: A Furor Over a Novel”. *The New York Times*, 06/11/02.

¹⁰ Id. “Sao Paulo Journal; What Mayor's Wife Saw: A Tangled Tale of Graft”. *The New York Times*, 05/05/00.

¹¹ Id. “Porto Seguro Journal; Indian Tribe Wants Brazil's Plymouth Rock Back”. *The New York Times*, 01/12/99.

¹² Id. “Discovering Amazon Rain Forest's Silver Lining”. *The New York Times*, 10/09/02.

¹³ Id. “The Discipline of the Bolshoi In the Land of the Samba; A Satellite School in Brazil to Train Tomorrow's Ballet Stars”. *The New York Times*, 03/07/01.

¹⁴ Id. “Salvador da Bahia Journal; Simmering Over Who Can Cook a Favorite Fritter”. *The New York Times*, 30/11/01.

¹⁵ Id. “Vast Pipelines in Amazon Face Challenges Over Protecting Rights and Rivers”. *The New York Times*, 21/01/07.

¹⁶ Id. “A Fever, Once in Retreat, Surges in Latin America”. *The New York Times*, 23/09/95.

¹⁷ ROHTER, Larry. “OUR CORRESPONDENT IN RIO; The City's Soul Lies Beyond The Tunnel” *The New York Times*, 03/03/02. Tradução do autor:

Nesse trecho, não bastaria a simples tradução, palavra por palavra, da expressão “é coisa para inglês ver”. Rohter precisa explicar a *função* dessa expressão – “*anything done for show or to make a good impression*” [qualquer coisa feita apenas pelas aparências] – e *exemplificar seu uso* – “*Brazilians determined to let you know that they are attuned to the current intellectual or fashion trend in London, New York, Paris or Milan*” [brasileiros determinados a deixar transparecer que estão ligados às correntes intelectuais ou da moda vindas de Londres, Nova Iorque, Paris ou Milão].

Porém, nem sempre essas estratégias são suficientes – nem podem abarcar todas as possibilidades de “tradução” desejadas. Voloshinov, ao analisar o contexto extraverbal essencial para a compreensão de enunciados, classifica esse entorno das mensagens em três aspectos que devem ser compartilhados entre os interlocutores: o *horizonte espacial comum*, que envolve tudo o que pode ser visto ou sentido no momento da comunicação; o *conhecimento e a compreensão comum* da situação compartilhada; e a *avaliação comum* sobre esse contexto (VOLOSHINOV, s/d, p. 5). Numa situação em que o horizonte espacial não pode ser compartilhado diretamente – pois o leitor, o autor e o tema de que se trata encontram-se em locais geograficamente isolados –, é necessário adotar estratégias que familiarizem e aproximem conceitos distintos por meio do conhecimento, da compreensão e da avaliação comuns entre o público e o autor. Correspondentes internacionais como Rohter precisam traçar paralelos entre horizontes diferentes, partindo de conhecimentos e avaliações que compartilham com seu público (pois esses jornalistas são originários, ou ao menos conhecem profundamente, a semiosfera do público desses veículos). Em estudo anterior que comparava nove correspondentes internacionais de sete diários diferentes, Rohter destacou-se por ser o único a utilizar as estratégias de tradução de temas brasileiros, construindo paralelos metafóricos ou comparativos (PAGANOTTI, 2010, p. 8)¹⁸ em 55 artigos, ou 7,5% dos 727 textos analisados nesta pesquisa. Esse processo específico pode ser chamado de traduções trans-semiosféricas, ou traduções culturais, pois não é possível simplesmente adotar as convenções que aproximam termos semelhantes entre linguagens diferentes ou explicar em outras palavras o que esses termos exprimem, como analisado anteriormente: é necessário traduzir culturalmente **personagens**,

Mas existe uma expressão em português para descrever qualquer coisa feita apenas pelas aparências ou para causar uma boa impressão: é coisa para inglês ver. Frequentemente a Zona Sul parece um lugar cheio de brasileiros determinados a deixar transparecer que estão ligados às correntes intelectuais ou da moda vindas de Londres, Nova Iorque, Paris ou Milão.

¹⁸ Os outros correspondentes analisados eram os argentinos Eleonora Gosman (*El Clarín*) e Darío Pignotti (*Página/12*), Sérgio Barreto Motta (do português *Diário de Notícias*), os espanhóis Emilio Moreno Lacave, Ramy Wurgaft e Iñigo Garcia (*El Mundo*) e os ingleses Tom Phillips e Gareth Chetwynd (*The Guardian/The Observer*).

lugares, empresas, ações, valores, eventos e fenômenos sociais por meio de paralelos entre a cultura brasileira e a norte-americana.

Entre os **personagens** que precisam ser apresentados e contextualizados culturalmente, o perfil publicado por Rohter sobre o cantor Roberto Carlos exemplifica esse procedimento de tradução trans-semiosférica. Roberto Carlos é classificado como um “Elvis Presley” brasileiro, um “rei” da música assim como Pelé é o rei do futebol¹⁹. Assim, Rohter parte de um objeto desconhecido pelo seu público – Roberto Carlos – e o apresenta por meio de um paralelo, comparando-o com outros elementos mais familiares do seu público, como Elvis, um cantor norte-americano que teria a mesma “realeza” de Roberto Carlos, ou por analogias com outros elementos propriamente brasileiros – porém mais famosos e, portanto, mais reconhecíveis –, como Pelé. O paralelo entre personagens é o mais utilizado por Rohter: é usado em 20 textos, dos 55 que apresentam as traduções trans-culturais.

Para traçar paralelos entre contextos diferentes (Brasil e EUA), o correspondente adota uma estratégia peculiar: cita avaliações de outros brasileiros (músicos e críticos), que constroem imagens que traduzem para os americanos o que o cantor significa para o Brasil. A imagem de Roberto Carlos como o Elvis brasileiro é do cantor Caetano Veloso, assim como o crítico Jotabê Medeiros afirma que “‘*For Brazilians, Roberto Carlos is as much a part of Christmas as a turkey is for you’ in the United States*”²⁰. Essa tradução marca o personagem como muito mais do que um ator social no Brasil: ele é parte de um ritual demarcado pelo seu programa especial de Natal e a conseqüente troca de presentes entre seus fãs. Ao mesmo tempo, o correspondente norte-americano dá espaço para que um brasileiro ajude-o a construir uma ponte entre as culturas dos dois países, o que mostra que o paralelo construído não é fruto da mente imaginativa do repórter, mas da avaliação criteriosa de especialistas brasileiros.

A atribuição desses paralelos entre culturas às declarações e avaliações de fontes é bastante frequente nos textos de Rohter que usam dessa estratégia: dos 55 textos que fazem uso dessas traduções trans-culturais, 16 usam fontes brasileiras que constroem esses paralelos entre a cultura nacional e a norte-americana. Dois outros textos atribuem esses paralelos a especialistas norte-americanos, o que totaliza 18 textos em que o paralelo não foi realizado, no texto, pelo próprio Rohter – ou seja, quase um terço dos 55 textos que utilizam essa estratégia de traduções. Porém, um fenômeno curioso pode ser percebido ao periodizar essa atribuição de paralelos às fontes. Os textos que utilizam-se de fontes para traçar as aproximações entre Brasil-EUA estão concentrados

¹⁹ ROHTER, Larry. “Songs by a Man With Heart Mean Christmas in Brazil”. *The New York Times*. 24/12/2003.

²⁰ Id., *ibid.* Tradução do autor: “‘Para os brasileiros, Roberto Carlos faz parte do Natal como o peru para vocês’ nos EUA”.

nos primeiros quatro anos em que Rohter atuou como chefe da sucursal do *NYT* no Rio de Janeiro: 12 textos publicados entre 1999 e 2003 usam de fontes para construir essas traduções, ante somente 4 no período de 2004 a 2008. Os outros dois terços de textos que traçam esses paralelos não apoiam-se de fontes externas, e partem da própria observação de Rohter – ou ao menos não há fonte explícita. Esse processo pode indicar que o correspondente, com o passar do tempo, apoiava-se menos em fontes externas e explícitas para construir esses pontos de aproximação entre termos próprios do Brasil e seus equivalentes nos EUA, usando mais das suas próprias observações, ou ocultando os paralelos apontados indiretamente por suas fontes. Essa estratégia de apropriação pode ser vista no trecho abaixo:

Os Mutantes are to this metropolis [São Paulo], South America's largest, what the *Grateful Dead* were to San Francisco, the *Velvet Underground* to New York or *Nirvana* to Seattle. Simply put, they are an emblematic band indelibly associated with a particular place, time and pop style.²¹

O paralelo entre a importância simbólica das bandas citadas como paralelo a *Os Mutantes* e sua ancoragem espacial, temporal e de estilo é apresentado por Rohter, sem apoiar-se na avaliação ou balizamento de nenhuma outra fonte especializada, como feito anteriormente no texto sobre Roberto Carlos. O efeito dessa estratégia, se analisada com a evolução do correspondente ao longo de sua permanência no Brasil, é que Rohter passou, com o tempo, a ser visto – e talvez a se ver também – como ele mesmo um especialista sobre o país. Com isso, poderia ter legitimidade para ele mesmo traçar esses paralelos: não só por saber o sentido desses personagens na cultura norte-americana, mas também por reconhecer o valor de seus semelhantes brasileiros.

Outra estratégia de apresentação de personagens construída pelo próprio Rohter é adotada num texto sobre a polêmica do primeiro vôo do homem. Como os americanos consideram como vôo a experiência dos Irmãos Wright – e imaginam que o mundo todo deve adotar esse ponto de vista –, o avião brasileiro Santos-Dumont é comparado ao software livre da Linux por permitir o uso de seus produtos sem patentes, enquanto os norte-americanos Wright agiriam como a gigante Microsoft²². Nesse caso, Rohter precisou posicionar ele mesmo no lugar de fiador dessa equivalência metafórica entre a

²¹ ROHTER, Larry. “Brazil’s Musical Mutants Resume Their Strange Trip”. *The New York Times*, 15/07/07. Tradução do autor:

Os Mutantes são para esta metrópole [São Paulo], a maior da América do Sul, o que o *Grateful Dead* foi para São Francisco, o *Velvet Underground* para Nova Iorque ou o *Nirvana* para Seattle. Em termos simples, eles são uma banda emblemática memoravelmente associada a um lugar, um tempo e um estilo.

²² “To draw a modern parallel, he [Santos-Dumont] was Linux to the Wright Brothers' Microsoft, refusing to patent his inventions and allowing the specifications of the Demoiselle to be published in *Popular Mechanics* so that other dreamers could make the craft themselves”. ROHTER, Larry. “To Brazil, Orville and Wilbur Were Fly-by-Nights”. *The New York Times*, 13/12/2003. Tradução do autor: “Para traçar um paralelo, ele [Santos-Dumont] era o Linux da Microsoft dos irmãos Wright, recusando-se a patentear suas invenções e permitindo a publicação das especificações do Demoiselle na Mecânica Popular para que outros sonhadores pudessem fazer a aeronave”.

relação de Santos-Dumont/irmãos Wright com Linux/Microsoft não só por tratar-se de um interessante *insight* sobre as diferenças entre os inventores, mas também porque esse paralelo não posiciona Rohter como americano nem como brasileiro, pairando neste *entre-lugar* (FINAZZI, 2003, p. 59) e equilibrando as visões contrastantes sobre a atribuição da paternidade da aviação, sem tomar partido evidente e focando outras questões diferenciais, como o uso (ou não, no caso de Santos-Dumont) de patentes.

Lugares também são o foco de aproximações e paralelos entre o Brasil e os EUA em seis textos dos 55 que usam das traduções trans-culturais. Para Rohter, “*Ibirapuera Park is to Sao Paulo what Central Park is to New York City: an island of green and calm amid traffic and skyscrapers*” [parque Ibirapuera é para São Paulo o que o Central Park é para Nova York: uma ilha de verde e calma entre o trânsito e os arranha-céus], assim como “*the Memorial to the Immigrant [...] is the Brazilian equivalent of Ellis Island*”²³ [o Memorial do Imigrante é para os brasileiros o equivalente à ilha Ellis]. O paralelo entre a função dos locais no Brasil e seus semelhantes norte-americanos focam, nesse caso, locais em Nova York que são conhecidos nacionalmente, mas que detém uma ancoragem maior com o público local do periódico. Em um dos paralelos, a comparação pode até parecer desproporcional: ainda que mantenha a acuidade na sua função como centro de triagem e posterior museu imigrante, destoa a importância de um dos menores museus paulistanos e parte do monumento mais icônico de Nova York, a Estátua da Liberdade. Assim como os personagens acima descritos, os paralelos entre lugares também são apontados pelo próprio Rohter, como neste caso anterior, ou por brasileiros, de forma mais avaliativa e como parte de estratégias próprias de argumentação, como visto em trecho da reportagem sobre a Lei Cidade Limpa em São Paulo:

The law, approved by a vote of 45 to 1 in September, goes into effect on Jan. 1. Opponents complain that the date does not allow enough time for merchants to comply, that fines of up to \$4,500 for violations are extreme and that the result will inevitably be a diminishing of urban life — “like New York without Times Square or Tokyo without the Ginza,” Mr. [Marcel] Solimeo [chief economist of the 32,000-member Commercial Association of São Paulo] said.²⁴

Nesse trecho, a atribuição do paralelo foi a uma fonte local porque há uma intencionalidade política demasiadamente demarcada em dizer que retirar os *outdoors* de São Paulo seria como uma “Nova York sem a Times Square ou Tokyo sem o Ginza”.

²³ ROHTER, Larry. “WHAT'S DOING IN; Sao Paulo”. *The New York Times*, 25/06/00.

²⁴ Id. “Streets Are Paved With Neon’s Glare, and City Calls a Halt”. *The New York Times*, 12/12/06.

Tradução do autor:

A lei, aprovada por uma votação de 45 a 1, em setembro, entra em vigor no dia primeiro de janeiro. Seus oponentes reclamam que a data é muito próxima para que os comerciantes a obedeam, que as multas de até \$4.500 para violações é muito grande e que o resultado será inevitavelmente uma diminuição da vida urbana – “como Nova Iorque sem a Times Square, ou Tóquio sem a Ginza”, [Marcel] Solimeo [chefe financeiro da Associação Comercial de São Paulo, de 32.000 membros] disse.

Obviamente, os outros paralelos efetuados pelo próprio Rohter não podem ser analisados como se não apresentassem interesses ou ideologias prementes, mas o fato de que alguns desses paralelos precisam ser atribuídos a fontes evidencia um distanciamento que o correspondente pretende dar às analogias empregadas por suas fontes. Nesse trecho, apontar que a publicidade disseminada em São Paulo era parte tão arraigada da identidade paulistana quanto outros locais repletos de publicidade e que passaram a fazer parte da identidade icônica de outras metrópoles internacionais seria assumir um posicionamento contra a lei que Rohter não pretendia nesse texto.

O paralelo mais raro é empregado ao comparar **empresas** brasileiras e seus semelhantes norte-americanos: somente um texto faz uso dessa estratégia. Porém, esse paralelo é empregado de forma tão indireta que merece uma análise pontual:

The Bradesco site includes, of course, the usual purveyors of books and recorded music, Brazilian equivalents of Amazon.com or Everycd.com that can also be contacted independently if a shopper does not want to use Bradesco's services.²⁵

No trecho, ao contrário de todas as outras 54 recorrências, surpreende o fato de que o paralelo empregado entre um elemento específico da cultura norte-americana (os sites da Amazon e da Everycd) é realizado com outro elemento brasileiro não especificado (outros sites que fornecem música e livros, que não são o próprio Bradesco). Essa diferença pode ser justificada porque, aos olhos do público norte-americano, especificar os nomes desses sites seria adentrar em detalhes desnecessários, e já bastaria saber em que categoria de fornecedores eles se enquadrariam – tarefa que é suprida pelo paralelo com os sites norte-americanos e que seria muito mais esclarecedor do que uma enumeração de sites brasileiros desconhecidos.

Além de personagens, lugares e empresas, outros elementos próprios de uma cultura (como comidas e objetos) podem sofrer processos de tradução semelhantes aos dos personagens analisados acima, mas uma análise inicial de sete jornais internacionais, incluindo o *NYT* de Rohter, não pôde localizar casos diferentes dos apresentados nesta pesquisa (PAGANOTTI, 2007, pp. 182-183)²⁶.

Para contextualizar o valor simbólico de **ações**, Rohter também adota estratégias similares em 13 textos, dentre os 55 que apresentam esses paralelos. O trecho abaixo tenta explicar a ousadia e o risco do plano do cineasta Fernando Meirelles em produzir

²⁵ Id. “In Brazil, Big Bank, Big Portal”. *The New York Times*, 22/09/99. Tradução do autor:

O site do Bradesco inclui, é claro, os costumeiros anunciantes de livros e músicas, os equivalentes brasileiros da Amazon.com ou da Everycd.com que também podem ser acessados independentemente se o comprador não quiser usar os serviços do Bradesco.

²⁶ Os outros jornais analisados entre 2002 e 2005 foram o português *Diário de Notícias*, os argentinos *Página/12* e *El Clarín*, o espanhol *El Mundo* e os britânicos *The Observer* e *The Guardian*. Quase todas as ocorrências dessas estratégias de traduções trans-semióticas foram localizadas nos textos do correspondente Larry Rohter, do diário norte-americano *The New York Times*.

um filme numa das maiores favelas cariocas. Para isso, Rohter cria uma comparação sócio-geográfica entre a favela da Cidade de Deus e os bairros negros de Los Angeles:

As a white raised in a middle-class São Paulo neighborhood, Mr. Meirelles faced an additional problem, that of credibility. The American equivalent of the situation he confronted would be a native of the Upper West Side of New York City deciding to go into Los Angeles' South Central to make a movie about black gangs and expecting to be received with open arms.²⁷

Mais uma vez, fica evidente que essa equivalência é imperfeita, pois deixa de lado os grandes contrastes das questões de segregação racial que destoam entre a sociedade brasileira e a norte-americana, e que o próprio Rohter diferencia em outro texto comparativo:

But nothing about race in Brazil is ever as simple as black and white, beginning with those categories themselves. In contrast to the United States, where a person with even a trace of African heritage is almost always considered black, Brazil considers itself a racial rainbow, with more than 60 terms to designate shades of skin color. They range from "preto" for someone as dark as Pele to "brancarao" for an extremely light-skinned person of mixed race. Given that flexibility, many Brazilians who in the United States would be regarded as black prefer not to classify themselves as such. A majority of the country's 165 million people may have some degree of African descent -- even President Fernando Henrique Cardoso claims a black ancestor -- but they often choose to identify themselves with vaguer, all-purpose designations like "moreno," or brown-skinned.²⁸

Esse trecho mostra também um paralelo contrastante sobre os **valores**, uma estratégia adotada em quatro dos 55 artigos com paralelos entre Brasil e EUA. No trecho, o alvo de valoração é a herança racial, e o jornalista não busca apresentar uma evidente “valorização” de qual forma de classificar deve ou não ser seguida; o trecho somente mostra os paralelos entre as estratégias avaliativas no Brasil e nos EUA, ou seja, como as duas culturas “avaliam” o que é ser negro. Com isso, Rohter tenta aproximar as “avaliações comuns” (VOLOSHINOV, s/d, p. 5) sobre contextos

²⁷ ROHTER, Larry. “FILM; Filmed on Location: The Gangs of Rio de Janeiro”. *The New York Times*. 12/01/2003. Tradução do autor:

Como um branco criado em bairros de classe média de São Paulo, Meirelles encontrou um problema adicional: credibilidade. O equivalente norte-americano da situação que ele confrontou seria se um nativo do Upper West Side de Nova Iorque decidisse ir ao South Central de Los Angeles para fazer um filme sobre gangues negras e esperasse ser recebido de braços abertos.

²⁸ ROHTER, Larry. “Brazil Carnival's Fabled Amity May Hide Bigotry”. *The New York Times*. 12/12/99. Tradução do autor:

Mas nada em termos raciais no Brasil é tão simples como preto e branco, incluindo essas próprias categorias. Nos EUA, quando uma pessoa tem ao menos um traço de herança africana, ela é quase sempre considerada negra. Mas o Brasil considera-se um arco-íris racial, com mais de 60 termos para designar tons de cor da pele. Eles vão de “preto”, para alguém tão escuro como o Pelé, até “brancarão”, para uma pessoa de pele extremamente clara, mas miscigenada.

Devido a essa flexibilidade, muitos brasileiros que seria considerados negros nos EUA preferem não ser classificados dessa forma. A maioria das 165 milhões de pessoas do país possui descendência africana – até o Presidente Fernando Henrique Cardoso diz possuir um ancestral negro –, mas ela prefere se identificar com termos vagos como “moreno” de pele morena.

diferentes, mas que podem ser compartilhadas com a intermediação do jornalista, que aponta as suas “correspondências” – ou, nesse caso, dissonâncias.

Outras formas de juízo comum também podem ser alvo de paralelos, como, por exemplo, a visão preconceituosa que os brasileiros do sul e sudeste têm em relação ao sotaque nordestino; na representação de Rohter, esse é o mesmo preconceito de que sofrem os sulistas nos EUA²⁹.

O significado de **eventos** também precisa ser explicado e traduzido entre culturas diferentes, estratégia adotada em cinco dos 55 textos analisados nesta seção. Durante a cobertura sobre o “mensalão”, que envolveu o suposto pagamento periódico para parlamentares que apoiassem o governo Lula, o escândalo foi sistematicamente comparado como o Watergate de Nixon³⁰ (a invasão da sede do partido democrata por agentes financiados pelos republicanos ligados ao presidente norte-americano Richard Nixon). Obviamente, esse paralelo também implica uma avaliação sobre a responsabilidade (presidencial) do ocorrido e as conseqüências esperadas ou desejadas do desenrolar dos eventos – assim como Nixon renunciou ante a ameaça de um impeachment, Lula poderia/deveria fazer o mesmo, na insinuação do jornal norte-americano.

Por último, seis textos apresentam paralelos entre **fenômenos sociais** complexos como a migração de nordestinos para o sudeste brasileiro e seus pontos de semelhança, segundo o paralelo construído por Rohter, ao fluxo dos negros que saíam do Mississipi em direção a Chicago em busca de trabalho na indústria³¹. Curiosamente, o paralelo é usado para explicar a migração vivida por um personagem bastante controverso na cobertura de Rohter: trata-se do passado do presidente Lula, com quem Rohter travou o já supracitado duelo de palavras e ameaças depois de escrever sua reportagem sobre a preocupação brasileira com a “bebedeira” do presidente, que quase culminou na expulsão do correspondente do país³². Da mesma forma, a escolha do paralelo com os trabalhadores negros do sul dos EUA envolve uma curiosidade: como já mencionado no início deste capítulo, Rohter viveu e trabalhou em Chicago, lado a lado com esses migrantes numa fábrica de lâmpadas (ROHTER, 2008, p. 11). A escolha dessa imagem não leva em consideração somente a explicação a partir de um conceito acessível e

²⁹ ROHTER, Larry. “Portraying (and Stirring) Passion; Should Jesus Sign Autographs? Debate Over a Brazilian Town's Play”. *The New York Times*. 17/04/2003.

³⁰ ROHTER, Larry. “Brazil's Governing Party Knew Of Vote Payoffs, Legislator Says”. *The New York Times*. 14/06/2005.

³¹ “Mr. da Silva, in contrast, is part of a vast and more recent internal migration that is the Brazilian equivalent of poor rural blacks moving from Mississippi to Chicago in search of factory jobs”. ROHTER, Larry. “Brazil's Presidential Election Reflects Power of São Paulo”. *The New York Times*. 20/10/2002. Tradução do autor: “Lula, em contraste, é parte da vasta e mais recente migração interna que é o equivalente brasileiro dos negros pobres que se mudaram das zonas rurais de Mississipi para Chicago em busca de empregos na indústria”.

³² ROHTER, Larry. “Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern”. *The New York Times*. 09/05/2004.

próximo para seu público norte-americano, pois apresenta também a marca da sua experiência pessoal.

Outro fenômeno social “trans-contextualizado” pelo correspondente envolve os exploradores que fazem avançar a fronteira agrícola desmatando a Amazônia: eles são descritos como os caubóis do Velho Oeste³³, que expandiram a fronteira americana na corrida pelo ouro, dizimando os indígenas encontrados no caminho.

Também é importante classificar o uso das traduções trans-culturais acima a partir das **relações** discursivas que empregam entre as culturas. O texto sobre os contrastes na classificação racial no Brasil e nos EUA³⁴, analisado anteriormente, exemplifica uma primeira forma de equiparar as duas culturas por suas **diferenças**, ou seja, mostrando como apresentam elementos distintos, ainda que conectados por alguma proximidade temática. Mais comum nos textos de Rohter é o uso de comparações por **semelhanças**, focando as características compartilhadas entre os elementos comparados: Roberto Carlos é um “rei” no Brasil como Elvis o é nos EUA, cada um com seu gênero e seus súditos. Da mesma forma, o fervor do padre Marcelo Rossi é comparado ao de James Brown³⁵; ainda que a atuação e a função desses dois personagens em suas culturas seja discrepante, a característica selecionada – o “fervor” – é um paralelo útil para o correspondente narrar movimentos que dificilmente poderiam ser descritos textualmente com a mesma vivacidade da produzida pela comparação.

Outra relação entre os termos brasileiros e norte-americanos envolve **analogias**, ao aproximar as funções dos elementos comparados. Em um texto, por exemplo, ele compara a função das praias para os cariocas em paralelo ao papel da ágora da Atenas antiga ou do Central Park para os nova-iorquinos: nos três casos, tratam-se de um “*sanctuary from those difficulties [crime, noise, overcrowding] and an eminently public gathering place*”³⁶. Nesse exemplo, o correspondente não só aproxima características semelhantes, como o isolamento das dificuldades e o espaço público para encontros, mas também mostra que a função social desses elementos comparados apresenta um paralelo – e, portanto, uma analogia.

Outro trecho ainda mais indireto e conceitual, a relação de analogia é quase uma negação da função matemática “A está para B assim como C está para D”: “*Baseball*

³³ ROHTER, Larry. “Brazil Adopts Strict Gun Controls to Try to Curb Murders”. *The New York Times*. 21/01/2004.

³⁴ ROHTER, Larry. “Brazil Carnival's Fabled Amity May Hide Bigotry”. *The New York Times*. 12/12/99.

³⁵ ROHTER, Larry. “Sao Paulo Journal; Can a Melodic Priest Be Good for the Church?”. *The New York Times*, 25/06/99.

³⁶ ROHTER, Larry. “Rio Journal; The Ultimate Indignity: Fabled Beaches Are Soiled”. *The New York Times*, 04/06/99. Tradução do autor: “santuário sem as dificuldades [crime, barulho, superlotação] e um local eminentemente público para encontros”

and Brazil? That combination is evoked about as often as the Yankees and the samba”³⁷ [Beisebol e Brasil? Essa combinação é evocada com tanta frequência quanto os Yankees e samba]. O raciocínio é que Brasil não tem nenhuma relação com beisebol, assim como o time norte-americano de beisebol não apresenta nenhuma relação com futebol. O fascinante nessa relação é que os opostos foram invertidos: a relação “lógica” seria “Brasil/samba” e “Yankees/beisebol”. Dessa forma, o texto pretende causar um estranhamento considerado como evidente, onde antes provavelmente esse estranhamento não existisse: muito provavelmente o público do *NYT* não sabia que o Brasil não apresenta bons (nem muitos) times de beisebol, mas ele sabia que os Yankees não são bons de samba. Ao construir a categorização por paralelo, a lógica empregada pelo texto tenta induzir a leitura de que ou se joga beisebol, ou se samba, e os Yankees e o Brasil já fizeram suas escolhas excludentes. Simultaneamente, o trecho reforça a imagem brasileira de uma nação do samba, mas já não seria possível utilizar a mesma lógica para a imagem de uma nação futebolística, considerando-se os avanços que o esporte tem tido nos EUA. Com essa construção textual, Rohter precisava selecionar os termos de comparação para que a lógica empregada para os elementos que seus leitores conhecem da sociedade norte-americana (“os Yankees não sambam”) fizesse sentido e contaminasse os elementos brasileiros (“então os brasileiros... não jogam beisebol”). Ao criar esse estranhamento, o autor cria uma estratégia narrativa para atrair o interesse de seus leitores por meio da quebra de expectativas propostas textualmente, como será analisado no quinto capítulo.

No sentido oposto, as **homologias** aproximam elementos de origem semelhante, como a relação ancestral africana compartilhada pelo ritmo do blues no sul norte-americano e dos repentistas no nordeste brasileiro. Nas palavras de Tom Zé, entrevistado por Larry Rohter para comentar novas gravações históricas de canções folclóricas brasileiras:

“It gives me chills just to think of the similarities” between American blues and the music of the northeast, Mr. Zé said. “It’s like Mother Africa ended up with grandsons in Alabama and Pernambuco,” the state where the folklore team began its mission.³⁸

Dentre esses paralelos de raízes históricas por homologia, Rohter emprega também uma estratégia de “comparações compostas” a partir de paralelos já traçados entre outras situações.

³⁷ ROHTER, Larry. “America’s Pastime Is Only a Blip in Soccer-Crazed Brazil”. *The New York Times*, 12/07/07.

³⁸ ROHTER, Larry. “Long-Lost Trove of Music Connects Brazil to Its Roots”. *The New York Times*, 25/01/07. Tradução do autor:

“Me arrepiava pensar nas similaridades entre o blues americano e a música do Nordeste”, Zé disse. “É como se a Mãe África acabasse tendo netos no Alabama e em Pernambuco”, o estado em que a equipe de folcloristas começou sua missão.

George Bernard Shaw once described the United States and Great Britain as “two countries divided by a common language.” Much the same could be said about Brazil, with its 185 million people, and Portugal, with barely 11 million.³⁹

A partir do paralelo entre EUA e seus colonizadores britânicos construído por Bernard Shaw, Rother apresenta um paralelo baseado na mesma lógica, também “dividindo por uma língua comum” Brasil e os portugueses.

Finalmente, uma última categoria relacional encontrada envolvia **metáforas** como a já discutida apresentação de Roberto Carlos como o “peru de Natal” dos brasileiros⁴⁰. O cantor não apresenta nenhuma semelhança, função ou origem como a da ave, mas compreende-se o sentido da relação de forma implícita, conceitual, envolvendo a forma como os brasileiros veem seu especial de Natal e sua importância na cultura popular brasileira contemporânea. Da mesma forma, a relação entre Santos-Dumont/Irmãos Wright e a rivalidade Linux/Windows também é construída metaforicamente⁴¹.

Como último ponto de análise, os **temas** comparados envolvem o básico da história (a conquista do Velho Oeste, a colonização inglesa, Watergate) e sociologia (como a migração dos negros para os EUA e as relações raciais) norte-americana, ou seja, são conceitos acessíveis para o público relativamente bem instruído do jornal. Também apoiam-se em figuras da cultura popular como o *Central Park*, Elvis, James Brown, *Nirvana* e os programas operacionais Windows e Linux. Com isso, fica evidente que Rohter utiliza a medida dos conhecimentos prévios de seu público para construir equivalências entre Brasil e EUA e para aproximar seus leitores do seu tema por meio das estratégias de tradução discutidas acima.

Trans-Gêneros: influência, adaptação e integração

Além de criar traduções trans-semiosféricas como as vistas acima, é também comum que os correspondentes internacionais como Rohter busquem adaptar, traduzir ou integrar gêneros narrativos diferentes para simplificar as histórias que pretendem contar (PAGANOTTI, 2010) – ou aproximar seus leitores de temas muito distantes de sua realidade. O apelo a estratégias narrativas consolidadas, como o conflito demarcado entre bem e mal, o suspense e marcas de afetividade também colaboram para atrair e manter a atenção do público leitor dessas reportagens.

³⁹ ROHTER, Larry. “At Long Last, a Neglected Language Is Put on a Pedestal”. *The New York Times*, 23/10/06. Tradução do autor: “George Bernard Shaw certa vez descreveu os EUA e a Grã-Bretanha como ‘dois países divididos por uma língua comum’. A mesma coisa poderia ser dita sobre o Brasil, como seus 185 milhões de habitantes, e Portugal, com apenas 11 milhões.”

⁴⁰ ROHTER, Larry. “Songs by a Man With Heart Mean Christmas in Brazil”. *The New York Times*, 24/12/2003.

⁴¹ ROHTER, Larry. “To Brazil, Orville and Wilbur Were Fly-by-Nights”. *The New York Times*, 13/12/2003.

Miotello analisa os diferentes estratos da ideologia na obra de Bakhtin, que dividiu um nível superior da ideologia – a ideologia oficial dos sistemas “mais estabilizados, mais aceitos pelo conjunto social, testados de forma mais frequente pelos acontecimentos e mais amparados pelos jogos de poder” (MIOTELLO, 2008, p. 174) – e um inferior – a ideologia do cotidiano, repleta de relações sociais instáveis, atividades mentais dos interlocutores e de representações acumuladas e usadas no dia-a-dia. Da mesma forma, Bakhtin também cria dois estratos entre os gêneros discursivos, que ele define como “tipos relativamente estáveis de enunciados” ligados a campos da comunicação (BAKHTIN, 2003, p. 262). Os gêneros primários ou simples envolvem as conversações, as narrativas e as cartas, ou seja, as práticas cotidianas da comunicação. Já os gêneros secundários ou complexos – como os romances, dramas, pesquisas científicas e outros, entre os exemplos citados pelo próprio Bakhtin – “incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples)” (Id., *ibid.*, p. 263).

Dessa forma, podemos, para a finalidade deste capítulo, construir um paralelo diferenciando uma categoria de gêneros como expressões discursivas de ações sociais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 17) mais simples e relacionadas com o cotidiano, de outra categoria mais elevada, que incorpora e adapta esses gêneros em estratos organizados de forma mais complexa.

Assim como Tagé (2006) analisou as formas como um conto pode integrar características de textos literários (próprio desse gênero discursivo) e de textos jornalísticos (como a denúncia do descaso do poder público e a crítica social), este capítulo pretende analisar como textos jornalísticos podem receber influências, adaptar e integrar gêneros literários e míticos com narrativas cotidianas como cartas e reportagens. Para isso, analisaremos algumas reportagens (um dos gêneros mais comuns do jornalismo) de correspondentes internacionais e as estratégias adotadas para construir enredos que se assemelham com narrativas mais complexas (como mitos) ou simples (como cartas).

Ao analisar o trabalho de correspondentes internacionais, Hannerz (2004, p. 145) demonstrou que alguns enredos, ou “*story lines*”, predominam em determinadas regiões e determinam as formas como as histórias de certas localidades podem ou devem ser narradas (tanto no seu formato quanto na sua temática). Essas reportagens constroem e amparam-se em representações sociais cristalizadas e mundialmente difundidas – como a “ideologia oficial” de Bakhtin. Essa prática permite a referência ao conceito de Lotman sobre cultura como uma forma de inteligência e memória coletiva, dentro de um mecanismo de acúmulo, transmissão e produção de textos (LOTMAN, 1996, p. 157).

Entre esses conceitos presentes na memória coletiva da cultura, o Brasil é normalmente associado com imagens que remontam à construção mítica do seu descobrimento, mas que continuam influenciando os relatos atuais sobre novos eventos (BARBOSA, 2003). Como já discutido anteriormente, na seção 2.1.1, Holanda

reconstruiu os primeiros relatos dos viajantes europeus ao Brasil e a influência e adaptação do imaginário cristão, medieval e renascentista sobre o paraíso nos primeiros relatos sobre o Novo Mundo – uma terra de maravilhas, em que as pessoas viviam muitos anos, as águas e os alimentos eram deliciosos, saudáveis e abundantes, não havia doenças e a riqueza era acessível aos aventureiros (HOLANDA, 2007). Esses mitos passaram a ser reproduzidos atualmente e definem visão hegemônica que o Brasil construiu sobre si mesmo (CHAUI, 2007), como o de um país “abençoado por Deus”, um “paraíso tropical”, de terras férteis e muitas riquezas naturais, com um povo simpático e “cordial”, como discutido anteriormente.

A dicotomia entre mitos e registros cotidianos – como os jornalísticos – analisada por Lotman (1996, p. 195; 2000, p. 153) apresenta distinções fundamentais e mecanismos de influência entre esses dois tipos de textos. Para Lotman, os **mitos** são textos antigos e pertencem ao centro auto-explicativo da semiosfera, pois contam histórias sobre identidades próprias do grupo social local – ou dizem respeito a certos grupos sociais e são ampliadas para influenciar igualmente outros grupos. Possuem um enredo único, atemporal, e procuram normatizar os sentidos e condutas da semiosfera. Os mitos narram as leis; contam o que aconteceu uma vez e deve ser repetido, reforçando rituais e a memória coletiva (LOTMAN, 2000, p. 152).

Tabela 3.1. Mitos e crônicas entre o centro e a periferia das semiosferas.

Mito	Literatura / Crônica
Tempo cíclico (sem ponto fixo na linearidade)	Tempo linear / espaço delimitado
Eterno – Narração da ordem original do mundo	Vida cotidiana – comunicados verbais / históricos
Ordenação do cosmo	Apresentação do caos
Garantir continuidade (regularidade)	Contar novidade (transformações / anomalias)
Relembra Princípios - " <i>Picture the world</i> " [visão do mundo]	Compartilha Episódios - " <i>Record events</i> " [registra eventos]
Explica e aplica leis de conduta. Normatiza relações sociais (“narratizado”, passa a impor proibições fundamentais, como incesto e parricídio).	Choca pelo excesso / incorreto / desviante. Trata de façanha ou crime, milagre [salvação] ou tragédia [ruína]. Excessos memoráveis são inseridos no mecanismo de “mitificação”. Quadro social “desordenado”
Divino	Humano
Repetição	Ocorrência única (novidade) que não deve repetir-se
Fixa-se na memória coletiva pelo ritual	Organização textual
Parte do "inconsciente coletivo" e da "enciclopédia de arquétipos"	Gêneros narrativos (Textos históricos, crônicas, registros, anedotas e notícias)
Fala sobre Eu / Nós	Fala sobre o Outro

Tabela construída com base nos capítulos “The semiosphere and the Problem of Plot” (LOTMAN, 2000, pp. 151-170) e “Literatura y mitología” (LOTMAN, 1996, pp. 190-213).

Se os mitos tratam de eu/nós, os **comunicados cotidianos** como as crônicas, as notícias e as anedotas tratam do outro, da periferia e do exterior da semiosfera (Id., *ibid.*, p.153). Registram eventos anômalos, excessos e o incorreto, todas as pequenas histórias individuais que fogem às regras sociais de que tratam os mitos. Quando esses excessos ou incorreções tornam-se memoráveis ou ganham sentidos além da sua individualidade, passam a ganhar um aspecto que os aproxima dos mitos: são as grandes façanhas, crimes e mistérios (Id., 1996, p. 195). São desses relatos cotidianos que surge o inesperado e as violações, as tragédias e os milagres. Essa distinção entre mitos e comunicados cotidianos (literários ou crônicos) pode ser sistematizada na Tabela 3.1.

Nos textos analisados a seguir, os relatos cotidianos transformaram alguns enredos atemporais dos mitos em linhas narrativas (Id., 2000, p.159), de forma a construir histórias com ancoragem temporal, com começo e final marcados. Esse processo é análogo à transformação de imagens/superfícies (míticas) em textos/linhas (crônicas), como proposto por Flusser (2007, pp. 101-104). Essa estratégia possibilita, como dito anteriormente, adaptar, integrar e traduzir gêneros diferentes por meio da mediação dos textos dos correspondentes internacionais, aproximando culturas e formas de narrar diferentes.

Essa análise da relação entre comunicados cotidianos e mitos é fundamental para a análise do trabalho de correspondentes internacionais como Rohter. O trecho abaixo apresenta transições entre imagens míticas sobre o Brasil, em confronto com transgressões cotidianas:

Throughout the world, Brazil has long had an image as a land of soccer and samba, inhabited by a friendly, easy-going people. So why is it locked in a dispute with the International Atomic Energy Agency, accused by American and other nuclear experts of being a nuclear scofflaw whose actions aid rogue states like North Korea and Iran? (...)

To outsiders, Brazil's resistance to inspections doesn't make sense. The world is awash in processed uranium, the nuclear program here has consumed more than \$1 billion that could have cut widespread poverty, and Brazil's secrecy has only raised suspicions about its trustworthiness and ultimate intentions, the argument goes. (...)

Writing in the 1950's, the playwright Nelson Rodrigues saw his countrymen as afflicted with a sense of inferiority, and he coined a phrase that Brazilians now use to describe it: "the mongrel complex." Brazil has always aspired to be taken seriously as a world power by the heavyweights, and so it pains Brazilians that world leaders could confuse their country with Bolivia, as Ronald Reagan once did, or dismiss a nation so large -- it has 180 million people -- as "not a serious country," as Charles de Gaulle did. (...)

The situation has been complicated by Brazil's apparent desire to deal with the outside world under principles that routinely govern relationships here. In the simplest terms, Brazil is arguing that it deserves a wink-and-a-nod exemption from full inspection because Brazilians are nice people, unlike those nasty North Koreans or Iranians.

Brazilian society functions on the basis of what is known as "jeitinho," a notion that all formal laws and rules can be maneuvered around if one is clever or charming enough. Of course, the more powerful you are, the better

your chances of getting around cumbersome procedures by "driblando," the verb Brazilians use to describe a soccer player's adroitness with the ball.⁴²

O texto inicialmente reafirma algumas imagens míticas do Brasil como a “terra do futebol e do samba, habitada por um povo tranqüilo e cordial”, como visto no capítulo 2.1.1. Essa retomada inicial de representações sociais correntes sobre o país é uma estratégia retórica para construir o argumento, defendido por Rohter, de que o Brasil não deveria adotar atitudes ameaçadoras (como as pesquisas nucleares sem inspeção), mantendo-se como um país amigável e pacífico. Além disso, o texto liga o Brasil com duas outras nações ameaçadoras, Irã e Coréia do Norte, que nem exigem de maiores contextualizações por parte da reportagem – presume-se que seu público leitor já compartilhe uma imagem negativa sobre as pesquisas nucleares desses dois países.

Rohter também mostra a colisão entre as semiosferas diferentes ao mostrar que, para os “estrangeiros”, não faz sentido que o Brasil tenha investido tanto no seu programa nuclear – mesmo que muitos desses estrangeiros (como os norte-americanos) continuem a investir nos seus próprios projetos. Em seguida, Rohter usa de outro conceito corrente no Brasil – mas desconhecido nos EUA – ao tratar do “complexo de vira-lata” de Nelson Rodrigues. Por não ser compartilhado pelo seu público, Rohter precisa contextualizar esse mito sobre o complexo de inferioridade do brasileiro, explicando sua criação e aplicação – diferentemente das imagens de “terra do futebol e do samba”, que não exigem essa mesma contextualização, pois já são reconhecidas pelo seu público norte-americano.

⁴² ROHTER, Larry. “The World: Nuclear Secrets; If Brazil Wants to Scare the World, It's Succeeding”. *The New York Times*, 31/10/2004. Tradução (ROHTER, 2008, pp. 403-406):

Por todo o mundo e há muito tempo, a imagem que se tem do Brasil é a da terra do futebol e do samba, habitada por um povo tranqüilo e cordial. Então por que será que o país engalfinhou-se em uma disputa com a Agência Internacional de Energia Atômica, sendo acusado por norte-americanos e outros especialistas nucleares de ser um desrespeitador de tratados sobre energia nuclear, cujas ações ajudaram países suspeitos como a Coréia do Norte e o Irã? (...)

Para os estrangeiros, a resistência do Brasil às inspeções não faz sentido. O mundo está inundado de urânio processado, o programa nuclear daqui já consumiu mais de um bilhão de dólares, que poderia ter sido usado para sanar a ampla pobreza, e o sigilo do Brasil somente aumentou as suspeitas sobre sua confiabilidade e reais intenções. (...)

Na década de 1950, o dramaturgo Nelson Rodrigues enxergava em seus compatriotas um senso de inferioridade que os afligia, e em seus escritos cunhou a expressão que os brasileiros hoje usam para descrevê-lo: “o complexo de vira-lata”. O Brasil sempre desejou ser levado a sério como uma potência mundial pelos pesos pesados, e dói nos brasileiros saber que os líderes mundiais possam confundir seu país com a Bolívia, como fez certa vez Ronald Reagan; ou fazer pouco de uma nação tão grande – o país tem 180 milhões de pessoas – como “um país que não é sério”, como fez Charles de Gaulle. (...) A situação é complicada pelo aparente desejo do Brasil em lidar com o mundo externo sob princípios que rotineiramente governam as relações aqui. Colocado de maneira mais simples, o Brasil está argumentando que merece uma isenção da inspeção geral do tipo “deixa passar”, só porque os brasileiros são um povo amistoso, ao contrário dos malvistas norte-coreanos e iranianos.

A sociedade brasileira funciona na base do que chamam aqui de “jeitinho”, um conceito segundo o qual todas as leis e normas oficiais podem ser contornadas se a pessoa for suficientemente astuta ou charmosa. Logicamente, quanto mais poderoso você for, maior serão as chances de evitar procedimentos tortuosos “driblando-os”, o verbo usado pelos brasileiros para descrever a condução da bola evitando adversários [*esta última frase está ausente da tradução de Rohter e foi traduzida pelo autor*].

Por fim, Rohter usa outro mito sobre o “jeitinho brasileiro” para justificar nosso uso da cordialidade, evitando punições. Rohter aplica sua lógica norte-americana (em que as leis se aplicam a todos) e a contrapõe com a lógica brasileira em que “cada caso é um caso”, o que deixa espaço para influência de pessoas carismáticas, astutas ou influentes – mais um exemplo de como os eventos precisam ser re-contextualizados entre diferentes culturas.

Outro texto de Rohter utiliza de uma dicotomia entre mitos e outros relatos cotidianos. Como definido por Lotman (1996, p. 195), as crônicas e os relatos cotidianos como as cartas apresentam-se no polo oposto à construção mítica, mas também é possível encontrar nesses relatos um nível fundamental da narrativa que constrói valores sociais (MOTTA, 2005), como no texto abaixo, sobre um parque turístico na Ilha de Marajó:

Marajó abounds with exotic wildlife, jungles, beaches, lagoons, mangrove swamps and flood plains. (...) the island teems with tropical wildlife in a way that is scarcely imaginable, from alligators and jumbo catfish in the rivers to graceful egrets and noisy toucans in the air. (...) We could also distinguish animals rustling in the nearby copses, and since we were in an area known to be a leopard habitat, it was entertaining to think that was what we were hearing. Most of the members of my group were French tourists and newcomers to the Amazon, and from them, the superlatives flowed: “C'est magnifique! Fantastique! Incroyable! Vraiment, c'est le top!” is what I heard over and over again as their cameras clicked.⁴³

O texto valoriza a imagem do Brasil como um paraíso tropical exótico e cheio de belezas naturais exuberantes. Ao mesmo tempo que reforça essa imagem mítica, permite o relato em primeira pessoa de experiências pessoais (é um dos poucos textos em que Rohter se posiciona durante a reportagem, escrevendo uma reportagem turística como se escrevesse uma carta para um amigo relatando suas férias) e o diálogo (dos turistas franceses, que corroboram a estupefação do narrador). Além disso, a própria escolha temática da narrativa mostra uma aproximação com o cotidiano: essa “carta-crônica” relata uma visita turística a um parque amazônico, algo corriqueiro e mais próximo (ou desejável) do cotidiano do seu público leitor.

⁴³ ROHTER, Larry. “Equatorial, Wild and Most Curious”. *The New York Times*. 07/11/2004. Tradução do autor:

Marajó abunda em animais selvagens e exóticos, florestas, praias, lagoas, mangues, pântanos e planícies inundadas. (...) a ilha está repleta de animais selvagens dos trópicos de um jeito que é difícil de imaginar, indo desde jacarés e grandes bagres nos rios até as graciosas garças e os barulhentos tucanos no ar. (...) Nós também podíamos perceber animais rugindo pelas redondezas, e como estávamos em uma área conhecida como habitat de leopardos, foi interessante pensar que era isso o que estávamos ouvindo. A maioria dos membros do meu grupo era composta de turistas franceses e recém-chegados à Amazônia, e os superlativos floresciam deles: “C'est magnifique! Fantastique! Incroyable! Vraiment, c'est le top!” [É magnífico! Fantástico! Inacreditável! Verdadeiramente é o máximo] é o que eu ouvia repetidamente enquanto suas câmeras clicavam.

As estratégias de tradução trans-semiosféricas e o apoio em construções narrativas míticas são inerentes ao trabalho jornalístico (CORACINI, 2007), mas são ainda mais acentuadas nos trabalhos dos correspondentes internacionais (HANNERZ, 2004, p. 146). A grande influência e recorrência de estruturas similares aos dos gêneros literários míticos na construção de narrativas jornalísticas tem a finalidade de simplificar os enredos e, assim, facilitar sua produção (pelos correspondentes) e compreensão (pelo seu público estrangeiro). Agem da mesma forma como as traduções de termos brasileiros por meio de paralelos com similares norte-americanos: ambas são estratégias adotadas para aproximar um tema distante de um público com conhecimentos restritos, seja na apresentação de elementos específicos de uma cultura ou nas construções narrativas que se baseiam em formas de narrar mais consolidadas.

Porém, é possível – e recomendável – evitar que as “linhas narrativas” [*story lines*] sobre uma localidade se tornem demasiadamente cristalizadas, dominando não somente os temas que devem ser tratados como também indicando a abordagem narrativa e argumentativa apropriada (HANNERZ, 2004, p. 103). Como apontado por Kucinski, que atuou tanto como correspondente internacional no Brasil pelo *The Guardian* quanto como professor de jornalismo,

Onde os correspondentes falham muitas vezes é na economia, que acompanham, intensamente, mas em geral reproduzindo um senso comum da imprensa local, que, além de nem sempre ser sensato, é formulado quase que somente pelos bancos.

Da política institucional, falam pouco porque ela não é vista como importante, no que talvez tenham razão. Mas também por causa da insistência em tratar o Brasil como país do Terceiro Mundo, e não como uma potência regional hoje com a capacidade de influência em várias questões de importância estratégica mundial, desde o combate ao narcotráfico, até o etanol, passando pela pirataria, luta contra Aids, negociações em Doha, integração da América Latina, relações com Chávez e por aí afora. Guardadas as proporções, é como se os correspondentes brasileiros em Washington só falassem dos *teenagers* que desaparecem, da máfia, dos filhos de imigrantes que não vão à escola, dos trabalhadores clandestinos, da prostituição, e assim por diante. Tudo isso que tem aqui tem lá. Mas lá não é isso que interessa a um correspondente estrangeiro. (KUCINSKI, 2008, p. 45)

A crítica de Kucinski é triplamente pertinente. Em primeiro lugar, alerta para a contaminação dos relatos dos correspondentes com relatos de outras fontes locais, como a imprensa e os interesses financeiros. O capítulo 4.2 tratará especificamente da cobertura econômica de Rohter sobre o Brasil, mas é importante adiantar que a crítica de Kucinski contra os correspondentes encontra ecos em outros analistas que apontam a predominância de enquadramentos ideológicos norte-americanos (HIGGINS, 2006, p. 190), além da frequente denúncia das fragilidades e instabilidades econômicas brasileiras (DOTA, 2004).

Em segundo lugar, Kucinski aponta que é necessário ampliar a pauta dos temas que os correspondentes tratam no Brasil e reconhecer sua maior importância. Como

sugerido por Hannerz, alguns correspondentes procuram não se reduzir às histórias convencionais e aos estereótipos frequentemente reproduzidos sobre as localidades e temas que procuram cobrir, lutando para ampliar a diversidade e a profundidade das suas reportagens (HANNERZ, 2004, p. 146).

Nos últimos dois anos, essa diversificação temática e a valorização do papel internacional brasileiro já podem ser reconhecidas como uma nova tendência, desde a liderança do Brasil no G20 até a participação brasileira nas resoluções diplomáticas de conflitos em Honduras, Venezuela, Haiti e Irã, mesmo que esses episódios tenham tido diferentes graus de sucesso e de intervenção brasileira. Pesquisas recentes, como a divulgada pela agência Imagem Corporativa, mostra que a imprensa internacional tem dado mais atenção – e um olhar mais generoso – ao Brasil:

A exposição do Brasil na grande imprensa estrangeira aumentou 65% no primeiro trimestre deste ano, com a maior parte das reportagens chamando atenção para o fato de o País estar despontando como um jogador importante na comunidade internacional, segundo pesquisa da agência de comunicação Imagem Corporativa.

O número de reportagens sobre o Brasil em grandes jornais, revistas e agências de notícias do exterior aumentou de 671 no primeiro trimestre do ano passado para 1.111 em período equivalente de 2010, das quais 82% são positivas. [...]

A maior parte do conteúdo sobre o Brasil nesses jornais se refere à economia, dividida pela pesquisa em temas como: o País como “player internacional” (28,7% das menções), empresas ou executivos brasileiros (20,3%), o País como local de investimento (16,6%); comércio exterior (9,4%) e negócios (5,5%) [...]. (CRESPO, 2010)

Esses números apresentam uma diversidade e favorecimentos que coadunam com os apontamentos discutidos posteriormente, nos capítulos 4 e 5. E, com isso, é necessário retomar o terceiro ponto de crítica de Kucinski: ao focar o exótico e desviante no Brasil, os correspondentes esquecem-se de que o mesmo ocorre em outros lugares e, por vezes, até nos seus próprios países, onde esses temas não ocupam o mesmo espaço da cobertura internacional. Por que no Brasil certas histórias, alguns temas, determinadas representações seriam mais interessantes? Talvez porque, como sugerido nesse capítulo, essas expectativas aproximem os leitores de imagens que eles já detém sobre o Brasil como um país belo e amigável, porém violento, desigual na divisão de suas riquezas e atrasado pela pobreza das suas periferias. Mas como – e, mais interessante, por que – essas representações brasileiras mudam com o tempo? Como visto, as imagens compartilhadas e reconhecidas como representações válidas do Brasil passam por complexos processos de reprodução e transformação, dependendo da abordagem narrativa e dos interesses atrelados na sua manutenção ou alteração – como será discutido na seção a seguir.

3.2. “COBERTURA INTERNACIONAL”: REPRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS⁴⁴

A construção da ordem imaginária, que recobre o mundo com sentidos a partir dos recortes simbólicos de campo, pode ser visualizada em um exemplo ilustrativo proposto por Gomes (2008, p. 47): a tela “Bordando el manto Terrestre”, da artista espanhola Remedios Varo, representada na Figura 3.2 a seguir.

Na tela, uma camada de tecido não só recobre, mas acaba por criar o próprio “manto terrestre”, resultado da produção das fiandeiras. Assim, o espaço passa a existir no entrecruzar das linhas que dão forma ao manto; cada nova linha acrescida nos teares atravessa primeiramente as guias perpendiculares, fechando espaços e criando novos pequenos quadriculados que, posteriormente, recobrem algum espaço do mundo exterior, dando a impressão de uma superfície lisa, resultado do artifício das costureiras que amarram em uma trama de mil fios o seu trabalho.

Figura 3.2. *Bordando el Manto Terrestre* (1961), de Remedios Varo.



⁴⁴ Trechos deste capítulo foram apresentados na I Jornada Acadêmica da PPGCOM-USP, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), no dia 24 de outubro de 2008, e posteriormente publicados no artigo “Sedimentação, erosão, abalos e erupção de imagens: Reprodução e transformação de representações sociais na narrativa jornalística”, na revista Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC) 2009, v. 6, p. 189-202 (PAGANOTTI, 2009a).

Da mesma forma, relembra Gomes (2008, p.47), a ordem imaginária é resultado dos processos simbólicos de recorte de campo, definindo espaços de significação que delimitam termos e dão sentido para as imagens por eles circunscritas:

Entendemos por imaginário o produto, ou efeito de sentido como realidade a ser vivida, do conjunto das circunscrições de campo operadas pelo significante, os lugares instituídos pela ordem simbólica, que não podemos isolar do conjunto de significados a elas amarrados, as imagens mentais. (GOMES, 2008, p.46)

Este capítulo⁴⁵ discutirá como é possível tecer imagens sobre a identidade nacional brasileira a partir do alinhamento simbólico de histórias e opiniões, e como esse processo é utilizado na reprodução ou na alteração de representações sobre o país. Para Hall, o imaginário sobre uma identidade cultural nacional é construído com base na “narrativa da nação” (HALL, 2001, p. 52). Para “imaginar uma cultura” é necessário construir narrativas sobre a representação dessas identidades como as tradições e os mitos fundacionais – como os *founding fathers* e o “destino manifesto” norte-americanos ou a tríade “indígenas, europeus e negros” da formação do povo brasileiro. Também Gomes lembra que os processos de identificação são construídos a partir da aproximação de espaços e sentidos delimitados, por meio dos quais indivíduos podem ser amarrados às tramas de idéias, histórias e visões de mundo definidas por ordens simbólicas:

Um ponto de basta é a figura que podemos adotar para contar a história do que, nos mantos, é retido e fixado, em termos de definição dos campos e em termos das significações que lhe acompanham. Da mesma forma, é sobre pontos de basta que a análise das narrativas, desde Propp, trabalha. Um ponto de basta serve ainda para contar a história da firmeza das estratificações e da sustentabilidade da ordem imaginária. Mas, ao mesmo tempo, ele é a figura que nos conta sobre as subjetividades, por permitir e marcar nossa inserção na realidade constituída. (GOMES, 2008, p.64)

As imagens que recobrem o “manto do Brasil” já foram discutidas no capítulo 2.1.1, e a sua relação com as funções narrativas de Propp serão retomadas no capítulo 5 e na conclusão desse trabalho. O que é importante discutir, neste momento, é como os relatos sobre o Brasil – especificamente a “cobertura” dos de correspondentes internacionais como Rohter – baseiam-se nessas representações na construção de um imaginário coletivo estrangeiro sobre o país (DOTA, 2005, p. 1). Como visto no capítulo anterior, nesse processo, os jornalistas precisam relacionar, explicar e simplificar conceitos complexos – como a definição do perfil do brasileiro ou dos temas característicos do país – por meio de conhecimentos, pré-concepções e estereótipos compartilhados e reconhecíveis pelo seu público.

⁴⁵ Parte dessa revisão bibliográfica de obras sobre a construção da identidade nacional presente nas próximas páginas já foi publicada em artigo anterior (PAGANOTTI, 2007b), que sintetiza as pesquisas nessas duas áreas durante a graduação em Jornalismo.

Lippman define pela primeira vez o conceito de estereótipos no livro *Public Opinion* ao designar as “imagens em nossa cabeça” que representam a percepção de certas facetas da realidade (LIPPMAN apud MAISONNEUVE, 1977, p. 114). Segundo Maisonneuve, os estereótipos são criados para agregar, simplificar e categorizar o mundo. Seu mecanismo é inerente à própria compreensão humana, que procura diferenciar, generalizar e esquematizar para conseguir absorver informações (MAISONNEUVE, op. cit, p. 118). Mas o autor frisa que “a mira dos estereótipos não é a busca de uma verdade científica, mas, antes, a de uma eficácia pragmática, ou ideológica” (Id., ibid., p. 122). Por basearem-se em relações afetivas em detrimento de observações empíricas, os estereótipos dizem menos sobre a realidade do que é retratado e mais sobre como (e por que) é retratado.

De forma mais ampla, podemos definir como “pacote cognitivo” a somatória de conceitos, visões, impressões, estruturas textuais, pressupostos e estereótipos que membros de um mesmo público compartilham e são capazes de, em menor ou maior grau, identificar ou reproduzir, o que é essencial para a existência da comunicação. Os estereótipos diferenciam-se do resto do “pacote cognitivo” pela utilização de *processos de seleção e acentuação de características* para representar conceitos, grupos ou práticas que estão relacionados socialmente com o coletivo que os criou ou sustenta. Juntamente com “as palavras, as formas gramaticais das sentenças, as estruturas narrativas típicas, as propriedades de tipos de objetos e indivíduos, as sequências esperadas de eventos em uma situação particular” e outros protótipos linguísticos ou não, fazem parte dos “recursos dos membros” [*members’ resources*] de um determinado grupo discursivo, o que possibilita sua interação social e inter-compreensão (FAIRCLOUGH, 1992, p. 11). Entre esses recursos usados pelos participantes de um grupo unido linguisticamente também se encontram as imagens e representações compartilhadas e reconhecidas como válidas – ou seja, com uma realidade verificável – e úteis – inseridas nas práticas cotidianas e, portanto, colocadas em ação com frequência o suficiente para que seus membros não as percam de vista.

A praticidade e a simplicidade de clichês e estereótipos para a compreensão e a divulgação superficial de informações podem parecer vantajosas, mas são extremamente perniciosas. Maisonneuve aponta que “o próprio da estereotipia é ser grosseira, rígida, brutal e repousar numa espécie de essencialismo simplista” (MAISONNEUVE, op. cit., p. 118). Por isso, não é possível ignorar as armadilhas dos estereótipos: o preconceito, a fixação, a superficialidade, o reducionismo, a caricatura, o exagero e a repetição.

É nessa esfera de reprodução de estereótipos que os textos de correspondentes internacionais – como Rohter – precisam ser avaliados. Nem sempre é possível para os correspondentes contextualizar ou aprofundar seus temas, seja por falta de tempo na produção das reportagens ou por falta de espaço para expô-las apropriadamente para seu público. Nesses casos, Hannerz alerta para o risco de simplificações, pré-concepções,

modelos interpretativos pré-estabelecidos e até mesmo clichês: “Se você cai como um para-quedista no meio de uma zona de batalha [na África] com pouco preparo, o ‘kit de ferramentas’ com as pressuposições primordialistas e os clichês talvez seja conveniente demais” (HANNERZ, 2004, p. 123).

Os relatos jornalísticos podem apoiar-se nessas pré-concepções de forma explícita ou tomá-las como pressupostos. Para Ducrot, há uma diferença crucial entre os sentidos “postos” e “pressupostos”, além das relações subentendidas e implícitas (DUCROT, 1987). Um exemplo de pré-concepção “posta” nos textos pode ser colhido na introdução de uma reportagem sobre casos de anorexia no Brasil:

In less than two months, four young women have died in widely publicized cases of anorexia in Brazil, causing a national debate about body image and eating disorders.
The problem is a new one here, and it clearly puzzles and shocks Brazilians. In this country, eliminating hunger among the millions of the poor has traditionally been an important political cause, so the notion that people would voluntarily starve themselves is hard for most Brazilians to comprehend.⁴⁶

A imagem de pobreza, considerada como representativa do Brasil, é retomada explicitamente e contraposta ao evento retratado, pois a ruptura lógica (por que as pessoas passam fome voluntariamente?) só seria evidente se atrelada à suposição brasileira sobre o tema (as pessoas passam fome devido à pobreza) e sua dificuldade em entender a “voluntariedade” da anorexia. Os sentidos das informações estão todos evidenciados linguisticamente no trecho, ou seja, são “postos” (DUCROT, 1977, p. 32): a explicitação das imagens sobre o Brasil pobre e faminto é uma condição para que o raciocínio sugerido faça sentido. Em contraste, a reportagem a seguir, reproduzida aqui em sua totalidade, constrói implicitamente imagens sobre o Brasil e brasileiros:

World Briefing | Americas: Brazil: Facing Impeachment, Senator Quits
May 25, 2001

José Roberto Arruda, the pivotal figure in a political corruption scandal and until recently the Senate majority leader, resigned his seat one day after his colleagues voted to begin impeachment proceedings against him for rigging computers so he would know how they voted in secret balloting. “I didn’t steal, I didn’t kill, I didn’t divert public funds,” Mr. Arruda said in his farewell speech. “But I made a big mistake.”⁴⁷

⁴⁶ ROHTER, Larry. “Burst of High-Profile Anorexia Deaths Unsettles Brazil”. *The New York Times*, 29/12/06. Tradução do autor:

Em menos de dois meses, quatro jovens mulheres morreram em casos amplamente divulgados de anorexia no Brasil, levando a uma discussão nacional sobre imagem corporal e distúrbios de alimentação.

O problema é novo aqui, e claramente enche de dúvida e choca os brasileiros. Neste país, eliminar a fome da rotina de milhões de pobres é uma tradicional e importante causa política. Então é difícil para a maioria dos brasileiros compreender que alguém passaria fome voluntariamente.

⁴⁷ ROHTER, Larry. “World Briefing | Americas: Brazil: Facing Impeachment, Senator Quits”. *The New York Times*, 25/05/01. Tradução do autor:

Notícias do Mundo | Américas: Brasil: Enfrentando Impeachment, Senador Demite-se
25 de Maio de 2001

Enquanto o “posto”, para Ducrot, é colocado pelo próprio ato comunicativo, o subentendido surge em momento posterior, acrescentado através da interpretação; já o pressuposto situa-se em um passado, mesmo que nunca tenha realmente sido enunciado (DUCROT, 1987, p. 20). Tanto o subentendido quanto o pressuposto são formas de enunciação implícitas, que permitem “deixar entender sem acarretar a responsabilidade de ter dito” (Id. 1977, p. 14). No trecho, a primeira informação implícita trata da própria validade da notícia: se Arruda era líder do governo no Senado, então o escândalo de corrupção atrapalharia e/ou envolveria o governo, o que justifica a pertinência internacional do fato e a própria publicação dessa nota. Alguns pressupostos lógicos, como serão descritos posteriormente, são tomados como aceitos previamente e de formulação desnecessária para a compreensão do texto, mas que apresentam grande validade para análise: pressupõe-se, a partir do texto, que os “votos dos senadores devem ser secretos”, que “senador que viola votos secretos não deve continuar no Senado”, fatos que ecoam as representações de corrupção tão frequentes do Brasil. Finalmente, subentende-se da lógica empregada por Arruda que “roubar, matar e desviar dinheiro público” seriam ações diferentes do “erro” cometido; supõe-se que, na sua visão (que pretende ser proposta pelo raciocínio como válida), de que seria um ato menos grave.

Retomando a distinção de Ducrot (1987, p. 30), os sentidos “postos” pelas frases são endossados pelo locutor, enquanto os “pressupostos” tem uma responsabilidade compartilhada com a interpretação do ouvinte; assim, Rohter assume como suas as imagens do Brasil faminto e pobre, assim como sua avaliação sobre a dificuldade dos brasileiros em compreenderem os casos de anorexia; por outro lado, os pressupostos e subentendidos na nota política sobre o afastamento de Arruda são minimizadas não somente pela indicação de fonte (DUCROT, 1987, p.42), com o uso das aspas do senador, mas pela própria forma implícita de organizar os sentidos das imagens sugeridas pelo texto, cuja compreensão subentende ou pressupõe a interpretação de seus leitores.

Nem sempre, porém, os relatos jornalísticos simplesmente reforçam as imagens pré-concebidas, por meio de sua reprodução e divulgação em novos textos. A narrativa jornalística oscila entre dois recursos textuais, que refletem a dicotomia da sua finalidade social: como toda história, retrata e representa visões sobre o funcionamento da sociedade, descrevendo papéis e recomendando atuações modelo para seu público;

José Roberto Arruda, o pivô de um escândalo político de corrupção e, até recentemente, o líder da maioria do Senado, demitiu-se um dia após seus colegas votarem pelo começo dos procedimentos de impeachment, devido a manipulação de computadores para que ele soubesse os votos secretos de uma votação. “Eu não roubei, eu não matei, eu não desviei fundos públicos”, disse Arruda em seu discurso de despedida. “Mas eu cometi um grande erro”.

ao mesmo tempo, precisa romper com a simples perpetuação de modelos pré-concebidos, pois deve criar expectativa de mudanças ao retratar conflitos (o que suscita o interesse do público).

Toda narrativa usa como base o conflito (MOTTA, 2005, p. 6), ao mesmo tempo em que comunica um repertório comum de valores socialmente referendados (MOSCOVICI, 2007, p. 208). Textos jornalísticos são objetos privilegiados para a análise desses dois processos tão opostos quanto simultâneos porque procuram construir representações da realidade (de forma mais reprodutiva, por meio da descrição ou da explicação dissertativa), ao mesmo tempo em que narram seus conflitos (seguindo um processo transformador e narrativo). As narrativas jornalísticas constroem representações sociais que são tomadas como estáveis e perenes retratos da realidade, mas que podem ser transformadas pela própria construção de novas narrativas que alterem ou neguem representações anteriormente vistas como sólidas e funcionais (Id., *ibid.*, p. 205).

Com base na imagem espacial da semiosfera (o espaço para o desenvolvimento, preservação, criação e vivência de signos) desenvolvida por Lotman (LOTMAN, 1996), este capítulo propõe um paralelo com a geofísica para classificar a construção de sentido proveniente de textos que procuram **reproduzir** (por meio da “**sedimentação**”, ou acúmulo de camadas de textos com sentidos complementares ou redundantes), **duvidar** (pela “**erosão**” de conceitos aceitos socialmente), **negar** (como “**abalos**” sísmicos, que afetam a estrutura da semiosfera ao romper suas fundações) ou **criar** (por meio de repentinas e imprevisíveis “**erupções**” vulcânicas de novas idéias) representações sociais. Essa construção pretende operacionalizar os instrumentos de prática metodológica apresentados no capítulo 2.2.2 a partir do imaginário brasileiro discutido na seção 2.1.1.

Análise de narrativas jornalísticas: conflito e reprodução

Como fábulas contemporâneas, as narrativas jornalísticas precisam criar interesse por meio da tensão narrativa ao contar os conflitos entre seus personagens. Simultaneamente, precisam retratar as relações sociais atuais, apresentando a estrutura em que os conflitos de interesse tomam parte. Entre rupturas e estruturas, entre narrações e descrições, entre conflitos e perpetuações, o jornalismo joga com o interesse do leitor de ouvir boas histórias, entremeadas com a representação da realidade.

Entre os passos metodológicos apresentados por Motta para a análise narrativa de textos jornalísticos, os dois primeiros procedimentos envolvem a “recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico” que originou a reportagem (MOTTA, 2005, p. 4) e a “identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios” (Id., *ibid.*, p. 5) – ou seja, a reconstrução da estrutura narrativa dos fatos em que a reportagem se baseia e

a descrição das estratégias narrativas utilizadas pelo repórter na sua composição dentro de determinado gênero jornalístico. Assim, fica evidente a importância das “rupturas, descontinuidades e anormalidades” (Id., *ibid.*) para os relatos jornalísticos, pois a própria definição de uma notícia passa, invariavelmente, por um fato diferente, conflituoso, chocante ou que sugira mudanças.

Ao mesmo tempo, outro procedimento dessa análise envolve a avaliação das “estratégias de objetivação” e “construção dos efeitos de real” (Id., *ibid.*, p. 9), ancorando o relato em fatos narrados como verdades. A utilização por Motta dos conceitos de “objetivação” e “ancoragem” encontra seu referencial conceitual (ainda que sem citação direta no texto) na teoria das representações sociais de Moscovici. Para o psicólogo social romeno, representações sociais são construções cognitivas compartilhadas e difundidas socialmente, e têm como finalidade “tornar familiar algo não-familiar” (MOSCOVICI, 2007, p. 54). Para isso, todas as idéias estranhas ou incomuns (ou seja, que não são reconhecidas socialmente como “familiares”) passam por um mecanismo de ancoragem – ou seja, são nomeadas, reduzidas e classificadas em relação a contextos e conceitos familiares (Id., *ibid.*, p. 61) – e objetivação – ou seja, os conceitos abstratos são concretizados e materializados em imagens reconhecíveis (Id., *ibid.*, p. 71). Retomando a imagem que inicia este capítulo e extrapolando os conceitos de Moscovici, as representações simbólicas são entremeadas aos fios pré-existentes – a ancoragem – e amarram novos espaços, criando mais uma superfície para cobrir um pedaço do manto do mundo – a objetivação.

Os processos de ancoragem e objetivação envolvem a perpetuação de estruturas pré-concebidas, por meio da assimilação e adaptação de novas idéias a conceitos anteriores e familiares. Apesar de as representações tenderem ao “conservadorismo, para a confirmação de seu conteúdo significativo” (Id., *ibid.*, p. 207), é necessário ressaltar o caráter fluido, “móvel e circulante” das representações, que são vistas “como estruturas dinâmicas, operando em um conjunto de relações e comportamentos que surgem e desaparecem, junto com as representações” (Id., *ibid.*, p. 47).

Dessa forma, a transformação de representações sociais é possível – e o jornalismo, ao caracterizar os processos de mudanças sociais, é terreno fértil para as alterações de conceitos enraizados socialmente ou para o contato entre idéias que não apresentam parentesco ou familiaridade. Motta lembra que as notícias tratam sempre de rupturas ou transgressões em relação a significados estáveis, pois “os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural” (MOTTA, 2005, p. 14). Essa função vigilante do jornalismo pode parecer conservadora, pois procura criticar as transgressões – reafirmando, assim, o *status quo* –, mas não podemos esquecer que o próprio formato narrativo, com a construção da tensão pelo conflito, abre espaço para novas formas de representações sociais.

Para compreender essa vigilância normativa que coloca o jornalismo (e a mídia como um todo) como um “quarto poder”, é necessário avaliar os pressupostos sugeridos pelo fundo ético e moral das reportagens, que envolve o “plano da estrutura profunda da narrativa” (Id., *ibid.*, p. 14). O nível profundo – também conhecido como “fundamental” – dos textos envolve a valorização (euforia) ou condenação (disforia) de ações ou conceitos, e retrata os valores sociais ocultos sob a narrativa (FIORIN, 1989, p. 20). A análise desse nível abstrato nos textos jornalísticos revela um mundo simbólico em que “o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana, e assim por diante” (MOTTA, 2005, p. 15) – são essas as “morais das histórias” apresentadas pelas fábulas jornalísticas contemporâneas.

Da mesma forma, ao tipificar as manchetes de jornais, Gomes mostra que as notícias valorizam a ordenação socialmente construída ao priorizar atos do governo (representante institucional do consenso social) e condenar instabilidades ou infrações – ou seja, vigiando de forma disciplinadora os comportamentos que escapem às normas (GOMES, 2003, p. 89). A sanção apresentada pelo ordenamento da realidade apresentada pelos meios de comunicação indica, para sua audiência, o que pode ser feito ou pensado, indicando as punições para os que não se enquadrarem.

Mesmo quando veste a capa e a máscara de vigilante, o jornalista não perde seu duplo papel apresentado anteriormente – para reforçar os valores correntes, precisa construir narrativas tensas que seduzam pelo conflito e pelo suspense. De um lado, o jornalista procura enfatizar as permanências: é o regulador que fiscaliza a aplicação das regras e convenções sociais, ou o ensaísta que flerta com a sociologia ao tentar retratar ou classificar fenômenos sociais. Do lado oposto a essa face prescritiva (tanto descritiva quanto dissertativa), está a atuação dinâmica (narrativa), que conta as histórias: são os pequenos dramas cotidianos, os conflitos de interesses, os desastres, as revoluções. O público, com isso, é informado sobre o que se passa e o que já passou no mundo – ao mesmo tempo, a história é perpetuada e alterada nas páginas dos jornais.

Estratégias normativas e criativas

Para analisar e evidenciar a força de simplificação cognitiva presente nos estereótipos – e, quando necessário, propor alterações para diminuir seus efeitos mais nocivos de deturpação da realidade –, Fairclough apresenta, dentro da análise do discurso crítica, uma metodologia preciosa na identificação do senso-comum (FAIRCLOUGH, 1992, p. 2). Como discutido no capítulo 2.2.1, o teórico britânico evidencia a característica ideológica dos pressupostos e estereótipos, pois essas simplificações são usadas na manutenção das relações desiguais de poder dentro da sociedade (Id., *ibid.*, p. 154). Relembrando a análise do nível profundo das narrativas

jornalísticas de Motta, as pressuposições de que “o crime não compensa” e que “a propriedade precisa ser respeitada” (MOTTA, 2005, p. 15) enfatizam uma visão da segurança social que favorece a propriedade e seus proprietários, controlando e punindo os grupos excluídos que tentam alterar esse cenário sem seguir as regras do jogo – roubando ao invés de dedicar-se ao trabalho, que “enobrece” (Id., *ibid.*).

A análise de discurso crítica é composta de três momentos: a descrição textual, a interpretação das práticas discursivas (de produção, distribuição e consumo) e a explicação das práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2001), como já discutido na supracitada seção 2.2.1. Ao focar as práticas discursivas – mas sem esquecer-se de considerar simultaneamente as sociais ou as marcas textuais –, Fairclough afirma que a análise de textos deve procurar reconstruir estereótipos, pressupostos e o senso comum que são referidos no texto (Id., 1992, p. 85-6). Como discutido anteriormente, *estereótipos* são algumas das representações sociais mais comuns, e são compostas de *imagens*, “simplificações” que seguem uma “orientação seletiva de nossas percepções” e podem chegar a “distorções mais ou menos graves da realidade objetiva” (MAISONNEUVE, 1977, p. 114).

Os *pressupostos* analisados por Fairclough aproximam-se ligeiramente da conceituação de anterioridade de Ducrot (1987) apresentada no início deste capítulo: para a análise de discurso crítica, a pressuposição atua como a ligação lógica que passa por premissas que não estão presentes no texto, mas que são *aceitas implicitamente*. Elas referem-se indiretamente à experiência discursiva dos leitores sem explicitar diretamente cadeias textuais específicas, supondo um “conhecimento anterior” [*background knowledge*] reconhecível pelo leitor (FAIRCLOUGH, 1992, p. 154) e compartilhado pelo autor, como um “terreno comum [*common ground*] para os participantes” da comunicação (Id., *ibid.*, p. 152). Operam como os “entimemas”, relações silogísticas truncadas pelo ocultamento de uma das premissas supostas na conclusão (VOLOSHINOV, *s/d*, p. 4). Já o *senso comum* trata de *valores socialmente aceitos* – ou, como definido por Arendt, fundamenta a base do “discernimento que julga e o pensamento especulativo”, pois une os homens entre ações, recomendações e reflexões possíveis e aceitáveis (ARENDDT, 1972, p. 275).

Apesar de alertar para a tendência dos estereótipos a se reproduzirem, a análise de discurso crítica adotada pelos seguidores de Fairclough também ressalta a possibilidade de alteração dessas representações sociais: “os diferentes discursos não apenas representam o mundo ‘concreto’, mas também projetam possibilidades diferentes da ‘realidade’, ou seja, relacionam-se a projetos de mudança de acordo com perspectivas particulares” (RESENDE & RAMALHO, 2005, p. 42). As imagens cristalizadas pela difusão e reconhecimento social podem ser desafiadas pela contestação, discussão ou até mesmo negação de seus pressupostos (FAIRCLOUGH, 1992, p. 154). Também é possível evitar a estratégia normativa (comumente responsável pela simples reprodução

de pré-concepções) ao adotar práticas criativas, gerando novos conceitos que transformem ou entrem em conflito com pressuposições anteriores (Id., *ibid.*, p. 165). Contudo, estudos anteriores ainda apontam a predominância da reprodução de estereótipos em artigos – que procuram retratar ou descrever situações estanques ou estruturas sociais – e notícias – que tem um caráter mais dinâmico e surpreendente ao narrar conflitos ou rupturas – na cobertura internacional feita por correspondentes como Rohter (PAGANOTTI, 2007b).

Representações sociais: continuidade e transformação

Duas das formas de representações sociais mais simples e eficientes, os estereótipos e pressupostos funcionam como base para as narrativas. Sua reprodução tem um efeito cumulativo que dificilmente pode ser combatido por poucos textos que tentem colocá-los em dúvida, transformá-los ou até mesmo negá-los. Como uma manifestação micro-textual de “discursos competentes”, essas imagens mentais ocultam suas origens, sua base ideológica e sua finalidade opressora ao mesmo tempo em que são reconhecidos socialmente como válidos e até mesmo neutros (CHAUI, 2005, p. 16). Ainda assim, precisamos reconhecer a necessidade desses mecanismos de simplificação na difusão social e na comunicação de conceitos mais complexos, pois criam um repertório comum acessível para os membros de um mesmo grupo social (MOSCOVICI, 2007, p. 208).

Uma explicação plausível para a predominância da repetição sobre a transformação é dada por Duveen, quando afirma que as representações sociais são meios para proteger grupos coletivos contra a fragmentação, mantendo a coesão dos laços usados na construção de sentido (DUVEEN, 2007, p. 14). Bases comuns são essenciais não somente à convivência social, mas também para a simples comunicação entre indivíduos: “as pessoas adquirem um repertório comum de interpretações e explicações, regras e procedimentos que podem ser aplicadas à vida cotidiana, do mesmo modo que as expressões linguísticas são acessíveis a todos” (MOSCOVICI, 2007, p. 208). Ao difundir conceitos entre membros de grupos sociais, diminui-se a possibilidade de ruído, confusão ou incompreensão de sentidos que seriam, sem as representações sociais, vagos, o que impossibilitaria a própria comunicação.

Apesar disso, Moscovici alerta para a “fossilização” de certas representações que têm sua origem “esquecida e sua natureza convencional ignorada” (MOSCOVICI 2007, p. 41). Dessa forma, a psicologia social deveria atuar como a arqueologia, reconstruindo as origens, o funcionamento e as relações de representações que atravessam o tempo – assim como é necessário desconstruir os “discursos competentes” que parecem não ter origem nenhuma exatamente para camuflar os interesses que o geraram (CHAUI, 2005, p. 16). Duveen reforça essa idéia e afirma ser essencial também focar os grandes

eventos dramáticos ou ameaçadores que alteram toda a ordem cognitiva – grandes fatos como a queda do muro de Berlim, das torres gêmeas do *World Trade Center* ou a propagação da epidemia da Aids, eventos surpreendentes que redefiniram as sociedades (DUVEEN, 2007, p. 16). Segundo o autor, “dentro de qualquer cultura há pontos de tensão, mesmo de fratura, e é ao redor desses pontos de clivagem no sistema representacional duma cultura que novas representações emergem” (DUVEEN, 2007, p. 15-16).

Auto-definições, explosões e erupções de conceitos novos

Para controlar esses pontos de tensão, retomamos o referencial teórico da semiosfera de Lotman discutido na seção anterior. Um dos seus pontos de tensão é a região de fronteira e contato com outras culturas. O espaço de clivagem mencionado anteriormente é definido por um limite, ou fronteira, que separa “o território entre a cultura própria, boa e harmoniosa e a má, caótica ou mesmo perigosa anti-cultura” (NÖTH, 2007, p. 87). Para traduzir as influências externas, as fronteiras separam os espaços semióticos de culturas diferentes e filtram as mensagens que lhe são estranhas – ou não-familiares, como diria Moscovici. Assim, as regiões de contato fronteiro definem e protegem os espaços ao evidenciar o contraste com culturas diferentes: “a auto-construção da semiosfera não apenas se estende à construção de sua própria fronteira, como também ao ‘caos’ que a rodeia, o caos que faz a própria estrutura interna parecer mais ordenada” (Id, *ibid.*, p. 92).

Internamente, outro ponto de tensão envolve a auto-representação da cultura como um espaço homogêneo/unitário ou heterogêneo/miscigenado. Fiorin afirma que existem duas grandes condutas das semiosferas: o princípio de exclusão e o de participação. A exclusão, operacionalizada pela triagem do que não é pertinente, leva ao confronto contra o impuro. Por outro lado, a participação aceita a mistura, mas ainda afirma a oposição entre desiguais e iguais (FIORIN, 2007, p. 176). Essa duas formas de conflito são cruciais para entender sociedades como a brasileira, em que representações sociais “oficiais” tentam retratar a sociedade como inclusiva, enquanto práticas cotidianas deixam claro o abismo entre desiguais e excluídos – um conflito que pode ser ocultado ou evidenciado pelas narrativas jornalísticas. Essas estratégias apresentadas por Fiorin são semelhantes às polêmicas discutidas por Maingueneau: falsos consensos são construídos para negar a origem de discursos em determinados grupos sociais, que podem relacionar-se de forma assimiladora – diminuindo dissonâncias – ou radical – demarcando diferenças (MAINGUENEAU, 1989, p. 122).

Seja nas narrativas jornalísticas ou em qualquer outra veiculação midiática, a difusão ou ocultação de conflitos faz parte da luta pela construção, apropriação e destruição de objetos e sentidos (ARÁN, 2007, p. 148). Esses confrontos podem ocorrer

(ou serem retratados) de forma mais direta ou oblíqua, mas ainda assim são o pano de fundo das narrativas. Ao aproximar e diferenciar as teorias de Lotman e Bakhtin, Arán enfatiza os processos de mudança de significação na semiosfera, que pode ocorrer de forma gradual e previsível pela continuidade, ou como uma “explosão” repentina e imprevisível, “uma mudança brusca ou violenta dos sistemas culturais” (Id., *ibid.*, p. 152). A descrição desses processos e a diferença entre os seus tempos de atuação possibilitam um paralelo com a sedimentação e a erosão geológica (formas de continuidade) ou com abalos sísmicos e erupções vulcânicas (“explosões”) – a seção seguinte esboça essa geofísica da semiosfera.

Novo quadro conceitual: sedimentação, erosão, abalos e erupção de imagens

A metáfora atmosférica empregada por Moscovici (2007, p. 47) pode ser bastante útil para visualizar camadas de representações sociais fluidas e interconectadas, mas a classificação desses fenômenos seguindo essa visão seria tão imprecisa quanto a nossa claudicante meteorologia. Estereótipos e pressupostos apresentam uma cristalização bastante resistente às mudanças, que parecem ser a exceção – como mostra a predominância da reprodução dessas construções cognitivas em textos da mídia internacional (PAGANOTTI, 2007b, p. 9). Para utilizar uma imagem mais sólida do que as etéreas correntes de ar, é necessário recuperar a semiosfera de Lotman, construindo um paralelo com conceitos da geofísica para caracterizar processos de transformação ou reprodução de representações sociais nesse espaço – que, apesar de não restringir-se ao geográfico, apresenta uma “física” na relação entre suas forças, que são classificadas a seguir:

– **Sedimentação:** Representações sociais recorrentes e reconhecidas coletivamente como válidas são reproduzidas e acumuladas ao longo do tempo. Camadas de texto repetem e reforçam as representações sociais com pequenas alterações, como camadas sedimentares que apresentam pequenas distinções entre suas fases, recobrando o “manto terrestre” com sentidos pré-concebidos. Esse fenômeno engloba a estratégia normativa da reprodução de conceitos pré-estabelecidos detalhada anteriormente (FAIRCLOUGH, 1992, p. 165).

– **Erosão:** Conceitos chaves de uma cultura podem ser alterados gradualmente de forma a serem atenuados ou colocados em dúvida. Por meio desse processo lento e contínuo, grandes conceitos centrais de uma cultura começam a perder características periféricas complementares (MOSCOVICI, 2007, p. 219) – como picos pontiagudos que são gradativamente arredondados pela ação do vento. É importante frisar que os

sedimentos resultantes dessa erosão são re-acumulados em nova sedimentação, criando também um efeito gradual de reprodução – uma repetição de sutis contestações.

– **Abalos:** Representações sociais podem sofrer reorganizações abruptas, mas limitadas, ou até mesmo ser negadas por textos que operam como “tremores sísmicos” na estrutura de significação da semiosfera. Esses são textos pioneiros, que procuram refazer a visão da sociedade sobre certos temas, mas que tem alcance e impacto restritos a certas esferas (como textos acadêmicos, ou publicados em veículos especializados). Essas novas formas de representação emanam dos pontos de tensão e fratura descritos anteriormente (DUVEEN, 2007, p. 16; NÖTH, 2007, p. 87; FIORIN, 2007, p. 176).

– **Erupção:** Em situações extremas, novos conceitos e representações sociais podem ser criados ou reorganizados de forma repentina e imprevisível – como as “explosões” de Lotman, que caracterizava a arte como o espaço mais propício para essas rupturas radicais (LOTMAN apud ARÁN, 2007, p. 152). Envolvem também as práticas criativas, descritas pela análise de discurso crítica (FAIRCLOUGH, 1992, p. 165).

– **Metamorfose:** Representações sociais também podem ser transformadas para acompanhar mudanças gerais da própria sociedade, como a “pressão” de certos grupos que têm interesse na adaptação dessas representações, ou devido a alterações políticas – que podem “esquentar” ou “esfriar” alguns conceitos, difundindo ou controlando visões que lhes sejam favoráveis ou contrárias. Essas versões conflitantes envolvem as pressões internas entre grupos diferentes ou conflitantes (FIORIN, 2007, p. 176) que lutam pelo apoio da esfera pública pelos jornais (ARÁN, 2007, p. 148) e as diferenças entre polêmicas mais “quentes” – radicais – ou “frias” – assimiladoras (MAINGUENEAU, 1989, p. 123).

Essa classificação propõe um entrelaçamento entre conceitos e teorias complementares (como a análise de discurso crítica de Fairclough, a teoria das representações sociais de Moscovici, o conceito de semiosfera de Lotman e a teoria narrativa de Motta), numa metáfora geofísica simples, resumida na Tabela 3.2 a seguir.

A Tabela 3.2 também apresenta as diferentes funções desses processos geofísicos da semiosfera: os diferentes textos podem buscar a continuidade, a transitoriedade ou o conflito entre representações ou atores sociais. A cada função, corresponde um gênero discursivo próprio, como discutido anteriormente, de predominância narrativa ou descritiva. Os processos também apresentam efeitos que seguem a classificação de Fairclough, discutida anteriormente, entre a reprodução de pressupostos e estereótipos ou sua transformação por meio da atenuação ou questionamento, sua alteração, sua negação, ou pelo processo criativo que envolve novos conceitos.

Tabela 3.2. Processos de reprodução e transformação de representações sociais.

Processo semiosférico	Velocidade / Duração	Função / <i>Gênero textual</i>	Efeito sobre as representações sociais	Representação resultante
Sedimentação	Gradual / Longo prazo	Continuidade / <i>Descritivo</i>	Reprodução	Sedimentar
Erosão		Transitoriedade / <i>Narrativo-descritivo</i>	Atenuação / Questionamento	
Abalos	Repentina / Curto prazo	Conflito / <i>Narrativo</i>	Transformação / Negação	Magmática
Erupção		Conflito / <i>Narrativo</i>	Transformação / Criação	
Pressão / Aquecimento / Resfriamento	Variável	Conflito / <i>Narrativo</i>	Transformação / Alteração	Metamórfica

Ainda seguindo a metáfora geofísica da análise do espaço da semiosfera, as representações sociais advindas desses processos geológicos poderiam ser classificadas – como as novas formações rochosas delas resultantes – entre **magmáticas** (resultados das “explosões” repentinas de Lotman, como os abalos e as erupções), **sedimentares** (resultado dos processos graduais de erosão e da sedimentação, também descritos por Lotman como a “continuidade”) e **metamórficas** (resultado de transformações em conceitos anteriores devido a mudanças sociais, num processo análogo ao que leva à criação das rochas de mesmo nome, que sofreram alterações devido a mudanças de pressão ou temperatura).

Análise: a democracia racial, de modelo brasileiro a polêmica contestada

Para exemplificar o processo descrito anteriormente, trataremos de uma representação social bastante comum em textos que tratam da realidade brasileira e, especificamente, muito citada nas reportagens de correspondentes como Rohter: a visão que mostra o país como uma “democracia racial”. Como apresentado na seção 2.1.1, a expressão foi usada pela primeira vez pelo intelectual Arthur Ramos, durante uma conferência em 1941, nos Estados Unidos, mas sua difusão é atribuída a Gilberto Freyre – que, em 1937, tratava de categorias social, econômica e étnica da democracia. Vieira (2008, p. 22) analisa a criação, difusão e crítica dessa expressão desde a emergência – ou, na metáfora aplicada neste capítulo, a “erupção” – desse conceito no mundo intelectual.

Esse conceito surge no meio científico e é apropriado por um grupo social que pretende difundir, de forma hegemônica, essa forma de auto-definição da sociedade brasileira. Assim, do processo de “erupção” desse novo conceito – que, desde sua criação, apresentava a força e a amplitude de uma verdadeira cordilheira – passa-se à sedimentação, ou seja, à sua difusão e reprodução para consumo massivo. Nesse processo, o conceito original pôde ser banalizado e simplificado – assim como as

montanhas precisam ser erodidas para o acúmulo sedimentar em terrenos mais baixos. Novos textos passam a “acumular” e reproduzir esse conceito em novos grupos sociais (como novas camadas de textos, sobrepondo-se e reforçando-se mutuamente). Como analisado por Vieira, a democracia racial “pode ser entendida como o projeto ideológico que pretendia fazer dos cidadãos brasileiros um povo único, ainda que com pinceladas de mitos, sendo que alguns deles foram tão repetidos que viraram realidade” (Id., *ibid.*, p. 56). Assim, foi criado um modelo que explicava e valorizava a mestiçagem e negava a discriminação, ao mesmo tempo em que versões simplificadoras desse conceito tentavam dissuadir protestos contra esse modelo de inserção social.

Os primeiros “abalos sísmicos” nesse continente que representava a “democracia racial” brasileira surgem em 1950, com os estudos da UNESCO que quantificavam as desigualdades sociais no país e passam a mostrar que a “democracia racial como meta ainda estava muito distante de ser conquistada” (Id., *ibid.*, p. 78). Nos anos 1970, grupos organizados como o Movimento Negro Unificado, a Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro passam a pressionar por mudanças nessa representação, adotando conceitos antagônicos, como o do “quilombismo” (Id., *ibid.*, pp. 72-73).

Nesse contexto, podemos compreender porque essa representação pode atualmente ser negada – foram décadas de erosão, abalos e erupções de conceitos antagônicos que diminuíram a força hegemônica dessa representação particular. Como estudos anteriores apontam, reportagens de correspondentes internacionais têm uma tendência para a reprodução de estereótipos sobre o Brasil, pois sua função principal é explicar, e não tanto problematizar a realidade de nações distantes de seus leitores. Entre 2002 e 2005, uma amostra de 1244 reportagens de correspondentes de sete diários internacionais apresentava 676 textos (54,3%), com estereótipos sobre o país. Dessas imagens brasileiras, 585 trechos (86,5%) reproduziam conceitos como “tráfico de drogas”, “insegurança”, “corrupção” e outras representações brasileiras já discutidas no capítulo 2.1.1. Somente 91 textos (13,5%) transformavam ou negavam esses estereótipos (PAGANOTTI, 2007b, p. 8-9). A única representação do Brasil que apresentou maior frequência de transformações do que de reproduções foi a do país como uma “democracia racial” – oito textos transformavam a imagem de miscigenação harmoniosa, e somente um a reproduzia (PAGANOTTI, 2007a, pp. 202-203).

Um dos correspondentes analisados nesse estudo foi o próprio correspondente Larry Rohter, do *New York Times*. Inicialmente, as representações do Brasil como uma democracia racial eram ainda consideradas como válidas, reproduzidas em trechos como em uma reportagem turística sobre São Paulo:

All year long, Brazil is marking the 500th anniversary of the arrival of the first Portuguese expedition to the New World, and Sao Paulo, with a

melting-pot population that personifies the Brazilian ideal of racial democracy, is a focal point of the commemorations.⁴⁸

O trecho segue uma enumeração das comunidades de imigrantes que compõem o arco-íris racial paulistano, como as maiores populações de descendentes japoneses, libaneses e italianos fora de seus próprios países, o que tenta mostrar como diferentes grupos “étnicos” podem conviver juntamente em uma mesma metrópole, que funciona metonimicamente como representante do “ideal de democracia racial” tão divulgado durante as comemorações dos 500 anos do descobrimento brasileiro.

Porém, em outros textos, essa imagem inicial de uma nação sem discriminações colide com eventos que contradizem as impressões de observadores distantes e as representações dos próprios brasileiros.

To outsiders, this alluring port city of two million appears to be a model of racial harmony, a place where blacks and whites can mingle and marry without friction. Its residents have long prided themselves on that image, propagated by the novels of Jorge Amado and countless Brazilian pop songs, and made it a promotional tool for their booming tourism industry.

But now a spate of complaints of blatant racial discrimination have sparked court cases and a municipal investigation that are forcing a re-examination of that cherished belief. Even worse, the focal point of the furor is the famed pre-Lenten Carnival in this predominantly black city, an annual festival in which all barriers and inhibitions are supposed to melt away.

"Everyone knows racism exists here, but when you go to talk about it, no one wants to recognize it exists, much less recognize that it is structural," said Juca Ferreira, the city councilman who initiated the official investigation. "The myth of racial democracy is so strongly ensconced here that it has become an instrument of social hypocrisy and stratification, which is precisely why we need to undertake this exercise."⁴⁹

O texto parte de impressões de “estrangeiros”, de que Salvador poderia ser um “modelo de harmonia racial”, uma imagem “propagada em romances de Jorge Amado e músicas brasileiras” que compõem um retrato que os próprios “residentes locais têm se

⁴⁸ ROHTER, Larry. “WHAT'S DOING IN; Sao Paulo”. *The New York Times*, 25/06/00. Tradução do autor: “Durante todo o ano, o Brasil comemora o 500º aniversário da chegada da primeira expedição portuguesa ao Novo Mundo. E São Paulo, com uma população miscigenada que personifica o ideal brasileiro de democracia racial, é um ponto focal das celebrações.”

⁴⁹ ROHTER, Larry. “Brazil Carnival's Fabled Amity May Hide Bigotry”. *The New York Times*, 12/12/99. Tradução do autor:

Para os estrangeiros, esta charmosa cidade portuária de 2 milhões de habitantes parece ser um modelo de harmonia racial, um lugar em que negros e brancos podem unir-se sem conflitos. Seus moradores orgulham-se dessa imagem, propagada pelos romances de Jorge Amado e por inumeráveis músicas, e utilizam-se disso como uma ferramenta em sua crescente indústria do turismo.

Mas, agora, as repentinas denúncias de discriminação racial incendiaram processos tribunais e uma investigação municipal que forçam um reexame da antiga crença. Pior ainda, o foco dessa comoção é a famosa festa pré-Quaresma Carnaval nesta cidade predominantemente negra, um festival anual em que as barreiras e inibições deveriam derreter.

“Todo mundo sabe que o racismo existe aqui, mas quando você vai falar sobre isso, ninguém quer reconhecer, muito menos reconhecer que ele é estrutural”, disse Juca Ferreira, o vereador que começou a investigação oficial. “O mito da democracia racial está tão fortemente aconchegado aqui que se tornou um instrumento de hipocrisia e estratificação social, e é exatamente por isso que precisamos tomar para nós essa tarefa”.

orgulhado”. Com isso, a reportagem insere-se em uma cadeia de textos anterior, retomando explicitamente as fontes discursivas que pretendem difundir a representação local de uma “democracia racial” de forma específica, como os livros de Jorge Amado, ou genérica, como as canções brasileiras. Essa representação também encontra eco na observação externa, dos *outsiders*, e da interna, pois, segundo o artigo, faz eco à imagem que os próprios brasileiros gostam de ter sobre sua cultura. Essa composição é feita para que o público do texto possa se alinhar inicialmente aos observadores externos e reconhecer, se ainda não conheciam, essas representações do Brasil. Mas essa introdução também cria expectativas somente para contrapô-las⁵⁰ com eventos desestabilizadores, que mostram que essa imagem talvez não seja legítima ante os fatos que mostram casos de discriminação racial no Carnaval soteropolitano. Assim, a democracia racial passa a ser tratada como um “mito”, nas palavras do entrevistado Juca Ferreira, que evidencia, por seu discurso de autoridade – visto que é retratado como o vereador responsável pelas “investigações oficiais” – um fato oculto por trás da aparente harmonia.

Posteriormente, o jornalista passa a colocar em dúvida não só como forma de representar a situação presente, mas questiona os fundamentos do próprio conceito histórico da democracia racial:

The Brazilian government, responding to demands to improve the lot of the black population, has begun imposing racial quotas for government jobs, contracts and university admissions. But that has unleashed an acrimonious debate in a country that traditionally prides itself on being a harmonious "racial democracy." (...) "This is not merely a social problem," said José Vicente, a lawyer and sociologist in São Paulo who is president of Afrobras, a black advocacy group. "We have to recognize that this is a racist society and that people with dark skin have been systematically excluded from space in that society for more than 400 years."⁵¹

Apesar de repetir a auto-imagem orgulhosa de uma “harmônica ‘democracia racial’”, Rohter mais uma vez dá voz dissonante a um advogado e sociólogo – ou seja, duplamente ungido pelo discurso de autoridade, acrescido ao seu papel representativo de líder de grupo negro – que aponta o histórico racismo brasileiro que o conceito tenta ocultar. Em textos recentes, são minimizados ou contrapostos até argumentos contrários ao reconhecimento da presença do racismo na sociedade brasileira, que indiretamente retomam a mitologia da democracia racial:

⁵⁰ Essa estratégia de quebra de expectativas será analisada no quinto capítulo.

⁵¹ ROHTER, Larry. “Racial Quotas in Brazil Touch Off Fierce Debate”. *The New York Times*, 05/04/03. Tradução (ROHTER, 2008, pp. 110-112):

O governo brasileiro, reagindo às demandas para melhorar as perspectivas da população negra, está começando a impor cotas raciais para empregos públicos, licitações e admissões em universidades. Mas isto desencadeou um debate amargo num país que historicamente se orgulha de ser uma “democracia racial” harmoniosa. (...) “Este não é um problema meramente social”, diz José Vicente, advogado e sociólogo em São Paulo e presidente da Afrobras, grupo ativista negro. “Temos que reconhecer que esta é uma sociedade racista e que as pessoas de pele escura têm sido sistematicamente excluídas de um espaço nesta sociedade por mais de quatrocentos anos.”

Though there is a strong correlation between white skin and social and economic status, Brazilians are taught to think of their country as a racial democracy. The traditional view, stated in “We Are Not Racists,” a new best-selling book that criticizes quotas, is that in contrast to “a segregated society like America,” Brazil’s institutions are “completely open to people of all colors, our judicial and institutional framework is completely colorblind.”

Brazil has a comprehensive anti-discrimination statute, passed more than a decade ago. But the growing number of groups advocating equal rights for blacks point out that no one has ever served jail time for violating the racial provisions of the law.⁵²

O argumento de que o Brasil está “aberto para pessoas de todas as cores” é prensado entre evidências estatísticas não mencionadas sobre a “correlação entre pele branca e status econômico” e o apontamento factual de que não houve condenações por crimes raciais, uma crítica feita por partidários da “igualdade racial” para negros.

Não é possível, entretanto, imaginar uma linha evolutiva, da reprodução desse imaginário para a sua negação. Nas reportagens de Rohter, essa representação social teve oscilações de enfoque com o passar do tempo; isso pode indicar que, para além da construção de macro-narrativas ao longo da cobertura internacional, o uso dessas imagens é adotado caso a caso, conforme as necessidades das abordagens adotadas para cada episódio relatado.

Este capítulo buscou unir e discutir teorias que envolvem o estudo dinâmico da evolução de representações difundidas por meio de textos. Em primeiro lugar, é necessário compreender como narrações constroem tensão ao mesmo tempo em que calcam suas histórias em fundos morais comuns, reafirmando-os (MOTTA, 2005). Para isso, é necessário compreender os processos psicossociais que definem a construção, a aceitação e a transformação de representações socialmente difundidas (MOSCOVICI, 2007). Da mesma forma, é importante compreender as áreas de influência e aceitação dessas representações dentro de semiosferas que apresentam processos distintos de criação, reprodução e significação de signos (LOTMAN, 1996). A partir de uma análise crítica de textos, suas práticas discursivas e sociais (FAIRCLOUGH, 2001), foi criado um novo quadro conceitual para agregar os processos semiosféricos (de sedimentação, erosão, abalos, erupção, pressão, aquecimento e resfriamento de conceitos), sua

⁵² ROHTER, Larry. “*Soccer Skirmish Turns Spotlight on Brazil’s Racial Divide*” *The New York Times*, 19/09/06. Tradução do autor:

Embora haja uma forte relação entre a pele branca e status econômico e social, os brasileiros são ensinados a considerarem o seu país uma democracia racial. A visão tradicionalista, trazida em “Nós Não Somos Racistas”, o novo best-seller que critica as cotas, está em contraste com “uma sociedade segregada como os EUA”. As instituições brasileiras são “completamente abertas a pessoas de todas as cores, o nosso processo judicial e institucional é completamente cego às cores”.

O Brasil possui um estatuto anti-discriminação compreensivo, assinado há mais de uma década. Mas um número crescente de grupos exigindo direitos iguais aos negros aponta que ninguém nunca esteve preso por violar as cláusulas raciais da lei.

velocidade (gradual ou repentina), duração (longo ou curto prazo), função (continuidade, transitoriedade ou conflito), seu gênero predominante (descritivo, narrativo), efeito sobre as representações sociais (reprodução, atenuação, questionamento, transformação, negação e criação) e as suas representações resultantes (sedimentares, magmáticas ou metamórficas).

Todas essas estratégias, entretanto, tomam as representações como algo já inserido nas tramas simbólicas que envolvem os autores dos textos, seus temas e seu público. São a plataforma a partir das quais os jornalistas podem mergulhar às profundezas desses conceitos, retomando suas raízes históricas e preparando um cenário previsível, esperado, ecoando as expectativas de seu público em consonância com as imagens passadas que tornaram seus temas reconhecíveis – ou seja, representam o que **deve ser** o Brasil, a partir do que ele foi. Ou essa plataforma prévia pode ser o trampolim para alçar um salto até o futuro, revelando as expectativas para as soluções dos problemas atuais e os desejos dos que formulam propostas já aplicadas em outros lugares – indica-se, com isso, o que **deveria ser feito** com o país, do ponto de vista do que se quer para ele. Os próximos dois capítulos tratam dessas expectativas sobre quais imagens devem (ou deveriam) ser adotadas no Brasil.

4. EXPECTATIVAS E RECEITAS IDEALIZADAS

Considerando a história como o contato entre eras por meio de registros (CARR, 1996, p. 90), desde o princípio, a historiografia brasileira tem sido delineada a partir da perspectiva – e das expectativas – de estrangeiros. Os relatos dos viajantes (e, posteriormente, colonizadores) portugueses figuram entre os principais textos fundadores do imaginário sobre o Brasil para os olhos europeus (CAMINHA, 2002). Chauí (2007, p. 62), ao analisar a formação da identidade nacional e sua relação com os nossos mitos fundadores, enfatiza a construção de um verdadeiro “jardim do Éden” redescoberto. Obviamente, esses relatos foram utilizados para acelerar a colonização por meio da atração de portugueses que pudessem explorar as terras brasileiras para interesse próprio e para o enriquecimento da coroa portuguesa. Nesses primeiros relatos de viagem, Holanda aponta também a predominância da reprodução de imagens paradisíacas que ecoam o imaginário edênico cristão e narrativas aventureiras do Oriente, ainda mais na colonização espanhola dos nossos vizinhos latino-americanos, cuja “esperança de magníficos tesouros se acrescentava, quase invariavelmente, a de aparições hostis ou fabulosas”, num lugar onde “a regra era a exceção e o extraordinário, a norma” (HOLANDA, 2007, p. 208).

No Brasil, ainda que naturalizadas em uma “atenuação plausível” (Id., *ibid.*, p. 246), as representações de uma terra de clima ameno e águas límpidas, com frutas e animais maravilhosos, condiziam com “antigas descrições medievais do Paraíso Terrestre” (Id., *ibid.*, p. 245).

Ainda que censurados no território português, os relatos de viajantes, colonizadores, cientistas e catequistas levaram notícias do novo continente para um público ávido por histórias fabulosas no resto da Europa (HUE, 2006, p. 21). Hue afirma que é possível até mesmo construir um paralelo entre alguns desses relatos de viagem – como é o caso das cartas jesuíticas publicadas na Espanha – e formas primordiais de jornalismo, pois seus autores atuavam como representantes de um público em busca de informação, ao mesmo tempo em que representavam regiões inacessíveis por meio de textos publicados com certa periodicidade e objetividade (Id., *ibid.*, p. 27). Ainda assim, seria precipitado considerar que esses relatos publicados sem periodicidade nem interesse público poderiam ser classificados como parte da “imprensa”, seguindo a conceituação habermasiana de construção de uma esfera pública (HABERMAS, 2003, p. 30), pois não havia nem uma transmissão regular de informações acessíveis vindas do Brasil.

Velhos tesouros, novos catequistas

Atualmente, os meios de comunicação como os jornais ou a TV continuam a agir como mediadores de viagens imaginárias ao apresentar terras distantes ou próximas para públicos domésticos (MORLEY, 2001, p. 437). Dessa forma, inserem-se entre as “narrativas da nação”, discursos contados e recontados “nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular” (HALL, 2001). Herman e McChesney definem os meios de comunicação globais como verdadeiros “missionários do capitalismo corporativo” (HERMAN & MCCHESENEY, 1998, p. 10), pois não só pregam um evangelho que defende os princípios da abertura das economias de mercado, mas também são eles mesmos definidos como grandes conglomerados multinacionais, que lucram com a venda da notícia como mercadoria (HABERMAS, 2003, p. 35).

Nesse contexto, as matérias de correspondentes internacionais como Rohter atuam como os novos “relatos de viagem”, levando as notícias do Brasil para os públicos estrangeiros. Em 2005, havia três centenas de correspondentes internacionais no país, de mais de noventa veículos (CORTEZ, 2005). A maioria dos jornalistas é composta por americanos, como Rohter, ingleses e alemães (PINHEIRO, 2002). Estimativas de 2002 apontavam que os correspondentes publicam em média 18 mil reportagens por ano – 60% delas sobre a economia (Id., *ibid.*). É um fluxo gigantesco de informação e interpretação de fatos, que não pode ser desconsiderado pelos estudos de comunicação. Analisar esses textos é destrinchar os “olhares estrangeiros” que constroem as visões dos seus compatriotas formadores de opinião, “uma elite, cuja opinião ajudam a formar e, por sua vez, são influenciados por ela” (MOLINA apud BERABA, 2005).

A predominância de relatos econômicos não surpreende, e até se encaixa nas imagens históricas de um território colorido por especiarias e nomeado por um produto de extrativismo exportado até a quase extinção – o pau-brasil. São imagens de uma terra iluminada pelo resplandecer de pedras e metais minerados e dulcificada pelos engenhos do nordeste, antepassados da antiga corrida pela tríade café/borracha/laranja e, atualmente, por biocombustíveis, soja e gado (HOLANDA, 2007, p. 41). Como apontado por Holanda, a caça aos tesouros maravilhosos nutridos pelas terras brasileiras seguia também o imaginário fertilizado por imagens de outros tempos anteriores, como as esmeraldas edênicas (Id., *ibid.*, p. 70), ou de outros lugares vizinhos, como o desejo de se encontrar minas como as peruanas em territórios nacionais (Id., *ibid.*, p. 103).

Este capítulo tentará mostrar as representações e as construções narrativas que continuam a manifestar essa influência histórica dos viajantes e colonizadores a partir do olhar triplo do “**espectador**” externo: primeiramente, representa a visão dos que *observam* os eventos, sem aparentemente influenciá-los; em segundo lugar, mostra as expectativas prévias sobre o que se pode *esperar* (re)ver a partir das imagens que já são difundidas sobre esses lugares maravilhosos; por último, revela a *avaliação das expectativas* sobre o que deve ser feito com o que aqui é encontrado. Esses olhares

representam três lugares em que o observador externo acaba por se posicionar: como um *cientista* observador, coletando amostras; como um *turista*, a espera pelas férias no paraíso; e como um *administrador-empendedor*, com expectativas para as políticas públicas e para os retornos dos seus investimentos. Não é sem surpresa que esses posicionamentos coincidem com o do cientista coletor-naturalista¹, o do navegador e o do colonizador de antes, já delimitados por Pratt (1999, p. 69) a partir da análise de relatos de viagem na América, África e Ásia dos séculos XIV ao XX.

As imagens turísticas, que retomam (ainda que para questionar) as visões edênicas de um Novo Mundo paradisíaco, desafiador, exótico e milagroso, serão analisadas na primeira parte deste capítulo a partir das *expectativas prévias*: as imagens compartilhadas pelos observadores estrangeiros, como Rohter, com seu público sobre o que o Brasil *deve ser*, ou seja, quais são as *representações legítimas* sobre o país. Já as *expectativas avaliativas*, que retratam o que *deveria ser feito* para solucionar os problemas locais (ou seja, as *propostas legítimas*), serão analisadas a partir do ideário e receituário liberal presente (ainda que, mais uma vez, problematizado) nas reportagens econômicas na segunda seção a seguir – o “*so-called Washington consensus*”, nas palavras de Rohter². Como dois opostos atrativos, esses olhares a partir do que o Brasil foi e o que será revelam duas formas complementares de representar tanto uma visão de mundo quanto uma previsão desejada.

4.1. TURISMO: VALORIZAÇÃO DO EXÓTICO CLICHÊ³

Como visto no início deste capítulo, um dos traços marcantes dos contatos da sociedade brasileira com a sociedade mundial, desde os primeiros contatos coloniais, foi a construção da imagem do Brasil como destino para viajantes. Como analisado anteriormente, a carta de Pero Vaz de Caminha já apresentava o país como um destino para os portugueses que quisessem aventurar-se na procura por metais preciosos ou na missão divina de civilização dos bons selvagens aqui presentes (CAMINHA, 2002). Dificuldades da colonização eram vistas como desafios para os aventureiros que se lançavam aos mares ou penetravam nas terras desconhecidas – eram verdadeiros testes

¹ Não se pode esquecer de que a observação de fenômenos americanos por viajantes levou a grandes teorizações científicas como a evolução darwiniana e a antropologia estrutural de Lévi-Strauss.

² ROHTER, Larry. “Brazilian Rallying Neighbors Ahead of Meeting With Bush” *The New York Times*, 03/12/02. Tradução do autor: “o assim chamado consenso de Washington”.

³ Partes desse capítulo foram publicadas no artigo “Imagens do Brasil turístico nas páginas do New York Times”, na revista *Pensamento & Realidade* (PUC-SP) 2009, v. 24, n.2, p. 47-64 (PAGANOTTI, 2009b). Ainda assim os dados diferem marginalmente dos publicados anteriormente, devido a diferenças no recorte amostral: devido ao limite espacial de publicação em periódico, o artigo anteriormente publicado considerava somente “os textos escritos na seção *Travel*” (Id., *ibid.*, p. 51), enquanto este capítulo analisará imagens que não se limitam aos textos de Rohter publicados nesse segmento do site do *New York Times*.

divinos para selecionar os que mereceriam adentrar o Éden redescoberto (HOLANDA, 2007). Atualmente, nossos nativos foram civilizados até a cordialidade de marcante emotividade (HOLANDA, 2008), e continuam trocando seus artesanatos com os viajantes – que não precisam mais usar espelhos ou tecidos como moeda de troca, pois o euro, o dólar e os cartões de crédito já têm bastante penetração no território nacional. Por outro lado, os tesouros e riquezas que os viajantes contemporâneos buscam no Brasil podem ser levados para casa com o registro em câmeras digitais ou filmadoras.

Nos anos 1940, o imaginário de belezas e riquezas naturais brasileiras passa a ser acompanhado por traços da sociedade brasileira que pretensamente representem a expressão cultural e o caráter nacional: a propaganda na era Vargas difunde o carnaval, o samba, o futebol, e o “malandro” (AMANCIO, 2000, p. 68), imagens aproveitadas e repetidas até hoje no cinema que foca o país. Apesar de a representação paradisíaca continuar dominante, principalmente nos meios cinematográficos, as notícias sobre o país começaram a mostrar uma realidade distante da tranquilidade celestial. Burke aponta que notícias infernais sobre a violência, a pobreza e a discriminação no país passam a construir uma nova imagem do Brasil, que não substitui, mas sim complementa e convive, não sem tensões, com o cenário anterior (BURKE, 2006).

Turismo e representações paradisíacas do Brasil

A indústria do turismo internacional apóia-se na imagem que o Brasil detém por suas maravilhosas praias, florestas misteriosas e pelas cidades com construções históricas pitorescas – além da afetividade e hospitalidade de seu povo para com o estrangeiro. O turismo internacional, uma necessidade inventada para uma elite de consumidores interessada em construir seu capital cultural (ROBERTSON, 2000, p. 251), depende de meios de comunicação que criem o contato inicial instigante entre seu público potencial e as descrições dos destinos que pretende promover. Muitas publicações jornalísticas, como revistas de viagem, livros-guias e reportagens turísticas acenam para seus leitores com a possibilidade de conhecer o futuro cenário de suas próximas férias. Antes mesmo de aglomerarem-se nos pacotes turísticos padronizados, o interesse comum por certos destinos seleciona a atenção de grupos de leitores dessas reportagens em uma comunidade de leitores que compartilham gostos e interesses afins – um pacto de identidade e interesses comuns (CANCLINI, 1999, p. 285).

Para preparar-se para sua viagem ou decidirem seu destino com base em relatos alheios, muitos leitores buscam as reportagens turísticas por sua suposta e desejada imparcialidade: o jornalista viaja e escreve o que há de bom, mas mantém sua postura crítica, pois não produz um relato publicitário com a única preocupação de convencer o leitor a seguir suas sugestões. Apesar de manter a predominância da função referencial – ou seja, focada no contexto, no conteúdo da comunicação (JAKOBSON, 1989) –, os

textos jornalísticos sobre turismo são complementados por certa finalidade persuasiva ou conativa, pois procuram convencer o receptor da validade da mensagem para alterar suas crenças ou gerar comportamentos (no caso, de consumo). O apelo publicitário inerente aos textos trata do incentivo à visitação dos cenários turísticos brasileiros – principalmente as belezas naturais do país. Outros autores, como Casaqui (2005), já trataram da hibridização entre textos jornalísticos e publicitários, considerando o uso que a publicidade faz de reportagens. O objetivo deste capítulo é semelhante: pretende-se avaliar como o discurso jornalístico pode mesclar-se, confundir-se e adotar estratégias típicas da propaganda em reportagens turísticas a partir de um imaginário anterior de representações paradisíacas.

Imagens e cenários míticos nos guias jornalísticos de turismo

O mito fundador, como afirma Hall (2001, pp. 54-55), é “uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo ‘real’, mas do tempo ‘mítico’”. Hall avalia que os mitos fundadores também ajudam povos explorados a construir ressentimentos ou insatisfação pela carga história com que tem que lidar – e esse aspecto é crucial para avaliar o ressentimento de parte da elite intelectual brasileira contra injustiças do passado, mas não colabora para compreender nossa subserviência ao estrangeiro, uma característica positiva para o turismo e que pode ser compreendida como uma forma de descolar-se de nossa realidade indesejada, aproximando-se do diferente, do exterior, como se isso pudesse também fazer-nos diferentes.

Essas narrativas originárias são adaptadas devido ao processo histórico e às transformações sociais que reorganizam não só a sociedade brasileira, mas também a forma como essa sociedade se vê e representa. Como já citado no capítulo 2.1.1, Trindade (2005) sugere uma tipologia atual de imagens nacionais a partir de propagandas publicitárias brasileiras no final do século XX que detêm um paralelo interessante com as representações nos textos turísticos de Rohter: tanto as publicidades quanto os relatos jornalísticos tratam das belezas naturais de praias ou das matas brasileiras – o que Trindade classifica como “metonímias do país” (TRINDADE, 2005, p. 236) –, ou seja, imagens fracionadas que representam a nação como um todo, como cenas da “natureza”, da “tradição folclórica”, dos “grandes centros urbanos nacionais”, das “riquezas naturais” – ou seja, a representação do país como o “Paraíso Terrestre” (Id., *ibid.*). Trindade aponta que essa imagem do país segue uma “construção ideológica mítica” entre o produto anunciado e a comunidade cultural imaginada. Já para os estrangeiros que lêem as reportagens turísticas do *New York Times*, a conexão é feita entre as pré-concepções e estereótipos que eles já detêm sobre o Brasil e a representação do local especificamente focado nas reportagens.

Rohter publicou 27 textos turísticos sobre o Brasil, espalhados entre os anos 1990 até 2008 – 23 dos quais entre 1999 e 2005, período inicial da sua passagem como chefe da sucursal do *NYT* no Rio. A maioria das reportagens turísticas de Rohter seguia esse imaginário metonímico brasileiro, com menções à beleza natural de nossas paisagens: desses 27, 19 representavam e louvavam a estética das paisagens brasileiras, o que corresponde a 70,4% do recorte amostral. Das representações sociais brasileiras discutidas no capítulo 2.1.1, essa é a mais recorrente nos textos turísticos, seguida das imagens do Brasil como um país “exótico”, utilizadas em 12 dos 27 textos, ou 44,4% da amostra.

Outra tipologia classificada por Trindade nas propagandas brasileiras e que também se aplica aos textos de Rohter é a tipologia das “metáforas do país”, ou seja, as imagens que apresentam o Brasil como o “país do futebol e do carnaval” (Id., *ibid.*, p. 237). O Carnaval e o samba foram temas com frequência considerável nas reportagens do correspondente do *New York Times*: entre as 27 reportagens de turismo, 11 textos (40,7%) apresentavam informações sobre essa festa ou recomendavam locais em que o turista poderia ouvir samba; outros 7 textos (25,9%) apresentavam a imagem do Brasil como terra do futebol. Outras imagens envolvem estereótipos sobre a identidade nacional brasileira, como a “cordialidade” e a “sensualidade” de nosso povo (4 textos cada, ou 14,8% da amostra), que, apesar de não se tratarem de elementos do cenário turístico brasileiro, contribuem para a imagem do país como receptivo e encorajam visitantes a entrar em contato também com os brasileiros, e não somente com nossos cenários. Diversas vezes, essas imagens surgem imbricadas, relacionando-se com visões anteriores do Brasil, como na reportagem que propõem visitas a Salvador a partir das leituras de Jorge Amado:

In Portuguese, “amado” means “beloved,” and in more than a score of novels, the Brazilian writer Jorge Amado made clear his eternal passion for Salvador da Bahia, the city that took him in as a teenage boarding student and became his home. Salvador, in turn, loved him back, and even now, more than six years after his death, Amado’s exuberant spirit, aesthetic and characters seem to permeate the streets of the place he described both as “the most mysterious and beautiful of the world’s cities” and “the most languid of women.”

For visitors keen to experience those tropical mysteries, Amado went so far as to suggest an itinerary in his novel, “Tereza Batista: Home From the Wars.” He wanted tourists to see not just “our beaches, our churches embroidered with gold, the blue Portuguese ceramic tiles, the Baroque, the picturesque popular festivals and the fetishist ceremonies,” but also “the putridity of the slum houses on stilts and the whorehouses.”

The beach where the homeless street urchins of his 1937 novel, “Captains of the Sands,” struggled to survive has disappeared, replaced by a yacht club and a small mall that includes art galleries and a restaurant, *Trapiche de Adelaide*, that not only may be Salvador’s finest but also offers a magnificent view of the bay. (...)

But at the noisy, stifling Mercado Municipal just down the road, the flavor of the old days lingers. Inside, stalls sell not just T-shirts but also herbs, magic potions, aphrodisiacs and amulets.⁴

O trecho retoma as visões produzidas pelos romances como *Capitães de Areia* e *Teresa Batista cansada de guerra*, mesclando a propaganda turística com a divulgação literária das obras que servem de guia ao texto. Essa referência parte das imagens de sensualidade – dessa vez da cidade, a “mais lânguida das mulheres” – correlatas ao sobrenome do autor (“amado”), em mais um exemplo do uso do português discutido no capítulo 3.1. Após as costumeiras referências paisagísticas que tentam ser superadas a partir do trecho literário de Amado, o texto deixa a proposta de não se ver somente as “praias e igrejas incrustadas com ouro e cerâmica portuguesa” e as “festas populares pitorescas e as cerimônias fetichistas”, mas também a visitar a “pureza das favelas e prostíbulos”. A partir da autoridade referenciada na obra de Jorge Amado, Rohter propõe uma equivalência, em interesse turístico, das imagens de beleza natural, exotismo, sensualidade e até a pobreza brasileira; porém, o roteiro parte mais uma vez das belas praias e do exótico, com a referência à feira do Mercado Municipal e suas “poções mágicas, afrodisíacos e amuletos”.

Topologia litorânea, para além da altitude e profundidade praiana

Em comparação com a tipologia de Trindade, este capítulo pretende construir uma “topologia” do imaginário turístico sobre o Brasil – ou seja, a identificação e classificação dos espaços turísticos que são alvo das reportagens e que são considerados como destinos turísticos pertinentes e de interesse para o público do *New York Times*. Essa concentração espacial evidencia três espaços predominantes nos textos turísticos do jornal norte-americano: o Rio de Janeiro, a Amazônia e o Nordeste. Entre os textos

⁴ ROHTER, Larry. “Echoes of Amado in the Dark and the Light”. *The New York Times*, 24/02/08.

Tradução do autor:

Em português, “amado” significa “amado”, e em muitos de seus romances, o escritor brasileiro Jorge Amado deixou clara sua eterna paixão por Salvador da Bahia, a cidade que o acolheu quando adolescente e se tornou sua casa. Salvador, em troca, o amou de volta. E, mesmo agora, mais de seis anos após sua morte, o espírito, a estética e os personagens de Amado continuam perambulando pelas ruas do lugar que ele descreveu como “a mais misteriosa e bonita das cidades do mundo” e como “a mais lânguida das mulheres”.

Para os visitantes dispostos a experimentar esses mistérios tropicais, Amado foi além e sugeriu um itinerário em seu romance “Teresa Batista cansada de guerra”. Ele queria que os turistas vissem não apenas “nossas praias, nossas igrejas encrustadas em ouro, os azulejos de cerâmica portugueses, o Barroco, os festivais populares pitorescos e as cerimônias fetichistas”, mas também a “putridão das favelas e dos prostíbulos”.

A praia em que seu garoto de rua do romance de 1937, *Capitães de Areia*, lutou para sobreviver desapareceu, substituído por um iate clube e por um pequeno shopping com galerias de arte e um restaurante, *Trapiche de Adelaide*, que, além de possivelmente ser o melhor de Salvador, também oferece uma vista magnífica da baía.

Mas no barulhento e sufocante Mercado Municipal, logo mais na mesma rua, o sabor dos tempos antigos permanece. Lá dentro, as barracas vendem não apenas camisetas, mas ervas, poções mágicas, afrodisíacos e amuletos.

analisados, foi encontrada a predominância de dois espaços representativos de cenários turisticamente interessantes: praias/cidades litorâneas (20 textos, ou 74,1% das 27 reportagens turísticas) e florestas (três textos, ou 11,1%), além de dois textos sobre montanhas (7,4%), um texto sobre o campo e um sobre o cenário urbano (3,7% cada).

Essa concentração litorânea tem origens bastante antigas. Desde a época de Euclides da Cunha e dos *Sertões*, já havia na sociedade brasileira (principalmente na visão dos integralistas dos anos 30, que se apropriaram e readaptaram a simbologia de ícones nacionais) a idéia de que existiam “dois Brasis”: um “Brasil litorâneo, formal, caricatura letrada e burguesa da Europa liberal; e o Brasil sertanejo, real, pobre, analfabeto e inculto” (CHAUI, 2007, pp. 66-67). Essa divisão entre interior e litoral foi crucial na colonização brasileira e continua, até hoje, a influenciar a dinâmica espacial entre as divisões regionais do país.

A principal cidade-destino do roteiro turístico foi o Rio de Janeiro, com 16 textos (59,3%), seguida por Salvador, com três textos (11,1%), Petrópolis, com dois (7,4%) e São Paulo, Manaus, Marajó e Belém, com um texto para cada (3,7% cada), além de um texto sobre o litoral paulista e fluminense e outro sobre o litoral nordestino (mencionando Fortaleza, Natal e Recife). Com isso, a região Sudeste concentrou 20 textos (74,1%), enquanto o Nordeste apresentou quatro textos (14,8%) e a região Norte, três (11,1%).

Tanto as reportagens sobre florestas quanto as litorâneas constroem imagens edênicas, mas as reportagens sobre a Amazônia têm, além da descrição de cenários maravilhosos e paradisíacos, a valorização do exótico (principalmente por meio da enumeração de animais, plantas e cenários pitorescos) e o destaque para o isolamento de regiões algumas vezes intocadas – ou preservadas unicamente para o turismo, sem maiores contatos com outros povos:

Rio Negro, within sight of the Anavilhanas Ecological Station, a government nature reserve that encompasses the world's largest riverine archipelago, with more than 400 islands and hundreds of lakes and igapós, an indigenously word that means flood forest. Astonishingly rich in both animal and plant life, the reserve area, which has been designated a Unesco World Heritage site, is unspoiled and uninhabited.
(...) I've seen all sorts of monkeys, macaws and toucans, not to mention sloths and anteaters, on such treks. Afternoon excursions to fish for piranha provide the kind of bragging rights that delighted my teenage son when I took him with me on an Amazon trip a few years ago.
After dinner, it's often back to the boat to hunt for the Amazonian caiman known as the jacaré. But instead of carrying guns or spears, guides are armed with powerful spotlights that freeze the reptiles in position and make it possible to remove young ones from the water so that guests can run their hands over their cool, ridged carapaces.⁵

⁵ ROHTER, Larry. “Into the Amazon”. *The New York Times*, 16/09/07. Tradução do autor:

Rio Negro, dentro da Estação Ecológica Anavilhanas, uma reserva natural governamental que abrange o maior arquipélago fluvial do mundo, com mais de 400 ilhas e centenas de lagos e igapós, uma palavra

Esse cenário isolado, exótico e belo funciona como uma reconstrução do Jardim do Éden, quando o homem ainda vivia em paz, em comunhão com a natureza no verdadeiro paraíso antes do pecado original – num reencontro com o Paraíso Terrestre procurado pelos descobridores há 500 anos (CHAUI, 2007, p. 59). Tanto os superlativos como o “maior arquipélago fluvial” quanto a valorização oficial de um “patrimônio da humanidade pela Unesco” também reforçam imagens paradisíacas e a função ecológica da região: paradoxalmente, ao lembrar que o local é “preservado e desabitado”, reforça-se a imagem de um paraíso, porém dessa vez pré-humano, sem a “pegada” da depredação resultante da ação do homem.

Além da enumeração da fauna observável, como “macacos, papagaios e tucanos, sem contar as preguiças e tamanduás”, outras menções exóticas partem também das características únicas do lugar, como a pesca de piranha e a caça a jacarés: nos três casos, a narração dos passeios a pé, do orgulho pescador do filho de Rohter e a descrição das escamas “frias e rugosas” o autor é inserido nas aventuras de caminhada, pesca e caça sugeridas na reportagem. Como já mencionado na análise de outro texto turístico no capítulo 3.1, o uso explícito da primeira pessoa nesses relatos não só ancora o correspondente no lugar e no tema que pretende retratar – pois mostra que ele esteve lá e suas impressões – como também aproxima seus leitores, por meio da humanização do relato, aos temas retratados: como o correspondente é um “representante” do jornal e de seu público leitor, se ele pôde chegar lá e aproveitar as maravilhas do passeio, seus leitores também podem – e devem – aceitar o convite implícito nas reportagens para visitar pessoalmente os locais retratados nos relatos de Rohter.

Ao analisar a relação entre as ações e o gênero híbrido entre jornalismo e publicidade nas reportagens turísticas, é importante avaliar a função de consumo a que apelam os textos. Seguindo a proposta de classificação de Floch sobre as valorizações feitas pelos consumidores e enfatizadas pelas mensagens publicitárias, percebe-se uma grande predominância da valorização utópica, que apresenta valores míticos ou existenciais (FLOCH apud SANTARELLI, 2006, p. 13). Mas também há a ênfase nos valores práticos dos serviços de turismo recomendados, como a descrição do conforto dos hotéis, da qualidade dos restaurantes, da facilidade de acesso às praias ou dos passeios mais interessantes, principalmente nas reportagens que acompanham o texto principal com o breve guia “*Where to stay / Where to eat / Nightlife / Sightseeing*”

indígena para floresta inundada. Surpreendentemente rica em fauna e flora, a reserva, que foi reconhecida como um local de Patrimônio Mundial pela Unesco, não está danificada ou habitada. (...) Vi todo tipo de macacos, araras e tucanos, sem contar com preguiças e tamanduás, nessas trilhas. As excursões vespertinas para pescar piranhas fornecem o tipo de vitória barulhenta que encantaram o meu filho adolescente quando eu o levei em uma viagem à Amazônia alguns anos atrás. Depois do jantar, é comum voltar aos barcos para caçar os crocodilos da Amazônia, conhecidos como jacarés. Mas no lugar das armas e das lanças, os guias armam-se com potentes lanternas que congelam os répteis e tornam possível remover os mais jovens da água para que os visitantes possam acarinhar suas carapaças frias e rígidas.

[Onde ficar / Onde comer / Vida noturna / Passeios]. Entre os textos turísticos de Rohter, 14 artigos (51,9% do total de 27 textos) eram acompanhados por esse guia de consumo com sugestões do repórter para seu público – o que aumenta ainda mais a mistura do discurso publicitário com o jornalístico, que pode diminuir a credibilidade do veículo ante seus leitores, se não forem explicitados os critérios para seleção das indicações do guia. Por outro lado, ao inserir-se nas suas descrições dos guias, o repórter marca as suas avaliações subjetivas e realiza o mesmo efeito de aproximação, por representação de seu público, descrito anteriormente nas narrativas de passeios com o uso da primeira pessoa, mas alternando o efeito de forma indireta, como exemplificado no trecho abaixo:

Rio de Janeiro occupies one of the most magnificent natural settings of any city in the world, and the view from the Christ the Redeemer statue atop Corcovado mountain is every bit as spectacular as countless movies have portrayed it. Look one way, and all of Guanabara Bay lies before you; look another, and a series of mountain peaks dominates the scene. It is possible to drive or take a taxi to the top, but the easiest way is to take the cable car that leaves from 513 Rua Cosme Velho every half hour from 8:30 A.M. until 5:30 P.M. It costs \$8.50 a person, at 1.75 reals to \$1; telephone (55-21) 558-1329.⁶

A descrição da visão – “olhe para um lado, e toda a baía de Guanabara se abre na sua frente; para outro, e uma cadeia de picos montanhosos dominam a cena” – tem a função de indiretamente colocar os olhos do leitor no lugar que o correspondente ocupou, no topo do cenário descrito. Ao mesmo tempo, o imperativo do verbo olhar [*look*] caminha entre a tênue linha que separa a sugestão, a sedução e a obrigação de (re)fazer essa visita a partir dos relatos indiretos de Rohter.

O trecho também soma às questões práticas, como o horário de funcionamento, o endereço e acesso, além das taxas de admissão, uma descrição mítica “espetacular” a partir das outras imagens já reconhecidas pelo público a partir dos “incontáveis filmes que retrataram” essa paisagem. Como foi visto anteriormente, os mitos fundadores do Brasil e diversos estereótipos sobre a imagem do país como “Paraíso Terrestre” são repetidos ou readaptados na construção de reportagens turísticas sobre o país. Em diversos textos Rohter explicita a influência dessas imagens compartilhadas pelos estrangeiros, como no trecho acima e na reportagem sobre a identidade carioca, descrita no capítulo 2.1.1, que menciona “*the beaches and the landmarks known from postcards, movies and songs: Copacabana, Ipanema and Sugar Loaf -- the official, acclaimed Rio*

⁶ ROHTER, Larry. “WHAT'S DOING IN; RIO”. *The New York Times*, 11/04/99. Tradução do autor: O Rio de Janeiro ocupa um dos lugares naturais mais magníficos de todas as cidades do mundo, e a vista do Cristo Redentor, de cima do Corcovado, é exatamente espetacular como os inúmeros filmes mostraram. Olhe para um lado, e toda a Baía de Guanabara está diante de você; olhe para o outro lado, e uma série de montanhas domina a cena. É possível dirigir ou tomar um táxi até o topo, mas o modo mais fácil é pegar o bonde que sai da Rua Cosme Velho, 513, a cada meia hora, das 8:30 às 17:30. O preço é \$8,50 por pessoa, com 1,75 reais para U\$1; telefone (55-21) 558-1329.

visible from the foot of the giant statue of Christ atop Corcovado Mountain”⁷. Esse trecho relembra canções, filmes e imagens turísticas de cartões-postais que compõem o imaginário coletivo do público do texto que, provavelmente, ainda não conheceu diretamente o Brasil e só teve contatos mediados por esses meios de comunicação.

Nessa topologia de lugares considerados como válidos para o turismo, Rohter tenta construir uma imagem que eleve as representações das paisagens brasileiras para altitudes bem mais elevadas do que o nível do mar, construindo uma imagem mítica e paradisíaca, quase sagrada, dos cenários brasileiros. Ao mesmo tempo, pretende mergulhar nas profundidades do consciente coletivo, resgatando um imaginário sobre o país que seu público já espera reconhecer a partir de encontros prévios com outras referências culturais, como as menções a filmes, livros e até por cartões postais.

Violência e miséria: choque entre a realidade dura e o imaginário sutil

Mas outras referências sobre o Brasil não são ignoradas: as cenas de violência e outros problemas sociais brasileiros como a miséria e as enfermidades típicas de um país tropical arrastam os turistas estrangeiros para águas turbulentas:

Most doctors recommend a program of antimalarial medicine, beginning several weeks before arrival and continuing during a trip. (I stopped taking such prophylactics because of the unpleasant side effects, and besides, there is now a drug-resistant strain of malaria.) But there are other measures one can adopt to reduce the risk of mosquito-borne diseases like malaria and dengue. Rather than going outdoors with arms exposed, for example, wear a long-sleeve shirt made from a lightweight fabric. And do your best to avoid being outside during the period local people call “the malaria hour,” about 5 to 7 p.m.⁸

Ainda assim, a ameaça é minimizada pelas estratégias de prevenção, como o tratamento profilático e a mudança comportamental que evita a exposição ao risco. Outra ameaça à redoma paradisíaca de prazer construída para os turistas é imposta pela insegurança e a violência contra turistas, seguidas das mesmas recomendações de prevenção e medicação para que os turistas evitem situações de risco no contexto violento das cidades brasileiras:

⁷ ROHTER, Larry. “OUR CORRESPONDENT IN RIO; The City's Soul Lies Beyond The Tunnel”. *The New York Times*, 03/03/2002. Tradução do autor: “as praias e os marcos reconhecidos em cartões-postais, filmes e canções: Copacabana, Ipanema e o Pão de Açúcar – o Rio de Janeiro oficial e aclamado, visível dos pés da gigantesca estátua do Cristo no topo do Corcovado”.

⁸ ROHTER, Larry. “Into the Amazon”. *The New York Times*, 16/09/07. Tradução do autor: Muitos médicos recomendam um programa de remédios antimalária, começando semanas antes de chegar e continuando durante a viagem (eu parei de tomá-los devido aos desagradáveis efeitos colaterais e, além disso, há agora uma forma de malária resistente aos remédios). Mas há outras medidas a se tomar para reduzir o risco de doenças transmitidas por mosquitos como malária e dengue. Ao invés de sair com os braços expostos, por exemplo, use uma camiseta de manga comprida de um tecido leve. E evite ao máximo sair durante o horário que os locais chamam de “a hora da malária”, que é entre 17 e 19h.

It is always wise to be alert on the beaches and streets and to leave flashy jewelry and large amounts of cash locked in a hotel safe. That counsel holds especially true during Carnival, when pickpockets and thieves count on the fatigue and inebriation of revelers to make their tasks easier. In addition, following a recent series of armed robberies and assaults downtown (which has none of the city's leading hotels), the police have issued a warning to tourists to avoid that area after dark (...).⁹

A ameaça, nesse trecho, ainda parece contida e pode ser evitada: só é necessário mudar o comportamento, evitando sair às ruas com “jóias chamativas e grandes quantidades de dinheiro”, eliminando do roteiro algumas áreas em horários específicos, como o centro à noite. Além disso, a violência é minimizada ao ser inserida numa atmosfera lúdica “durante o Carnaval, quando os ladrões contam com a fadiga e a embriaguez dos foliões”. Assim, a diversão propicia a oportunidade para o crime; como se o paraíso da libertinagem contivesse a semente subversiva para seu próprio inferno.

Segundo a análise de Trindade, nem mesmo a publicidade pode permanecer em terreno seguro, livre dos problemas sociais brasileiros: muitos comerciais até usam imagens negativas para atrair a atenção a programas de entidades governamentais ou do terceiro setor (TRINDADE, 2005, p. 239). Entre as 27 reportagens turísticas publicadas por Rohter, 10 textos (37%) tratavam da insegurança brasileira como uma ameaça aos visitantes estrangeiros.

Burke (2006) faz uma interessante reflexão sobre a passagem da violência do noticiário para o cinema, antigamente um território mais favorável ao Brasil, e mostra que grande parte da responsabilidade por essa contaminação entre meios de comunicação é dos próprios brasileiros, que passaram a auto-representarem suas culturas no cinema com uma visão mais violenta nas últimas décadas.

A cobertura turística nos jornais não pode evitar a crítica social: a restrição da polêmica sobre esse tema e seus efeitos na visitação ao Brasil suprimiria a heterogeneidade de versões e eventos contrastantes ou opostos, num falso consenso – retomando a conceituação de Mainguenau (1989) – sobre a visão do Brasil como um “Paraíso Terrestre”. Da mesma forma, é possível também analisar a construção de consensos sobre a hospitalidade do povo brasileiro e a beleza natural de nossos cenários como uma faceta de um discurso competente (CHAUI, 2005) que retrata o Brasil como um paraíso para turistas. Esses discursos se mostram como “competentes” por serem socialmente validados, aceitáveis e reconhecíveis, ocultando suas origens, viés ideológico ou finalidade prática. No caso das reportagens turísticas, não se pode negar o

⁹ ROHTER, Larry. “WHAT'S DOING IN; Rio”. *The New York Times*, 02/02/2003. Tradução do autor: É sempre recomendável ficar alerta nas praias e nas ruas, deixando jóias chamativas e grandes quantias de dinheiro trancadas no cofre do hotel. Esse conselho é importante principalmente no Carnaval, quando batedores de carteira e ladrões contam com a fadiga e a embriaguez dos foliões para facilitar seus trabalhos. Além disso, com a recente onda de furtos e assaltos à mão-armada no centro da cidade (que não tem nenhum dos hotéis mais importantes da cidade), a polícia emitiu um alerta para que turistas evitem essa área depois de escurecer (...).

interesse indireto de empresas que operam nesse mercado, pois essa cobertura pode atrair novos viajantes para o país e, com isso, mais capital para quem lucra com os negócios em hotelaria, transporte ou outros serviços turísticos – os mesmos que são apresentados nos guias publicados por Rohter no *New York Times*.

Até mesmo a exclusão social pode ser fonte de lucros para a indústria do turismo, como visto no trecho a seguir, que, aparentemente, segue as sugestões de Jorge Amado ao visitar a “pureza das favelas”:

Like it or not, Rio de Janeiro is famous not just for its beaches and the giant statue of Christ that looks down on the city from atop Corcovado Mountain but also for its favelas. These hillside squatter slums sprawl over some of the choicest pieces of real estate in Rio and in other Brazilian cities. But as symbols of glaring social inequality and rampant urban violence, they have traditionally been considered off limits to tourists.

In recent years, though, a pair of for-profit companies -- Jeep Tour and Favela Tour -- have been conducting daily excursions, both focusing on Rocinha, the largest of the city's 800 or so favelas, with more than 150,000 residents. I have often visited favelas as a reporter, but in mid-March, just as Brazil's summer season was ending, I entered Rocinha on trips with both companies, riding as a passenger in a jeep with a group of about 10 tourists from countries like the United States, Germany, Sweden, Israel, Switzerland and Russia. Few knew much about favelas beyond the rather romanticized portrayal offered in films like the 1959 movie "Black Orpheus."

After riding with Jeep Tour to the very top of Rocinha, not far from the American School, the first group I accompanied got out, was directed to a narrow concrete passageway and began the steep descent. The stench of urine hung in the air, stray dogs barked at us and each other, garbage was piled on the ground, samba, gospel and Brazilian hillbilly music blared from radios, and all around us the walls were daubed with boastful graffiti: "I love life, but I'm flirting with death," one phrase proclaimed.¹⁰

O território das favelas que antes estava “fora dos limites dos turistas”, agora é reinserido simbolicamente na trama dos relatos turísticos oficiais sobre o Rio de Janeiro. Não é sem surpresa que esse relato parte mais uma vez do imaginário já esperado pelos

¹⁰ ROHTER, Larry. “Rio's Squatters, By Guided Tour”. *The New York Times*, Nova York, 20/05/2001.

Tradução do autor:

Pelo bem ou pelo mal, o Rio de Janeiro não é famoso somente por suas praias e pela gigantesca estátua do Cristo que olha do topo do Corcovado, mas também por suas favelas. Essas ocupações de morros se estendem por algumas das melhores propriedades do Rio e outras cidades brasileiras. Mas como símbolos da evidente diferença social e violência urbana crescente, elas tradicionalmente estiveram fora dos limites dos turistas.

Em anos recentes, contudo, duas empresas – a Jeep Tour e a Favela Tour – têm conduzido excursões diárias, ambas para a Rocinha, a maior das 800 favelas da cidade, com mais de 150 mil moradores. Eu frequentemente visitei favelas como um repórter, mas no meio de março, com o final do verão brasileiro, eu entrei na Rocinha em visitas com as duas companhias, passeando como passageiro em um jipe com um grupo de cerca de 10 turistas de países como EUA, Alemanha, Suécia, Israel, Suíça e Rússia. Poucos sabiam mais sobre favelas além dos retratos romantizados oferecidos em filmes como “Black Orpheus”, de 1959.

Depois de andar com o Jeep Tour até o topo da Rocinha, não muito longe da Escola Americana, o primeiro grupo que acompanhei saiu, foi levado a uma viela e começou a descer. O cheiro de urina pairava no ar, cães vadios latiam para nós e uns para os outros, o lixo se empilhava no chão, samba, gospel e música sertaneja gritava dos rádios, e ao redor as paredes estavam cheias de grafites impactantes: “eu amo a vida, mas estou flertando com a morte”, uma frase proclamava.

estrangeiros a partir do contato prévio com “retratos romantizados” cinematográficos. Rohter contrapõe sua experiência como repórter, ao demarcar que não é a primeira vez que se embrenha pelas estreitas vielas das favelas cariocas – ou seja, com isso supõe-se que ele detém uma visão mais profunda e mais legítima da realidade que agora é retratada para os olhos de turistas (como ele não é) estrangeiros (como ele é).

Assim, o correspondente explora as visões esperadas de miséria como a descrição sinestésica de uma cacofonia de “cheiro de urina”, latidos de cachorros, lixos empilhados, samba, música caipira e de louvação religiosa, somadas com o impacto visual do grafite suicida de quem “ama a vida, mas flerta com a morte”, assim como os turistas se envolvem pelo belo, mas para isso atravessam o feio. Além de chocar, se comparada à imagem das “praias e a estátua do Cristo que vê a cidade do alto do Corcovado”, essa composição descritiva mais uma vez coloca o leitor no lugar do repórter que o representa, intermediado pelo compartilhamento de seus sentidos. Porém, essas visões “esperadas” são contrapostas com a “descoberta”, supostamente surpreendente, de universidades, clínicas médicas, bancos e supermercados com ar-condicionado e pagamento computadorizado:

But as I soon discovered, not everything the tour groups see is quite so sordid. On both trips, guides pointed out where a private university was about to open. We stopped briefly at a medical clinic, saw banks and supermarkets that were equipped with air-conditioning and computers at the checkout line, and even walked past a McDonald's.¹¹

A descoberta de um “McDonald’s”, um sinal marcante da pretensa chegada do processo civilizatório nas periferias selvagens, parece surpreender até o tarimbado repórter. Esse traço pode ser interpretado como uma aproximação de Rohter com o resto dos turistas e, portanto, do seu público, ou como uma estratégia de mostrar que algumas favelas não se “encaixam” – mais uma vez, nas palavras do editor do *Times*, Bill Keller, “*don't fit comfortably*” (KELLER apud HANNERZ, 2004, p. 145) – na representação puramente miserável que é socialmente reconhecida como válida desses lugares. Assim como surpreende menos a essência da pobreza estrutural na favela, se contraposta com a aparência de realizações da construção de novas escolas, clínicas e o civilizador ar-condicionado, Rohter tenta amarrar em alguns de seus relatos imagens que nem sempre encaixam nas imagens previamente compartilhadas. O correspondente faz essa amarração exatamente se apoiando nessas pré-concepções e mostrando suas

¹¹ ROHTER, Larry. “Rio's Squatters, By Guided Tour”. *The New York Times*, Nova York, 20/05/2001. Tradução do autor:

Mas como eu rapidamente descobri, não é tudo que os grupos veem que é sórdido. Nas duas viagens, os guias mostraram onde uma universidade particular abriria. Paramos brevemente em uma clínica médica, vimos bancos e super-mercados equipados com ar-condicionado e computadores nos caixas, e até passamos por um McDonald's.

contradições, ao mesmo tempo em que tenta construir um fio narrativo que as integre às imagens prévias do Brasil¹².

Essa demarcação de algo diferente, desconhecido, que não se encaixa no que já se espera, é um ponto comum entre o jornalismo e algumas práticas turísticas que evitam seguir guias ou manuais pré-determinados. Com isso, a existência de um McDonald's é considerada como uma “descoberta” porque destoa de seu cenário: o gigante M dourado teria florescido no meio do “lixo empilhado” da favela, e isso talvez até motive algumas fotos de turistas da “Alemanha, Suécia, Israel, Suíça e Rússia”, assim como motivou a reportagem de um repórter dos Estados Unidos; é algo que não se encaixa, está fora do lugar, é uma descoberta surpreendente. Em nenhum momento, entretanto, ninguém se questiona se o que não se “encaixa” naquele lugar são eles, os que vem – e veem – de fora.

Of the two visits, I much preferred that of Favela Tour. At \$21 a head, it is not only \$9 cheaper than its competitor, Jeep Tour, but it also has Brazilian guides who make a special effort to explain the social and political context of what they show. That made the experience far richer than the one offered by Jeep Tour, many of whose guides are Europeans without an insider's knowledge of Brazilian society.¹³

Paradoxalmente, como visto no trecho acima, é colocada em questão a posição e atuação dos guias como o grande diferencial – além do custo – entre os passeios, pois os brasileiros teriam mais legitimidade do que os “europeus sem um conhecimento de dentro da sociedade brasileira”. Seria possível, seguindo o raciocínio, questionar se essa afirmação não erodiria a força do relato do próprio Rohter, ao atacar a base do lugar de onde ele se posiciona: ele também é um estrangeiro. Porém, uma distinção precisa é colocada na frase anterior: o que diferencia os guias brasileiros não é tanto sua essência – a sua nacionalidade – mas sua atuação – o “esforço especial para explicar o contexto social e político do que eles mostram”. E essa atuação redimiria a essência estrangeira em Rohter, pois ele também atuaria da mesma forma didática. Além disso, Rohter não valoriza especificamente o relato do “brasileiro”, mas sim o dos que estão “dentro da sociedade brasileira” – e, como explorado no capítulo 3.1, Rohter definitivamente é também um *insider*, pois é de “dentro” do Brasil que ele manda seus relatos. Assim como tenta amarrar nas reportagens o que não se “encaixa” nas imagens brasileiras, também tenta inserir “dentro” o que é de “fora” – os turistas, o público leitor do *NYT* e ele mesmo.

¹² Esse tema de re-inserção de imagens que não se encaixam será discutido no quinto capítulo.

¹³ ROHTER, Larry. “Rio's Squatters, By Guided Tour”. *The New York Times*, Nova York, 20/05/2001. Tradução do autor:

Das duas visitas, eu preferi a da Favela Tour. Por \$21 por pessoa, não é apenas \$9 mais barata do que o concorrente, Jeep Tour, mas tem guias brasileiros que fazem um esforço especial para explicar o contexto social e político do que estão mostrando. Isso tornou a experiência muito mais rica do que a oferecida pela Jeep Tour, cuja maioria dos guias é europeia, sem um conhecimento interno da sociedade brasileira.

(...) Mrs. Humphries said she also had a less idealistic reason for taking the tour, having spent most of her time in a luxury hotel or on the streets of Copacabana and Ipanema. "We've seen the glitzy part of Rio," she said. "I didn't want to go home without having seen the other side, and that's certainly what you see in Rocinha."¹⁴

O texto conclui com a curiosidade dos estrangeiros, exemplificada pela “Mrs. Humphries”, que não se satisfazem em somente apreciar nossas belezas naturais, ou seja, que querem perceber um pouco da realidade mais dura, oculta por trás de todo o brilho do neon e os confetes carnavalescos. Com isso, a reportagem segue o mesmo caminho das empresas que tentam capitalizar com esse interesse dos que buscam um contato (ainda que de forma breve e protegida) com aspectos da nossa cultura que nos tornam mundialmente famosos por motivos menos nobres. De um lado, as empresas operam um serviço que leva, de forma direta, porém controlada, às favelas; do outro, o jornal norte-americano apresenta essa experiência e essa realidade de forma indireta, porém mediada, por meio do relato de Rohter. Com essa declaração final da turista, percebe-se a própria necessidade de justificar a visita a um lugar que não caracteriza a imagem clássica do “belo”, por ser evidente demais a sua pobreza. Ao mesmo tempo, o depoimento resume a sensação de que falta algo nas representações das belezas naturais do Brasil, algo que escapa – ou ao menos “escapava” – aos pacotes turísticos. Agora, essa vertente menos gloriosa dos nossos cenários turísticos também podem ser incluídos no escopo da exploração da indústria de turismo internacional. Esse *outro lado* do glamour das praias pode ser encontrado ao cruzar uma esquina, atravessando a barreira entre o asfalto e o morro – ou virando a página das colunas sociais e das reportagens turísticas par ler o noticiário policial sobre a violência carioca. Assim como a fronteira entre morro e asfalto é difusa, no Rio de Janeiro, cresce também o contato entre a idealização utópica de cenários paradisíacos e a realidade miserável e violenta nas reportagens turísticas sobre a cidade.

Em outros momentos, os limites entre o turístico e o desviante precisam ser remarcados, porque alguns problemas sociais parecem mais ameaçadores e respondem menos às estratégias de contenção sugeridas nos textos anteriores. Um relato sobre o impacto turístico da guerra do tráfico de drogas e outros dois textos sobre problemas ambientais nas praias cariocas correspondem justamente a três das quatro únicas reportagens turísticas com viés negativo, entre as 27 analisadas (14,8%) – o quarto último texto, sobre disputas diplomáticas entre Brasil e EUA na entrada de visitantes estrangeiros, será analisado ao final deste capítulo. Um dos trechos enumera diversos

¹⁴ ROHTER, Larry. “Rio's Squatters, By Guided Tour”. *The New York Times*, Nova York, 20/05/2001. Tradução do autor:

A senhora Humphries afirmou que tinha um modelo menos idealista para participar da excursão, depois de passar a maior parte do seu tempo em um hotel luxuoso nas ruas de Copacabana e Ipanema. “Nós já vimos a parte glamurosa do Rio”, ela diz. “Eu não queria ir para casa sem ter visto o outro lado, e é definitivamente o que você vê na Rocinha”.

problemas ambientais, morais e criminais que afetaram negativamente o “divertimento e relaxamento” nas praias cariocas às vésperas do Carnaval e das celebrações dos 500 anos do descobrimento brasileiro:

With millennium festivities kicking off a series of celebrations that include the 500th anniversary of the discovery of Brazil, the weeks leading up to Carnival in early March were supposed to have offered fun and relaxation in a city that loves nothing better than a good time. Instead, one mishap after another, including damaging oil and sewage spills and quarrels over public morality, has turned Rio's prime vacation and tourism season into an ordeal. (...)

The first sign of trouble was in mid-January, when body parts began washing up on some of the most fashionable beaches, including Ipanema. The grisly discovery of arms, legs and torsos from at least six bodies, some bullet riddled and others chopped, disgusted surfers and sunbathers, leading many to abandon their traditional haunts. (...)

The police have not identified any of the remains. But they say the victims were probably involved in a turf battle between drug gangs that are fighting for control of Rocinha and Vidigal, two large favelas, or squatter settlements, on mountainsides that overlook the sea.

Beachgoers, which is to say nearly everyone, had barely recovered from that shock when an accident at a refinery of the government oil company, Petrobras, resulted in 344,000 gallons of oil being dumped into Guanabara Bay, which faces the city. More than 600 fishermen were put out of work, schools of fish and flocks of birds were killed, and a government-protected mangrove swamp was severely damaged. In addition, 10 beaches in working-class neighborhoods were coated with oil and were closed.¹⁵

No texto, os problemas cariocas são contemplados a partir da ótica dos que só querem divertir-se e relaxar nas praias, como se os conflitos sociais fossem pouco mais do que um contratempo: como um dia de chuva, de ressaca ou de maré vermelha, o surgimento de pedaços de corpos nas praias é encarado somente com o “asco dos surfistas e banhistas”, seguido da explicação de sua origem pela polícia. Porém, nenhuma solução para os conflitos é sugerida: os policiais agem como meteorologistas,

¹⁵ ROHTER, Larry. “Rio de Janeiro Journal; Famed Carnival Beaches Incur Share of Indignities”. *The New York Times*, 26/02/00. Tradução do autor:

Com as festividades do milênio desencadeando uma série de comemorações que incluem o 500º aniversário de descobrimento do Brasil, as semanas que levam ao Carnaval no começo de março eram para ter sido divertidas e relaxantes em uma cidade que tanto ama divertir-se. Ao invés disso, uma série de acontecimentos, incluindo derramamento de óleo e esgoto e disputas sobre moralidade pública, transformou as férias e a temporada de turismo do Rio em um caos. (...)

O primeiro sinal de problema foi no meio de janeiro, quando partes de corpos começaram a surgir com as ondas em algumas das praias mais badaladas, incluindo Ipanema. A horrível descoberta de braços, pernas e troncos de, ao menos, seis corpos, alguns danificados por balas, outros cortados, enojou os surfistas e banhistas, levando muitos a abandonar seus lugares de frequência tradicional. (...)

A polícia ainda não identificou nenhum dos corpos. Mas disse que as vítimas estavam provavelmente envolvidas em uma batalha de território de gangues de drogas que lutam pelo controle da Rocinha e da Vidigal, duas grandes favelas, ou assentamentos, ou residências nas montanhas que dão para o mar.

Os frequentadores das praias, que pode ser considerado como quase todo mundo, mal se recuperavam do choque quando um acidente em uma refinaria da empresa de óleo do governo, Petrobrás, resultou em 344.000 galões de óleos sendo jogados na Baía da Guanabara, que banha a cidade. Mais de 600 pescadores ficaram sem trabalho, cardumes e muitos pássaros morreram, e um pântano protegido pelo governo foi seriamente danificado. Em adição, 10 praias em uma área de classe média foram cobertas de óleo e fechadas.

que explicam porque as frentes frias ou os conflitos armados atrapalharão a visita à praia, mas ficam igualmente impotentes no combate aos fenômenos que fogem das suas mãos, seja na atmosfera ou mais abaixo, nos morros cariocas. Por outro lado, os impactos ambientais (“peixes e aves foram mortos e áreas protegidas de mangues foram seriamente afetadas”) e trabalhistas (“os pescadores sem poder trabalhar”) do vazamento de óleo e esgoto antecedem, tanto em ordem quanto em grandeza, o fechamento das praias; talvez a imagem de aves e peixes mortos não seja tão chocante quanto a de braços, pernas e torsos humanos desmembrados, mas certamente são mais comoventes.

Em outra reportagem, a “guerra” entre traficantes “que dominam muitas das favelas” e policiais “escalou até chegar ao ponto em que locais turísticos foram afetados”, não mais somente inviabilizando esteticamente o cenário turístico, mas também a integridade dos próprios turistas:

The long-standing war between municipal authorities here and the drug trafficking gangs that control many of the city's teeming squatter slums has escalated to the point that tourist sites are affected. Early this month, gunmen fired at the train station where visitors leave for the statue of Christ atop Corcovado Mountain, one day after a bomb went off just outside a luxury hotel in Copacabana.

Both incidents took place in predawn hours and no visitors or local residents were injured, leading city officials to argue that the attacks were intended not to disrupt tourism but to intimidate them into easing up on their campaign to crush powerful criminal organizations. But threats have also been made against Sugar Loaf, another tourist site, famous for its spectacular views, and shopping malls, police stations and buses have been attacked.¹⁶

Além de listar os locais turísticos afetados, como o ataque armado ao bonde que leva ao Cristo Redentor e a explosão de uma bomba em um “hotel luxuoso em Copacabana”, a lógica empregada pelo texto posiciona os crimes contra os locais turísticos em um lugar elevado na “escalada” da guerra. Seja por considerar os turistas como vítimas inocentes nos conflitos, ou por continuar elevando ao mítico e sagrado os próprios cenários turísticos, o trecho aparenta mostrar que a redoma de segurança dos turistas não é mais reduzida a locais ou horários arriscados. Se não pode mais ser restrito a alguns comportamentos de risco, a impressão de caos generalizado parece

¹⁶ ROHTER, Larry. “Travel Advisory: Correspondent's Report; Rio's Drug Wars Begin To Take Toll on Tourism”. *The New York Times*, 27/04/03. Tradução do autor:

A longa guerra entre as autoridades municipais e as gangues de tráfico de drogas que controlam muitas das favelas da cidade subiu ao ponto de afetar os locais turísticos. No começo deste mês, atiradores alvejaram a estação de trem em que visitantes saem para a estátua do Cristo, no Corcovado, um dia após uma bomba ter explodido perto de um hotel de luxo em Copacabana.

Os dois incidentes ocorreram durante a madrugada, e nenhum turista ou morador foi ferido, levando os oficiais a dizerem que os ataques não pretendiam afetar o turismo, mas intimidar a prefeitura para amenizar a campanha de perseguição às poderosas organizações criminais. Mas ameaças também foram feitas ao Pão de Açúcar, outro ponto turístico famoso por suas vistas espetaculares, e shoppings, delegacias de polícia e ônibus foram atacados.

extravasar o texto, ainda mais se a estratégia de ameaça a pontos turísticos levar as autoridades locais a ceder à intimidação e “diminuir as campanhas para acabar com as poderosas organizações criminosas”.

Nostalgia: a realidade que não encaixa mais no modelo imaginário

O texto de Rohter não é um caso isolado entre os relatos de correspondentes; nas páginas de diversos diários internacionais, os casos de violência contra turistas estrangeiros no Brasil recebem maior cobertura do que a violência “doméstica” entre brasileiros, pois esses casos afetam indivíduos (turistas estrangeiros) mais próximos do seu público¹⁷. Dessa forma, o diferente é representado pelos autores dos textos como algo que não deve pertencer e sim ser banido, segregado ou eliminado do espaço público brasileiro, mesmo que nesse caso o local (brasileiro) seja o “outro”, o “diferente” em relação ao estrangeiro (o turista).

Assim, o estrangeiro define o que deve ou não pertencer, o que pode ou não ser representado, o que deve ser corrigido. Nesses textos, a violência contra o turista não pode ser tolerada, e os textos respondem a esses eventos por meio de uma “violência simbólica”, que tenta anular ou corrigir o desviante e conflituoso. O primeiro passo para punir esse outro que resiste às regras (ou seja, o bandido que rouba o turista, que ataca ou polui os cenários de interesse para passeios) é determinar e discriminar seu grupo de origem. Como bem apontado por Sparks, não podemos dizer que a primazia do Estado em usar a dominação pelo uso legítimo da força esteja erodida por outros atores privados (SPARKS, 2007, p. 148). Mas a “violência simbólica” também pode ser vista como socialmente legítima quando dirigida por meios de comunicação contra grupos sociais indesejados. Por meio dessa “violência simbólica”, o outro deve ser domesticado (como o malandro “cordial”) ou excluído (como o “bandido” ou o “traficante”, que devem ser encarcerados) em resposta à ansiedade e o pânico causados pela sua inadequação, como apontado por Morley (MORLEY, 2001, p. 432). Mas há ainda uma terceira via de sobrevivência do diferente: ser desejado e consumido como exótico (Id., *ibid.*), como a “libertinagem” própria do carnaval e a sensualidade das mulheres brasileiras. Nesse sentido, é revelador o fato de um dos problemas sociais frequentemente atrelados ao turismo não seja mencionado por Rohter: o turismo sexual. No limite entre a libertinagem e a sensualidade positivadas e a crítica do crime e do desviante, passivo de censura, essa modalidade de representação turística se apóia, também, no imaginário brasileiro da pobreza, além da violência: a exploração, mais

¹⁷ Como é o caso da cobertura realizada pelo diário espanhol *El Mundo* e o português *Diário de Notícias* (PAGANOTTI, 2007a). Ainda assim, nessa pesquisa, Rohter e o *NYT* ainda dão mais espaço e valorização a outros conflitos sociais do que os restritos contra os turistas, como será discutido no capítulo 5.2.

uma vez, baseia-se nas necessidades e na falta de perspectivas dos miseráveis, que são literalmente consumidos por esse tipo de visitante, em uma violência que supera a simples simbologia.

Morley também aponta que, paralelamente à segregação de grupos em periferias urbanas, há também uma limitação da sua visibilidade e representação nos espaços midiáticos (MORLEY, 2001, p. 435). Isso explica a tendência, apontada por Cunha, de representar estrangeiros como criminosos ou vítimas no noticiário policial português, (CUNHA, 2007, p. 199), além da valorização da sensualidade das mulheres brasileiras e da malandragem dos homens (Id., *ibid.*, p. 203). Traços complexos da identidade nacional são assim simplificados em estereótipos de fácil identificação pelo público e que se repetem em artigos de diversos correspondentes internacionais.

Apesar de evitar a completa exclusão simbólica do desviante, como visto na reportagem sobre os “*favela tours*”, Rohter re-insere e retoma de forma pressuposta algumas imagens estereotipadas do brasileiro em suas narrativas turísticas, como no trecho abaixo, sobre os atritos entre o governo norte-americano e o brasileiro na exigência do registro de turistas dos EUA ao país:

Polls indicate that about three quarters of all Brazilians approve of the measures, and there has been anti-American sentiment expressed in letters to newspapers and on radio call-in programs. But on the streets, Brazilians continue to be friendly, with some even making a point to express embarrassment at what they consider a hostile act by their government. With Carnival in less than a month, the municipal government in Rio de Janeiro has gone further in its efforts to apologize for the inconveniences. American visitors arriving there are being given a welcome kit with flowers and a "Rio Loves You" T-shirt, and samba musicians and dancers have been dispatched to the airport to greet them.¹⁸

Ao “continuar a agir amistosamente”, pressupõe-se que os Brasileiros já eram amistosos antes; essa declaração reforça, ao supor que o público do jornal já reconheceria os brasileiros como um povo amável, amistoso e acolhedor, parte do imaginário sobre a cordialidade. Esse imaginário é acompanhado no trecho com a representação de músicos e dançarinos de samba, um cenário que pretende (tanto na iniciativa oficial da prefeitura carioca quanto na reportagem de Rohter) suavizar a ação hostil de fichar turistas norte-americanos com uma demonstração de afeto; afinal, “*Rio Loves You*”... ainda que o Brasil exija suas digitais e fotografias. O absurdo dessa cena

¹⁸ ROHTER, Larry. “TRAVEL ADVISORY: Tourists Are Pawns in Brazil-U.S. Security Spat”. *The New York Times*, 25/01/04. Tradução do autor:

Pesquisas indicam que três quartos dos brasileiros aprovam as medidas, e houve sentimentos anti-americanos expressos em cartas a jornais e em ligações a programas de rádio. Mas nas ruas, os brasileiros continuam amigáveis, com alguns até tentando se desculpar e mostrar seu constrangimento com o que eles consideram um ato hostil de seu governo.

Com o Carnaval a menos de um mês, a Prefeitura do Rio de Janeiro foi além nos esforços para se desculpar pelas inconveniências. Turistas americanos chegando aqui recebem um kit de boas vindas com flores e uma camiseta com os dizeres “Rio Ama você”, e sambistas e dançarinas foram mandados ao aeroporto para recebê-los.

aumenta se comparado com as imagens, repercutidas em diversos filmes (AMANCIO, 2000) que mostram o Brasil como refúgio para fugitivos da lei: nesses tempos, eles se surpreenderiam com um processo de fichamento de digitais e fotografias semelhante ao dos criminosos.

Essa representação do brasileiro como cordial e sambista mostra a influência do “verdeamarelismo”, definido por Chauí como a ideologia usada na construção da imagem turística do Brasil até os anos 1950, que propagava uma visão tradicional do Brasil como agrário e mestiço, fundado na tríade do café, carnaval e futebol. Nesse contexto, o “progresso” defendido pela classe brasileira dominante era representado no “otimismo da exaltação da Natureza e do ‘tipo nacional’ pacífico e ordeiro” (CHAUÍ, 2007, p. 34). Os ícones tradicionais que valorizam a cultura nacional brasileira (o carnaval, a música, a beleza natural das paisagens e até mesmo a sensualidade e a “cordialidade” do povo) estão presentes em diversos dos textos turísticos sobre o Brasil, ainda que sejam posteriormente colocados em segundo plano ante o avanço da pobreza e da violência e outros problemas sociais.

Essa nostalgia de uma época dourada, anterior à crise atual, retratada na imagem (pacífica, vale frisar) do Rio de Janeiro da bossa nova, pode ser comparada ao “lamento do homem branco” (“*white man blues*”) discutido por Pratt (1992, p. 366). Como o blues dos negros, que canta o banzo e a saudade de um tempo e lugar impossíveis de serem retornados, o “blues dos brancos” reclama e relembra os tempos em que dominavam (com menos resistência) suas colônias agora decadentes e degeneradas, o que fica evidente no “contraste entra estas visões grotescas e sem alegria das cidades e os panoramas encantadores” retratados no passado (PRATT, 1992, p. 360). Pratt também contrasta essas lamurias nostálgicas com a “voz do turismo de massa”, que cria “fantasias atraentes e ideais de propaganda turística” que, nas décadas de 1960 e 1970 – como apontado anteriormente por Chauí –, difundiram e mercantilizaram “visões exóticas de plenitude e paraíso”.

Impossível retorno ao passado, difícil controle do presente, desejos futuros

Ao definir a subjetividade contemporânea como diaspórica, Davis afirma que a nostalgia é infrutífera: “não há verdade, nenhum sujeito, nenhum objeto de desejo, nenhuma terra natal que foi antes possuída e para a qual podemos ter esperança de retornar” (DAVIS, 2006, p. 339). Como uma semente que germina longe da árvore e não pode retornar ao seu espaço de origem, não é possível reverter o rio do tempo para eras passadas em que a sensação de segurança, homogeneidade e pureza de símbolos nacionais eram protegidas por estratégias de segregação e controle já ineficientes e inaceitáveis. A fronteira entre os morros e o asfalto (entre as favelas e os hotéis na orla carioca, por exemplo) tornam-se cada vez mais porosas geograficamente. Ainda resta,

para os representantes dos impérios expulsos do paraíso (como os correspondentes internacionais e os turistas de rações desenvolvidas), marcar simbolicamente essas fronteiras entre o que consideram indesejado ou valoroso, ou seja, segregar simbolicamente o que já é periférico espacialmente (MORLEY, 2001, p. 435), usando cadeias de significado ideológico como campo de batalha de lutas sociais (HALL, 2003, p. 182). Para isso, podem evitar contato com o diferente – como os britânicos brancos que desligam a TV ao ver negros, numa forma simbólica de Apartheid (SREBERNEY & ROSS apud MORLEY, 2001, p. 439) – ou evidenciá-lo, como a discussão sobre os “*favela tours*” apresentada por Rohter. Ao adotar o caminho de jogar luzes sobre os processos de exclusão, o correspondente norte-americano impede que essa realidade seja completamente mascarada pela indústria do turismo internacional; ao mesmo tempo, contribui para novas ações nesse mercado, como a exploração comercial dos próprios “*favela tours*”.

Se o retorno nostálgico ao passado da cordialidade, do samba, da sensualidade das mulatas e da ameaça leve dos malandros batedores de carteira [*pickpockets*] é impossível, ainda se pode buscar o conforto das antigas imagens que continuam a ecoar dias mais gloriosos e atraentes. Por outro lado, o presente pode mostrar faces inesperadas, revelando surpreendentes descobertas, como um McDonald’s na Rocinha, ou o choque do inesperado, como o óleo ou os corpos que poluem as praias cariocas. O que resta, como refúgio para os representantes das visões estrangeiras, é olhar para o futuro, mas não só aguardando a resolução natural das dificuldades impostas: o receituário de soluções prontas e padronizadas, impostas e testadas em diversos países em dificuldades e aprovadas (por administradores e investidores de outras nações) representa a outra face da moeda das expectativas internacionais ao revelar o que *deve ser feito*, visto que o que *deveria ser*, já não é mais.

4.2. RECEITUÁRIO PARA TURBULÊNCIA ECONÔMICA: DAS INFLAÇÕES INCOMPARÁVEIS À ESTABILIDADE

Ainda embaladas por imagens de riquezas extraordinárias e frutos paradisíacos de uma terra abençoada, algumas das expectativas econômicas contaminam a visão internacional do lucro esperado ao investir em grandes potências tropicais como o Brasil. Porém, como o trecho abaixo aponta, muitas vezes essas expectativas são frustradas:

Like the big hopes for the China market, the notion that there are unlimited riches to be had from the Amazon is one of those dreams that never seems to die. Since the first Spanish colonizers in the New World fell under the spell of the legend of El Dorado, adventurers have arrived with the conviction they can build empires in places such as this, only to run afoul of one of the most hostile natural and business environments on the planet.

Despite the social role that companies like Jari are forced to play, calls for these companies to be expelled persist today. The October edition of Amazon Agenda, a monthly newsletter published by Lucio Flavio Pinto, author of a critical history of Jari and the region's best-known investigative reporter, describes Jari and projects like it as "Trojan Horses in the Amazon" that enrich foreigners at the expense of ordinary Brazilians.¹⁹

Mais uma vez temos a base de um imaginário antigo com estereótipos esperados, como a lenda do “El Dorado”. Mas, dessa vez, o interesse estrangeiro vai além das paisagens e se aprofunda, terra adentro, em busca das riquezas que já enfeitiçavam os primeiros colonizadores e que levaram tantos exploradores à ruína em missões encerradas catastróficamente, sem conseguir localizar a cidade de ouro escondida na selva amazônica, um dos “mais hostis ambientes naturais e empresariais do planeta”. Essa busca pelo “enriquecimento de estrangeiros a custas de brasileiros” também é criticada a partir da perspectiva local, representada pela avaliação de Lúcio Flávio Pinto, descrito elogiosamente como um dos “melhores repórteres investigativos da região”, ou seja, uma fonte digna de crédito.

El Dorado verde, domado pela coleira da técnica

A solução apontada, em outro texto, para domar a “hostilidade” desse ambiente que não se curva às expectativas dos estrangeiros que esperam lucrar no (se não seria melhor dizer “com o”) Brasil une a aventura do explorador com a maestria do cientista e a visão do administrador (PRATT, 1999, p. 69), discutidas na introdução deste capítulo:

“Embrapa is a model, not just for the so-called developing world, but for all countries,” said Mark Cackler, manager and acting director of the Agricultural and Rural Development Department of the World Bank. (...) Embrapa owes much of its reputation to its pioneering work here in the cerrado, the vast savannah that stretches for more than 1,000 miles across central Brazil. Written off as useless for centuries, the region has been transformed in less than a generation into Brazil’s grain belt, thanks to the discovery that soils could be made fertile by dousing them with phosphorus and lime, whose optimum mixture was established by Embrapa scientists. (...) Embrapa also championed the main crop for the region by developing more than 40 tropical varieties of soybeans, which had been thought of as only a temperate zone crop.(...)

¹⁹ ROHTER, Larry. “A Mirage of Amazonian Size; Delusions of Economic Grandeur Deep in Brazil's Interior”. *The New York Times*, 09/11/99. Tradução do autor:

Como as grandes expectativas para o mercado da China, a esperança de que há riquezas ilimitadas a serem retiradas da Amazônia é um daqueles sonhos que parecem nunca morrer. Desde que os primeiros colonizadores espanhóis foram enfeitiçados pela lenda de El Dorado, aventureiros chegaram com a certeza de poder construir impérios em lugares como este apenas para se embrenhar em um dos ambientes naturais e de negócios mais hostis do mundo.

Apesar do papel social que empresas como a Jari são forçadas a desempenhar, pedidos para que essas empresas sejam expulsas continuam até hoje. A edição de outubro da Agenda Amazônica, um noticiário mensal publicado por Lúcio Flávio Pinto, autor de uma história crítica de Jari e o melhor repórter investigativo da região, descreve a Jari e os projetos como ela como um “Cavalo de Tróia na Amazônia” que enriquece estrangeiros à custa do brasileiro comum.

As a result, Brazil is today the world's top exporter of soybeans and beef and a fast-rising exporter of cotton, three-quarters of which it produces here in the cerrado. (...)

"Being entrepreneurs is new for us, but we need to transform our knowledge into riches," Silvio Crestana, Embrapa's director-general and a soil-physics specialist, said in an interview in Brasilia.²⁰

A ciência, representada no trecho pelas pesquisas da Embrapa para desenvolver variedades da soja adaptadas ao clima brasileiro, tem um papel importante em fortalecer as representações do Brasil como "celeiro do mundo". Assim, uma expectativa fomentada externamente (a demanda por mais áreas de plantio de soja, também no solo e no clima tropical brasileiro) é implantada localmente, intermediada pela capacidade da ciência em produzir adaptações e controlar cenários adversos a partir de medidas de preparo e transformação – e com a finalidade de lucro. Analogamente, a análise econômica nas páginas do *NYT* age de forma semelhante: se a ciência permite lucros a partir do domínio técnico das dificuldades locais, adaptadas às expectativas e demandas externas, também as políticas econômicas pretendem apresentar práticas normativas para cumprir expectativas de desenvolvimento a partir de receituários idealizados (e testados) fora do país, gerando, assim, riquezas:

Adding to a sense of crisis here, interest rates soared and investors continued to withdraw money from Brazil. The International Monetary Fund and senior Clinton Administration officials said they had warned Brazil's President that his Government was unlikely to be able to prevent the currency, the real, from sinking below the exchange rate announced on Wednesday. (...)

Middle-class Brazilians with memories of the currency instability that prevailed until recent years sought their traditional refuge in times of crisis – United States dollars. (...)

Over the years, though, the Government's defense of the currency made Brazilian exports more expensive than those of many competitors, and made imports artificially cheap, encouraging Brazilians to binge on consumer goods and foreign travel. That, in turn, accelerated the drain of reserves of foreign currency, adding to the pressure for a devaluation of the real. (...)

²⁰ ROHTER, Larry. "Scientists Are Making Brazil's Savannah Bloom". *The New York Times*, 02/10/07.

Tradução do autor:

"A Embrapa é um modelo não só para o chamado mundo em desenvolvimento, mas para todos os países", disse Mark Cackler, gerente e diretor do Departamento de Desenvolvimento Agrícola e Rural do Banco Mundial. (...)

A Embrapa deve muito de sua reputação a seu trabalho pioneiro aqui no cerrado, uma vasta sacana que se estende por 1.000 milhas no meio do Brasil. Descrita como inútil por séculos, a região foi transformada em menos de uma geração no centurião agrícola de grãos do Brasil graças à descoberta de que o solo pode se tornar fértil ao adicionar-se fósforo e lima, cuja proporção perfeita foi desenvolvida por cientistas da Embrapa. (...)

A Embrapa também intensificou a principal plantação da região ao desenvolver mais de 40 variações tropicais da soja, que era apenas considerada como uma plantação de zona de temperatura. (...)

Como resultado, o Brasil é hoje o maior exportador de grãos e carne de soja e um crescente exportador de algodão, tendo três quartos de sua produção aqui no cerrado. (...)

"Ser empreendedor é novo para nós, mas precisamos transformar nosso conhecimento em riquezas" disse Sílvia Crestana, diretor geral da Embrapa e um especialista em solo, em uma entrevista em Brasília.

Critics, though, argue that Brazil's currency is still overvalued by as much as 30 percent, and that President Francisco Henrique Cardoso and his advisers will only waste additional reserves and prolong the country's crisis by attempting to defend the new rate. Many of those critics maintain that Brazil can only resolve its troubles by allowing the market to determine the currency's true value. (...)

The nation's Congress on Wednesday approved four measures that will add more than \$3 billion to Government revenue, helping to reduce the budget deficit and help satisfy the I.M.F. In a speech in Brasilia, the capital, Mr. Cardoso expressed confidence that resistance in Congress and by the governor of the country's second-most-populous state, which contributed to the current crisis, would soon be overcome.²¹

O trecho apresenta uma visão típica de um receituário idealizado nos anos 1990 que dominou a cobertura econômica e, aos poucos, também as políticas governamentais. Em primeiro lugar, rompe um *alerta* de observadores externos, presumidamente mais qualificados do que os tomadores de decisão locais: o Fundo Monetário Internacional (FMI) e representantes do alto escalão do governo Clinton “alertaram” que a crise não seria “prevenida” pelo governo brasileiro. Claramente, o relato e os fatos apresentados alinham-se aos fiscais internacionais, ecoando também as “memórias” da “instabilidade que prevalecia” anteriormente, apontando um “refúgio” seguro: o dólar.

Uma explicação, que não exige fontes, apresenta um aparente consenso, sustentado pelo relato do repórter sobre as *causas* da crise: a defesa do câmbio encareceu as exportações e facilitou o desequilíbrio da balança de pagamentos com importações e viagens internacionais mais baratas, o que esvaziou as reservas internacionais e levou à desvalorização. O encadeamento de ações não é polêmico e tenta representar um ponto de vista hegemônico. A concatenação de pontos pacíficos, como esse, tenta também ecoar, com a mesma legitimidade, o *diagnóstico* que aponta a

²¹ ROHTER, Larry. “INTERNATIONAL BUSINESS; CRISIS IS DEEPENING IN BRAZIL MARKETS”. *The New York Times*, 15/01/99. Tradução do autor:

Somando-se ao sabor de crise, taxas de juros subiram e investidores continuaram a retirar seu dinheiro do Brasil. O Fundo Monetário Internacional e oficiais da Administração Clinton dizem ter avisado o Presidente do Brasil que seu governo provavelmente não poderia prevenir a moeda, o real, de afundar abaixo da taxa de câmbio anunciada na quarta-feira. (...)

Os brasileiros de classe média com lembranças da moeda instável que prevaleceu até anos recentes buscaram seu refúgio tradicional em épocas de crise – os dólares americanos. (...)

Através dos anos, porém, a defesa governamental da moeda fez as exportações brasileiras serem mais caras do que muitos dos competidores, e fez as importações ficarem artificialmente mais baratas, levando os brasileiros a comprar mais produtos importados e viajar para o exterior. Isso, em troca, acelerou o esvaziamento da reserva de moeda estrangeira, o que adicionou à pressão para a desvalorização do real. (...)

Os críticos, porém, argumentam que a moeda brasileira ainda está até 30% super-valorizada, e que o Presidente Fernando Henrique Cardoso e seus conselheiros vão apenas gastar reservas adicionais e prolongar a crise do país ao tentar defender essa nova taxa. Muitos desses críticos dizem que o Brasil pode resolver esses problemas apenas permitindo que o mercado determine o verdadeiro valor da sua moeda. (...)

O Congresso Nacional, na quarta-feira, aprovou quatro medidas que adicionarão mais de \$3 bilhões para a receita do Governo, ajudando a reduzir o déficit de orçamento e a satisfazer o FMI. Em um discurso em Brasília, a capital, FHC mostrou confiança ao dizer que a resistência no Congresso e pelo governador do segundo estado mais populoso do país, que contribuiu para a atual crise, seriam vencidos em breve.

ineficiência das medidas paliativas: “críticos” apontam que as ações adotadas pelo Brasil não vão funcionar; é um “desperdício” lutar pela “defesa” do Real, pois a desvalorização é tomada como um fato já consumado. Posteriormente, os mesmos “críticos” apontam outra *receita* e quem deve ter a legitimidade para aplicá-la: o “Brasil só pode resolver seus problemas ao permitir que o mercado determine o verdadeiro valor de câmbio”.

Assim, cortes são feitos para aplacar a fúria dos especuladores, como um ritual de sacrifício de virgens para acalmar um deus que só é visto e temido nos momentos de ira vulcânica: essas medidas vão “ajudar a reduzir o déficit orçamentário e ajudar a satisfazer o FMI”. E as “resistências” ao amargo remédio “logo serão superadas”.

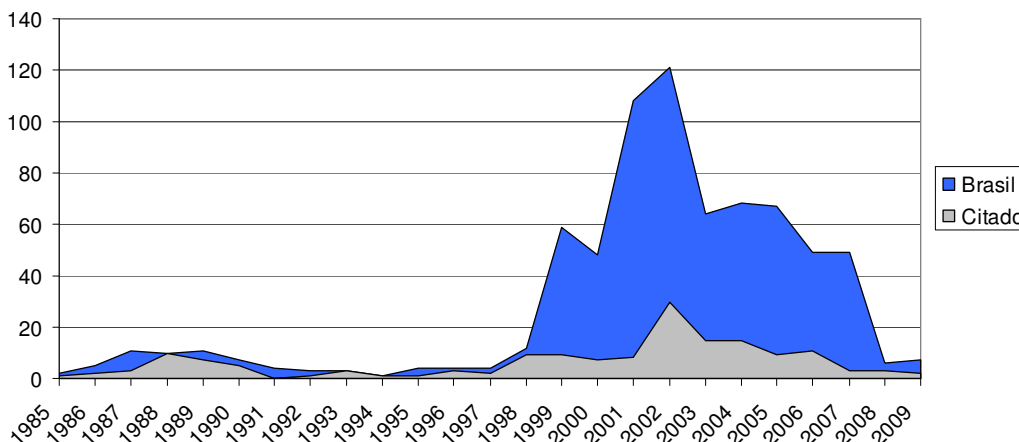
Após o sinal amarelo do alerta, identifica-se a causa do problema, que deve parar; segue-se um sinal verde para novas medidas receitadas. Ou, retomando o imaginário médico-científico, os sintomas da crise surgem quando a prevenção falha, levando a um diagnóstico que aponta a ineficiência do tratamento paliativo local, impondo um receituário mais amargo e operações mais intrusivas; a cura da crise só pode ser alcançada a partir do sofrimento do paciente, que não deve participar ativamente da escolha de seu tratamento, sugerido por observadores externos interessados na recuperação de seus investimentos.

Medidas para dificuldades incomparáveis

Décadas antes, porém, o cenário econômico brasileiro que surgia nos relatos de Rohter era ainda pior. Antes de poder ascender ao caso clínico em recuperação de crises, o país parecia um paciente terminal, desenganado – sua doença era tão grave que era até tomado como parâmetro negativo de comparação internacional.

Como mencionado anteriormente, na seção 2.1.2, no período anterior à chefia da sucursal carioca do *NYT*, Rohter produzia textos sobre a América Central e, mesmo depois de alocado ao Brasil, o correspondente continuava cobrindo outros países vizinhos na América do Sul. Com isso, mesmo considerando-se somente os textos que mencionavam o Brasil (727 artigos) e excluindo os textos que tratam exclusivamente de outras nações (mais de 1800), em diversos períodos a cobertura do correspondente não estava voltada majoritariamente ao país, como pode ser visto no Gráfico 4.2.1: dos 727 textos sobre o Brasil, 567 (78%) tratavam majoritariamente do país; já em 160 artigos (22%), o país era somente citado em relatos sobre outras regiões.

Gráfico 4.2.1. Artigos majoritariamente sobre Brasil e textos que somente citam o país, a cada ano.

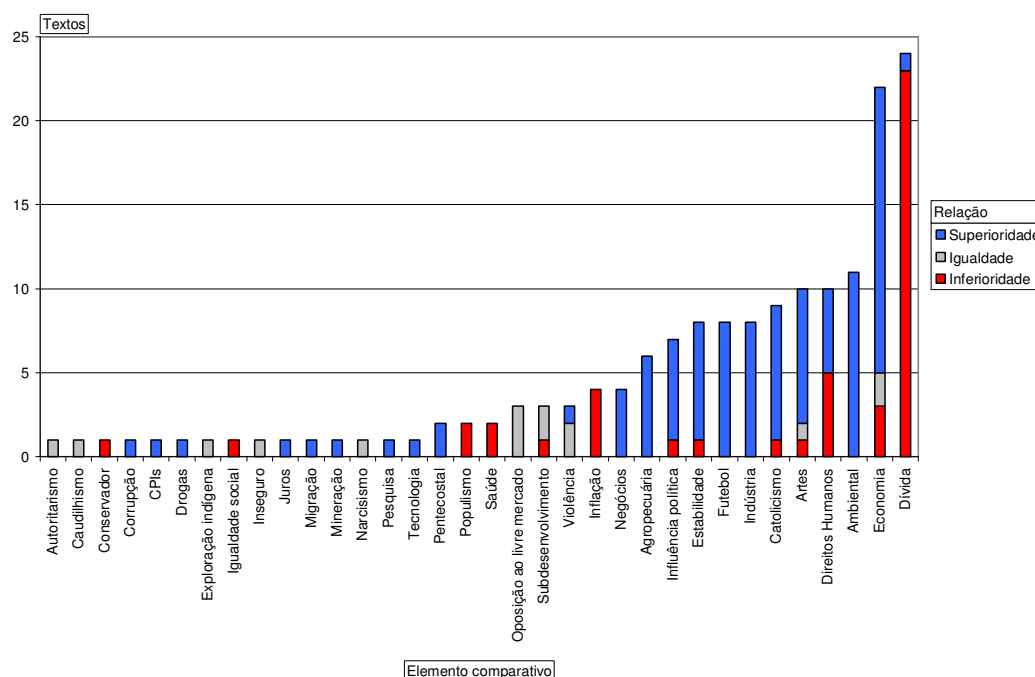


Com isso, nos períodos iniciais, anteriores ao cargo de chefe da sucursal carioca do NYT, o Brasil não era o foco principal de Rohter. Os leitores do diário norte-americano recebiam informações brasileiras de outros correspondentes, além de informes de agências internacionais. Porém, a forma como o Brasil era sistematicamente tomado por Rohter como parâmetro de comparação para a situação de outros lugares é bastante reveladora do cenário brasileiro no período e, mais importante para esta pesquisa, mostra outra parte do imaginário atrelado ao país. Um desses trechos curtos, porém bastante representativos, apresenta o país como o polo negativo em uma escala da dívida externa: “*Mexico, which owes more than \$100 billion to foreign creditors, has the second-largest debt in the developing world after Brazil*”²². Em uma reportagem de mais de 2.800 toques (duas laudas jornalísticas), essa é a única frase que menciona o Brasil no meio do relato sobre a crise mexicana. O trecho, apesar de diminuto, repete-se com uma regularidade que fortalece a imagem de um país devedor, como apontado no Gráfico 4.2.2²³, que sistematiza os principais pontos de comparação entre a situação brasileira e a de outros lugares do mundo, além de diferenciar se essa medida era tomada, da perspectiva brasileira, em uma relação de superioridade, inferioridade ou igualdade.

²² ROHTER, Larry. “Mexican Calls for Debt Flexibility”. *The New York Times*, 02/09/1987. Tradução do autor: “México, que deve mais de US\$ 100 bilhões para credores estrangeiros, tem a segunda maior dívida entre os países em desenvolvimento, atrás somente do Brasil”.

²³ Os gráficos a seguir (4.2.2 e 4.2.3) tomam 161 textos comparativos, pois as medidas comparativas não estavam presentes em todos os textos em que o Brasil, assim como outros textos que tratavam majoritariamente sobre o país também podiam apresentar comparações.

Gráfico 4.2.2. Elementos de comparação de superioridade, igualdade ou inferioridade.



Entre os elementos comparativos, o endividamento nacional era apontado negativamente em 23 textos, como no exemplo anterior. Outro fator correlato que apontava inferioridade do país era a inflação, mencionada 4 vezes, todas negativamente:

Those measures were instantly disputed in a country that does not have the same tradition of high inflation as other Latin American countries, such as Brazil, Argentina or Bolivia. Though inflation has soared to triple digits the last two years, throughout the 1960's and into the early 70's, it averaged less than 3 percent a year.²⁴

O trecho parte da análise sobre a crescente inflação mexicana, contraposta com os níveis endêmicos brasileiros, acompanhados de outros exemplos negativos nesse tema, como Argentina e Bolívia. O efeito é desolador: se, nesse lugar de onde o correspondente reporta, a crise já é grave o suficiente para justificar uma análise econômica tão desfavorável (como eram os relatos mexicanos no final dos anos 1980), imagina-se a situação catastrófica nesses outros lugares que são tomados para comparação em níveis ainda piores. Os dois trechos também apontam uma tendência nas reportagens de Rohter: as comparações são feitas de forma absoluta, e não entre grandezas relativas. Assim, a dívida e a inflação mexicana não são tão graves quanto as brasileiras, porém somente os índices mexicanos são apontados, o que não permite

²⁴ ROHTER, Larry. “Mexicans Fear Inflation in New Economic Plan”. *The New York Times*, 22/12/87. Tradução do autor:

Essas medidas foram instantaneamente discutidas em um país que não tem a mesma tradição de alta inflação como outros países latino-americanos, como o Brasil, a Argentina ou a Bolívia. Apesar de a inflação ter subido para 3 dígitos nos últimos dois anos, na década de 1960 e no começo da década de 1970, sua média era menos de 3% ao ano.

comparar o quanto a situação brasileira estaria pior. O resultado é ainda mais angustiante: esses índices podem não ser *incomparáveis*, visto que ainda é possível determinar quem está pior; porém, a situação nos outros lugares comparados negativamente deve estar *além das medidas*, já que não se apresenta o quão pior o cenário está nesses outros lugares tomados como comparação.

Outras relações de igualdade podem ocultar um enfoque sutilmente negativo, como nos pontos comparativos sobre “populismo” e “oposição ao livre-mercado”, que revelam também o enfoque geral da cobertura político-econômica atual sobre a região:

From Brazil to Argentina to Ecuador and Venezuela, while demonstrating important differences in style and substance, these new leaders are united in their conviction that the free-market reforms of the 1990's have failed and by a renewed focus on egalitarianism and social welfare, but not to the point where it breaks the bank. (...)

Still, across the board, the attitude toward the United States has been one characterized by at least polite distancing, the case here and in neighboring Brazil and Argentina, as the economic reforms being rejected are closely associated with Washington and the financial institutions it backs, the World Bank and the International Monetary Fund. (...)

President Luiz Inácio Lula da Silva of Brazil, for example, has followed the same policies of fiscal restraint and openness to foreign investment that he criticized as a candidate, and President Lucio Gutiérrez of Ecuador has maintained the policy of his predecessors, who adopted the dollar as the country's currency.²⁵

No trecho, a igualdade na oposição à abertura dos mercados “une” Brasil, Argentina, Equador e Venezuela, assim como os governos brasileiro, argentino e uruguaio (sobre o qual trata a reportagem) rejeitam as reformas associadas e apoiadas pelo FMI, Banco Mundial e pela administração norte-americana. Por outro lado, o trecho aponta uma sutil crítica ao descompasso entre os discursos ideológicos e os fatos, e também entre as expectativas e os eventos posteriores. Se todos os governos citados anteriormente se opõem à ideologia liberal na teoria e nos discursos, ainda assim adotam práticas, como apontado por Rohter, que continuam a reproduzir a ordem anterior, como o controle fiscal e a abertura ao investimento estrangeiro no caso brasileiro, e a continuidade no uso do dólar como moeda oficial, no caso equatoriano.

²⁵ ROHTER, Larry. “With New Chief, Uruguay Veers Left, in a Latin Pattern”. *The New York Times*, 01/03/05. Tradução do autor:

Do Brasil à Argentina, ao Equador e à Venezuela, enquanto mostram diferenças importantes em estilo e substância, esses novos líderes estão unidos em suas convicções de que as reformas de mercado livre dos anos 1990 falharam e de um foco no igualitarismo e no bem estar social, mas não no ponto de quebrar a banca. (...)

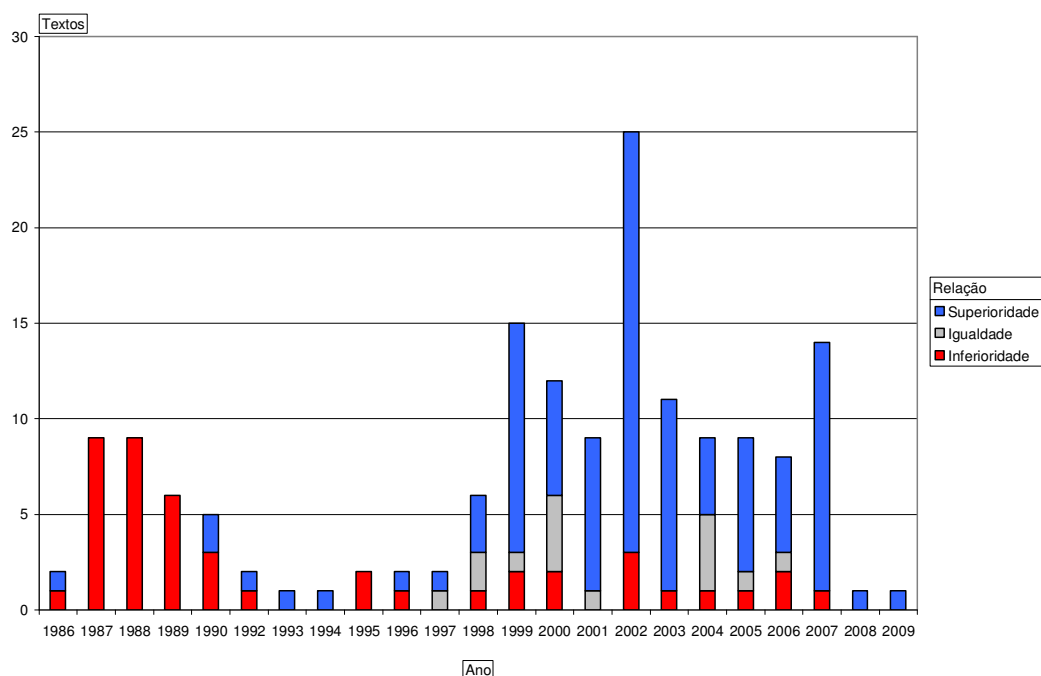
Ainda, entre esses líderes, a atitude em relação aos EUA está sendo caracterizada por, ao menos, uma distância educada, como é o caso dos vizinhos Brasil e Argentina, enquanto as reformas econômicas sendo rejeitadas são associadas a Washington e às instituições financeiras que ela apoia, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. (...)

O Presidente Luís Inácio Lula da Silva do Brasil, por exemplo, seguiu as mesmas políticas de restrição e abertura fiscal a investimentos estrangeiros que ele criticou quando candidato, e o Presidente Lucio Gutiérrez do Equador manteve a política de seus antecessores, que adotaram o dólar como a moeda do país.

Da mesma forma, a reportagem aponta uma quebra de expectativa – para não dizer uma contradição – entre o que “Lula criticou quando candidato” e a continuidade das políticas econômicas. Essa estratégia de contrapor expectativas e suas frustrações, pressupostos e contradições é recorrente e reveladora no trabalho de Rohter, e será analisada em profundidade nos capítulos 5.2 e 5.3.

Porém, especialmente em períodos recentes, a tendência negativa inverteu-se, como pode ser notado no Gráfico 4.2.3. No total, vê-se que, nas reportagens de Rohter, o Brasil ainda é tomado mais como um ponto positivo de comparação em 100 textos, ou 62,1% dos 161 textos comparativos, ante 46 relações de inferioridade (28,6%) e 15 de igualdade (9,3%).

Gráfico 4.2.3. Comparação de superioridade, igualdade ou inferioridade nos anos.²⁶



O período inicial de inferioridade, no final dos anos 1980, condiz tanto com o período de crise da dívida e de recessão econômica quanto com o momento anterior à chefia da sucursal carioca do *NYT* por Rohter: assim, o Brasil era somente tangenciado em sua cobertura, antes de 1998, e muitas vezes esses pontos de aproximação eram feitos por meio de comparações de inferioridade, como as analisadas anteriormente, determinadas pelo desanimador cenário econômico na época. Após 1998, há uma predominância de comparações positivas, ainda que crises econômicas tenham abatido o país, especialmente em 1999, durante a crise da desvalorização, mencionada no início desta seção, e em 2002, com a eleição que levou Lula à presidência. Porém, os números

²⁶ O gráfico apresenta somente os anos em que houve incidência de ao menos um texto comparativo (suprimindo, com isso, os anos de 1985 e 1991, que não apresentaram comparações).

de comparações negativas não chegaram aos mesmos níveis anteriores, e ainda são relativizados por uma maioria de comparações positivas. Isso aponta que, além da própria situação brasileira na época (que nem de perto se aproximava da crise do final dos anos 1980), a proximidade do correspondente permite uma diversificação dos temas comparados e mais posicionamentos de superioridade, como no trecho a seguir:

"Instead of investing in technology and science, the effort was put into training psychiatrists and lawyers because that was easier and didn't require as much expense." said Mr. Aguinis, a former minister of culture. "We had the same level of human talent as Brazil, if not better. But they were the ones who ended up industrializing, not us, because they were willing to spend money on equipment and laboratories to train engineers and chemists."²⁷

Essa passagem inverte um elemento comparativo inicialmente de igualdade ou inferioridade para o Brasil para revelar a posterior superioridade industrial brasileira, na avaliação de uma fonte argentina que tenta explicar porque o Brasil superou as crises na virada do milênio melhor do que seus vizinhos.

Como visto no Gráfico 4.2.3, atualmente o Brasil parece ter saído da sombria área negativa da inferioridade em comparações desabonadoras como a dívida e a inflação, deixando também o leito da vítima, um mero alvo de medidas que seguem receituários internacionais. Textos mais recentes de Rohter representam o país no polo positivo, como um modelo atraente a ser seguido e como um formulador de soluções próprias. Em uma reportagem com o provocativo título “*Argentina's New Role Model: Its Old Rival, Brazil*” [Novo modelo argentino: seu velho rival, o Brasil], Rohter aponta como a antiga competitividade entre nações-irmãs foi superada por um posicionamento de valorização do irmão maior brasileiro:

Argentina and Brazil have always been South America's odd couple, as different from and as suspicious of each other as the French and the Germans once were. (...)
Since taking office in January, President Eduardo Duhalde has repeatedly pointed to Brazil as a successful developing economy, particularly since its decision in 1999 to allow the value of its currency to decrease instead of keeping it pegged to the dollar. (...)
"Before mass tourism began, Brazil was like a dark spot on the map to most Argentines," said Alejandro Frigerio, an anthropologist and sociologist here, "and going there was like going to Timbuktu. But when you land in São Paulo you see right away that Brazil is a serious, developed, functioning

²⁷ ROHTER, Larry. “Argentina Paying Heavily for Squandering Blessings”. *The New York Times*, 08/02/02. Tradução do autor:

“Ao invés de investir em tecnologia e ciência, o esforço foi posto em treinar psiquiatras e advogados porque era mais fácil e não exigia tantas despesas”, disse Aguinis, um ex-ministro da cultura. “Nós tínhamos o mesmo nível de talento humano que o Brasil, se não melhor. Mas eles que acabaram industrializando, nós não, porque eles estavam dispostos a gastar dinheiro em equipamento e laboratórios para treinar engenheiros e químicos”.

country. And since our country is not, the old stereotype of the Brazilians as inferiors, as monkeys, has given way to a new, highly idealized image."²⁸

As avaliações argentinas posicionam duplamente o Brasil como um modelo a ser seguido. A primeira medida brasileira que merece louvor presidencial foi a “decisão” bem-sucedida de seguir o receituário amargo da desvalorização cambial (discutido no início deste capítulo e retomado a seguir), um caminho que começava a ser trilhado também pela Argentina na época da reportagem. Por outro lado, na visão antropológica e sociológica, os estereótipos antigos da inferioridade brasileira, com uma menção indireta e polêmica ao seu embasamento racial, não resistiram ao contato propiciado pelo turismo de massa, que fez com que os argentinos notassem em primeira mão uma realidade que seus pré-conceitos camuflavam: o “Brasil é um país sério, desenvolvido e funcional”, enquanto a Argentina, na visão local, “não é” nada disso, abrindo espaço para uma nova “idealização” brasileira – ou seja, propiciando alterações nas representações sociais do país, como discutido no capítulo 3.2. Também é relevante como, no trecho, essa dicotomia entre idealização e estereotipia é colocada entre oposições binárias, como recortes que atrelam o Brasil à seriedade, ao desenvolvimento, e ao funcionamento, além do sucesso na flexibilização cambial, enquanto os próprios argentinos se colocam no pólo negativo dessas comparações.

Outro vizinho também representou seu caminho futuro a partir do mesmo modelo brasileiro, representado, nas palavras do ministro da economia Danilo Astori, no plano de “*follow the example of Lula*” [seguir o exemplo de Lula], contextualizado por Rohter como “*market-friendly policies he has pursued*” [políticas a favor do mercado que ele seguiu]²⁹. Porém, fica evidente como o exemplo brasileiro é adotado, em ambos os casos, como um símbolo das mesmas medidas de contenção fiscal e abertura de mercados, ainda que de forma mais moderada do que a apresentada no início do capítulo:

The promise to follow Brazil's conservative fiscal example has reassured many of the money managers who feared the worst when Mr. da Silva was

²⁸ ROHTER, Larry. “Argentina's New Role Model: Its Old Rival, Brazil”. *The New York Times*, 05/08/02. Tradução do autor:

Argentina e Brasil sempre foram o casal estranho da América do Sul, tão diferentes e desconfiados um do outro quanto a França e a Alemanha uma vez foram. (...)

Desde assumir no governo em janeiro, o presidente Eduardo Duhalde tem repetidamente apontado o Brasil como uma economia em desenvolvimento bem-sucedida, particularmente desde sua decisão em 1999 de permitir que o valor de seu câmbio caísse ao invés de atrelar seu índice ao dólar. (...)

“Antes do turismo de massa começar, o Brasil era como um ponto escuro no mapa para a maioria dos argentinos”, disse Alejandro Frigerio, um antropólogo e sociólogo aqui, “e ir para lá era como ir para Timbuktu. Mas quando você chega em São Paulo você percebe logo que o Brasil é um país sério, desenvolvido e funcional. E como nosso país não é, o velho estereótipo dos brasileiros como inferiores, como macacos, deu espaço para uma nova e altamente idealizada imagem.”

²⁹ ROHTER, Larry. “Tiptoeing Leftward: Uruguayan Victor's Moment of Truth”. *The New York Times*, 02/11/04.

elected two years ago. "Everything is normal," one banker said. "Nobody is nervous, and money isn't leaving the country."³⁰

Com isso, os textos apresentam o Brasil como um novo modelo, enquanto, paradoxalmente, evidenciam que, na verdade, o caminho brasileiro passa pelos mesmos passos do prognóstico do “FMI, Banco Mundial e Washington”, como apontado anteriormente³¹. Porém, essa contradição funciona para mostrar como o Brasil converteu-se de economia moribunda a paciente-modelo, fornecendo para os países vizinhos um exemplo mais flexível, menos distante – e mais atrativo, na avaliação argentina – do que as demandas rígidas e, por vezes, inacessíveis do receituário de “conservadorismo fiscal” como ditado por organismos internacionais ao norte do equador. Assim, o texto constrói uma representação do país como um mediador: mais uma vez distancia o discurso de seus vizinhos da aproximação perigosa com o ideário liberal, enquanto alinha suas práticas com o mesmo receituário antigo. Os textos apontam mudanças, mas re-asseguram as expectativas anteriores – principalmente de agentes financeiros como o “banqueiro” citado.

Ainda assim, é reservado um papel mais ativo em pequenas circunstâncias: na crise argentina, por exemplo, o Brasil deixou o papel de vítima ou de mau exemplo e passou a ser visto como coadjuvante na ajuda³², além de um modelo indireto das esperadas medidas amargas de controle.

Receituário consensual: entre Washington e Brasília

Retomando o Gráfico 4.2.2, salta aos olhos como os principais elementos de comparação em que o Brasil detém uma posição de superioridade também envolvem temas como a economia, agropecuária, estabilidade, indústria e negócios, além de outros orgulhos nacionais subjetivos, como futebol e artes, e elementos de grandiosidade objetiva, como o número de católicos brasileiros e diversos dados relativos à biodiversidade, tamanho ou importância ambiental de biomas como a Amazônia. Juntamente com a inferioridade no endividamento e na inflação, os temas

³⁰ Id., *ibid.* Tradução do autor:

A promessa de seguir o exemplo de conservadorismo fiscal brasileiro assegurou muitos dos gerenciadores financeiros que temiam o pior quando Lula foi eleito dois anos atrás. “Tudo está normal”, um banqueiro disse. “Ninguém está nervoso, e o dinheiro não está deixando o país”.

³¹ ROHTER, Larry. “With New Chief, Uruguay Veers Left, in a Latin Pattern”. *The New York Times*, 01/03/05.

³² “The most serious shortages are of drugs. Patients needing insulin and other expensive or imported medicines have been unable to get their prescriptions filled, and at Argentina's request, the government of neighboring Brazil today began sending emergency supplies of the drugs that have become hardest to find.” ROHTER, Larry. “Argentine Leader Seeks Broad Powers in Economic Crisis”. *The New York Times*, 05/01/02. Tradução do autor: “A escassez mais grave é a de medicamentos. Pacientes que precisam de insulina e outros remédios caros ou importados tem tido dificuldade em conseguir novas doses, e seguindo o pedido argentino, o governo vizinho do Brasil começou hoje a enviar suprimentos emergenciais de medicamentos que se tornaram difíceis de achar.”

econômicos somam sete dos treze termos de comparação mais citados. Talvez isso se deva a uma característica própria dos índices econômicos, como se a mensuração e a criação de índices comparativos, própria da economia, determinasse também possibilidades de comparação entre esses critérios devido à publicação e ao acesso de índices de diversos países na composição dos relatos jornalísticos.

Por outro lado, é importante considerar o duplo sentido do termo “*medida*”, adotado nesta análise: pode significar tanto “*mensuração*” e “*comparação*” quanto uma “*atitude*”, como as ações brasileiras tomadas como exemplo por seus vizinhos ou as reformas que seguem as receitas dos organismos internacionais como o “FMI e Banco Mundial”. Esse duplo sentido também é importante ao considerar a mudança da polarização brasileira entre a inferioridade e a superioridade: a nova “*medida*” com que são mesuradas as “*ações*” brasileiras não se deve somente aos fatores apontados anteriormente, como a aproximação do correspondente e a melhoria econômica do cenário nacional; também faz parte da própria reformulação que o ideário liberal passou nas páginas do NYT e, em especial, nos relatos de Rohter:

Secretary of the Treasury Nicholas F. Brady urged Argentina, Brazil and other debtors "to do what Mexico did: bite the bullet, make the tough choices, put on economic programs that open up markets, reduce tariffs and barriers." But many doubt whether these sacrifices are worth the limited relief Washington has thus far offered.

"If this is the best deal that the prize pupil can get," a Latin American diplomat here said, "then there is not an awful lot of hope for the rest of us."³³

O trecho acima é representativo da forma como um ideário internacional cristalizado era reproduzido em diversas reportagens de Rohter – e também por tomadores de decisão latino-americanos que seguiam recomendações de organismos internacionais como o “FMI e o Banco Mundial” ou, neste caso, do representante da política econômica de Washington, o famoso secretário do Tesouro Nicholas Brady. A passagem também mostra como, antes do Brasil, outros países latino-americanos faziam o papel de paciente-modelo ou “pupilo de ouro”, como o México, ao adotar a recomendação internacional que segue um receituário de princípios e práticas liberais como a “abertura dos mercados e a redução de tarifas e barreiras”, as “decisões difíceis” recomendadas por Brady.

³³ ROHTER, Larry. “THE WORLD; Central America Goes Its Own Way”. *The New York Times*, 13/08/89. Tradução do autor:

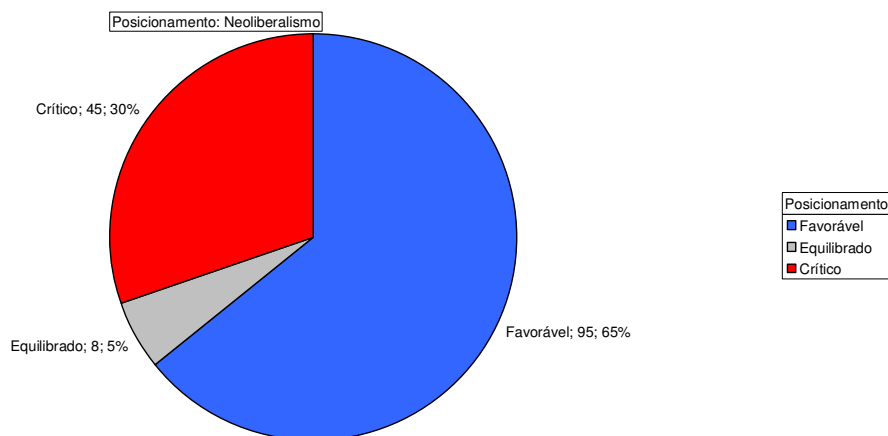
O secretário do tesouro Nicholas F. Brady recomendou que Argentina, Brasil e outros endividados “façam o que o México fez: apertem os cintos, façam as escolhas difíceis, abram seus mercados, reduzam tarifas e barreiras”. Mas muitas dúvidas sobre se esses sacrifícios valem a ajuda limitada oferecida até agora por Washington.

“Se esse é o melhor acordo que o pupilo de ouro consegue”, um diplomata latino-americano disse aqui, “então não há muita esperança para o resto de nós”.

Também conhecido como “*Consenso de Washington*”, esse receituário neoliberal apresentava uma lista de recomendações que governos deveriam seguir como mandamentos bíblicos para receber os benefícios comerciais da abertura liberal. Em primeiro lugar, recomenda-se que o estado diminua sua participação indevida e ineficiente na economia com cortes fiscais, contenção de gastos governamentais e redução de incentivos, barreiras e subsídios. Essas medidas de abertura comercial devem também permitir que as empresas atuem em novas áreas por meio de privatizações e da liberalização de setores protegidos, ao mesmo tempo em que se fornece as garantias para o estabelecimento de empresas multinacionais com o fortalecimento de direitos de propriedade (WILLIAMSON, 1997).

Considerando a forma como as reportagens de Rohter apresentavam essas receitas e outros temas do ideário liberal, foi possível identificar quando os textos tendiam a aproximar-se dessas recomendações, como um modelo a ser seguido a partir da representação do trecho acima, ou ao distanciar-se desse “consenso” (KUCINSKI, 2000, p. 189), apontando suas limitações, custos ou inadequações. Dos 727 textos sobre o Brasil publicados por Rohter no *NYT*, 148 (20,4%) mencionavam medidas como as citadas acima; desses textos, 95 reportagens (65%) apresentavam um posicionamento favorável às práticas neoliberais, 45 (30%) criticavam essas medidas e 8 artigos (5%) ponderavam argumentos contrários e favoráveis de forma equilibrada, como representado no Gráfico 4.2.4.

Gráfico 4.2.4. Posicionamento (crítico, favorável ou equilibrado) sobre neoliberalismo.

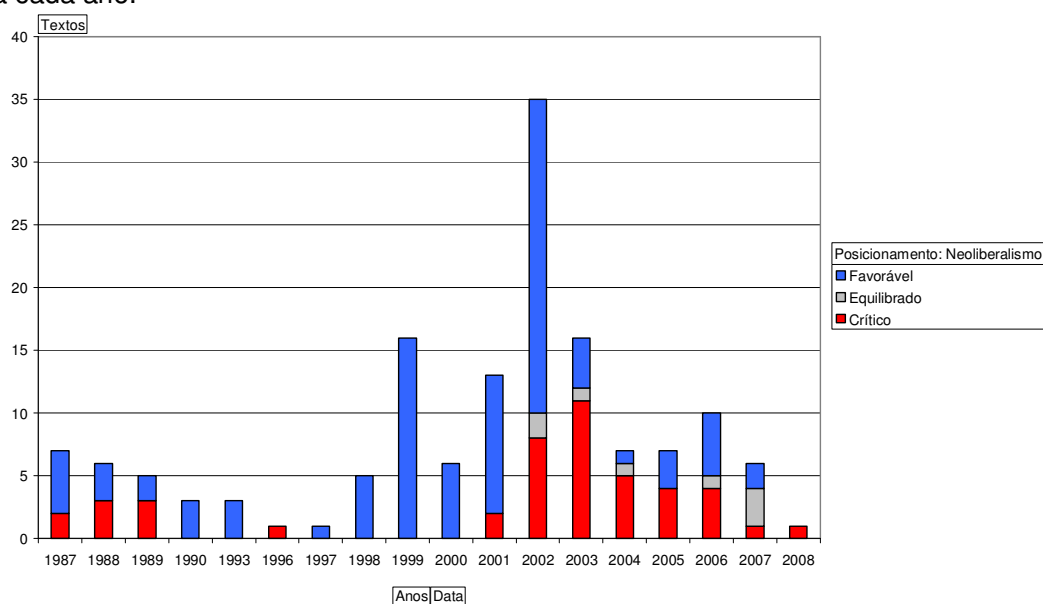


Essa representação favorável ao ideário liberal se alinha com diversas outras pesquisas que mostram um viés liberal do *NYT* de modo geral, a partir da visão de seus leitores (RASMUSSEN REPORTS, 2007), e também pela própria representação do jornal como um veículo “liberal” (OKRENT, 2004) – no sentido norte-americano do termo, que vai muito além das medidas econômicas e engloba também as reformas sociais discutidas no capítulo 2.1.2. Outras pesquisas quantitativas (GROSECLOSE;

MILYO, 2004) e artigos analíticos mostraram uma semelhante aproximação do *NYT* com interesses comerciais de grandes empresas norte-americanas (HERMAN, 1998), assim como artigos mais específicos apontam um viés negativo na abordagem de Rohter sobre as políticas econômicas brasileiras (DOTA, 2004, p. 15).

Entretanto, em períodos mais recentes, o receituário liberal antigamente favorecido tem passado por um escrutínio mais crítico nas reportagens de Rohter sobre o Brasil: como o Gráfico 4.2.5 aponta, entre os anos de 1987 e 2002 o noticiário foi ponderadamente mais favorável ao receituário neoliberal, com 80 textos positivos (79,2% dos 101 textos desse período), contra somente 19 críticos (18,8%) e 2 equilibrados (1,9%); porém, de 2003 a 2008, a tendência dos textos de Rohter passou a ser ligeiramente mais crítica, com 26 textos (55,3% das 47 reportagens no período) que representavam pontos de vista contrários às medidas neoliberais, além de mais visões equilibradas (6 textos, ou 12,7%) e menos favoráveis (somente 15, ou 31,9%)

Gráfico 4.2.5. Posicionamento (crítico, favorável ou equilibrado) sobre neoliberalismo, a cada ano.



É importante perceber que o período predominantemente crítico às medidas neoliberais é próximo, porém ligeiramente posterior, ao avanço das comparações brasileiras positivas a partir de 1998 (Gráfico 4.2.3). Isso aponta que muitos dos elogios econômicos brasileiros eram dados com o pano de fundo de transformações no ideário comercial e, portanto, apontavam para um caminho transitório, ao mesmo tempo crítico às receitas antigas no discurso, mas ainda flexível, nas ações, ao continuar adotando muitas das medidas valorizadas anteriormente. Esse período mais crítico também é concomitante com a eleição de diversos líderes de esquerda na América Latina; pode-se dizer que Rohter deixaria transparecer, em suas reportagens, as críticas dos líderes e dos eleitores latino-americanos que questionavam a eficácia do modelo adotado na região

durante quase duas décadas, de forma a reportar o estado de ânimo da região ao resto das Américas:

In each of Brazil's last two presidential elections, Ana Paula Borges voted for the government's candidate, swayed by promises of growth and stability. But after an eight-year experiment with free-market capitalism, the Brazilian economy has stalled, unemployment is climbing, the value of the national currency is sliding, and she is fed up. (...)

All over Latin America, candidates critical of the Washington Consensus, the name often used to describe the American-backed free-market model common in the region since the 1990's, are watching from the wings as governments committed to such reforms flounder. That sentiment has been fed by the collapse of the Argentine economy and by similar crises in countries ranging from Uruguay to Venezuela.³⁴

O trecho apresenta uma crítica radical, contrapondo as expectativas e promessas (que, subentende-se, não foram cumpridas) de “crescimento e estabilidade” durante oito anos de “experimento com o capitalismo de livre-mercado”, com uma realidade de desaquecimento econômico com o “desemprego crescendo, o valor da moeda nacional escorregando”, o que levou eleitoras como a citada na reportagem a se cansarem do modelo. Essa tendência é ecoada na representação dos líderes da esquerda latino-americana que aproveitam a queda dos governos que se comprometeram às “reformas” que seguem o “Consenso de Washington”. Rohter até apresenta o sentido dessa expressão, “como o nome usualmente usado para descrever o modelo de abertura dos mercados”, frisando o “apoio” norte-americano na questão.

O foco negativo, assumido pelo correspondente na crítica acima, destoa com outros períodos anteriores, mesmo ao considerar momentos de crise, quando havia espaço para declarações contestatórias de fontes retoricamente ainda mais descontentes do que a eleitora acima:

In an important advance in the Government's effort to cut its deficit and reduce market pressures that have humbled the economy, the lower house of Congress tonight decisively approved a change in social security benefits for civil servants after four earlier attempts had been defeated. (...)

But opponents accused Mr. Cardoso of selling out Brazil, which has the largest economy in Latin America, and its 165 million people to the I.M.F. and American banks and investors.

"What the Government has asked for to calm the markets is the blood of civil servants," said Walter Pinheiro, a leader of the Workers' Party, the main

³⁴ ROHTER, Larry. “In Free-Market Slump, Brazil's Voters Look for Change”. *The New York Times*, 05/10/2002. Tradução do autor:

Nas duas últimas eleições presidenciais brasileiras, Ana Paula Borges votou no candidato do governo, envolvida por promessas de crescimento e estabilidade. Mas após um experimento de oito anos com o capitalismo de livre-mercado, a economia brasileira está estagnada, o desemprego está crescendo, o valor do câmbio está despencando, e ela está cansada. (...)

Em toda a América Latina, candidatos críticos ao Consenso de Washington, o nome frequentemente usado para descrever o apoio americano de um modelo comum de mercados livres na região desde os anos 1990, estão aproveitando enquanto os governos comprometidos com essas reformas afundam. Esse sentimento tem sido alimentado pelo colapso da economia argentina e por crises similares em países como o Uruguai e a Venezuela.

opposition party. "To please investors we are being asked to massacre retirees and government employees."³⁵

Essa reportagem, publicada durante a crise da desvalorização do real em 1999, apresenta pontos divergentes, mostrando também críticas às práticas liberais (como a flexibilização cambial) e a austeridade fiscal, representada no argumento emotivo do líder petista que critica o sacrifício do “sangue” e o massacre de “aposentados e funcionários públicos”. Porém, para além das fontes e dos argumentos acalorados, a introdução do correspondente ainda valoriza como um “avanço importante” o “esforço para cortar o déficit”, deixando claro que as medidas do governo brasileiro estavam em sintonia com “as pressões do mercado” e, também, com a avaliação do correspondente do jornal – as críticas, no trecho, permanecem encurraladas na fala dos “opositores”, e somente por eles são validadas.

Já em momentos recentes, a crítica de Rohter parece ter adotado uma característica mais analítica, pesando não só os pontos negativos e positivos das medidas liberais quanto também explicando o conceito em mais profundidade:

At the outset of the 1990's, "The Washington Consensus" - the name given to the recipe of open markets, privatization and stabilized budgets being pushed by the United States - seemed to have swept away everything before it. Voters were pleased to see inflation, a traditional bugaboo in the region, quickly brought under control and looked forward to other gains. But over the past decade, freer trade and increased foreign investment have failed to narrow the gap between rich and poor and left millions of poor people outside the economy and looking in resentfully. Between 1998 and 2003, once inflation is taken into account, Latin America as a whole did not grow at all, according to International Monetary Fund figures.³⁶

Em primeiro lugar, o texto usa uma terminologia mais forte para explicar a origem do “consenso”, apontando que essa “receita” foi “empurrada pelos Estados Unidos”, e

³⁵ ROHTER, Larry. “Lawmakers In Brazil Adopt Step On Austerity”. *The New York Times*, 21/01/99. Tradução do autor:

Em um importante avanço no esforço do governo em cortar seu déficit e reduzir as pressões do mercado que tem atormentado a economia, a câmara dos deputados nessa noite aprovou uma mudança decisiva nos benefícios de segurança social para servidores públicos depois de quatro tentativas anteriores terem sido derrotadas. (...)

Mas oponentes acusaram FHC de vender o Brasil, que tem a maior economia na América Latina, e seus 165 milhões de habitantes para o FMI e bancos e investidores americanos.

“O que o governo está pedindo para acalmar os mercados é o sangue dos servidores”, disse Walter Pinheiro, um líder do Partido dos Trabalhadores, o principal partido de oposição. “Para agradar investidores estão nos pedindo para massacrar os aposentados e os funcionários públicos”.

³⁶ ROHTER, Larry. “With New Chief, Uruguay Veers Left, in a Latin Pattern”. *The New York Times*, 01/03/05. Tradução do autor:

Na avaliação dos anos 1990, o “Consenso de Washington” – o nome dado à receita de abertura de mercados, privatizações e estabilização orçamentária que tem sido empurrada pelos EUA – parecia ter apagado tudo que viera antes. Os eleitores estavam satisfeitos em ver a inflação, um tradicional bicho-papão da região, rapidamente ser controlada e esperaram outros ganhos futuros.

Mas após a última década, o comércio mais livre e o aumento do investimento estrangeiro falhou em diminuir a distância entre ricos e pobres e deixou milhões de pobres fora da economia, olhando com ressentimento. Entre 1998 e 2003, considerando a inflação, a América Latina como um todo não cresceu nem um pouco, de acordo com dados do Fundo Monetário Internacional.

não somente “apoiada”, como descrito no texto anteriormente analisado³⁷. O trecho também apresenta uma das descrições mais completas do receituário liberal entre as publicadas por Rohter: vai além do conceito neutro de “abertura dos mercados” para tratar de temas mais polêmicos – e que convenientemente ficavam de fora de vários de seus outros relatos – como a “privatização”. Ao mesmo tempo, outros ingredientes aparecem de forma opaca, indireta, como a “estabilidade de orçamentos” que se refere, supostamente, ao congelamento dos gastos governamentais, a manutenção de altos superávits e a diminuição do endividamento do Estado.

Também os benefícios liberais são diretamente contestados, ao mostrar o desapontamento dos que aguardavam outros “ganhos” além do controle do “bicho-papão” da inflação, mas que ficaram “de fora da economia”, somando “milhões de pobres” ressentidos. No trecho, o FMI também troca de papel, de fornecedor de receitas para balizador de medidas no sentido estatístico do termo, apontando a falta de crescimento latino-americano, descontando-se a inflação.

Uma questão é importante nessa inversão de avaliação sobre o receituário liberal: a responsabilidade pelas crises econômicas anteriores era apontada pela irresponsabilidade dos países emergentes como o Brasil em seguir o receituário esperado, como visto no princípio do capítulo. Porém, nos últimos períodos, a cobertura econômica realizada por Rohter no *NYT* mudou o foco de suas críticas: enquanto “*we did everything right*”³⁸ [nós fizemos tudo certo], na avaliação do ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco, a responsabilidade pelo fracasso passa a ser externalizada em *eventos imprevisíveis, que fogem do controle do receituário*, como as crises na Ásia e na Rússia durante os anos 1990. Quanto não mais se consegue obter os resultados esperados de uma situação que seguiu a risca o receituário, são os eventos circunstanciais e o receituário que passam por revisão – mas não a própria expectativa, como será discutido no próximo capítulo.

Mas antes de superar a parte desta pesquisa destinada à análise de expectativas prévias (turísticas) e avaliativas (econômicas) é necessário mostrar como essas imagens e atitudes esperadas continuam a contaminar o noticiário internacional, mesmo que recentemente o turismo tenha se mostrado mais hostil e a economia, mais exemplar:

The dispute with Washington has to do with patents on AIDS drugs. The one with Canada is over subsidies to aircraft makers and over mad cow disease. What they have in common is the sight of Brazil as it sheds its image as eternally easygoing and cordial and suddenly flexes the muscles

³⁷ ROHTER, Larry. “In Free-Market Slump, Brazil’s Voters Look for Change”. *The New York Times*, 05/10/2002.

³⁸ ROHTER, Larry. “In Free-Market Slump, Brazil’s Voters Look for Change”. *The New York Times*, 05/10/2002.

that naturally accrue to a regional power with 170 million people and a booming economy.³⁹

O trecho apresenta uma surpreendente inversão de expectativas, ao apresentar uma crítica liberal contra o protecionismo canadense e uma provocação contra a proteção da propriedade intelectual dos EUA, favorecendo as demandas brasileiras sobre a quebra de patentes contra AIDS. Apesar de não ser uma exceção, o fascinante nesse texto é exatamente o ponto a partir do qual Rohter escreve seu relato de um evento inesperado: o surpreendente não é somente a demanda de um país comercialmente menor, como o Brasil, em enfrentar com seus “músculos regionais” duas grandes potências; o fascinante é que, ao menos do ponto de vista da reportagem de Rohter, o surpreendente se dá pelo fato de o Brasil ter uma “imagem eterna de tranquilidade e cordialidade” que, aparentemente, não condiz com essa atitude belicosa e ousada.

Essa estratégia tampouco é uma exceção na cobertura de Rohter, que sistematicamente contrapõe e complementa expectativas prévias – como a imagem de que o Brasil é reconhecido internacionalmente como uma nação com um povo “cordial” e “tranquilo” – e avaliativas – o livre mercado exige competição, ferocidade, sem limites nem barreiras. O que Rohter utiliza para tornar seus relatos simultaneamente mais interessantes e mais próximos dos conhecimentos e demandas de seu público é uma estratégia de contrapor (e romper com) expectativas tomadas como premissas de seus próprios textos; o truque consiste em ocultar os fatos sob um véu de expectativas contrárias, para que, quando o fato surgir no relato, tenha-se a impressão do rompimento com o esperado. No processo, fortalecem-se as visões anteriores do que se espera que o Brasil *deve fazer* (competir por mercados), sem deixar de *ser* (cordial).

³⁹ ROHTER, Larry. “Brazil Flexes New Muscle In Another Trade Fight”. *The New York Times*, 27/03/01. Tradução do autor:

A disputa com Washington tem a ver com patentes de medicamentos para Aids. A com o Canadá envolve subsídios para fabricantes de aviões e a doença da vaca louca. O que elas têm em comum é a visão de que o Brasil está despindo-se de uma imagem eterna de cordialidade e tranquilidade e repentinamente flexionando seus músculos que são um resultado de um poder regional com 170 milhões de pessoas e uma economia em expansão.

5. QUEBRA DE EXPECTATIVA: O SURPREENDENTE, O DESVIANTE E O CONTRADITÓRIO

Um véu recobre o que se entende e se espera que seja “brasileiro”; como um tecido de imagens costurado durante séculos por tecelões das mais diversas áreas – viajantes, historiadores, antropólogos, sociólogos, cineastas –, esse manto de imagens recobre o Brasil e dá sentido, ante os olhos estrangeiros ou nacionais, aos eventos que ocorrem aqui. Esses eventos podem encaixar-se perfeitamente nos espaços esperados, reproduzindo a expectativa do que deve ser próprio do Brasil. Mas nem sempre os eventos se comportam de acordo com o esperado – ou, encarando o problema por outro ângulo, nem sempre é conveniente tecer uma narrativa sobre acontecimentos dentro dos parâmetros esperados. Ainda assim, esses relatos desviantes e inesperados não podem ignorar todo o imaginário que foi construído anteriormente, pois narrar uma história sem *inscrevê-la* na colcha de retalhos composta por outros relatos anteriores é um passo de dissonância com um público que pode não reconhecer seus temas costumeiros, e se perder; “onde isso se encaixa?”

Por outro lado, alguns contadores de histórias, em particular, precisam se preocupar com outras demandas de sua audiência por relatos novos, que não simplesmente reprisem as mesmas imagens de sempre. No contrato nunca firmado entre jornalistas e seu público, espera-se uma dose de novidades [*news*] que dure uma jornada; o frescor e o desafio do inesperado no meio da repetição rotineira. Esse mesmo contrato, nas entrelinhas, tem exigido que as notícias apresentem muito mais do que a simples descrição dos fatos. Quando se pede a contrapartida do “contexto”, o que se quer é exatamente responder “onde essa história se encaixa?”, mostrar a conjuntura por trás dos eventos episódicos, explicar os sentidos, as origens que permitiram a eclosão de um distúrbio e as repercussões necessárias para re-acomodar mais um problema; é o conforto de saber que os eventos têm “sentidos”, tanto direções quanto significados, em um mundo em mudança.

Bons artífices da narrativa sabem explorar esse desafio contraditório, e conseguem mostrar os eventos “que não se encaixam”, como diria mais uma vez Keller (apud HANNERZ, 2004, p. 145), moldando suas histórias para que elas costurem-se nos outros relatos tecidos anteriormente, sem que o peculiar, o desviante, ou o inesperado deixem de brilhar pela novidade.

Uma das estratégias para amarrar as pontas do novo e do reconhecível foi sugerida ao final do capítulo anterior: ao tomar o conhecimento prévio do seu público em conta na construção de seus relatos, Rohter apresenta inicialmente o véu de imagens que recobre o tema e o lugar de que trata, surpreendendo sua platéia quando tira de uma manga um evento inesperado que parece romper com as expectativas de todos. O truque, porém, deixa um rastro para se ver de onde vem o coelho retirado de sua cartola:

as expectativas de seu público são exatamente as que ele compôs, as por ele consideradas legítimas ou ao menos reconhecíveis por seu público.

A primeira parte desse capítulo tratará exatamente desse mecanismo de quebra de expectativas por meio da *surpresa*, com a inserção de elementos inesperados para colorir os retratos sobre a sociedade, a cultura e a arte brasileiras. A segunda seção tratará dos relatos que prescindem dessa estratégia por já trazerem, na própria demarcação de seu tema, um *desvio* ao abordar os conflitos brasileiros, retratados como distúrbios na ordem vigente. Ao final, as *contradições* entre as práticas e os discursos ordenadores, especialmente nos atos e debates políticos, serão contrapostas às dificuldades de alteração de uma realidade indesejada.

5.1. CULTURA SURPREENDENTE: DESVIO NORMALIZADO NA SOCIEDADE

Entre as imagens frequentemente atreladas ao Brasil, diversas delas apresentam a sensação de que, no país, o desviante é uma regra. Como já abordado no capítulo 2.1.1, representações como “jeitinho brasileiro”, “malandragem”, “corrupção”, “impunidade”, “insegurança” e “terra sem lei” podem ser aglutinadas dentro da representação de que o “Brasil não é um país sério”¹, e que as normas são ignoradas, corrompidas, insuficientes ou até mesmo maleáveis. Outras representações sobre o Brasil também mostram o país como fonte de surpresas e situações inesperadas, como uma terra “exótica”, que vai além de qualquer expectativa e rompe com a normalidade por sua exuberância, barbaridade ou idiosincrasia.

Como discutido na seção 3.2, esse próprio imaginário pode também ser alvo de desvios e surpresas inesperadas: muitas imagens passam por processos de alteração, questionamento, negação e criação, como as já discutidas mudanças na imagem sobre o Brasil como uma democracia racial. Ainda assim, por mais exótica, surpreendente ou peculiar, as representações sociais sobre o Brasil têm uma tendência maior a ser reproduzidas do que transformadas nos relatos de Rohter. A partir dos “4 Brasis” apresentados no capítulo 2.1.1, pode-se decompor os retalhos que se entrelaçam na cobertura do Brasil em um imaginário apresentado na Tabela 5.1:

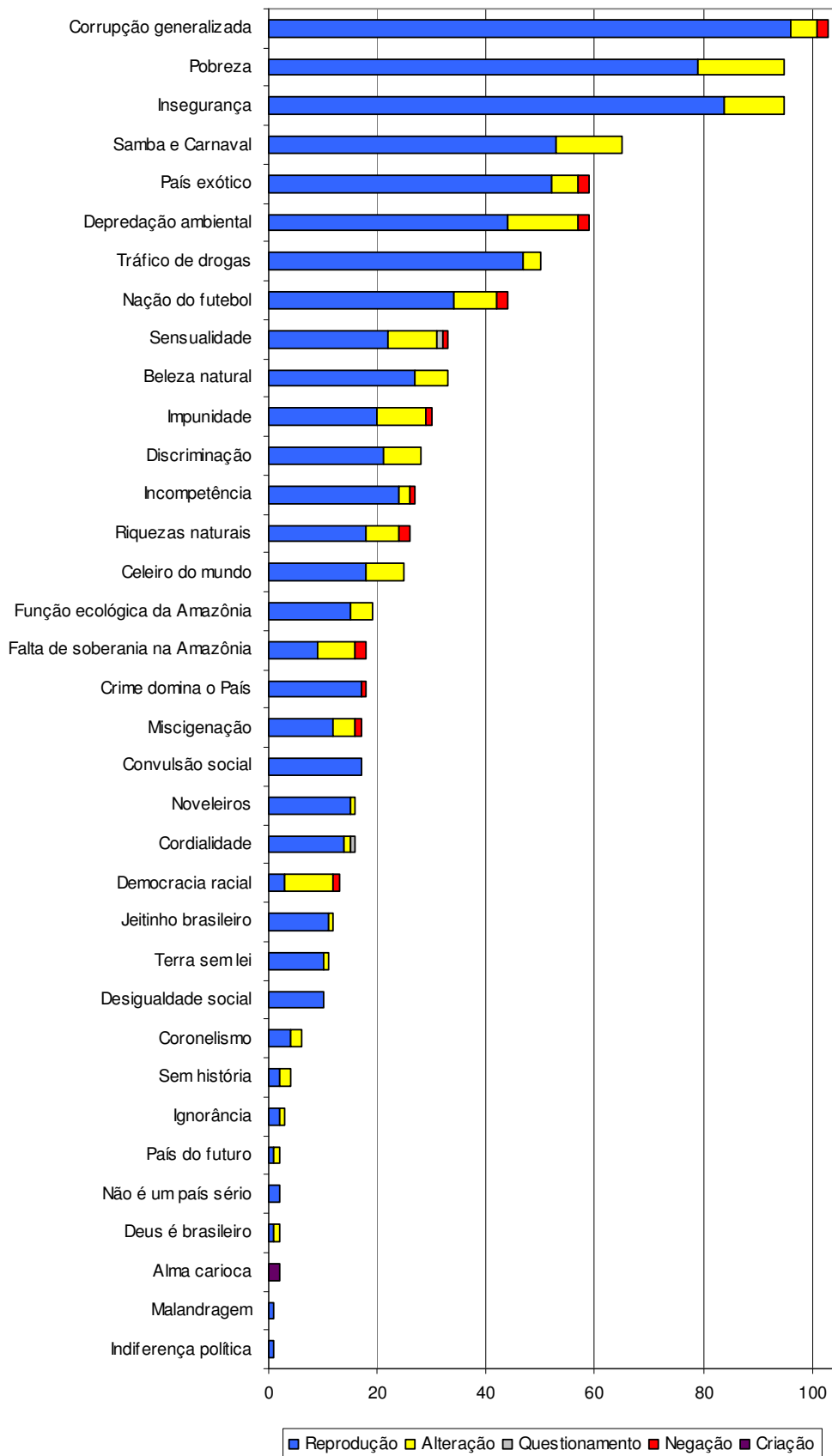
¹ Em uma das reportagens, Rohter até cita nominalmente essa célebre frase que teria sido dita por Charles de Gaulle. ROHTER, Larry. “The World: Nuclear Secrets; If Brazil Wants to Scare the World, It's Succeeding”. *The New York Times*, 31/10/04.

Tabela 5.1. Reproduções e transformações de imagens sobre o Brasil, por tipo.

Brasil	Representações sociais	Reproduz	Altera	Nega	Questiona	Cria	Total	
Lama	Corrupção generalizada	96	5	2			103	
	Pobreza	79	16				95	
	Impunidade	20	9	1			30	
	Discriminação	21	7				28	
	Incompetência	24	2	1			27	
	Jeitinho brasileiro	11	1				12	
	Desigualdade social	10					10	
	Coronelismo	4	2				6	
	Sem história	2	2				4	
	Ignorância	2	1				3	
Total:	Não é um país sério	2					2	
321	Indiferença política	1					1	
Confete	Samba e Carnaval	53	12				65	
	Nação do futebol	34	8	2			44	
	Beleza natural	27	6				33	
	Sensualidade	22	9	1	1		33	
	Riquezas naturais	18	6	2			26	
	Miscigenação	12	4	1			17	
	Cordialidade	14	1		1		16	
	Noveleiros	15	1				16	
	Democracia racial	3	9	1			13	
	Alma carioca					2	2	
Total:	Deus é brasileiro	1	1				2	
270	País do futuro	1	1				2	
	Malandragem	1					1	
Verde	Depredação ambiental	44	13	2			59	
	País exótico	52	5	2			59	
	Celeiro do mundo	18	7				25	
	Função ecológica da Amazônia	15	4				19	
	Total:	Falta de soberania na Amazônia	9	7	2			18
191	Terra sem lei	10	1				11	
Sangue	Insegurança	84	11				95	
	Tráfico de drogas	47	3				50	
	Total:	Crime domina o País	17		1			18
	180	Convulsão social	17					17
Total geral		786	154	18	2	2	962	

A classificação das imagens do Brasil apresenta um quadro sugestivo: ao utilizar-se de mais imagens estáticas, que partem de explicações histórico-sociológicas (como a do Brasil “de lama”, “confete” e “verde”), prioriza-se mais o imaginário estável sobre o país do que as representações mais dinâmicas, que mostram rupturas e eventos desviantes (como as do Brasil “de sangue”), que serão discutidas no capítulo a seguir.

Gráfico 5.1.1. Reproduções e transformações de imagens sobre o Brasil.



O Gráfico 5.1.1 apresenta uma comparação das representações sociais mais frequentes, para além da tipologia dos “4 Brasis”, considerando também sua utilização nos textos – de forma a reproduzir, alterar, questionar ou negar imagens já reconhecidas do país, ou criando novas formas próprias que representem a visão particular do autor dos textos.

Um fator importante precisa ser levado em consideração, antes de analisar esses dados. Seguindo a classificação proposta no capítulo 2.2.2, os textos de Rohter podem apresentar mais de uma imagem: somente 311 artigos (42,8% dos 727 analisados) não apresentavam nenhuma dessas representações, enquanto 416 (57,2%) reportagens apresentavam ao menos uma delas; dessas, 254 (34,9%) apresentavam ao menos duas representações; 147, ao menos três; 80, ao menos quatro; e 42, mais de cinco – um dos artigos chegou a apresentar até oito representações distintas². Esse alto índice de presença das representações sociais nos textos – quase três quintos apresentava ao menos uma, e um terço, ao menos duas – mostra a importância da estratégia de atrelar os textos noticiosos ao imaginário pré-concebido e compartilhado sobre o Brasil. Por mais que tratem de novidades, os eventos são discutidos com um pano de fundo que se baseia – ainda que para transformar – nas representações corriqueiramente identificadas como a identidade nacional brasileira.

A pequena incidência estatística de transformações de imagens brasileiras pode apontar um conformismo dos textos de Rohter com as formas pré-concebidas e reconhecidas como legítimas do que “é” o Brasil: somando alteração, questionamento, negação e criação, somente 176 imagens brasileiras tiveram uma abordagem transformadora, ou 18,3% do total de 962 representações.

Outros estudos anteriores também apontavam grande concentração de textos reprodutivos (86,5% em um total de 676 representações) ante o enfoque transformativo (13,5%) nos textos de diversos correspondentes internacionais, entre os quais, Rohter (PAGANOTTI, 2007b, p. 9), o que mostra que o correspondente norte-americano pode seguir somente uma tendência reprodutiva própria do trabalho dos jornalistas internacionais que lidam com a dificuldade de trabalhar com expectativas e conhecimentos limitados do seu público sobre países como o Brasil.

Mesmo entre os enfoques que não simplesmente reproduzem visões anteriores, há uma grande concentração de textos com alterações (154, ou 16% do total de representações), poucos textos que negam visões difundidas (18 artigos, ou 1,8%) e incidências ínfimas de criação e questionamento (2 textos cada, ou 0,2%). Já era esperada a diminuta parcela criativa nos textos, visto que essa categoria estaria mais atrelada à subjetividade autoral de representações a partir de um ponto de vista

² ROHTER, Larry. “500 Years Later, Brazil Looks Its Past in the Face”. *The New York Times*, 25/04/00. O artigo reproduzia as representações “País exótico”, “Convulsão social”, “País do futuro”, “Corrupção generalizada”, “Desigualdade social”, “Insegurança”, “Democracia racial” e “Sem história”.

particular, que detém pouco espaço dentro do noticiário mais objetivo. Entretanto, a microscópica incidência de posicionamentos questionadores e negadores, além da pequena parcela alteradora, surpreende: mostra que o noticiário internacional de Rohter ainda tem um alinhamento majoritário com as reproduções que ecoam os principais estereótipos sobre o Brasil, mesmo ao abordar eventos que divergem dessas imagens.

Apesar da grande distinção conceitual, a pequena incidência estatística de questionamentos e negações de imagens poderia até levar a dúvidas sobre a validade dessas categorias de análise para o *corpus* desta pesquisa. Porém, o esvaziamento dessas categorias aponta, exatamente por sua comprovada negatividade, para uma tendência importante no noticiário de Rohter. Dentro das possibilidades não-reprodutivas, a alteração apresenta uma possibilidade de diminuições e extensões ou outras abordagens que transformam conceitos sem questionar ou negar seus fundamentos profundos, mostrando somente mudanças superficiais, como pequenas re-acomodações que erodem representações demasiadamente monolíticas para ajeitá-las e torná-las mais maleáveis – ou seja, para “encaixar” melhor essas histórias, entrelaçadas com a irrupção de novos eventos que parecem não estar previstos nos modelos anteriores.

"Ibama is full of problems and underfunded, but they are still making progress, thanks especially to these blitzes," said Daniel Nepstad of the Amazon Environmental Research Institute in Belém. "The cost of doing business as a logger has increased and the profit margins have gone down, and the sense of impunity that existed just a few years ago has diminished." (...)

"The truth is that nobody ever controlled this, and that you can't control properties one by one even if you have an entire army of men," said Federico Muller, director of the [Mato Grosso] state's environmental protection agency. "But now the satellite does it for us. It's like Big Brother, an all-seeing eye in the jungle."

But the neighboring states of Pará and Rondônia, where deforestation has been equally intense, have yet to adopt the initiative. As a result, loggers, sawmill operators, cattle ranchers, land speculators and other adventurers have simply moved northward up the Cuiabá-Santarém highway, deeper into the heart of the jungle, to areas like this one. (...)

José Carlos Carvalho, the environment minister, acknowledged problems but promised improvements by next year's dry season, saying that the states of Pará and Rondônia were now installing the same monitoring system as Mato Grosso. In addition, he said, the environmental protection agency is to double the number of its agents, to 2,000.

"We recognize that the predatory occupation of the jungle doesn't work and has to give way to a system of sustainable development, and we are moving in that direction," he said.³

³ ROHTER, Larry. "Amazon Forest Still Burning Despite the Good Intentions". *The New York Times*, 23/08/02. Tradução do autor:

“O Ibama tem muitos problemas e pouco financiamento, mas eles ainda estão fazendo progressos, graças especialmente a essas fiscalizações”, disse Daniel Nepstad do Instituto de Pesquisa Ambiental Amazônica, em Belém. “Cresceu o custo dos negócios madeireiros, as margens de lucro caíram, e o senso de impunidade que existia alguns anos atrás tem diminuído.” (...)

“A verdade é que ninguém nunca controlou isso, e você não pode controlar propriedades uma por uma, nem se você tivesse um exército”, disse Federico Muller, diretor da agência de proteção ambiental

Como visto na Tabela 5.1 e no Gráfico 5.1.1, as representações do Brasil “verde” estão entre as mais alteradas e negadas. O trecho acima demonstra a articulação de suas principais imagens a partir dessas concepções transformativas. Em primeiro lugar, há a atenuação da imagem de que, no Brasil, a lei não conseguiria punir alguns infratores, pois a “sensação de impunidade que existia alguns anos atrás diminuiu”. Ainda assim, é importante ressaltar que, na avaliação de Rohter, a impunidade no país ainda não acabou, pois isso implicaria na resolução desse problema e, portanto, invalidaria permanentemente essa imagem, negando-a. Ocorre o mesmo com a extensão modeladora da “depredação ambiental” que, apesar de combatida (o que não ocorreria na concepção tradicional dessa imagem), continua em outros lugares; com essa representação subentende-se que só são necessários os recursos tecnológicos e humanos prometidos pelo governo para terminar com esse problema.

Outra imagem “verde” alterada é a de uma “terra sem lei”, que seria resolvida com a chegada ordenadora da vigilância governamental pela mediação tecnológica do “olho que tudo vê”, mesmo no “mato grosso” amazônico (como o “Big Brother” orwelliano). Porém, essa possibilidade ainda se encontrava limitada pela aplicação exclusiva nas terras mato-grossenses, permitindo a continuação do desmatamento sem vigilância nos Estados mais ao norte. Assim, o conceito foi simplesmente deslocado: a fronteira da terra de ninguém não terminou totalmente, só mudou seu endereço com o avanço da “lei”; ainda que possa ser exterminada se/quando um satélite cobrir todo o território nacional (uma possibilidade inexistente no desamparo inerente ao conceito da “terra sem lei”, um pedaço resistente à “civilização”), essa permissividade ainda era somente um projeto desejado no relato de Rohter.

O texto também mostra como um enfoque transformativo ainda assim pode reproduzir outras imagens paralelamente: no último parágrafo do trecho, a valorização do “desenvolvimento sustentável” contraposta à negativa “ocupação predatória da floresta, que não funciona” reproduz o imaginário sobre a função ecológica da Amazônia, um conceito comumente atrelado ao Brasil no cenário internacional. O tratamento dessa ideia não apresenta qualquer atenuação ou outras transformações; por mais que o Brasil tenha dificuldades ou progressos no combate ao desflorestamento, a

estadual [do Mato Grosso]. “Mas agora o satélite faz isso para nós. É como o Grande Irmão, um olho que tudo vê no meio da floresta”.

Mas os Estados vizinhos do Pará e Rondônia, onde o desmatamento tem sido igualmente intenso, ainda precisam adotar a iniciativa. Com isso, madeireiros, serrarias, pecuaristas, grileiros e outros aventureiros simplesmente se mudaram para o norte da rodovia Cuiabá-Santarém, adentrando o coração da floresta, para áreas como essa. (...)

José Carlos Carvalho, o ministro do meio ambiente, reconhece problemas, mas promete melhorias até a época seca do próximo ano, dizendo que Estados como Pará e Rondônia estão agora instalando o mesmo sistema de monitoramento do Mato Grosso. Além disso, declarou, a agência de proteção ambiental vai duplicar seu número de agentes, para 2 mil.

“Nós reconhecemos que a ocupação predatória da floresta não funciona e precisa dar espaço para um sistema de desenvolvimento sustentável, e que nós estamos caminhando nessa direção”, ele disse.

importância ecológica da Amazônia ainda é tomada como um ponto consensual e válido, tão reconhecível pelo seu público que Rohter nem precisa se aprofundar demasiadamente em suas explicações.

Quebra de expectativa: inserção textual do inesperado que não se encaixa

Ainda que a predominância reprodutiva dê a tônica da cobertura do *NYT* sobre o Brasil, outro fator deve ser levado em conta na análise das construções textuais de Rohter: ainda que o sentido geral dos textos possa apontar para maior reprodução das imagens, muitas das suas reportagens partiam exatamente do enfrentamento dessas representações, com a erupção de eventos que parecem não condizer com as imagens brasileiras retomadas por Rohter. Da mesma forma como muitas imagens sobre o Brasil tomam o desviante como a norma no país, o desvio das imagens sobre o Brasil se torna também um padrão adotado na composição textual das premissas das introduções dos textos de Rohter.

Esse mecanismo segue a bastante consolidada tradição narrativa de elaborar, a partir da construção de uma expectativa, a apresentação de uma situação de estabilidade, seguida por uma ruptura, que incide de forma desestabilizadora (MOTTA, 2005, p. 5), causando uma quebra das mesmas expectativas propostas e apontando um conflito entre elementos do texto (PROPP, 2010; MELETÍNSKI, 2010). As primeiras frases de uma reportagem sobre a relação da sociedade brasileira com suas praias é reveladora:

Brazilians like to say that the beach is their country's "most democratic space." But some bodies — and some beaches — are more equal than others.

In the Brazilian imagination, the beach has traditionally been regarded as the great leveler, "the place where the general, the teacher, the politician, the millionaire and the poor student" were all equal, said Roberto da Matta, an anthropologist and newspaper columnist who is a leading social commentator. "Their bodies were all made equally humble," he said, by the near-naked proximity of "one body with others, all of them without defense or disguise."

But here in Brazil's postcard city, where the summer vacation season is in full swing, the hierarchy, in which both class and skin color play a part, is clear to all. The beaches facing the ocean in elite neighborhoods on the south side and those who frequent them rank higher than those on the north side, fronting the polluted Guanabara Bay.

In Rio, 59 beaches spread out along 110 miles of sand. Even the city's most elite beaches, Ipanema and Copacabana, and their lesser-known extensions, Leblon and Leme, are informally subdivided into sectors, demarcated by a dozen lifeguard stations called postos, each about a half-mile from the next. Each posto, numbered 1 to 12, has a culture of its own, appeals to a different "tribe" and can be inhospitable to interlopers.⁴

⁴ ROHTER, Larry. "Drawing Lines Across the Sand, Between Classes". *The New York Times*, 06/02/07.

Tradução do autor:

Brasileiros gostam de dizer que a praia é o "lugar mais democrático" do país. Mas alguns corpos – e algumas praias – são mais iguais do que outros.

Como apontado no capítulo 2.2.2, uma das estruturas mais comuns para abrir um texto jornalístico é a apresentada pelo lead, que apresenta um resumo dos principais elementos narrativos do texto: deve responder às perguntas “o que?” “quem?” “onde?” “quando?” “como?” e “por quê?”, apontando, respectivamente, o acontecimento principal, seus personagens, lugar, tempo, modo e causas. Além disso, o lead deve também capturar a atenção do leitor, apontando, além das informações principais do texto, os elementos mais interessantes de forma atraente, para mostrar o impacto ou a inovação do evento retratado. Além de organizar e agilizar a leitura das reportagens, o lead também apresentou uma solução para a produção rápida de notícias em escalas padronizadas.

Entretanto, nem todas as aberturas dos textos jornalísticos necessitam seguir todo esse receituário, mais frequente nas chamadas “notícias quentes” [*hard news*], quando há pouco tempo entre a eclosão dos fatos e a demanda de leitura do público. Outros textos mais aprofundados e atemporais, como as notícias de interesse humano [*feature stories*] comumente apresentam outras formas de introdução em seus textos, como a abertura adotada no exemplo acima.

De forma sistemática, Rohter apresenta uma estrutura de abertura das matérias que não parte dos elementos mais importantes da história que pretende narrar, como seria exigido de um lead clássico, mas de uma expectativa proposta em seus textos por visões pré-concebidas sobre o Brasil, que entram em choque com os eventos de que as matérias pretendem tratar. O exemplo acima mostra como uma imagem tomada como representativa em uma situação estável (a democracia das praias brasileiras, afirmada por brasileiros e referendada por um antropólogo) entra em colisão com a avaliação do correspondente sobre a desigualdade entre algumas pessoas e algumas praias, que será o foco de seu artigo.

O desenrolar do texto⁵ trabalha com esse conflito entre desigualdade social, acesso aberto e permissividade, porém permeado por preconceitos e normas não-ditas. Assim como nas teorias narrativas clássicas, todo o desenvolvimento da narração envolveria a

Na imaginação brasileira, a praia tem sido tradicionalmente considerada como a grande niveladora, “o lugar onde o general, o professor, o político, o milionário e o estudante pobre” são todos iguais, disse Roberto da Matta, um antropólogo e colunista que é um grande comentarista social. “Seus corpos foram todos feitos igualmente modestos”, declarou, pela proximidade quase nua de “um corpo com o de outros, todos sem defesa ou disfarces”.

Mas aqui na cidade que é um cartão-postal do Brasil, onde as férias de verão estão a todo vapor, a hierarquia, na qual tanto a classe social quanto a cor da pele tomam parte, está clara para todos. As praias oceânicas em bairros de elite no sul e os que as frequentam estão mais perto do topo, se comparadas com as do lado norte, de frente para a poluída Baía da Guanabara.

No Rio, 59 praias se espalham ao longo de 110 milhas de areia. Mesmo as praias mais elitizadas, como Ipanema e Copacabana e suas menos conhecidas extensões, Leblon e Leme, estão informalmente subdivididas em setores, demarcadas por uma dúzia de estações de salva-vidas chamadas “postos”, cada uma a aproximadamente meia milha de intervalo. Cada posto, numerados de 1 a 12, tem uma cultura própria, atrai diferentes tribos e pode ser inóspito para intrusos.

⁵ Como já analisado anteriormente no capítulo 2.1.1, na seção “Brasil de lama”.

tentativa de resolução do processo desestabilizador inicial, levando a um desfecho que aponte ao retorno a um novo patamar de estabilidade, ainda que transformado pelos eventos decorrentes dessa desestabilização:

More recently, gays have staked out an area near Posto 9, which now flies the rainbow flag that is the emblem of their movement.

“Why, after years in which homosexuals congregated discreetly near the Copacabana Palace Hotel, do you all of a sudden have a gay beach at Farme de Amoedo Street?” Ms. Farias, the author, said. “It’s because groups use the beach to acquire visibility, to say ‘Hey, I’m here, too.’ In order to do that, they need a spot on the beach that they can say is theirs.”⁶

Assim, a estrutura fecha um ciclo, retornando a uma nova situação de estabilidade que, ao final, não se distancia tanto da forma original: na avaliação de Patrícia Farias, apresentada em outro trecho da reportagem como uma autora de “estudo sobre relações raciais nas praias”, cada grupo demarca seu pedaço da praia para adquirir visibilidade, ou seja, as praias são democráticas em um sentido “partidário”, mas não “consensual”, como subentendido na introdução do texto.

Essa estratégia de quebra de expectativas não é exclusiva de Rohter. Na sua própria origem, as reportagens jornalísticas apresentavam uma grande proximidade com os romances policiais sobre detetives que agem para “desenrolar para o leitor o fio de um ‘romance’ que encobre a identidade enigmática de um criminoso” (SODRÉ, 2009, p. 249). Assim como os romances construíam sua capacidade de atração pelo “suspense”, ou seja, a suspensão da expectativa para saber quem cometeu os crimes (daí a corruptela do gênero em inglês “*whodunit*”), relatos jornalísticos antigos e recentes trabalham com a mesma construção de mistérios, com peças e pistas que parecem não se encaixar até a conclusão que desmascara os culpados e explica o caso. Ao trabalhar com quebras de expectativa, Rohter aproxima seus relatos por meio do mesmo artifício, construindo interesse pelo suspense: porém, o elemento conflituoso/desestabilizador raramente é um fato tão grave como os criminais; pelo contrário, trata de situações que parecem não se encaixar no esperado da sociedade brasileira, compondo um mistério mais trivial, em que o desvio se dá não contra uma lei, como aconteceria com um crime, e sim contra um padrão – que são justamente os das representações sociais anteriores.

Classificando os elementos de desestabilização presentes nos parágrafos iniciais de seus textos, é possível quantificar e verificar o uso desse artifício textual a partir das quebras de expectativa mais frequentes nos textos de Rohter. Fica evidente que o ponto

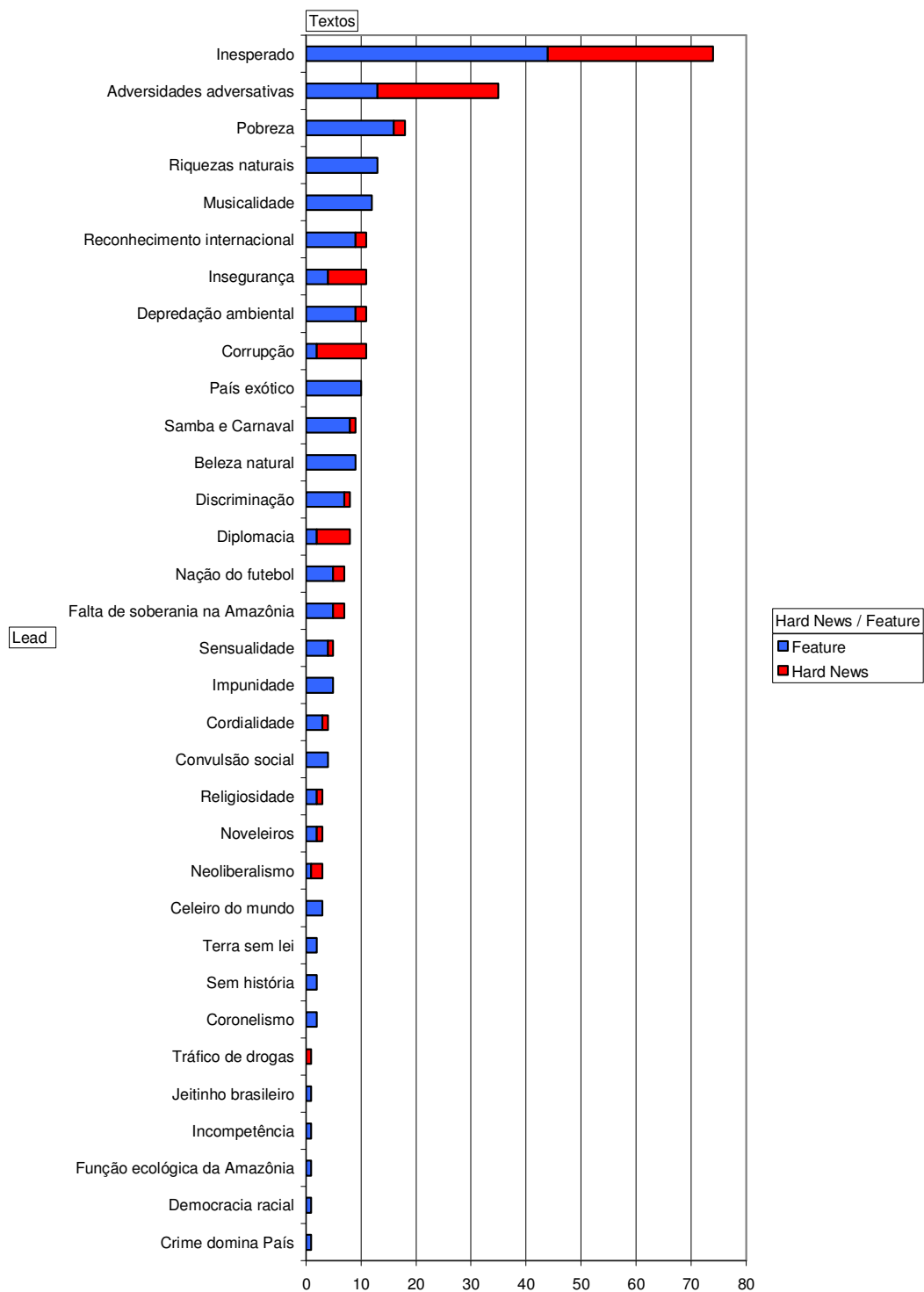
⁶ ROHTER, Larry. “Drawing Lines Across the Sand, Between Classes”. *The New York Times*, 06/02/07. Tradução do autor:

Mais recentemente, gays abocanharam uma área perto do Posto 9 que agora hasteia bandeiras de arco-íris, que são o emblema de seu movimento.

“Por que, depois de anos em que homossexuais reuniram-se discretamente perto do Hotel Copacabana Palace, de repente se tem uma praia gay na Rua Farme de Amoedo?” disse Farias, a autora. “É porque os grupos usam a praia para adquirir visibilidade, para dizer ‘Ei, eu estou aqui também.’ Para fazer isso, eles precisam de um lugar da praia que possam chamar deles.

de estabilidade apresentado inicialmente nas reportagens toma as mesmas imagens sobre o Brasil discutidas até aqui, contrapondo-as com eventos desestabilizadores que as colocam em xeque, como apresentado no Gráfico 5.1.2.

Gráfico 5.1.2. Quebra de expectativa nos leads de *hard news* e *feature stories*.



O Gráfico 5.1.2 apresenta os tipos de texto a partir das quebras de expectativa no início das reportagens de Rohter. Primeiramente, chama a atenção como diversas das representações sociais agrupadas no Gráfico 5.1.1 têm um lugar reservado nas introduções, como o pano de fundo para as expectativas que Rohter usa para contrapor aos novos eventos que desviam do padrão por ele mencionado. Das 35 representações sociais sistematizadas anteriormente, somente nove não são usadas em leads com quebra de expectativas – o que não quer dizer que não possam ainda ser usadas inicialmente nos textos de Rohter, porém de forma a conformar as expectativas, como será visto na seção a seguir. Dessas, a maioria está entre as representações menos usadas por Rohter, como “indiferença política”, “malandragem”, “alma carioca”, “Deus é brasileiro”, “não é um país sério”, “país do futuro” e “ignorância”. Da mesma forma, os parágrafos iniciais de Rohter usam poucas estratégias de quebra de expectativa que fogem das representações sociais já sistematizadas, exceto eventos “inesperados” e “adversidades”, além de imagens tangenciadas anteriormente, como “neoliberalismo”, “religiosidade”, “diplomacia”, “reconhecimento internacional” e “musicalidade”.

A partir das bases de seus relatos, a estratégia utilizada nas apresentações de Rohter aproxima-se da persuasão da propaganda “contraintuitiva”, ou seja, contrapõe-se ao “conhecimento imediato” das “imagens refletidas” (LEITE, 2009, p. 10). Ao posicionar-se contra as aparências pré-concebidas, as apresentações contraintuitivas podem possibilitar a “(des)construção da realidade sociocultural, ao apresentar (dar visibilidade) a ‘outro/novo’ ponto de vista sobre questões de preconceitos socioculturais vetorizados a determinados nichos” (Id. 2008). No caso de Rohter, esse “novo ponto de vista” seria o apresentado por suas fontes: no caso anterior das praias cariocas, contrapor a “marginal” crítica da desigualdade feita por Patrícia Farias à visão “consolidada” da igualdade expressa por Roberto Da Matta. Essa “novidade” na abordagem também seria resultado das próprias observações do jornalista, ancoradas na sua seleção dos fatos:

As king of carnival, the corpulent Rei Momo is supposed to embody all the jollity, carnality and excess associated with that most Brazilian of bacchanals. So when the event’s reigning monarch has gastric bypass surgery, sheds 150 pounds and starts an exercise program, you begin to wonder what’s going on.

And when six young women die of anorexia in quick succession — two in the last two weeks — the wonder turns to bewilderment. Brazil may well be the most body-conscious society in the world, but that body has always been Brazil’s confident own — not a North American or European one.

For women here that has meant having a little more flesh, distributed differently to emphasize the bottom over the top, the contours of a guitar rather than an hourglass, and most certainly not a twig. Anorexia, though long associated with wealthier industrialized countries, was an affliction all but unheard-of here.

But that was before the incursions of the Barbie aesthetic, celebrity models, satellite television and medical makeovers made it clear just how far some

imported notions of beauty, desirability and health have encroached on Brazilian ideals once considered inviolate.⁷

Os dois primeiros parágrafos, provenientes da abertura dessa reportagem, são exemplares da construção de uma expectativa estável que é rompida por eventos desestabilizadores que parecem não se encaixar no imaginário visto como legítimo. Em primeiro lugar, o “corpulento Rei Momo” deveria “supostamente incorporar toda a diversão carnal e os excessos” que são associados com as “bacanais” brasileiras do Carnaval. Esse é um imaginário internacionalmente reconhecido como legitimamente brasileiro, que o repórter retoma para aproximar seu leitor de imagens mais familiares e para deixar mais absurda – ou seja, com maior valor de notícia – a surpresa com a operação de redução estomacal e os exercícios que levaram ao emagrecimento desse que deveria ser a incorporação dos excessos. No parágrafo seguinte, a mesma estratégia é adotada, em paralelismo, para mostrar que não se trata somente de um evento isolado que irrompe contra os excessos festivos, mas que aponta uma tendência na mudança da imagem dos corpos e da representação tanto da sensualidade quanto do Carnaval brasileiros.

O que o correspondente parece sugerir é que as imagens sobre a sensualidade do corpo de violão das brasileiras e o excesso bacanal do Carnaval não “*correspondem*”⁸ mais à realidade dos fatos. Ao apresentar contextualizações (como explicar o tipo de corpo valorizado no Brasil e a quase inexistência de casos de anorexia) e justificativas (a invasão de “noções importadas” de beleza por meio da televisão e das bonecas Barbie) sobre esses eventos inesperados, o correspondente procura retomar e re-apresentar os mesmos conceitos que procura desmistificar.

Assim, textos como esse partem das representações sociais, tomadas como supostamente reconhecíveis e como premissas para o raciocínio da argumentação e

⁷ ROHTER, Larry. “In the Land of Bold Beauty, a Trusted Mirror Cracks”. *The New York Times*, 14/01/07. Tradução do autor:

Como o rei do Carnaval, o corpulento Rei Momo deveria supostamente incorporar toda a diversão carnal e os excessos associados com a mais brasileira das bacanais. Então, quando o monarca reinante do evento passa por cirurgia de redução estomacal, perde 150 libras e começa um programa de exercícios físicos, você começa a se perguntar o que está errado.

E quando seis jovens mulheres morrem de anorexia em um breve intervalo de tempo – duas nas duas últimas semanas – a surpresa se transforma em perplexidade. A sociedade brasileira pode bem ser a mais preocupada com o corpo em todo o mundo, mas sua silhueta sempre foi uma própria do país – não é parecida com a norte-americana nem com a européia.

Para as mulheres daqui, isso significou ter um pouco mais de carne, distribuída diferentemente para enfatizar mais o de baixo do que o de cima, mais próximo dos contornos de um violão do que de uma ampolheta, e nada parecido com um galho. A anorexia, ainda que há muito tempo associada com países mais ricos e industrializados, era uma doença pouco conhecida aqui. Mas isso foi antes de a incursão da estética Barbie, de modelos celebridades, da televisão por satélite e de cirurgias plásticas terem deixado claro o quanto algumas noções importadas de beleza, desejo e riqueza podem ter avançado contra ideais brasileiros antes considerados como invioláveis.

⁸ Devo a lembrança desse sentido do termo “corresponder”, que se destaca dos outros apresentados anteriormente no início do capítulo 3.1, à aluna Mariana Queen Nwabasili, do curso de jornalismo da USP.

ponto inicial de estabilidade para a narrativa. Em outros casos, essa contraposição chega ao exagero lógico de contrapor imagens apresentadas inicialmente no texto com outras representações também reconhecidas como legitimamente brasileiras:

Just like everyone else, Brazilians enjoy seeing themselves and their reality portrayed on the screen. But most of this country's 170 million people are city dwellers, which makes somewhat surprising the extraordinary popularity of a sudden spate of films set in the poorest and most backward region of the country. Exhibit No. 1 is clearly "Me You Them," which has been the leading box office attraction here in recent months.⁹

Paradoxalmente, nesse trecho a pobreza árida do filme “Eu Tu Eles” é a imagem “surpreendente” que irrompe contra a expectativa defendida por Rohter de um “urbanismo brasileiro” – que iria contra a predominância de cenários litorâneos e interioranos de sua cobertura turística, como discutida no capítulo 4.1. O trecho pode levar a crer que Rohter espera que seu público já saiba que o Brasil não é mais um país “atrasado e pobre”; porém, a incidência desse estereótipo indica que essa explicação não seria convincente, pois a “pobreza” é a segunda representação social mais presente em sua cobertura, só perdendo para “corrupção”, com um índice de alteração de 16,8%, levemente abaixo da média de 18,3%. Outro fator deve ser levado em consideração para explicar não só essa introdução, mas todo o enfoque sistêmico em quebras de expectativa: a marcação da “noticiabilidade” (SODRÉ, 2009, p. 75-77).

Para ganhar “valor-notícia”, um evento precisa de características que determinam sua singularidade, além de uma “marca” que destaque o acontecimento e mostre seu potencial para originar uma boa narrativa (Id., Ibid, p. 76): deve tanto se encaixar no que se espera de uma notícia e de um acontecimento possível, como também apresentar alguma ruptura digna de nota – “*fit to print*”, diria Ochs, o Publisher do *Times* (TALESE, 2000, p. 172).

Ao mostrar que o sucesso recente de filmes sobre a pobreza nordestina caminha contra a imagem “urbana” brasileira, Rohter tenta inflar o valor notícia de “imprevisibilidade (sinal para a singularização do relato)” (SODRÉ, 2009, p. 76), representando esse evento como uma “surpresa” a popularidade “extraordinária” dessas películas – ou seja, é mais um evento que rompe com expectativas baseadas em imagens estereotipadas do Brasil, porém, dessa vez, paradoxalmente reafirmando-as a partir de suas negações.

⁹ ROHTER, Larry. “ARTS ABROAD; Brazilians Love Their Wild West (in the Northeast)” *The New York Times*, 06/03/01. Tradução do autor:

Assim como todo mundo, os brasileiros gostam de ver a si mesmos e a sua realidade retratados nas telas. Mas a maioria da população desse país de 170 milhões vive em cidades, o que torna um pouco surpreendente a extraordinária popularidade de uma repentina série de filmes, com cenários na região mais pobre e atrasada do país.

A Prova n. 1 certamente é “Eu Tu Eles”, que tem liderado na atração do público aqui nos meses recentes.

Quebras de expectativas a serviço de “notícias frias”

Com isso, é possível retomar e concluir a análise do Gráfico 5.1.2. Dos 567 textos de Rohter que mencionam majoritariamente o Brasil¹⁰, 296 (52,2%) têm um lead com quebra de expectativa. É possível classificá-los em três grupos: 74 textos (13% do total de 567 textos majoritariamente sobre o Brasil) partem de eventos inesperados, ou seja, sem responsabilidade atribuída; 35 (6,2%) envolvem “adversidades adversativas”, ou seja, mudanças negativas e com um alvo de crítica específico; e, por final, os 187 artigos restantes podem ser aglutinados como parte das representações sociais sobre a identidade brasileira (33%).

Como visto no mesmo gráfico, os textos que partem de quebras de expectativa são predominantemente *feature stories*, com 203 recorrências (ou 68,6% do total de 296 introduções semelhantes), ante uma minoria de “notícias quentes” [*hard news*] que usam dessa mesma estratégia (93 textos, ou 31,4%). Essa predominância de notícias “frias” entre as quebras de expectativa destoa da cobertura como um todo. Considerando exclusivamente as 567 reportagens de Rohter majoritariamente sobre o Brasil, 297 (ou 52,4% dos textos sobre o país) partiam de “notícias quentes” [*hard news*], enquanto as *feature stories* são levemente minoritárias 270 (47,6%).

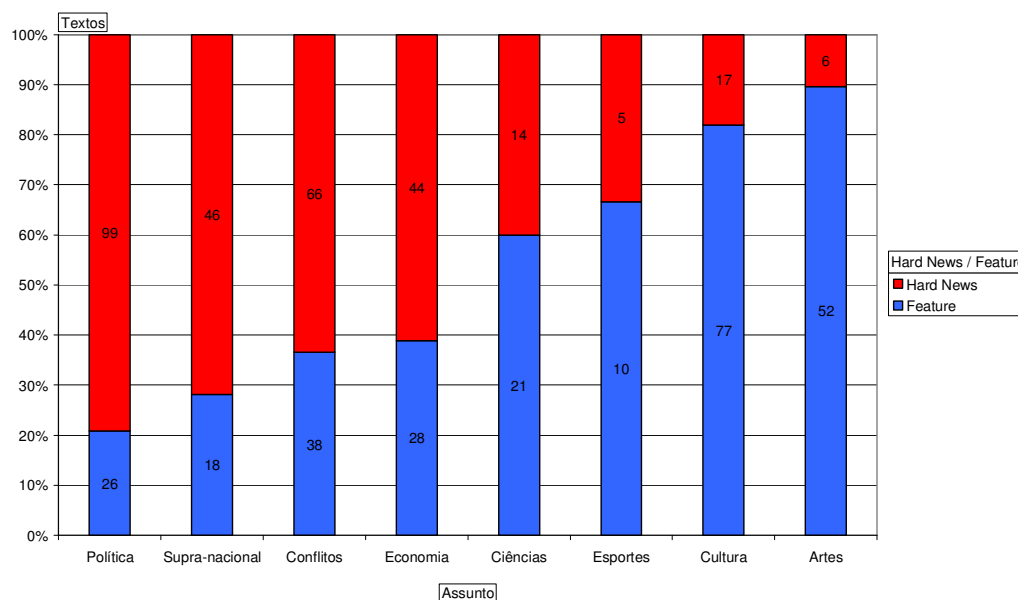
Esse descompasso entre a grande predominância de *feature stories* nas reportagens com quebra de expectativa e sua parcela minoritária no noticiário geral pode ser explicado exatamente devido à estratégia de aumentar o “valor-notícia” dos eventos retratados. Enquanto as notícias quentes não necessitam dessa estratégia para atrair a atenção de seus leitores – e editores –, é necessário “esquentar” os artigos mais “frios”, que tratam de temas de menor impacto e se aproximam mais de retratos sociais do que de eventos de ruptura. Esse critério também explica porque algumas representações sociais, como “insegurança” e “corrupção”, são tomadas com mais frequência na quebra de expectativa de “notícias quentes” do que na de “*features*”: como será discutido na seção seguinte, são justamente duas das imagens que mais tratam de rupturas e contração de uma “ordem de lei”, e não simplesmente de desvios de um “padrão social”, como todas as outras representações que são tomadas frequentemente como ponto de partida para a quebra de expectativas em artigos mais “frios”.

¹⁰ Não foram considerados os textos que tratavam principalmente de outras regiões, pois suas introduções também tratavam de imaginários pertinentes a outros universos simbólicos que não o considerado legitimamente brasileiro. O mesmo critério de exclusividade brasileira foi adotado para a composição dos gráficos de todo esse quinto capítulo.

5.2. CRÍTICA DOS CONFLITOS: RUPTURA E DESESTABILIZAÇÃO NAS PERIFERIAS

Seguindo a mesma classificação entre *hard news* e *feature stories*, é possível ordenar os assuntos dos textos de Rohter em grupos mais “quentes”, ou seja, que envolvem mais rupturas, desvios e contradições diretamente reconhecidas, e os assuntos mais “frios”, com maior incidência de retratos sociais, eventos atemporais ou outros artigos de interesse humano, como apresentado no Gráfico 5.2.1.

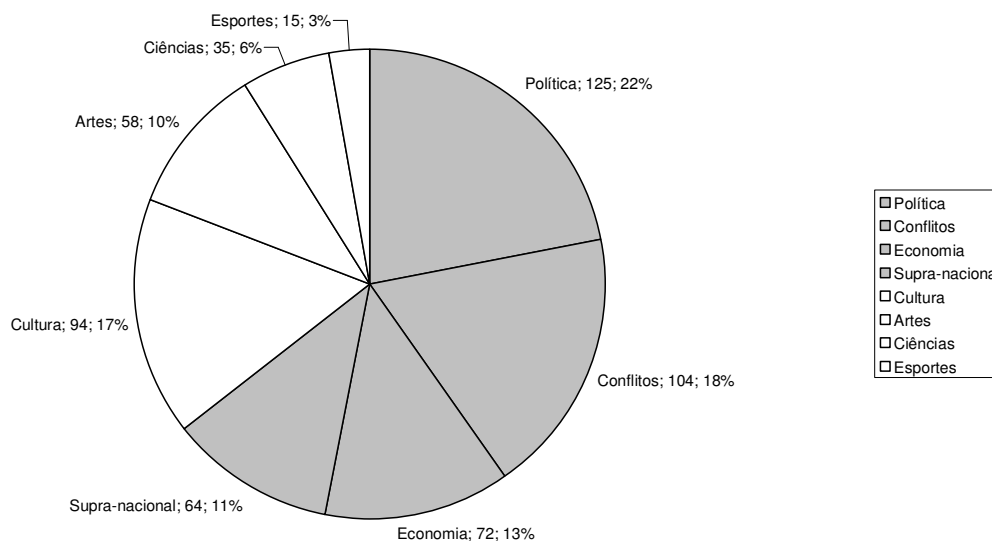
Gráfico 5.2.1. Parcela de *Hard news* e *feature stories* por assunto (número de textos).



O Gráfico 5.2.1 apresenta, em ordem, os assuntos com maior parcela de textos com notícias “quentes”, como Política, Supra-nacional, Conflitos e Economia, que oscilam entre os patamares de 80%, 72%, 64% e 61% de textos sobre eventos emergentes – os valores dentro das barras apontam o número de textos em cada categoria do cruzamento. Um segundo grupo de assuntos envolve os artigos que apresentam maior frequência de *feature stories*, ou seja, mais artigos analíticos de conjunturas e mudanças em períodos mais longos de texto, ao contrário da cobertura factual dos urgentes novos eventos principais das *hard news*. Esse segundo grupo de assuntos engloba, na cobertura de Rohter, as notícias de Ciências, Esportes (60% e 67% de *feature stories*, respectivamente), Cultura e Artes (82% e 90% de *feature stories*, respectivamente).

De modo geral, os assuntos que tratam de eventos mais urgentes também são os de maior frequência no noticiário de Rohter, como indicado no Gráfico 5.2.2, que aglutina esses dois grupos de assuntos e apresenta o número de textos totais em cada categoria, além de sua parcela no total da cobertura de Rohter, em porcentagem:

Gráfico 5.2.2. Textos por assuntos, com destaque à cobertura de notícias urgentes.

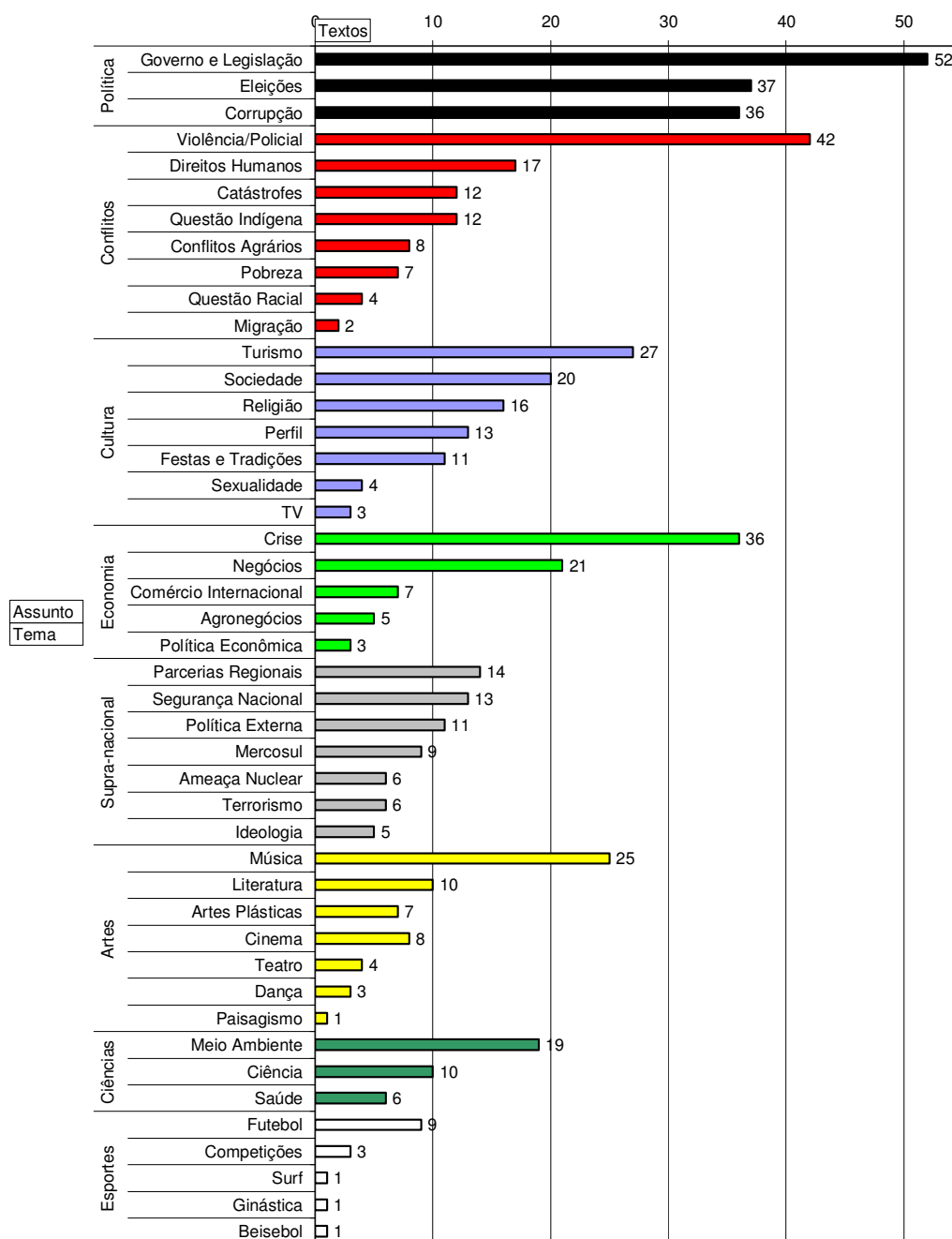


A maior frequência de assuntos que partem de notícias mais urgentes (o grupo de temas marcados em cinza, que detém mais de 60% de frequência de *hard news*) e a própria concentração temática indicam que as notícias brasileiras publicadas no *NYT* ainda seguem o foco principal dos eventos emergentes e dos atos governamentais – que predominam, mas não com exclusividade, dentro das notícias de Política, Economia, Supra-nacionais e Conflitos. O único tema de “*soft news*” (entre o grupo marcado em branco, que detém mais de 60% de *feature stories*) com mais frequência do que outro mais “*hard news*” é Cultura, que ultrapassaria tanto Supra-nacional quanto Economia.

Se considerarmos os temas de cada assunto, como apresentado no Gráfico 5.2.3, essa concentração fica ainda mais evidente com a composição de um noticiário predominantemente sobre atos oficiais ordenadores e transgressores. Considerando todos os assuntos, os cinco temas de maior frequência na cobertura brasileira de Rohter envolvem “Governo e Legislação” (52 textos), “Violência/Policial” (42), “Eleições” (37), “Corrupção” (36) e “Crise” (36), os únicos com mais de 30 artigos cada; a seguir, seriam seguidos por dois temas mais culturais/artísticos, como “Turismo” (27) e “Música” (25).

Esses cinco temas mais frequentes englobam toda a cobertura Política, que também é o assunto mais frequente. Essa predominância jornalística não é uma surpresa, pois, como apontado por Gomes (2003, p. 89), o jornalismo impresso tem uma tendência a priorizar espaço para “atos do governo”, mesmo que de forma crítica.

Gráfico 5.2.3. Textos dedicados a cada tema e assunto.



Ainda assim, essa predominância de atos oficiais vai contra a recomendação do ex-editor internacional e atual editor-chefe do *NYT* Bill Keller, ao afirmar que “correspondentes internacionais deveriam se interessar em sociedades, não somente em Estados” (KELLER apud HANNERZ, 2004, p. 36). Outros dois temas mais frequentes de Economia e Conflitos também envolvem, indiretamente, a ação governamental na tentativa de controle de situações de desvio, transgressão ou crise. Além disso, o sexto e

sétimo temas mais frequentes, Turismo e Música, ainda que mais “sociais”, envolvem muito mais os interesses de consumo cultural do público norte-americano, seja por viagens internacionais, shows nova-iorquinos de artistas brasileiros ou pelos lançamentos de álbuns no mercado fonográfico dos EUA.

Ainda assim, não se pode negar a grande incidência de textos sobre a sociedade brasileira; se comparados com a cobertura de outros correspondentes internacionais, fica evidente o quanto *NYT* privilegia essa temática: enquanto Rohter dedica 17% e 10% de seu noticiário à “Cultura” e às “Artes”, respectivamente, uma pesquisa com nove correspondentes internacionais, de sete periódicos diferentes, mostrou que a média de espaço para esses mesmos temas não superava 7,8% e 2,3%, respectivamente (PAGANOTTI, 2007a, p. 198). Nessa mesma pesquisa, Rohter foi o segundo correspondente com maior média de textos artísticos e culturais (Id., *ibid.*, p. ; 102; 169), o que indica que a sucursal carioca do NYT seguiria, em parte, as recomendações de Keller.

Outro fator que atrai atenção no Gráfico 5.2.3 é a concentração intra-temática, que mostra o predomínio de um tema dentro da maioria dos assuntos; “Futebol” totaliza 60% da cobertura de Esportes, assim como “Meio ambiente” soma 54,2% de Ciência e “Crise”, metade do noticiário econômico. Esses três temas prevalecem em seus grupos por se atrelarem com áreas de interesse e destaque do Brasil internacionalmente: também se aproximam muito de representações sociais e ideários que fundam a base de expectativas e imagens prévias sobre o Brasil, como discutidas no capítulo 4.

Abaixo da linha dos 50% de predominância, temos “Música”, que equivale a 43,1% da cobertura artística brasileira, “Governo e Legislação”, com 41,6% da Política, e “Violência/Policial”, com 40,4% dos Conflitos. Somente dois assuntos não apresentaram concentração significativa e uma divisão mais igualitária entre seus diversos temas: “Turismo” detém somente 28,7% da Cultura, e é seguida de perto por outros temas como “Sociedade”, “Religião”, “Perfil” e “Festas e Tradições”; e “Parcerias Regionais”, com 21,9% dos textos Supra-nacionais, apresenta praticamente o mesmo espaço de “Segurança Nacional”, “Política Externa” e “Mercosul”.

Ordem social, ordenação oficial e rupturas

Seguindo a oscilação entre ordenação ou ruptura que é foco desse capítulo, é possível agrupar os assuntos do Gráfico 5.2.3 em três categorias quanto à relação com processos de estabilização ou desestabilização, tanto social (temática) quanto narrativa (textual). Em primeiro lugar, existe uma *ordem social*, as conjunturas, estruturas e mecanismos próprios do tecido da sociedade, alvo principalmente dos retratos sobre situações que fogem dos holofotes do noticiário urgente e passam pelos temas de Cultura e Artes. Em segundo lugar, há os textos que tratam da *ordenação oficial*, dos

atos que tentam, a partir das operações de grandes instituições, sistematizar, cristalizar e difundir as práticas corriqueiras, além de propor mudanças para os problemas identificados na sociedade; assim, são o foco da maioria das reportagens sobre Política, Economia e Supra-nacional. Por último, existem os processos que desviam dessas duas ordens de estabilidade e estabilização, e podem ser caracterizados como desvios ou *rupturas*, que são representados como ameaças à ordenação das instituições oficiais, pois perturbam e alteram as práticas sociais.

Dois temas precisam ser tratados separadamente, devido a suas especificidades. Em primeiro lugar, os textos sobre Ciência, que englobam também Meio Ambiente e Saúde, podem ser facilmente posicionados entre os assuntos de “ordenação social”, pois tratam tanto de sistemas classificadores/ordenadores, como a própria ciência (e parte das reportagens ambientais com esse viés), ou por sua aproximação com aparatos que tentam cristalizar práticas recomendadas (caso mais próximo da saúde e de outras reportagens ambientais sobre ações governamentais). Porém, nas reportagens de Rohter e de outros jornais, a narrativa não é tão “*hard news*” quanto os outros temas do grupo, exceto em momentos de crise ambiental ou na saúde, quando os aparelhos ordenadores ficam mais claros.

No sentido contrário, o noticiário esportivo envolve uma cobertura quase estritamente “*hard news*”, focando os últimos eventos competitivos, e suas marcas de conflito entre esportistas é bastante demarcada narrativamente. Entretanto, apesar de sua característica narrativa, assim como no caso científico, a aproximação temática e sua função social deve prevalecer em sua classificação, alinhando Esportes como um assunto da “ordem social”, pois trata de eventos planejados e que detém características que se relacionam de forma intrincada com diversos processos sociais de identificação, por exemplo.

Essa classificação se mostra bastante frutífera ao analisar os textos que entrelaçam de forma opositiva/complementar essas três instâncias de ordem social, ordenação oficial e rupturas, como exemplificado na reportagem em que Rohter analisa o desaparecimento do repórter Tim Lopes.

Gang leaders had taken control of the weekend funk dances in the neighborhood, selling drugs openly and forcing young girls to have sex with them. The police had been alerted but had done nothing, so the residents of the slum known as the Favela da Grota turned, like so many others here before them, to the crusading crime reporter Tim Lopes. (...)

It was that report that led residents of the Favela da Grota to place their confidence in Mr. Lopes, himself born in a slum here, instead of the police, who are widely viewed as corrupt and incompetent. The slum dwellers hoped that their plight would be publicized on "Fantástico," a popular Sunday night television program that is a cross between "60 Minutes" and "Inside Edition." (...)

Even more ominously, drug lords are increasingly acting as judge, jury and executioner, a development actually welcomed by some slum residents in the absence of the police. (...)

The new governor of the state of Rio de Janeiro, Benedita da Silva, has promised to put more officers on the streets. But shantytown residents say the main problem is not the number of officers but their unwillingness to confront criminal gangs.¹¹

O trecho apresenta uma introdução que reforça a imagem brasileira de que o tráfico de drogas domina favelas pobres de forma impune, permitido pela incompetência e corrupção policial – diversas das representações sociais mais comuns do Brasil de “sangue” e “lama”. Porém, para além da simples análise das representações sociais que tem sido feita até aqui, é importante avaliar a construção narrativa que nelas se baseia e os enfoques de valorização e crítica. Em primeiro lugar, a “dominação criminosa” do “tráfico” é representada como um fator de desequilíbrio em uma situação de estabilidade pressuposta: imagina-se que o crime não poderia ter esse controle, e que anteriormente a situação não era tão grave. Como sugerido anteriormente, os atores e a ação desencadeadora do desequilíbrio inicial são representados por imagens ativas do Brasil de “sangue”, como “tráfico de drogas” e “crime domina o país”, e estão envolvidas no processo de *ruptura* da ordem.

Entre as vítimas dessa ação, encontram-se os “pobres” moradores das favelas; do lado dos responsáveis por permitir a continuação dessa situação desviante, encontram-se os policiais “incompetentes” e “corruptos”. Essas duas características dos actantes, tanto os vitimados quanto os co-responsabilizados, envolvem papéis passivos e representações do Brasil de “lama” como “pobreza”, “incompetência” e “corrupção”, que fazem parte da *ordem social* brasileira. Porém, essa ordem é criticada como um problema que permite a continuação do cenário desequilibrado, o que traz para a cena o apelo a uma *ordenação oficial* exercida pela denúncia do jornalista vigilante e de um papel mais ativo do governo estadual, instado a agir pelo fim dos desvios.

O texto ainda sugere que os policiais deveriam ser os responsáveis por combater essa situação e retomar a estabilidade por representarem essa *ordenação oficial*, ao invés de agirem como cúmplices do crime por omissão e, assim, permitirem a continuação dos desvios de conduta. Porém, ao apresentar uma instituição ativa e

¹¹ ROHTER, Larry. “Rio Journal; At Your Great Peril, Defy the Lords of the Slums”. *The New York Times*, 28/06/02. Tradução do autor:

Líderes de gangues tinham tomado controle dos bailes de funk dos finais de semana no bairro, vendendo drogas em público e forçando jovens meninas a fazer sexo com eles. A polícia foi alertada mas não fez nada, então os residentes da Favela da Grota apelaram, como tantos outros aqui antes deles, a Tim Lopes, o repórter em uma cruzada contra o crime. (...)

Foi essa reportagem que levou os residentes da Favela da Grota a confiarem em Lopes, ele mesmo nascido em uma favela aqui, ao invés da polícia, que é amplamente vista como corrupta e incompetente. Os moradores da favela esperavam que sua denúncia fosse publicada no “Fantástico”, um programa de domingo à noite popular que mistura o “60 Minutes” e o “Inside Edition”. (...)

Uma ameaça ainda maior, os líderes do tráfico estão cada vez mais agindo como juízes, júri e executores, um evento que até foi bem-recebido pelos residentes na ausência da polícia. (...)

A nova governadora do Estado do Rio de Janeiro, Benedita da Silva, prometeu colocar mais policiais na rua. Mas os residentes das favelas dizem que o maior problema não é o número de policiais, mas sua falta de vontade ao confrontar com as gangues criminosas.

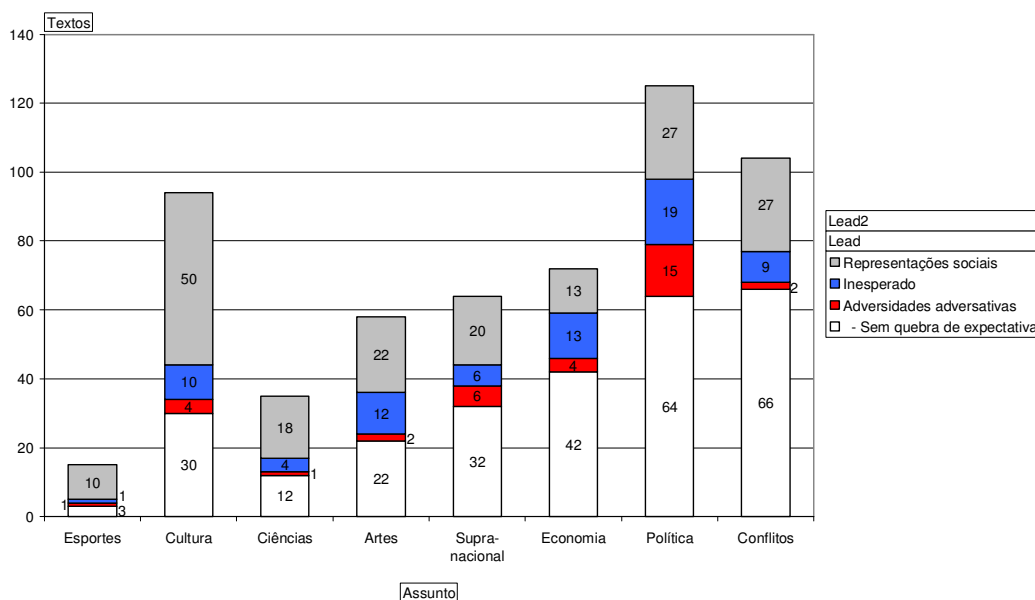
valorizada, como a ordenação, com representações passivas e negativas, como a corrupção e a incompetência, a reportagem sugere que essa saída é impossível. No final, como o herói da história também falha em sua missão de trazer à luz a denúncia sobre casos de estupro de menores e tráfico de drogas em bailes funks, a instância ordenadora permanece em disputa. Assim, reconhece-se a eficácia dos tribunais do crime, um processo de cristalização das normas e apaziguamento de conflitos locais instituído pelo tráfico com certo apoio nas favelas; subentende-se que alguém precisa impor alguma *ordem*, mesmo que ela seja instituída por agentes que *rompem* com um sistema legal que não alcança as periferias.

Esse texto também apresenta uma faceta interessante da própria produção jornalística a partir da sua atuação “vigilante”: representam-se setores da sociedade (a *ordem social*) que clamam pelo combate (*ordenação oficial*) aos desvios (*rupturas*) por meio das denúncias midiáticas. Dessa forma, o jornalismo supera o simples relato desses desvios; seu papel também não é restrito à fiscalização dos poderes públicos, nem sua cobertura se limita ao retrato da sociedade em que vive. A vigilância jornalística também é, ela mesma, um processo de ordenação oficial, visto que tenta reordenar um cenário em convulsão ao posicionar esses eventos como *rupturas*, e não como uma *nova ordem*. Mesmo quando a solução não é possível, como visto no relato acima, a re-inserção do desviante se dá em uma ordem simbólica: alguém viu o que aconteceu, esse evento é representado como um desvio, algo que não deve acontecer ou continuar. Ao perseguir os “focos de instabilidade ou atitudes infratoras a uma ética suposta”, cobrando a “punição às infrações a essa ordem”, (GOMES, 2003, p. 89), o relato jornalístico garante algum *conforto reforçando uma ordenação* ao mostrar que esses eventos *não podem se encaixar na ordem*.

Conflitos: ruptura além das expectativas

Como apontado no final da seção anterior, textos de Rohter que mostram retratos sobre a “sociedade” brasileira por meio de *feature stories* têm uma tendência maior a usar das quebras de expectativa na composição inicial das reportagens, uma estratégia importante para criar interesse para os leitores com simulação de suspense e inesperado, além de partir das pré-concepções e de imagens bastante difundidas. Como a maioria das notícias mais “frias” pode ser englobada em assuntos como Cultura, Artes, Ciências e Esportes (Gráfico 5.2.1), é de se esperar também maior incidência dessa introdução textual nos artigos desses assuntos, como pode ser visto no Gráfico 5.2.4.

Gráfico 5.2.4. Quebra de expectativa no lead por assunto.



O Gráfico 5.2.4 aglutina as representações sociais, contrapondo-as, juntamente com as composições “inesperadas” e “adversativas”, aos textos que não apresentam quebras de expectativa. Com isso é possível perceber que assuntos mais “frios” usam mais quebra de expectativas: 80% dos textos de Esporte, 68,1% dos de Cultura, 65,7% dos de Ciências e 62,1% dos de Artes utilizam-se dessa estratégia, enquanto assuntos mais “quentes” partem menos da contradição entre eventos e pré-concepções como as das representações sociais sobre o Brasil. Considerando a parcela de textos sem quebra de expectativas em cada assunto, “Conflitos” é a categoria menos dependente dessa estratégia textual: mais de 63,5% dos textos sobre esse assunto não partem dessa composição inicial. Também “Política” (51,2% de textos sem quebras de expectativas), Economia (58,3%) e Supra-nacional (50%) iniciam a maioria dos seus textos sem precisar atrair a atenção do leitor a partir da contradição narrativa de uma expectativa marcada nas suas introduções.

Assim, é possível concluir que textos mais dinâmicos, que mostram rupturas (conflitos, desvios) ou posicionamentos contrários (políticos, econômicos, supra-nacionais) dependem menos da construção narrativa artificial de expectativas. O pequeno uso de representações sociais por temas mais “quentes” se deve à menor necessidade de criar interesse na história por meio de uma contradição conceitual entre termos antepostos narrativamente, como ocorre nos artigos mais frios, já analisados no capítulo anterior. Como discutido nas páginas anteriores, os temas “quentes” já apresentam, dentro de seus próprios fatos, conflitos e rupturas implícitas que justifiquem a demarcação de seus relatos como notícias “dignas” para publicar; o desvio já “supõe” uma estabilidade anterior, que não precisa ser narrada nas introduções das reportagens. Assim, o mais comum nas reportagens é construir leads “clássicos”, com o

resumo dos principais elementos narrativos, deixando a composição da sua estrutura a cargo da contraposição dos eventos relatados com expectativas pressupostas:

A senior official in the left-wing government that took power last week has set off a furor here and alarmed neighboring countries by arguing that Brazil, Latin America's largest nation, should acquire the capacity to produce a nuclear weapon.

"Brazil is a country at peace, that has always preserved peace and is a defender of peace, but we need to be prepared, including technologically," Roberto Amaral, the newly appointed minister of science and technology, said in an interview with the Brazilian service of the BBC that was broadcast on Sunday night. "We can't renounce any form of scientific knowledge, whether the genome, DNA or nuclear fission," he added.

Mr. Amaral's remarks, coming as the United States faces a nuclear crisis with North Korea and is preparing for war with Iraq over its weapons programs, has reawakened debate over Brazil's own nuclear energy and research program, the most advanced in Latin America.¹²

Para ser compreendido o “furor” causado pelo desejo brasileiro em deter uma arma atômica, é preciso supor que há um desvio, uma ruptura latente entre esse evento e uma “ordem natural” esperada – nesse caso, a ordem mundial que determina a não-proliferação de armas nucleares entre países como o Brasil, Coreia do Norte e Iraque. O texto até chega a colocar em evidência o pano de fundo que faz com que uma simples declaração de um ministro de uma pasta pouco importante de um país periférico chegue ao noticiário do *NYT*: no contexto de conflitos devido aos “programas de armas” iraquianos e a “crise nuclear” na Coreia do Norte, o Brasil manifestar seus desejos pela capacidade de produzir armas nucleares insere a região em um novo foco de instabilidade; como consequência, a declaração do ministro Roberto Amaral é indiretamente criticada, pelo seu acompanhamento de outros “vilões” nucleares no Oriente Médio e na Ásia. Ainda assim, essa expectativa só fica evidente *após* o relato do evento desestabilizador que origina a reportagem. Não se cria uma expectativa prévia que atrai a atenção para sua quebra, com a erupção de um evento desviante; ela simplesmente justifica a ruptura para os desatentos entre seu público que não a perceberam como evidente em primeiro lugar.

¹² ROHTER, Larry. “Brazil Needs A-Bomb Ability, Aide Says, Setting Off Furor”. *The New York Times*, 09/01/03. Tradução do autor:

Um dos ministros do governo de esquerda que assumiu o poder na semana passada começou um furor aqui e alarmou os países vizinhos ao argumentar que o Brasil, a maior nação da América Latina, deveria adquirir a capacidade para produzir armas nucleares.

“Brasil é um país em paz, que sempre preservou a paz e é um defensor da paz, mas nós precisamos estar preparados, incluindo tecnologicamente”, disse Roberto Amaral, o novo ministro de Ciência e Tecnologia, em uma entrevista publicada pelo serviço da BBC na noite de domingo. “Não podemos renunciar a qualquer forma de conhecimento científico, seja o genoma, DNA ou fissão nuclear”, acrescentou.

Em um momento em que os EUA enfrentam crises nucleares na Coreia do Norte e está se preparando para uma guerra com o Iraque devido ao seu programa de armas, as declarações de Amaral reascenderam um debate sobre o programa nuclear brasileiro de pesquisa e energia, o mais avançado na América Latina

Mesmo quando se “quebra” uma expectativa, em textos conflituosos, isso não significa necessariamente uma inversão do esperado; pode envolver uma complicação surpreendente, ou novas adversidades exageradas. O trecho a seguir exemplifica essa introdução de um artigo que prepara um cenário em que as expectativas já eram ruins (devido às representações da falta de confiança nas instituições locais) e que foram ainda pioradas pelo acúmulo surpreendente de novas imagens negativas:

American missionaries working in Latin America have always had to contend with obstacles, starting with distrustful local churches and governments. But the death of a Baptist missionary and her infant daughter, shot down in Peru on April 20 after their plane was confused with that of drug traffickers, is a sobering reminder that even as the success of their evangelization effort has grown, so have the risks faced by the more than 10,000 American missionaries now in the region.¹³

No trecho, a conjunção adversativa “*but*” [mas] opõe-se à expectativa inicial de problemas mais suaves, como a suposta corrupção ou a incompetência das paróquias e do poder público local – imagens do Brasil de “lama” – ao irromper as severas consequências da insegurança, atrelada à sua relação com o tráfico de drogas – duas imagens do Brasil de “sangue”. O “mas”, nesse trecho, poderia ter sido muito bem substituído por um “mais” / “além” [*in addition to*], ou alguma outra conjunção que demonstrasse um acúmulo, uma nova complicação. Porém, caso fizesse isso, o parágrafo inicial simplesmente pareceria uma continuação lógica e, como tal, apresentaria menos conflito, menos surpresa – e menos valor-notícia, como visto no final do capítulo anterior. O “*but*” está posicionado no texto exatamente para contrapor uma expectativa – o texto deve seguir falando sobre corrupção, lavagem de dinheiro, incompetência ou outro tema que siga o esperado pela primeira frase – com sua quebra, atraindo o interesse do leitor por meio dessa estratégia narrativa, expressa aqui por uma ruptura na continuação esperada da história.

5.3. EQUILÍBRIO POLÍTICO: APARATO DE ORDENAÇÃO NOS CENTROS DE PODER

A preparação de expectativas contrariadas por fatos divergentes também é rara na cobertura política de Rohter. Porém, quando ocorre, apresenta um traço revelador das estratégias narrativas na busca de equilíbrio e isenção por parte do repórter:

¹³ ROHTER, Larry. “The World: Missionaries; On a Frontier Of Danger”. *The New York Times*, 29/04/01. Tradução do autor:

Missionários americanos trabalhando na América Latina sempre tiveram que lutar com obstáculos, começando pela falta de confiança das igrejas e governos locais. Mas a morte de um missionário batista e sua jovem filha, depois que seu avião foi confundido com o de traficantes de drogas e acabou derrubado em Peru no dia 20 de abril, é uma lembrança discreta de que mesmo que o sucesso de sua evangelização tenha crescido, também aumentaram os riscos enfrentados por mais de 10 mil missionários americanos na região.

Early in his political career, when his voice was gruff and his beard and hair were unkempt, Luiz Inácio da Silva sometimes campaigned in a T-shirt that warned, "I'm not in a good mood today."

But as he makes his fourth run to be president of Brazil, the eternal candidate of the leftist Workers' Party now favors elegantly tailored suits and tries hard to smile at audiences.

Whether Mr. da Silva's ideology has also changed is a more complicated matter. He has roiled markets here and abroad as he battles to maintain his current front-runner status until Oct. 6, when the first round of the election will be held.

In recent weeks, the Brazilian currency, the real, has hit one record low after another and the stock market has dived, driven by fears that Mr. da Silva and his party are still firebrand revolutionaries at heart and will govern that way if he becomes president of Latin America's largest country.¹⁴

O ponto de partida pode parecer um detalhe irrelevante em uma corrida eleitoral: a lembrança remota de uma camiseta com uma piada “mal-humorada” usada junto com a barba e os cabelos revoltos, em campanhas passadas, contraposta com os “ternos elegantes” e as tentativas de “sorriso” para as novas platéias. Porém, essa quebra da expectativa inicial, de uma imagem rebelde para o controle e a polidez atual, é retomada em todo o texto – e em quase toda sua cobertura – como uma dicotomia entre aparências e essências, antigo e atual, discurso e prática. Assim, a quebra de expectativa deixa o terreno simplesmente narrativo e entra também na contra-exposição de pontos de vista e na crítica que pondera argumentos e pontos de vista diversos. Em todo o texto, Rohter contrapõe declarações de Lula e sua equipe com visões divergentes de suas fontes ou pela seleção (a partir de sua própria avaliação dos fatos) de eventos que as contradigam:

Yet the causes of the skepticism that so exasperates Mr. da Silva are easy to discern. As the country's leading newsmagazine, *Veja*, pointed out in a recent article, nearly every reformulation of position Mr. da Silva has made in the current campaign "is followed by a qualifier clause" that seems intended to reassure the party's leftist base that he will not betray them. (...) Mr. da Silva, who is 56, now promises that if elected he will do nothing to shake the confidence of investors. But his party is a fractious leftist agglomeration that ranges from an unrepentant Trotskyite faction nicknamed "the Shiites" to a group of European-style Socialists called "the pinks." Its platform demands a "necessary rupture" with Brazil's current economic

¹⁴ ROHTER, Larry. "Skepticism Greets Leftist's Makeover in Brazil". *The New York Times*, 07/07/02.

Tradução do autor:

No começo da sua carreira política, quando sua voz era áspera e sua barba e seu cabelo eram revoltos, Luiz Inácio da Silva às vezes fazia campanha com uma camiseta que alertava: “Eu não estou de bom-humor hoje”.

Mas, enquanto ele tenta sua quarta eleição presidencial brasileira, o eterno candidato do esquerdista Partido dos Trabalhadores agora prefere ternos costurados elegantemente e tenta muito sorrir para o público.

Se a ideologia de Lula também mudou é outra questão mais complicada. Ele já alarmou mercados aqui e lá fora enquanto batalha para manter a liderança até o dia 6 de outubro, quando ocorrerá o primeiro turno das eleições.

Em semanas recentes, o câmbio brasileiro do real tem atingido um recorde negativo atrás do outro e os mercados de ação mergulharam devido aos medos de que Lula e seu partido ainda sejam em essência revolucionários fervorosos e vão governar como tais se ele se tornar presidente do maior país da América Latina.

model, to avoid "subordination to the interests and moods of globalized financial capital." (...)

Not wanting to stray off his message, Mr. da Silva has generally avoided situations in which he might be called upon to clarify contradictions in his platform. Over a 10-month period, he declined more than 20 interview requests from The New York Times. His chief media adviser, José Eduardo Mendonça, also declined to be interviewed.¹⁵

No trecho, Rohter parece não somente concordar com a avaliação da Veja de que quase toda declaração de Lula é “seguida de uma cláusula de ressalva”, mas resolve adotar essa marca em seu próprio discurso: ao longo de todo o texto, cada declaração, ação e opinião de Lula é seguida por alguma conjunção adversativa como os “*buts*” e “*yets*”, marcadas nos textos. Esse paralelismo que rima declarações oficiais com críticas divergentes pode ser interpretado como uma crítica contra o objeto de suas reportagens. Entretanto, essa crítica não foca exclusivamente um ou outro alinhamento político, apesar de predominar em alguns pontos: a sensação que se têm, considerando todo o noticiário de Rohter, é que todos os posicionamentos são alvo de crítica, em um momento ou outro; apesar disso, alguns alvos são mais visados do que outros, e a munção também varia de calibre de acordo com sua vítima.

Para além da coloração partidária, esses dois trechos mostram três dos mais frequentes objetos de crítica e valorização política de Rohter que serão o foco da seção a seguir. Em primeiro plano, estão os objetivos públicos expressos nas *prioridades políticas*, evidenciadas pela suposta valorização das medidas moderadas que “não abalem os mercados”. Em segundo lugar, são avaliados os *métodos* envolvidos na prática de negociação e nas técnicas administrativas do aparato governamental. No trecho, Rohter critica um método imperdoável: para os olhos do jornalista, ao evitar entrevistas, Lula falha em dar “*accountability*”, uma expressão que, como apontado pelo próprio correspondente, sintomaticamente não apresenta uma boa tradução em português¹⁶, e pode significar responsabilidade e transparência pública por atos. O

¹⁵ ROHTER, Larry. “Skepticism Greets Leftist's Makeover in Brazil”. *The New York Times*, 07/07/02. Tradução do autor:

Porém, as causas do ceticismo que enfurecem tanto Lula são fáceis de discernir. Como a Veja, a principal revista do país apontou em um artigo recente, quase toda reformulação de posição que Lula fez na presente campanha “é seguida por uma cláusula de ressalva” que parece procurar reconfortar a base esquerdista do partido de que ele não os trairá. (...)

Lula, 56 anos, agora promete que se for eleito não fará nada para abalar a confiança dos investidores. Mas seu partido é uma aglomeração esquerdista fracionada que varia de uma facção trotskista desavergonhada chamada de “*xiitas*” a um grupo de socialistas que seguem o modelo europeu, chamados de “*rosas*”. Sua plataforma demanda uma “necessária ruptura” com o modelo econômico brasileiro atual, para evitar a “subordinação aos interesses e humores do capital financeiro globalizado”. (...)

Sem querer esmiuçar sua mensagem, Lula tem geralmente evitado situações em que ele teria que responder ou esclarecer contradições em sua plataforma. Em um período de dez meses, ele recusou mais de 20 pedidos de entrevista do *New York Times*. Seu assessor de imprensa, José Eduardo Mendonça, também se recusou a ser entrevistado.

¹⁶ “No single word either in Spanish or Portuguese corresponds exactly to the English-language notion of “*accountability*,” so many of those involved in the movement have simply adopted the English term. In

trecho também apresenta um terceiro objeto de avaliação política mais privada, que envolve a *conduta pessoal* dos líderes políticos; no trecho, a nova polidez de Lula seria um avanço ante a estética e o comportamento rebelde anterior. Essa faceta abriu a dicotomia entre aparências e essências que será tomada, em um sentido diametralmente oposto, na principal contenda política em que Rohter não só se envolveu, mas principalmente causou: a ameaça de expulsão do correspondente, promovida pelo governo Lula, após a denúncia, no *NYT*, da preocupação nacional com os abusos éticos presidenciais, em 2004¹⁷. Entre o espaço público e o privado, o trecho deixa ausente (naquele momento) a crítica dos *desvios da corrupção*, como será avaliada a seguir.

5.3.1. OPOSIÇÃO CONTRADITÓRIA: CRÍTICA DE ATOS PÚBLICOS E CORRUPÇÃO DE FHC A LULA¹⁸

A grande imprensa (seja brasileira ou internacional) sempre apresentou certa hostilidade contra Lula e o PT em campanhas eleitorais nos anos 1980 e 1990 (KUCINSKI, 1998). A principal crítica apresentada pelas reportagens de correspondentes internacionais pode ser sintetizada no trecho abaixo:

Analysts here and on Wall Street fear that if Mr. da Silva is elected, he will renegotiate or even default on Brazil's foreign debt, a stance that his party has endorsed for most of its 20-year history. The analysts also worry that he may abandon other free-market policies, like the privatization of state companies, and fail to fight inflation aggressively. (...) Arguing that he is not to blame for the current turbulence, Mr. da Silva has accused the government of "fomenting speculation to create panic in Brazilian society." He has criticized market analysts for engaging in "economic terrorism," and he has rejected suggestions that he help assuage investors' doubts by clarifying his positions and policies.¹⁹

much the same fashion, tens of thousands of Brazilians marched peacefully in the streets in 1992 with banners imprinted with the English word "impeachment."". ROHTER, Larry. "THE WORLD; The New Latin Scandals Challenge Democracies". *The New York Times*, 22/10/95. Tradução do autor:

Nenhuma palavra em português ou espanhol corresponde exatamente à noção inglesa de "accountability", então muitos dos envolvidos no movimento têm simplesmente adotado o termo em inglês. Da mesma forma, dezenas de milhares de brasileiros marcharam pacificamente nas ruas em 1992 com cartazes que levavam a palavra "impeachment" em inglês.

¹⁷ Esse caso já foi mencionado como exemplo de aplicação metodológica no capítulo 2.2.2 e será retomado aqui para avaliação das suas repercussões no noticiário de Rohter.

¹⁸ Alguns dos trechos discutidos aqui já haviam sido apresentados em outro trabalho prévio (PAGANOTTI, 2007a, p.188-195), porém inédito em publicação e com pontos que não podem ser dissociados da discussão aqui proposta sobre a cobertura política de Rohter. A análise tomada desses fatos, entretanto, segue outro caminho aqui, que não era possível pela limitação de espaço e pelo caráter puramente descritivo da pesquisa exploratória anterior.

¹⁹ ROHTER, Larry. "Brazil Tries to Fight 'Wave of Anxiety' on Economy". *The New York Times*. 14/07/2002. Tradução do autor:

Analistas aqui e em Wall Street temem que, se Lula for eleito, ele renegociará ou até mesmo dará um calote na dívida externa, uma tática que seu partido endossou pela maioria dos seus 20 anos de história. Os analistas também temem que ele possa abandonar outras políticas de liberalização de mercados, como a privatização de companhias estatais, e falhe no combate agressivo contra a inflação. (...) Argumentando que ele não pode ser culpado pela turbulência atual, Lula tem acusado o governo de "fomentar especulações para criar pânico na sociedade brasileira". Ele criticou analistas do mercado

O ponto de partida das expectativas sobre a campanha mostra a visão sobre o que seria uma política econômica responsável. As medidas políticas que necessitam de maior “clareza” para assegurar investidores envolvem a continuidade do mesmo receituário liberal das privatizações, abertura de mercados e pagamento das dívidas, como já discutido no quarto capítulo. Esse é um dos fatores que justifica a importância da campanha presidencial de 2002 dentro da cobertura de Rohter sobre a busca do poder político: é a primeira campanha majoritária brasileira que o correspondente acompanhou pelo *NYT* como chefe de sucursal carioca, e também a que mais atraiu interesse e debate, considerando-se o grande espaço dedicado pelo diário a essa eleição. Entre as 37 reportagens sobre eleições publicadas entre 1989 e 2006 (última campanha com cobertura de Rohter), as eleições de 2002 apresentaram 23 textos (62,1%), ante somente 10 artigos em 2006.

Apesar de partir das premissas desejadas pelos investidores, de modo geral, a cobertura da campanha de 2002 nas páginas do *NYT* foi mais favorável a Lula, exatamente em reprisar suas promessas de que essas políticas não seriam alteradas de forma substancial. A fórmula de representação da candidatura petista aproximou-se também das receitas de austeridade exigidas pelos investidores, ao mostrar que a ideologia do principal candidato agora seguia uma nova dieta com a imagem do “*Lula Lite*” (versão norte-americana para o estrangeirismo brasileiro “*light*”): os eleitores podiam não confiar em Lula antes, mas agora o candidato havia mudado o discurso e podia conseguir o apoio da maioria cansada do continuísmo e que deseja crescimento²⁰.

A moderação das “*leftists positions*”²¹ [posições de esquerda] do candidato petista também aparece em texto sobre o alerta de FHC para o risco da eleição de um “*incompetent president*” [presidente incompetente]. Em contraposição, Rohter

por realizarem “terrorismo econômico”, e tem rejeitado sugestões para assegurar dúvidas de investidores ao esclarecer suas posições e políticas.

²⁰ Como já visto no exemplo individual analisado anteriormente, Rohter tenta explicar o fenômeno social do apoio à Lula: “*In each of Brazil's last two presidential elections, Ana Paula Borges voted for the government's candidate, swayed by promises of growth and stability. But after an eight-year experiment with free-market capitalism, the Brazilian economy has stalled, unemployment is climbing, the value of the national currency is sliding, and she is fed up. As a schoolteacher, mother of two and wife of a rancher, Mrs. Borges, 32, is the kind of middle-of-the-road voter whose support José Serra, candidate of the ruling coalition, must have if he is to win. But on Sunday, she said, she intends to cast her ballot for Luiz Inácio Lula da Silva of the left-wing Workers' Party.*” ROHTER, Larry. “In Free-Market Slump, Brazil's Voters Look for Change”. *The New York Times*, 06/10/2002. Tradução do autor:

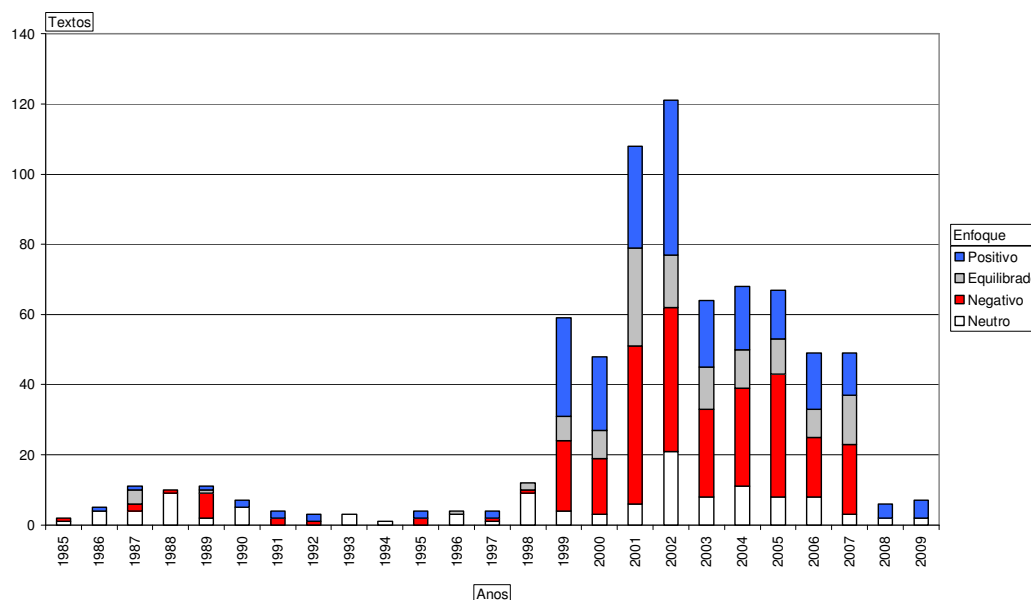
“Em cada uma das últimas duas eleições presidenciais brasileiras, Ana Paula Borges votou no candidato do governo, dominada pelas promessas de crescimento e estabilidade. Mas após uma experiência de oito anos com o capitalismo de mercado livre, a economia brasileira está empacada, o desemprego cresce, o valor de câmbio da moeda nacional despenca, e ela está cansada disso. Como uma professora, mãe de dois e esposa de um fazendeiro, Borges, 32, é o tipo de eleitor em cima do muro cujo apoio José Serra, candidato da coalizão governante, precisa ter se pretende vencer. Mas no domingo, ela disse, ela pretende votar em Luiz Inácio Lula da Silva do esquerdista Partido dos Trabalhadores.”

²¹ ROHTER, Larry. “A Leftist Surges in Brazil's Turbulent Presidential Election”. *The New York Times*, 17/05/2002.

menciona o aval da embaixadora americana Donna Hrinak, para quem a ascensão de Lula do cargo de torneiro mecânico até a cadeira presidencial personifica o “*American dream*”²² [sonho americano] – o que, aparentemente, deveria ser mais do que suficiente para acalmar as inseguranças do público do jornal nos EUA sobre o futuro líder latino-americano.

No final do primeiro turno da eleição de 2002, o *NYT* frequentemente deu mais espaço e prioridade para a opinião do eleitor (especialmente o que pretendia votar em Lula) ante a preferência do mercado por Serra²³. Entre os dois candidatos no segundo turno, Lula foi o único a receber um perfil individual – que, além disso, era majoritariamente positivo²⁴. No segundo turno, o enfoque fica ainda mais positivo para Lula e mais negativo para Serra, cuja “*campaign has never caught fire, in part because Mr. Serra is an uninspiring public speaker*”²⁵ [“a campanha nunca pegou, em parte porque Serra não é um orador inspirador”], ou seja, se faltava a Lula o domínio da administração pública, era falho em Serra a técnica da fala pública acalorada para atrair eleitores, uma comparação evidenciada pelas diferenças marcadas entre os dois candidatos nesses quesitos.

Gráfico 5.3.1. Enfoque (positivo ou negativo) por anos.



²² ROHTER, Larry. “Skepticism Greets Leftist’s Makeover in Brazil”. *The New York Times*, 07/07/02.

²³ ROHTER, Larry. “Leftist candidate takes a firm lead in brazil election”. *The New York Times*, 07/10/2002.

²⁴ ROHTER, Larry. “Man in the News; Workingman President, Maybe -- Luiz Inácio Lula da Silva”. *The New York Times*, 08/10/2002.

²⁵ ROHTER, Larry. “In Brazil Runoff, the Straggler Labors On Against Huge Odds”. *The New York Times*, 19/10/2002.

Os anos que antecedem e seguem a eleição de Lula, em 2002, são dominados por uma marcante negatividade no noticiário de Rohter, como pode ser analisado no Gráfico 5.3.1. Não por acaso, os anos que antecederam a eleição de Lula também são os com maior frequência de textos sobre o Brasil na cobertura do NYT – ainda mais se considerar-se que o noticiário internacional, no período, sofria de competição elevada com os conflitos no Oriente Médio que se seguiram aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Parte dessa negatividade está diretamente atrelada às ansiedades econômicas que anteviam o caos com a chegada petista ao poder; porém, como já esboçado no capítulo anterior, outra parcela dessa condenação envolvia as próprias limitações das políticas que Lula era instado a seguir, a partir da crítica das limitações do governo FHC.

Como apontado por Rancière, a democracia é o governo dos demos, do povo sem títulos, dos pobres economicamente e simbolicamente, ou seja, “governam especificamente os que não têm nenhum título para governar”, pois “o poder não pertence ao nascimento ou à sabedoria, à riqueza ou à antiguidade” (RANCIÈRE, 1996, p. 370). A vitória de Lula poderia ser um sinal que comprova essa frase. Apesar disso, a cobertura sobre a eleição de 2002 nas páginas do diário norte-americano – assim como na imprensa brasileira – sugere que um título de aprovação era necessário para o governo: a aprovação do “mercado financeiro”, representada pelo prosseguimento das recomendações internacionais de acordo com o ideário liberal.

“The honeymoon is over”²⁶: críticas às prioridades, métodos, corrupção e conduta pessoal de Lula

Desde o apontamento do novo ministério de Lula²⁷, Rother já começava a aumentar a tonalidade negativa da cobertura sobre o governo brasileiro. A notícia da vitória presidencial petista já trazia uma semente de discórdia na avaliação de que o PT “has been a consistent critic of the United States and the values it espouses, and has promised to reduce what it calls Brazil's economic and political ‘subservience’ to foreign interests”²⁸, posicionando, assim, o novo governo eleito de forma contrária aos “valores” norte-americanos que o *NYT* metonimicamente também representa.

Ainda assim a posse foi retratada positivamente como uma catarse festiva que refletia também o posicionamento de diversos outros meios de comunicação, em outros

²⁶ ROHTER, Larry. “Brazil's Leader Angers His Old Allies”. *The New York Times*. 23/03/2003. Tradução do autor: “A lua-de-mel acabou”.

²⁷ ROHTER, Larry. “Brazil's New Cabinet Offers Surprises, and Draws Criticism”. *The New York Times*. 22/12/2002.

²⁸ ROHTER, Larry. “Leftist Handily Wins Brazilian Presidential Race”. *The New York Times*. 28/10/2002. Tradução do autor: “tem sido um crítico consistente dos EUA e dos valores que representa, e tem prometido reduzir o que chama de ‘subserviência’ da economia e política brasileira perante interesses estrangeiros”.

momentos mais críticos aos posicionamentos de Lula: “*the vast esplanade in front of the congress building where Mr. da Silva took his oath looked like a giant tail-gate party, with tens of thousands of the new president's supporters gathering to sing, dance, eat and drink*”²⁹.

Mas a primeira saraivada contra o novo governo não demorou muito. No final de março, alguns textos já começavam a esboçar a decepção com as **prioridades** do governo, as promessas de campanha abandonadas e a mudança de posicionamentos anteriores, principalmente na questão ambiental³⁰ e na já criticada busca brasileira por “armamentos nucleares”³¹. Paradoxalmente, ao adotar o mesmo receituário de austeridade econômica que lhe era exigido quando candidato, Lula sofre severas críticas de Rohter:

In a move to placate the International Monetary Fund, which he had fiercely attacked while a candidate, his government has also unilaterally ordered a multibillion-dollar increase in its budget surplus. That has forced Mr. da Silva to shelve, at least temporarily, the ambitious social programs he promised, leaving him little more than a modest Zero Hunger plan, which remains stalled.³²

O trecho mostra a mesma contraposição entre ideologias anteriores e a atitude atual, porém invertida; o trecho pode deixar espaço até para supor que, na avaliação de Rohter, faltava a Lula mais ousadia para romper com as amarras do FMI e conseguir fazer andar os programas sociais. O combate à fome era também alvo de críticas pela incompetência do governo em acelerar o início do programa “modesto” e “estagnado” em trechos como este, mesclando a estrutura narrativa de quebra de expectativa com a contraposição de promessas e ações:

The day after he was elected president of Brazil, Luiz Inácio Lula da Silva announced that his administration's top priority would be to guarantee that every Brazilian could eat three meals a day. But five months after he warned that "the hungry are in a hurry" and promised immediate help, his "Zero Hunger" program has generated more controversy than results. (...) Popular support for the program is indeed remarkably strong, with affluent neighborhoods organizing gift campaigns and large companies offering free advertising, phone lines and other services. But when newspapers recently

²⁹ ROHTER, Larry. “A Leftist Takes Over in Brazil and Pledges a 'New Path'”. *The New York Times*. 02/01/2003. Tradução do autor: “a vasta esplanada em frente ao Congresso onde Lula fez seu juramento parecia uma festa gigantesca, com dezenas de milhares de apoiadores do novo presidente, reunidos para cantar, dançar, comer e beber”.

³⁰ ROHTER, Larry. “Brazil's Leader Angers His Old Allies”. *The New York Times*. 23/03/2003.

³¹ ROHTER, Larry. “Brazil Needs A-Bomb Ability, Aide Says, Setting Off Furor”. *The New York Times*, 09/01/03.

³² ROHTER, Larry. “Brazil's Leader Angers His Old Allies”. *The New York Times*. 23/03/2003. Tradução do autor:

Em um movimento para aplacar o Fundo Monetário Internacional, que ele tinha atacado ferrenhamente enquanto era candidato, seu governo também ordenou um aumento unilateral e multibilionário no superávit primário. Isso forçou Lula a arquivar, ao menos temporariamente, o ambiciosos programas sociais prometidos, deixando pouco mais do que o modesto plano do Fome Zero, que continua atrasado.

reported that a \$15,000 check that the Brazilian model Gisele Bündchen donated after appearing in a January fashion show had not yet been cashed, the program came under attack.

"Bureaucracy 10, Hunger 0" read one headline. Another daily titled its report "Amateurism 1, Hunger 0."³³

Esse trecho antevê o segundo grupo de críticas apresentadas por Rohter sobre os **métodos** do governo petista. Repercutindo a agenda dos jornais e revistas nacionais, Rohter usa termos fortes como “*limited administrative experience*”, “*confusion and immobility, as thousands of posts have been filled with party loyalists*”, “*complaints of delayed and inefficient services are multiplying*” e até mesmo “*administrative incompetence*”³⁴, reproduzindo uma visão crítica da “incompetência” bastante comum no imaginário sobre o Brasil.

A terceira carga de críticas de Rohter contra o governo envolve as denúncias de **corrupção** – um tema recorrente na cobertura política do *NYT* – na prefeitura de Santo André³⁵ e contra o assessor Waldomiro Diniz³⁶. Segundo a própria avaliação de Rohter, as denúncias de corrupção em prefeituras petistas do Estado de São Paulo teriam motivado a posterior ameaça de expulsão:

Na verdade, eu não tinha nem tempo nem intenção de seguir as informações chocantes que tinham surgido do caso Celso Daniel. Meus editores em Nova York tinham uma longa lista de outras coisas que queriam que eu fizesse, e, além disso, essa é uma tarefa que cabe mais propriamente à imprensa brasileira. Mas o PT não sabia disso, e temia o pior. Eu tinha me tornado muito mais que uma pedra no sapato deles, atrapalhando, com minhas matérias críticas, os planos para aumentar o prestígio de Lula no cenário internacional. Portanto, eles queriam se livrar de mim.

Não demorou muito para a oportunidade surgir. (ROHTER, 2008, p. 175)

Posteriormente, Rohter retoma a crítica da corrupção ao repercutir as denúncias do mensalão como “*the biggest, most audacious corruption scandal in his country's*

³³ ROHTER, Larry. “Brazil's War on Hunger Off to a Slow Start”. *The New York Times*. 30/3/2003.

Tradução do autor:

No dia seguinte em que foi eleito presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva anunciou que a maior prioridade de sua administração seria garantir que todo brasileiro poderia comer três refeições por dia. Mas cinco meses depois de alertar que “os famintos têm pressa” e prometer ajuda imediata, seu programa “Fome Zero” gerou mais controvérsia do que resultados. (...)

O apoio popular ao programa realmente está marcadamente forte, com bairros de elite organizando campanhas de presentes e grandes companhias oferecendo publicidade gratuita, linhas telefônicas e outros serviços. Mas quando os jornais recentemente reportaram que um cheque de US\$ 15 mil que a modelo brasileira Gisele Bündchen doou após aparecer em um desfile de moda em janeiro ainda não havia sido depositado, o programa passou a ser atacado. “Burocracia 10, Fome 0”, dizia uma manchete. Outro diário tituló sua reportagem como “Amadorismo 1, Fome 0”.

³⁴ ROHTER, Larry. “Inexperience Catches Up With Brazilian Appointees”. *The New York Times*. 30/11/2003. Tradução do autor: “limitada experiência administrativa”; “confusão e imobilidade enquanto milhares de cargos foram preenchidos por partidários”; “reclamações de serviços atrasados ou ineficientes estão se multiplicando”; “incompetência administrativa”.

³⁵ ROHTER, Larry. “Corruption Accusations Rise From Brazil Mayor's Death”. *The New York Times*. 01/02/2004.

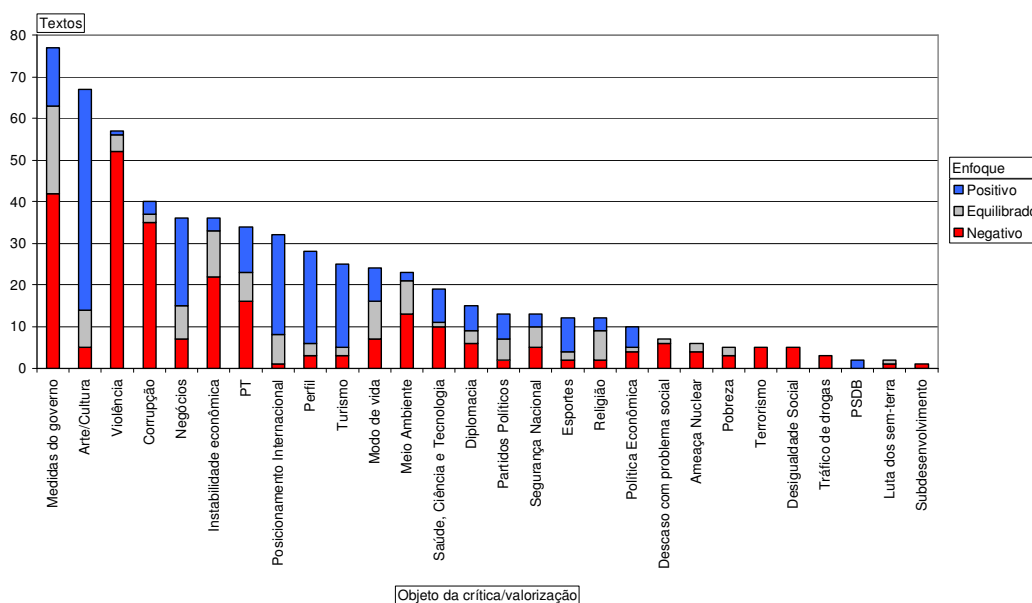
³⁶ ROHTER, Larry. “Brazil Party Is Threatened By Videotape Showing Graft”. *The New York Times*. 16/02/2004.

history”³⁷. O correspondente menciona os processos de *impeachment* de Lula, iniciados pela oposição, e classifica o PT como “*corruption-ridden governing party*”³⁸.

Em análise posterior, o próprio correspondente afirma que talvez a corrupção no Brasil não tenha aumentado tanto na última década; o que certamente cresceu foi a transparência do governo, a fiscalização das outras esferas públicas (como o judiciário, o legislativo e até mesmo a imprensa) e a publicidade dos casos (ROHTER, 2008, p. 150). O que cresceu, sugere, foi a visibilidade pública dos espúrios negócios privados com o bem público.

Certamente, nas páginas do NYT essa avaliação procede. O Gráfico 5.3.2 mostra os principais objetos de crítica e valorização no noticiário de Rohter, considerando o enfoque positivou ou negativo mais frequentes para cada caso.

Gráfico 5.3.2. Objeto de crítica/valorização e enfoque positivo/negativo.



Do lado oposto aos orgulhos nacionais nas artes, na cultura, nos negócios, esportes, no turismo e no posicionamento internacional, entre os temas brasileiros mais criticados, encontram-se a violência, a instabilidade econômica, a corrupção e as medidas do governo: no último caso, deve-se a uma deficiência na *ordenação oficial*, conforme apresentado anteriormente; nos outros três, devido a *desvios* decorrentes de conflitos, crises econômicas ou das próprias práticas políticas.

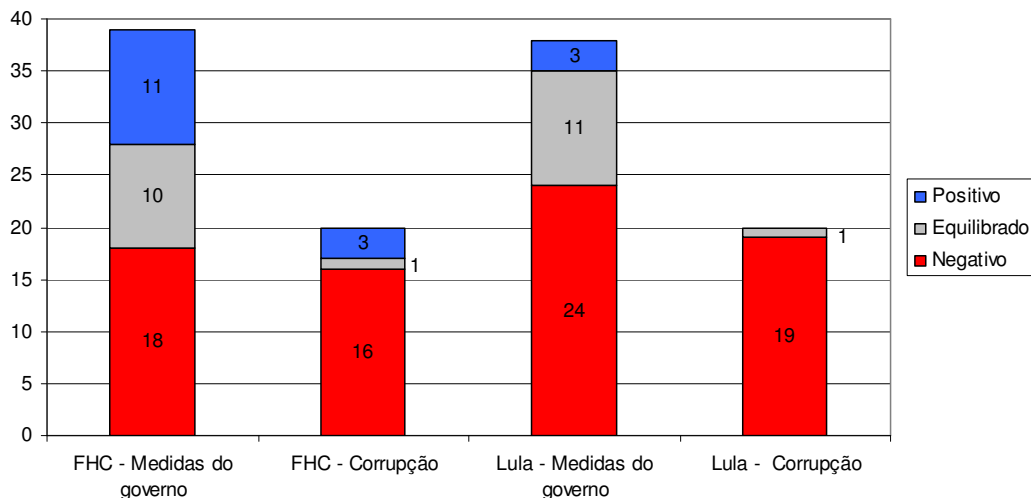
Assim, a crítica de métodos e prioridades políticas encaixa-se na censura de “medidas do governo” e de outros campeões da vergonha, como o “descaso com problemas sociais”. Entretanto, problemas com métodos, prioridades políticas ou casos

³⁷ ROHTER, Larry. “Unending Graft Is Threatening Latin America”. *The New York Times*. 30/07/2005. Tradução do autor: “o maior e mais audacioso escândalo de corrupção na história do país”.

³⁸ ROHTER, Larry. “Aide to Brazil Leader Admits Party Used Illegal Financing”. *The New York Times*. 13/05/2005. Tradução do autor: “partido governista corrupto”.

de corrupção não eram frequentes somente no noticiário de Rohter sobre Lula. Em medida muito próxima, também eram os mesmos problemas apontados na gestão anterior de FHC, como sinalizado no Gráfico 5.3.3.

Gráfico 5.3.3. Enfoque sobre corrupção e medidas de governo de FHC e Lula.



Chega a ser surpreendente como se aproxima o espaço dado à avaliação de medidas governamentais e casos de corrupção nos dois governos, a partir da quantidade similar de textos sobre cada tema. Entretanto, na comparação qualitativa, há uma ligeira desproporção de críticas mais frequentes e ferrenhas contra o governo Lula, enquanto os anos FHC recebiam mais textos positivos, inclusive no elogio do combate à corrupção.

The mounting sense of disappointment has settled in, and may stay until next year's national elections. The despair contrasts with the social and economic gains registered during President Fernando Henrique Cardoso's first term. Between 1995 and 1999, annual inflation was brought down from four digits to one, and Mr. Cardoso's prestige allowed Brazil to speak with a more confident voice on the world stage.³⁹

No penúltimo ano de seu governo, o trecho mostra um balanço positivo de FHC que permitiu “ganhos sociais e econômicos” como o controle da inflação e maior prestígio internacional, como se o “desapontamento” com os problemas brasileiros no começo do novo milênio parecessem não se fundamentar. Além disso, enquanto a crítica de Rohter contra a administração petista frequentemente era endereçada ao próprio Lula, como visto nos exemplos anteriores, os problemas do governo tucano envolviam indiretamente FHC. Em alguns casos, o correspondente se apressa a

³⁹ ROHTER, Larry. “Energy Crisis Is Just One More Thing for Brazil”. *The New York Times*, 01/07/01. Tradução do autor:

A crescente sensação de desapontamento chegou, e deve ficar até as eleições nacionais do ano que vem. O desespero contrasta com os ganhos sociais e econômicos registrados durante o primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso. Entre 1995 e 1999, a inflação anual caiu de quatro dígitos para um, e o prestígio de FHC permitiu que o Brasil falasse com uma voz mais confiante no cenário mundial.

desmerecer as denúncias, ou a apontar que a *conduta pessoal* do ex-presidente funcionaria como garantias de “retidão”:

Indeed, nearly everything about the documents seems to indicate they are fraudulent. Though officials in the Bahamas have confirmed the existence of the company named in the correspondence, questions have arisen about the authenticity of signatures, and the letters contain misspellings and very awkward syntax, as if written by someone whose native language is not English. For that reason, press accounts here have been openly skeptical about the effort to make Mr. Cardoso, who has a reputation for personal rectitude, look like the Brazilian equivalent of Carlos Salinas de Gortari of Mexico.⁴⁰

A valorização do caráter e das atitudes privadas de líderes políticos, além do descarte prévio das denúncias consideradas fraudulentas ou inverossímeis, garantiria a imunidade de FHC no noticiário de Rohter. Esse tratamento pessoal privilegiado, entretanto, não seria suficiente no caso de Lula. Muito pelo contrário, em 2005, Rohter faz críticas à esfera pessoal de Lula ao criticar suas dificuldades em lutar contra o sobrepeso na polêmica reportagem em que a foto de uma turista tcheca ilustra texto sobre a obesidade no Brasil⁴¹. Antes disso, outra reportagem já havia demonstrado a reprovação de Rohter à esfera privada de Lula, o que acabou atraindo, em uma infeliz reciprocidade, a atenção de Lula e a condenação das condutas do correspondente norte-americano.

5.3.2. GOTA D'ÁGUA: “BEBEDEIRA” E AMEAÇA DE EXPULSÃO

Como não poderia deixar de ser, a introdução do texto “*Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern*”⁴², a reportagem mais famigerada de Rohter, também segue a familiar estrutura de oposição entre termos, disfarçando o desenvolvimento e a quebra de uma expectativa narrativa por meio de um “*but*” que mascara uma adição como uma oposição adversativa:

⁴⁰ ROHTER, Larry. “Brazil Preoccupied With Mystery Tapes”. *The New York Times*, 19/11/98. Tradução do autor:

Certamente, quase tudo sobre os documentos parece indicar que eles são fraudulentos. Ainda que autoridades nas Bahamas tenham confirmado a existência da companhia nomeada na correspondência, dúvidas foram levantadas sobre a autenticidade das assinaturas, e as cartas contém erros de ortografia e sintaxe muito estranha, como se escritas por alguém cuja língua materna não fosse o inglês. Por essa razão, a imprensa aqui tem sido abertamente cética sobre o esforço em retratar FHC, que tem uma reputação de retidão pessoal, parecer como o equivalente brasileiro de Carlos Salinas de Gortari do México.

⁴¹ ROHTER, Larry. “Beaches for the Svelte, Where the Calories Are Showing”. *The New York Times*. 13/01/2005. Como já lembrado, Rohter atribui ao fotógrafo o erro na atribuição da nacionalidade das turistas retratadas (ROHTER, 2008, p. 126).

⁴² ROHTER, Larry. “Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern”. *The New York Times*. 09/04/2004. Tradução (*Folha de S. Paulo*, 09/05/04): “Hábito de bebericar do presidente vira preocupação nacional”. Todos os trechos a seguir que se referem a essa reportagem trazem a tradução publicada pelo diário paulistano.

Luiz Inácio Lula da Silva has never hidden his fondness for a glass of beer, a shot of whiskey or, even better, a slug of cachaça, Brazil's potent sugar-cane liquor. But some of his countrymen have begun wondering if their president's predilection for strong drink is affecting his performance in office.

In recent months, Mr. da Silva's left-leaning government has been assailed by one crisis after another, ranging from a corruption scandal to the failure of crucial social programs. The president has often stayed out of the public eye and left his advisers to do most of the heavy lifting. That has spurred speculation that his apparent disengagement and passivity may somehow be related to his appetite for alcohol. His supporters, however, deny reports of heavy drinking.⁴³

A apresentação segue, também, alguns dos estereótipos e elementos comuns ao imaginário brasileiro, como a cachaça, além de representações sociais já classificadas anteriormente, como a “corrupção” e a “incompetência” inerente à falha dos programas sociais e o efeito da bebida na “performance” de Lula como presidente. Também lembra elementos como o da “mandragem”, ao mostrar como o presidente usa seus assessores para fazer o “trabalho pesado” no seu lugar. Ou seja, desde os dois primeiros parágrafos, as expectativas prévias sobre algumas das piores imagens brasileiras, amplamente divulgadas internacionalmente, já são colocadas para facilitar o reconhecimento de seu público estrangeiro, intermediando a absorção desse evento específico por meio do eco de outras ideias pré-concebidas.

A argumentação, altamente especulativa, baseia-se nos problemas que já haviam sido foco do noticiário de Rohter nos meses que antecederam essa nova reportagem, como discutido no capítulo anterior.

A maior fraqueza da elaboração dessa reportagem envolve as declarações indiretas [em *off*] em que se baseia o texto, ao lado da sua motivação incerta; o texto não deixa muito claro um “fato” palpável que justifique sua publicação nesse momento, ou seja, qual é a sua atualidade⁴⁴. Sua apuração é construída em poucas fontes na mídia, como

⁴³ Id., *ibid.*

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva nunca escondeu sua inclinação por um copo de cerveja, uma dose de uísque ou, melhor ainda, um copinho de cachaça, o potente destilado brasileiro feito de cana-de-açúcar. Mas alguns de seus conterrâneos começam a se perguntar se sua preferência por bebidas fortes não está afetando sua performance no cargo.

Nos últimos meses, o governo esquerdista de Da Silva tem sido assaltado por uma crise depois da outra, de escândalos de corrupção ao fracasso de programas sociais cruciais.

O presidente tem ficado longe do alcance público nesses casos e tem deixado seus assessores encarregarem-se da maior parte do levantamento de peso. Essa atitude tem levantado especulação sobre se o seu aparente desengajamento e passividade podem de alguma forma estar relacionados a seu apetite por álcool. Seus apoiadores, entretanto, negam as acusações de excesso de bebida.

⁴⁴ Posteriormente, Rohter apontou uma coluna de Miriam Leitão, no *Globo*, mencionando gafes de Lula com o abuso de uísque, como o gatilho da publicação de sua reportagem (ROHTER, 2008, p.179). Entretanto, o correspondente já apurava os abusos de Lula, entrevistando mais de “vinte fontes” que não autorizaram a divulgação de seus nomes (Id., *ibid.*, p.178), depois que “um ex-presidente” não identificado afirmou para “dois amigos” brasileiros de Rohter sua preocupação de que “Lula anda bebendo de novo” (Id., *ibid.*, p.177). O correspondente também apontou que, meses depois da polêmica publicação, um “membro do Congresso” agradeceu a matéria: “graças à tua matéria, ficou mais fácil de dar uma controlada nele. Agora ele sabe que está sempre sendo observado”. (ROHTER, 200, p.192)

Diogo Mainardi, da *Veja*, o blogueiro Cláudio Humberto, reatos de gafes suspeitas, piadas populares e uma declaração de Leonel Brizola para embasar a visão de que a passividade de Lula e as crises que seu governo enfrentava podem “talvez ser relacionadas” ao álcool:

Leonel Brizola (...) now worries that the president is “destroying the neurons in his brain.” “When I was Lula’s vice-presidential candidate, he drank a lot,” Mr. Brizola, now a critic of the government, said in a recent speech. “I alerted him that distilled beverages are dangerous. But he didn’t listen to me, and according to what is said, continues to drink.” During an interview in Rio de Janeiro in mid-April, Mr. Brizola elaborated on the concerns he expressed to Mr. da Silva and which he said went unheeded. “I told him ‘Lula, I’m your friend and comrade, and you’ve got to get hold of this thing and control it,’” he recalled.⁴⁵

Baseado no que é dito [*what is said*] e nas fotos em que é retratado como “*bleary-eyed or ruddy-faced*”, o correspondente não pode *justificar* seu relato com provas e declarações de outras fontes, visto que nenhum dos entrevistados além de Brizola permitiu a divulgação de seus nomes, e o Planalto se recusava a comentar o caso. Rohter tenta, na falta de maiores justificativas, marcar uma *explicação* das raízes da bebedeira na trajetória pessoal de Lula e na história brasileira:

Mr. da Silva, a 58-year-old former lathe operator, has shown himself to be a man of strong appetites and impulses, which contributes to his popular appeal. With a mixture of sympathy and amusement, Brazilians have watched his efforts to try not to smoke in public, his flirtations at public events with attractive actresses and his continuing battle to avoid the fatty foods that made his weight balloon shortly after he took office in January 2003. (...)

Historically, Brazilians have reason to be concerned at any sign of heavy drinking by their presidents. Jânio Quadros, elected in 1960, was a notorious tippler who once boasted, “I drink because it’s liquid”; his unexpected resignation, after less than a year in office during what was reported to be a marathon binge, initiated a period of political instability that led to a coup in 1964 and 20 years of a harsh military dictatorship. (...)

Mr. da Silva was born into a poor family in one of the country’s poorest states and spent years leading labor unions, a famously hard-drinking environment. Brazilian press accounts have repeatedly described the president’s father, Aristides, whom he barely knew and who died in 1978, as an alcoholic who abused his children.⁴⁶

⁴⁵ Id., *ibid.*

Leonel Brizola (...) agora está preocupado que o presidente esteja “destruindo os neurônios de seu cérebro”. “Quando eu fui candidato a vice-presidente de Lula, ele bebia muito”, disse Brizola, agora um crítico do governo, em um discurso recente. “Eu o avisei que bebidas destiladas são perigosas. Mas ele não me escutou e, de acordo com que estão dizendo, continua a beber.”

Durante uma entrevista no Rio de Janeiro em meados de abril, Brizola argumentou sobre a preocupação que ele havia expressado a Da Silva e que o que ele dissera ter sido desconsiderado. “Eu disse a ele: “Lula, eu sou seu amigo e camarada, e você precisa controlar isso”, ele lembra.

⁴⁶ Id., *ibid.*

Da Silva, um metalúrgico de 58 anos, mostrou ser um homem de apetites e impulsos fortes, o que contribuiu para seu apelo popular. Com um misto de compaixão e simpatia, os brasileiros têm assistido a seus esforços para não fumar em público, a seus flertes com atrizes em eventos públicos e à sua batalha contínua para evitar comidas gordurosas - que fizeram seu peso aumentar muito em pouco tempo desde que assumiu o cargo em janeiro de 2003. (...)

Em primeiro lugar, os hábitos alcoólicos de Lula seriam explicados – porém não justificados – pela sua origem humilde que reflete, mais uma vez, o imaginário sobre o Brasil da “pobreza”. Como um reflexo hereditário do vício de seu pai abusivo, o determinismo do seu berço foi reforçado, posteriormente, pelo convívio sindical em um “ambiente famoso pelo abuso de bebidas”. Em segundo lugar, a reportagem também ecoa imagens de excessos “exóticos” que mesclam “simpatia e interesse” e lembram muito dos “impulsos e apetites” pelos abusos carnais “carnavalescos” bakhtinianos (BAKHTIN, 2008, p. 171-236), assim como o “flerte público com atrizes atraentes” retoma indiretamente a imagem da “sensualidade” ao qual Lula sucumbiria tanto como (ou devido) ao álcool.

A última contextualização apresenta as origens históricas do problema no Brasil, mostrando que a questão tem verossimilhança e que os ecos passados justificam o receio atual, visto que os 20 anos de ditadura militar seriam direta consequência, como apresentado no texto, de uma maratona de bebedeira de Jânio.

Aparentemente, nem uma possível falta de veracidade desclassificaria a notícia, visto que o comentário é justificado pela sua própria suspeita: “*whether or not Mr. da Silva really has a drinking problem, the issue has seeped into the public consciousness and become the subject of gibes*”⁴⁷.

Provavelmente um dos caminhos mais férteis para criticar a reportagem de Rohter já está sugerido no próprio artigo publicado pelo correspondente. Além de posicionar a visão oficial do porta-voz presidencial de que as especulações resultavam de “*a mixture of prejudice, misinformation and bad faith*” [uma mistura de preconceito, falta de informações e má-fé], Rohter aponta uma defesa de Lula a partir da fala de alguns de seus “apoiadores” e de colunistas brasileiros:

Mr. da Silva's staff and supporters respond that such slips are only occasional, are to be expected from a man who likes to speak off the cuff and have nothing to do with his consumption of alcohol, which they describe as moderate in any case. As they see it, he is being held to a different and unfair standard than that of his predecessors because he is Brazil's first working-class president and received only a sixth-grade education. "Anyone who has been at a formal or informal reception in Brasília has witnessed presidents sipping a shot of whiskey," the columnist Ali Kamel wrote in the Rio de Janeiro daily O Globo recently. "But you'll have read

Historicamente, os brasileiros têm razão para estarem preocupados com sinais de hábitos de abuso do álcool de seus presidentes. Jânio Quadros, eleito em 1960, foi um bebedor manifesto que um dia declarou: "Bebo porque é líquido". Sua inesperada renúncia, menos de um mês após ter assumido - período considerado uma maratona de excessos- iniciou um período de instabilidade política que levou a um golpe de Estado, em 1964, e a 20 anos de uma rígida ditadura militar. (...)
Da Silva nasceu em uma família pobre, num dos Estados mais pobres do país e passou anos liderando sindicatos de trabalhadores, um ambiente famoso pelo alto consumo de álcool. Relatos da imprensa brasileira têm repetidamente descrito o pai do presidente, Aristides -o qual ele pouco conheceu e morreu em 1978- como um alcólatra que maltratava suas crianças.

⁴⁷ Id., *ibid.* “Independentemente se Da Silva tem um problema com bebida ou não, o tema tem se infiltrado na consciência pública e se tornado alvo de piadas.”

nothing in that respect about other presidents, just about Lula. That smacks of prejudice.”⁴⁸

Por mais que o papel de vítima tenha sido explorado à exaustão por Lula, a análise dos estereótipos e pré-concepções feita aqui aponta que muito da crítica de Rohter pode não ser originada, mas é sustentada, principalmente nas piadas populares, pelo “preconceito” criticado por Kamel.

Como sugerido anteriormente, Rohter constrói a crítica da sua cobertura política baseada em quatro categorias de **desvios**: o desvio das **prioridades políticas**, desde os cortes de verbas até as políticas classificadas como populistas, por elevarem os gastos públicos; o desvio dos **métodos** de governo e das técnicas de administração pública (na contratação de quadros advindos das camadas populares e do Partido dos Trabalhadores, vistos como ineficientes, inexperientes ou “incompetentes” no domínio da burocracia em comparação com os governos anteriores); o desvio de fundos públicos promovido pela “**corrupção**”, como o “mensalão”, o caso Waldomiro Diniz e as denúncias ao redor do assassinato de Celso Daniel; e os desvios de **conduta pessoal**, como o caso da preocupação nacional com as “bebedeiras” de Lula ou com sua obesidade.

O primeiro desvio parte do alinhamento com a ortodoxia econômica “liberal”; o segundo e o terceiro, do imaginário do Brasil de “lama”, seja pela “incompetência” ou pela “corrupção”; o último, de uma mistura de imagens que passam desde as visões dos excessos “exóticos” e “carnavalescos” e pela origem na “pobreza”, ecoando também imagens históricas de que o “Brasil não é um país sério”. Assim, percebe-se que também a fundamentação para críticas políticas – parte da ordenação oficial – partem das mesmas imagens da *ordem social* brasileira, que necessita de intervenção, controle e disciplina para que seus problemas sejam superados.

Outra parte das críticas políticas deriva simultaneamente das “frustrações” de expectativas avaliativas, como o ideário liberal de práticas e políticas econômicas desejadas, e de expectativas prévias: além do imaginário sobre o Brasil descrito acima, as construções textuais passam também pela quebra de expectativas narradas nos textos a partir de promessas de campanha ou transformações no tempo, ou por meio da contraposição conceitual de ideais, como a representação do PT como um “partido ético” e eventos, como as denúncias de corrupção no governo.

⁴⁸ Id., *ibid.*

A equipe de Da Silva e seus simpatizantes respondem que esses escorregões são apenas ocasionais e previsíveis para alguém que gosta de falar de improviso e não tem nada a ver com seu consumo de álcool, que eles descrevem como sempre moderado. Para eles, Da Silva é visto de um padrão diferente - e injusto- com relação a seus antecessores porque ele é o primeiro presidente brasileiro vindo da classe trabalhadora e estudou apenas até a quinta série.

"Qualquer um que já tenha estado em recepções formais ou informais em Brasília testemunhou presidentes bebendo uma dose de uísque", escreveu recentemente o colunista Ali Kamel, no diário carioca "O Globo". "Mas sobre o fato nada se leu a respeito dos outros presidentes, somente de Lula. Isso cheira a preconceito."

A repercussão midiática que se seguiu à publicação da reportagem do *NYT* foi extremamente negativa: ainda que tenham reproduzido o relato de Rohter como uma forma de indiretamente criticar o governo Lula, alguns veículos de comunicação apontaram limitações no trabalho de apuração de Rohter, e conflitos sobre se o tema era ou não pertinente, como já discutido no segundo capítulo⁴⁹. Também a reação do governo, a ameaça de não-renovação do visto do repórter, também foi retratada como a expulsão autoritária de um correspondente incômodo e ainda pessoalmente cruel, visto que Rohter tinha mulher e filhos brasileiros. Muito se criticou também a “expulsão”, uma prática comum nas ditaduras latino-americanas. No Brasil, a prática é regulamentada pela Lei 6.815/80, que determina a retirada do território nacional, de acordo com o desejo presidencial, de um estrangeiro que tenha cometido um crime ou um comportamento nocivo aos interesses nacionais (RIBEIRO, 2005, p. 264). Em uma Nota Oficial de 11/05/2004, o Ministério da Justiça justificou o “cancelamento do visto temporário” de Rohter devido a sua “reportagem leviana, mentirosa e ofensiva à honra do Presidente da República do Brasil, com grave prejuízo à imagem do país no exterior”, classificando como “inconveniente a presença em território nacional” do correspondente (Id., *ibid.*).

A ameaça de expulsão é descrita no livro de Rohter (2008, pp. 162-199) sobre seu período como correspondente no Brasil, e mostra como o governo resolveu adotar uma retaliação na medida exata: se a vida privada do presidente foi levada a público, o repórter responsável por essa cobertura deveria perder sua própria esfera privada no Brasil (seria expulso, mesmo tendo família no Rio de Janeiro) e, com isso, ficaria incapaz de publicar seus textos como correspondente para o jornal. A medida foi abandonada depois que o governo considerou a solicitação de Rohter para renovar sua permanência no Brasil como um pedido de desculpas e retratação, o que o correspondente, seu jornal e a vasta maioria da imprensa negaram na época (ROHTER, 2008, pp. 187-188):

II - Das razões para a reconsideração

5 - O requerente é jornalista do conceituado jornal "NYT" desde 1984, tendo sido designado para trabalhar no Brasil em razão de sua excelência profissional. Dita excelência é corroborada pela aceitação e reconhecimento sempre demonstrados pela empresa jornalística onde trabalha, e pelo reconhecimento de expressivos representantes da classe, tendo o requerente sido merecedor do prêmio "Embratel", concedido em 2003, por ter sido o correspondente estrangeiro que melhor desempenhou suas atividades no

⁴⁹ Ver, sobre a questão, a crítica do ombudsman da Folha sobre as falhas de apuração da “recortagem” de Rohter e sobre a resposta desproporcional, truculenta e autoritária do governo; Beraba, entretanto, sustenta que a publicação e a investigação de um evento tão próximo da esfera privada de Lula seria justificável (BERABA, 2004). Essa última defesa se aproxima à justificativa adotada pelo próprio Rohter, ao explicar que “repórteres americanos são ensinados que qualquer coisa que possa afetar o desempenho no cargo de um servidor público é relevante, e portanto um tema legítimo para investigação e cobertura” (ROHTER, 2008, p. 176).

exterior sobre assuntos brasileiros. O requerente igualmente foi agraciado pelo prêmio Maria Moors Cabot, no ano de 1998, que é o maior prêmio existente nos Estados Unidos para os jornalistas em exercício profissional na América Latina.

6 - O requerente desenvolve suas atividades profissionais de jornalista, acompanhando e divulgando notícias sobre o Brasil e demais países da América Latina há praticamente 32 anos, inicialmente como jornalista da sucursal da Rede Globo em Nova York, após como correspondente da revista "Newsweek" e, por fim nos últimos cinco anos, como correspondente do "NYT". Nesse período, o requerente enviou incontáveis matérias sobre o Brasil, nas mais diversas áreas, quer sejam políticas, econômicas, sociais e culturais. Apenas nos últimos cinco anos, cerca de 300 matérias do requerente divulgadas no exterior pelo "NYT".

7 - A respeito do que menciona o artigo em questão, o requerente declara jamais ter tido a intenção de ofender a honra do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, o que já pôde até mesmo entrevistar em algumas ocasiões, e reafirma seu grande afeto pelo Brasil e seu profundo respeito às instituições democráticas brasileiras, incluindo a da Presidência da República. Na opinião do requerente, o artigo limita-se a veicular comentários, não contendo nenhum juízo de valor do próprio requerente, que de todo modo reitera que o texto não foi escrito para ofender o sr. presidente, embora as repercussões e polêmicas posteriores à reportagem possam ter lhe causado constrangimento, os quais o requerente lamenta.

8 - Por fim, o requerente manifesta sua preocupação, por entender que a versão do seu texto para o português não é fidedigna, o que pode ter causado a ampliação do mal entendido.⁵⁰

Para além das justificativas com as premiações e o reconhecimento da “excelência” de Rohter pelo “conceituado” diário norte-americano, a avaliação dos pontos centrais desse documento jurídico, entretanto, mostra que a escolha de palavras ambíguas foi suficiente para “costurar” um acordo favorável tanto a Rohter quanto ao governo. Se, por um lado, Rohter continuou no país e não precisou retratar nem uma informação de sua notícia, como diversas vezes os advogados do *NYT* sustentavam⁵¹, o governo conseguiu retirar do correspondente um “lamento”. Obviamente, esse “lamento” não envolvia os métodos da reportagem, que nem foram mencionados na solicitação, muito menos os objetivos do artigo, visto que a declaração só nega a acusação inicial do governo de que o objetivo era “ofender” Lula. O único motivo de “lamento” para Rohter era o “constrangimento” de Lula resultante da publicação do relato, complicada também por supostos “problemas de tradução”. Assim, Lula podia se vangloriar pelo “lamento” do correspondente, enquanto o repórter pode até hoje afirmar que não se dobrou à exigência de uma retificação, nem escreveu um pedido de desculpas.

Com a escolha cuidadosa de palavras ambíguas, ficam escamoteadas as dissonâncias, entre os dois lados, num acordo político. Da mesma forma, debater se a

⁵⁰ FOLHA ONLINE. “Veja a íntegra do pedido de reconsideração do jornalista do ‘NYT’”. 14/05/2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u60870.shtml>

⁵¹ “The New York Times said that it believed Mr. Rohter’s reporting was accurate and that it would oppose the move to expel him” [“*The New York Times* afirma que acredita que o relato de Rohter seja preciso e que se oporia à expulsão”]. HOGUE, Warren; BENSON, Todd. “Reporter’s Expulsion Brings Mounting Criticism in Brazil” *The New York Times*, 13/05/04.

bebedeira presidencial deveria ser uma questão levada a público ou permanecer restrita à esfera privada suspende, momentaneamente, outro problema mais grave que será retomado ao final desse capítulo: Rohter não questiona mais o governo quanto à adequação política de sua punição privada (com a perda do seu visto) por uma acusação pública (devido às suas “ofensas” à imagem do Brasil e do seu presidente).

Forças centrípetas da esfera particular no debate público centrífugo

Uma das principais diferenças que dividem a esfera privada da pública é a visibilidade das ações: alguns gestos podem e devem ser executados no espaço comum, enquanto outras atitudes só podem se restringir ao espaço diferenciado do que é próprio ao indivíduo no seu lar; “o significado mais elementar das duas esferas indica que há coisas que devem ser ocultadas e outras que necessitam ser expostas” (ARENDDT, 1981, p. 84). Entre as ações que pertencem ao espaço público encontra-se o debate político, a participação em eventos coletivos na *ágora* e o governo do bem público. Do outro lado, entre as atividades particulares, restringem-se o gerenciamento da casa, as divisões de papéis entre os membros da família e as atividades necessárias para a sobrevivência dos indivíduos (como sua alimentação e seu abrigo).

Atualmente, a distinção entre o que pode ser exposto publicamente e o que deve ser oculto particularmente sofreu uma inversão. Na esfera midiática, repercute e ecoa a fome de visibilidade, tanto um desejo para ver o que outros fazem quanto também uma vontade de produzir atos para serem vistos por outros. Charaudeau lembra que “a diferença entre o privado e o público não deve se conceber como uma oposição fixa, mas como um duplo movimento centrífugo e centrípeto que faz com que um se deixe invadir pelo outro” (CHARAUDEAU, 2006, pp. 117-8).

A polêmica após a reportagem de Rohter sobre a bebedeira de Lula segue um tipo em particular desse entrelaçamento delimitado por Charaudeau: a publicação pelos veículos de comunicação de massa de reportagens sobre os problemas da vida privada de governantes responsáveis pela administração pública. Nesses casos, a fronteira entre público e privado é cruzada diversas vezes: um evento que se passa na vida particular de uma liderança da esfera pública atinge a esfera pública por meio de um veículo com interesses particulares nessa publicação, e é consumida por um vasto público em seu ambiente privado.

Bucci, ao comentar uma lista dos sete “pecados capitais da imprensa”⁵² construída pelo historiador Paul Johnson, analisa a dificuldade de definição do terceiro pecado capital, o da “invasão da privacidade”:

⁵² Os pecados de Paul Johnson são, em ordem crescente, a “distorção, deliberada ou inadvertida”, o “culto das falsas imagens”, a “invasão da privacidade”, o “assassinato de reputação”, a “superexploração do

[Diz Johnson:] “Por mais privilegiados que sejam, como a realeza, por mais bem-sucedidos, como os astros do cinema e da música, por mais poderosos, como os chefes de governo, ou ricos e comemorados, todos precisam de alguma privacidade”. Nada contra esse preceito geral. Mas se ele é válido, o problema passa a ser de outra ordem: quem é que arbitra o domínio privado a ser mantido em sigilo – a celebridade ou a imprensa? A única resposta possível passa pela administração, responsável e consciente, que cada um é capaz de imprimir à sua própria vida privada, mantendo claros os muros sobre sua própria intimidade *o tempo todo* (BUCCI, 2000, p. 150).

A saída, para Bucci, seria então o auto-controle sobre sua vida privada, para que ela não possa chegar ao público, e não a definição pública (seja pela legislação, que protege a privacidade, seja pela responsabilidade dos jornalistas) de limites desejáveis a essa invasão de privacidade indesejada, ao menos nos casos de celebridades que exploram a sua própria visibilidade pública para ganhos privados. Já Gomes aponta que o interesse público comum deve proteger a privacidade da curiosidade alheia, e essa visão é embasada tanto em sua análise da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, quanto do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros:

Sob a ótica da lei, a defesa da autonomia no âmbito privado acompanha o nascimento do Estado de Direito e a progressiva aquisição dos direitos civis. [...] O âmbito privado só merece exploração e é sujeito a julgamento público, sob o ponto de vista moral, quando justamente cruzar-se com questões de interesse público. (GOMES, 2002, p. 52)

Ainda assim, é difícil “arbitrar”, como colocado por Bucci (2000, p. 150), onde começa esse “interesse público”. Gomes o opõe ao “interesse do público”, pois “por interesse público entende-se aqui o benefício auferido com a informação, e não simplesmente seu desfrute com a curiosidade alimentada” (GOMES, 2002, p. 53). Assim, chegamos a ver uma primeira luz sobre o problema principal analisado por este capítulo.

O próprio fato de meios de comunicação “trazer à visibilidade” o que antes podia ser oculto – como os hábitos éticos presidenciais – já é uma tentativa de *ordenar*, como proposto no capítulo anterior, ou *disciplinar*, seguindo uma terminologia mais apropriada: é “a educação da visão pela determinação do visível”, nas palavras de Gomes (2003, p. 75). O controle pelo medo da visibilidade do que é feito na esfera privada é resultado da sociedade de vigilância, disciplina e controle discutida por Foucault (1987). Essa estratégia de controle também é parte da função vigilante do jornalismo, que atua “como guardião do papel do Estado em sua parte do acordo paralelamente a uma vigília sobre as igualdades sociais” (2002, p. 49), ou seja, como um processo *ordenador* que tenta controlar *desvios* também em outras instituições públicas.

sexo”, o “envenenamento das mentes das crianças” e o “abuso de poder”. (JOHNSON apud BUCCI, 2000, p. 131).

Como discutido no capítulo 2.2.2, a questão central na avaliação da polêmica do caso Rohter não envolve simplesmente definir se o consumo de bebidas alcoólicas pelo presidente da república pode ser classificado como um fato de interesse público, ou se a publicação dessa informação só pretende alimentar a curiosidade da audiência, configurando-se em uma invasão à privacidade do indivíduo que ocupa esse cargo. Tampouco seria frutífero discutir somente questões técnicas, como definir a partir de que ponto esse consumo deve ou não ser “preocupante”, ou seja, alvo de interesse público, ou limitar a análise a saber se Rohter amparou seu relato em fontes suficientes ou somente em boatos infundados. Essas são questões tangenciais, que mascaram um problema mais crucial, que supera esse caso específico: quais são os mecanismos que ancoram os dois lados em disputa (nesse caso, a imprensa e o governo) no conflito para privilegiar/limitar o que deve ser foco/oculto da atenção do debate público?

Uma outra reportagem do correspondente do *Times* pode ajudar a sinalizar um primeiro passo para essa questão. Em setembro de 2004, poucos meses depois da ameaça de expulsão, Rohter retoma suas críticas contra o governo Lula ao tratar do Conselho de Jornalistas, um tema próximo da sua polêmica expulsão: “*News organizations that would be affected by the bill call it the most serious threat to freedom of expression here since a right-wing military dictatorship was toppled two decades ago*”⁵³. Rohter enumera uma série de atritos entre o governo e a mídia local, como a criação da Ancine e as denúncias de corrupção – mas nem mesmo cita sua própria ameaça de expulsão, um tabu aparentemente indecifrável, ainda mais se considerando a proximidade temática e temporal entre os eventos.

Ainda que a matéria trate de atritos e regulamentações da mídia nacional, a ausência completa de registros de seu próprio conflito com o governo brasileiro causa estranhamento, mas pode ser compreendida dentro do quadro sugerido neste capítulo. Rohter precisa escolher um lado: ou seus relatos continuam a trazer à luz as facetas da ordem social brasileira que não se encaixam na ordenação esperada, ou ele mesmo voltará a ficar sob os holofotes vigilantes que caçam os seus desvios. Voltar seu aparelho ordenador contra si mesmo, num espelho reflexivo, abriria uma brecha na legitimidade de seus relatos que ofuscaria a sua própria visão e revelaria a si mesmo demasiadamente aos olhos dos que deveriam ser os alvos de seus julgamentos, e não os seus juízes.

Para compreender essa lógica, é preciso comparar a proximidade entre nas fundamentações dos atritos entre Rohter e Lula e o mecanismo da primeira parte dessa seção, que tratava dos desvios políticos criticados pelo correspondente do *Times* e sua

⁵³ ROHTER, Larry. “Plan to Tame Journalists Just Stirs Them Up in Brazil”. *The New York Times*. 06/09/2004. Tradução do autor: “Grupos noticiosos que seriam afetados pela lei a classificam como a mais séria ameaça à liberdade de expressão aqui desde que a ditadura militar de direita caiu duas décadas atrás”.

relação com imagens prévias do Brasil de “lama”, “pobre”, “incompetente”, “corrupto”. O conflito entre o governo petista e a imprensa (não só no caso de Rohter, mas de modo mais amplo) segue esse mesmo mecanismo.

Por um lado, para os jornalistas como Rohter, o desvio na conduta de Lula, representado pelas suas “bebedeiras” impedia sua atividade de ordenação no cargo presidencial. Para justificar sua crítica, visto que não seria possível prová-la, sua reportagem baseia-se em expectativas avaliativas, como a visão norte-americana sobre a “publicidade” dos fatos que afetem os ocupantes de cargos públicos, além de imagens prévias, como o imaginário de pobreza, corrupção, além dos excessos exótico-carnavalescos e da visão de que o Brasil não é um país sério. Assim, para evidenciar o *desvio e cobrar uma ordenação*, o correspondente baseia-se em imagens da *ordem social* brasileira para sustentar sua interpretação.

Por outro lado, o governo Lula segue esse mesmo mecanismo ao censurar como um desvio a ofensa de Rohter contra a presidência e a reputação do Brasil, considerando que essa ruptura impediria sua atividade de ordenação como correspondente internacional do *NYT*. Para justificar a ordem de expulsão, o governo apóia-se em expectativas avaliativas, como a visão brasileira sobre o respeito à esfera particular e o ideário sobre o controle da mídia, forte entre setores do PT, incluindo o imaginário brasileiro sobre discriminação e preconceito nas críticas do correspondente e de suas fontes, além da eterna ameaça estrangeira à soberania nacional. Ao armar-se com as mesmas munições, os dois lados em conflito caem em armadilhas semelhantes:

Both the journalist and the president fell into a similar trap. One surrendered to stereotypes, an easy way to frame an unusual political leader of a nation that defied a foreign correspondent’s personal and Professional values. The other confused vague concepts of honor and patriotism that led to an ill-fated demonstration of press control in a country that is still in its democratic infancy. (HERSCOVITZ, 2007, p. 168)⁵⁴

Com isso, é possível esboçar uma resposta para a questão que concerne à origem dos atritos entre mídia e governos sobre o controle das visibilidades de temas. Para além do simples conflito de interesses, que envolvem objetivos e finalidades, a verdadeira questão envolve a ocupação de um lugar de *ordenamento* privilegiado – ou seja, um problema de legitimidade e princípios. As instituições oficiais dizem falar em nome do todo pelo bem comum, e para isso advogam o monopólio legítimo da violência, diria Webber; tanto física, no caso do governo que limita liberdades com prisões, multas e impostos, banimentos ou ações policiais; quanto simbólica, empregada no assassinato de reputações, na crítica e no ostracismo. Tanto o jornalismo quanto instituições

⁵⁴ Tradução do autor: “Tanto o jornalista quanto o presidente caíram em uma armadilha similar. Um rendeu-se aos estereótipos, um caminho fácil para enquadrar um líder político diferente de uma nação que desafiou os valores pessoais e profissionais do correspondente estrangeiro. O outro confundiu os vagos conceitos de honra e patriotismo que levaram à mal-fadada demonstração de controle da imprensa em um país que ainda está na infância democrática”.

governamentais advogam para si o direito de vigiar o bem público para evitar rupturas e desvios às normas acatadas coletivamente – em benefício da ordem social, são escamoteados seus interesses particulares. O atrito e a tensão só poderão cessar quando ambas as instâncias ordenadoras, tanto a mídia quanto o governo, reconhecerem o direito de compartilhar o mesmo espaço ordenador e vigilante, respeitando os limites do papel de quem legisla e executa a ordenação, e de quem a debate e vigia.

6. CONCLUSÕES: DESCONSTRUÇÃO DE UMA “PONTE ENTRE IDEOLOGIAS, PESSOAS, RELIGIÕES, MOVIMENTOS”¹

A munição das críticas apontadas contra o correspondente internacional do *New York Times* no Brasil é de altíssimo calibre:

É desonesto, é mentira. Tem que se encontrar um meio de se responder a esse negócio, mas acho ainda muito pouco, porque é um modo canalha de desrespeitar o Brasil, que eu não aceito, não admito. Canalha! Se você fala português... Não tenho medo de *New York Times*, banana nenhuma! Não devo nada, não pedi nada a você, canalha. (...) Esse sujeito não dá, o cara pensa o que? Que é americano, escreve em jornal americano, e pode dizer o que quiser sobre o Brasil? (...) Não termos feito, e ele dizer que fizemos, para dar a impressão ao público que lê o jornal dele, lá na terra dele, que aqui é um negócio esquisito... porque ele não ama, não tem o direito de estar morando aqui (...), detesto canalha, que pensa que pode fazer isso com qualquer brasileiro. Comigo não. (...) Dessa vez ele mentiu descaradamente, agressivamente, porque é uma mentira fácil de verificar (...), todo o povo brasileiro sabe... Por que esse jornal tem que ser respeitado? Por que todo brasileiro fica batendo cabeça para esses canalhas? Está errado, o Brasil não pode viver humilhado dessa maneira não. Não tenho deslumbramento nenhum com esses jornais metidos a bacaninha, WASP [sigla para “white, Anglo-Saxon and protestant”, branco, anglo-saxônico e protestante] americano. Não.”²

O raciocínio segue o que se sabe da reação de Lula à reportagem de Rohter sobre seus abusos éticos (ROHTER, 2008, p.186). O alvo e o atirador, entretanto, são outros: Caetano Veloso criticava uma reportagem do correspondente James Brooke que mencionava, em 1993, que “Caetano Veloso e Gilberto Gil (...) alardeiam abertamente sua bissexualidade e usam vestidos em público”³. A avaliação de Caetano foi a mesma que a de Lula: desonestidade e mentira inadmissíveis precisam ser respondida com um desafio que questiona a falta de amor, respeito e conhecimento do estrangeiro pelo país, afirmando que ele “não tem o direito” de ficar aqui e continuar explorando nossa imagem exótica para vender aos seus leitores “na terra dele”. Ao final, o crítico separa-se do “resto” dos brasileiros “deslumbrados”, marcando que não será enganado e não aceitará a ofensa, atacando a própria credibilidade do jornal “metido”, ao publicar as incorreções de um correspondente como Brooke.

O mesmo campo de batalha se repete, com as mesmas armas: as visões do Brasil são ao mesmo tempo alvo e munição nas discussões sobre a legitimidade das representações brasileiras e sobre a credibilidade de quem está autorizado a representar

¹ Trecho de entrevista com Gilberto Gil. ROHTER, Larry. “POP MUSIC; Gilberto Gil, Bahia's Most Beloved Export”. *The New York Times*, 08/11/92.

² VELOSO, Caetano. Entrevista a Jô Soares (circa setembro/1993). O trecho do vídeo pode ser assistido em: <http://www.youtube.com/watch?v=WTm725AO-FI> – agradeço a Paula Scarpin a preciosa indicação dessa fonte audiovisual.

³ BROOKE, James. “Rio Journal; In Live-and-Let-Live Land, Gay People Are Slain”. *The New York Times*, 12/08/1993. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1993/08/12/world/rio-journal-in-live-and-let-live-land-gay-people-are-slain.html?scp=2&sq=Caetano+Veloso&st=nyt>

o Brasil. Contrapondo a imagem do estrangeiro em um ponto de observação privilegiado – discutida na introdução do trabalho como uma representação atrelada a figuras como a da poetisa Elizabeth Bishop⁴ – do outro lado da escala encontram-se as imagens indesejadas, atreladas a representantes que não são vistos como legítimos – em outra reportagem de Rohter, é a “cumplicidade” de Carmem Miranda que nega especificidades locais para se encaixar de forma “condescendente” nos “estereótipos que o mundo anglo-saxônico sempre teve”:

She may be the most famous person their country has ever produced, but Brazilians have always had mixed feelings about Carmen Miranda. Yes, she made Brazil better known all around the world, but did so by playing scatterbrains and reinforcing every condescending stereotype the Anglo-Saxon world has ever had about Latin Americans. (...)

As many Brazilians see it, Miranda was a willing accomplice, denying her Brazilian identity in favor of some nebulous Pan-American composite. In more than a dozen movies that she made in Hollywood, she played characters with names like Rosita, Paquita, Dorita and Chiquita, often speaking a mangled English that wounded Brazil's image of itself as a rising power different from the rest of Latin America.⁵

Modelo apropriado

O mesmo motivo que suscitou tantos textos de Rohter surgia também na reportagem de Brooke: alguma coisa parecia não se “encaixar” na realidade brasileira, como diria Keller (apud HANNERZ, 2004, p. 145). Para Brooke, o motivo de surpresa envolvia a aberta tolerância da homossexualidade no Brasil, em contraste com tantos casos de violência contra homossexuais; porém, a reportagem verossímil pecou por errar o ponto de costura entre supostos exemplos advindos da apuração e suas ideias sobre as facetas da sociedade brasileira que pretendia retratar. Por outro lado, a reportagem de Rohter sobre as bebedeiras presidenciais destaca-se exatamente por tomar um caminho e desvios contrários: tenta-se justificar um suposto fato apurado por meio da referência a imagens brasileiras que o sustentem e ecoem. Brooke não encontra

⁴ ROHTER, Larry. “Arts Abroad; Brazilian Renaissance For an American Poet”. *The New York Times*, 06/08/01.

⁵ ROHTER, Larry. “ARTS ABROAD; The Real Carmen Miranda Under the Crown of Fruit” *The New York Times*, 13/12/01. Tradução do autor:

Ela pode ser a personalidade mais famosa que o país deles jamais produzir, mas brasileiros sempre tiveram sentimentos contraditórios sobre Carmem Miranda. Sim, ela fez o Brasil ser mais reconhecido em todo o mundo, mas o fez interpretando mulheres desmioladas e reforçando cada estereótipo condescendente com o que o mundo anglo-saxônico sempre imaginou sobre os latino-americanos. (...)

Ao olhar de muitos brasileiros, Carmem Miranda foi uma cúmplice consciente, negando sua identidade brasileira em favor de algum conceito nebuloso de pan-americanismo. Em mais de uma dúzia de filmes que fez em Hollywood, ela interpretou personagens com nomes como Rosita, Paquita, Dorita e Chiquita, frequentemente falando um inglês enrolado que feria a imagem do Brasil como um poder ascendente, diferente do resto da América Latina.

um bom exemplo para ancorar uma ideia válida; Rohter não consegue sustentar uma suposição somente em imagens e impressões que já estavam em circulação.

Os ecos dos conflitos entre o *New York Times* e os líderes culturais e políticos brasileiros podem apontar para uma retomada definitiva do conceito estampado no frontispício do diário norte-americano: o slogan dos tempos de Ochs, “*All the news fit to print*”, que provisoriamente foi traduzido, até aqui, como as “notícias dignas de publicar” (TALESE, 2000, p. 173), “que cabem” ou que “se encaixam” para a publicação. Por trás da frase, se oculta um mecanismo que procura encaixar eventos dentro de expectativas ou definir quais são as ideias dignas para sustentar a publicação dos relatos sobre histórias e opiniões que “caibam” nas colunas do *Times*.

Talvez o erro esteja, mais uma vez, na incorreção da tradução da palavra “*fit*” como “encaixe” – ou sobre o conceito de “encaixe” em português. Como contraponto, é válido partir da análise antropológica de Geertz sobre o encaixe na cultura javanesa:

Tjotjog significa encaixar-se, como uma chave numa fechadura, como um medicamento eficiente numa doença, como uma solução num problema aritmético, como um homem com a mulher que ele desposa (se ele não se encaixa, eles se divorciam). Se sua opinião concorda com a minha, nós *tjotjog*; se o significado do meu nome se enquadra ao meu caráter (e me traz sorte), diz-se que ele é *tjotjog*. Um alimento saboroso, teorias corretas, boas maneiras, um ambiente confortável, resultados gratificantes, todos são *tjotjog*. Num sentido mais amplo e abstrato, dois itens *tjotjog* quando sua coincidência forma um padrão coerente que dá a cada um significado e um valor que eles não têm em si mesmo. Subentende-se aqui uma perspectiva contrapontal do universo, na qual aquilo que importa é a relação natural que os elementos isolados têm um com os outros, como eles devem ordenar-se para fazer soar um acorde e evitar uma dissonância. (GEERTZ, 2008 p. 95)

O primeiro sentido sugerido pelo encaixe no conceito javanês de *tjotjog* é de concordância, enquadramento; o segundo, de complementação, coerência ou contraponto ordenado. De forma mais rica, esse sentido abre espaço para um conceito mais maleável e que inclui tanto a dignidade, o cabimento e o encaixe, sugeridos originalmente por Ochs, quanto o contraponto e a complementação de elementos diferentes em um acorde, ainda que dissonante, seguindo a recomendação de Keller de procurar publicar exatamente o que não se assenta confortavelmente nas imagens anteriores. Como sugerido no início do quinto capítulo, essa ordenação permite que peças obtusas e surpreendentes possam ser moldadas para se inserir nas linhas narrativas dos relatos dos jornalistas internacionais, mas isso não soluciona, ainda, o próprio questionamento sobre a posição dos correspondentes entre culturas.

Talvez seja necessário adotar outro termo que se “encaixe” melhor e englobe também a legitimidade de quem coloca as ideias e os eventos em *ordem*, fonte dos conflitos entre jornalistas “de fora” e instituições locais, apontados no final do capítulo anterior e no início desta conclusão. E esse termo precisa ser “apropriado”: “Todas as notícias *apropriadas* para publicação”

A palavra tem um sentido tão múltiplo e preciso que pode ser também usada para sintetizar o caminho trilhado por esta pesquisa até aqui. Em primeiro lugar, envolve o que é “tomado como próprio”: tanto por parte de quem “se apropria” de algo alheio, por meio de *adaptações e traduções*; ou do que “é apropriado”, tomado como *representativo*. Em segundo lugar, o conceito envolve o “encaixe e enquadramento” no esperado, que *avalia ações a partir de expectativas e do que é imaginado previamente*. Em terceiro lugar, inclui o sentido de adequação em uma situação determinada, ao *seguir uma norma ou um padrão social, evitando atritos*. Assim, um “corpo de violão” é algo *próprio* das brasileiras, e pode ser *propriamente* traduzido como um “*guitar-shaped body*”⁶; a forma *apropriada* de garantir a abertura democrática é por meio da abertura comercial⁷ – e, nas praias cariocas, o jeito *próprio* de se vestir envolve, primeiro, se despir:

Here’s how to spot a tourist on the beaches of Rio: while the local folks, known as Cariocas, wear virtually nothing as they amble down the promenade, the typical foreign visitor is decked out in a uniform of Bermuda shorts, sandals and straw hat, striding with all the speed and determination of a freight train leaving the station.

Granted, there is little that can be done about the pale skin that also sets off many outsiders. But blending in with Rio’s beachgoers is more a question of attitude than anything else. So tip N^o. 1 is not to feel shy about shedding some clothes and a few inhibitions. Cariocas are used to seeing bodies exposed, even those that are wrinkled, chunky or sagging in a few places, and in the heat of the tropics, it is always better to go about undraped than sweaty. (...)

Rio is synonymous with the samba, but most Cariocas would scoff at the shows catering to tourists in night spots like Plataforma, which stress exotic stereotypes at the expense of authenticity and swing.⁸

Essa recomendação para o entrosamento e disfarce do estrangeiro entre os brasileiros permite também questionar o posicionamento do próprio Rohter. Assim como recomendado para que os leitores gringos abandonem suas bermudas e sua pressa,

⁶ ROHTER, Larry. “In the Land of Bold Beauty, a Trusted Mirror Cracks”. *The New York Times*, 14/01/07.

⁷ ROHTER, Larry. “The World; In Latin America, the Strongman Stirs in His Grave”. *The New York Times*, 20/12/98.

⁸ ROHTER, Larry. “In the City of Lights or in the City of Angels, How to Go Local; In Rio, Shed Those Inhibitions”. *The New York Times*, 12/07/00. Tradução do autor:

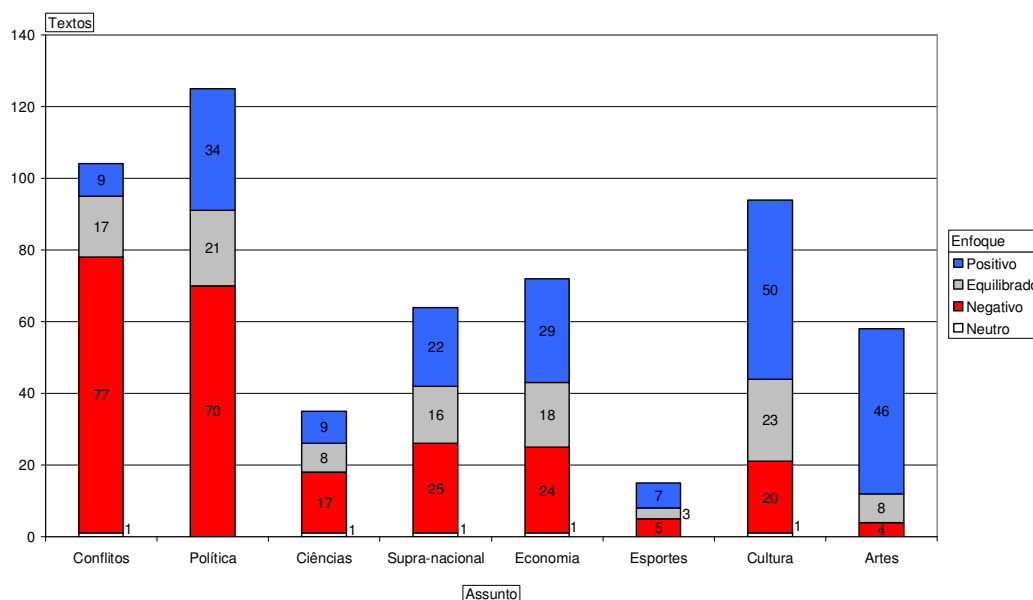
É assim que se nota um turista nas praias do Rio: enquanto os locais, conhecidos como cariocas, vestem virtualmente nada enquanto caminha pelo passeio público, o visitante estrangeiro típico está coberto com um uniforme de bermudas, sandálias e um chapéu de palha, andando com a determinação e a velocidade de um trem de carga saindo da estação.

Reconhecidamente, há pouco o que se possa fazer sobre a pele pálida que também destaca muitos estrangeiros. Porém, misturar-se com os banhistas nas praias do Rio é mais uma questão de atitude do que qualquer outra coisa. Então, a dica número 1 é não se intimidar em se livrar de algumas roupas e certa inibição. Cariocas estão acostumados a ver os corpos expostos, até mesmo os enrugados, gordinhos ou flácidos em alguns lugares, e no calor dos trópicos, é sempre melhor ficar livre do que suado. (...)

Rio é sinônimo de samba, mas a maioria dos cariocas iria rir dos shows formatados para turistas em casas noturnas como Plataforma, que exploram estereótipos exóticos às custas de autenticidade e ritmo.

na cobertura sobre a sociedade brasileira, Rohter se despiu de suas expectativas estrangeiras e adotou um ponto de vista mais favorável à cultura nacional, valorizando o Brasil como ele o vê, e não seguindo recomendações externas do que deveria ser – prática mais frequente nos textos críticos de política ou economia, que seguem o ponto de vista e as avaliações de outros estrangeiros. Assim, o Gráfico 6.1 evidencia a separação entre o viés negativo de problemas brasileiros que deveriam ser *ordenados* (corrupção política, conflitos e violência, instabilidade econômica) e as características culturais da *ordem social* brasileira, alvo de louvores (nas artes, cultura e esportes).

Gráfico 6.1. Enfoque valorativo ou crítico, por assunto.



Essa distinção possibilita um cenário interpretativo para explicar o enfoque das reportagens de Rohter a partir de seu posicionamento ante as expectativas estrangeiras. Por um lado, a crítica político-econômica (os temas do “horário comercial”) segue a avaliação a partir das expectativas internacionais, e recomenda-se a receita para que o Brasil siga modelos internacionais de estabilidade e abertura, tanto democrática quanto comercial. O que há de diferente, no terreno local, é retratado como um desvio dos padrões gerais esperados e, portanto, deve ser alvo de controle e ordenação. Com esse posicionamento, Rohter se descola da realidade que retrata a partir de um ponto de vista alheio, distanciado, como um observador independente; um *outsider*. É também o espaço da cobertura “*hard news*” da divergência, dos conflitos e das contradições; notícias “quentes” focam uma realidade fria, dura e, frequentemente, indesejável.

Por outro lado, Rohter valoriza características próprias da sociedade brasileira em suas particularidades, principalmente no noticiário cultural e artístico (temas para “depois do expediente”). Nesse cenário, a diferença em relação ao estrangeiro é um ponto a ser elogiado; as aproximações são realizadas, reconhecendo-se as distâncias.

Nessas circunstâncias, Rohter passa a se posicionar como um *insider*, um brasileiro “**apropriado**” que já “assimilou” o melhor do país e pode apresentar situações “propriamente” brasileiras. Esse é o terreno fértil para as “*feature stories*”, os artigos de interesse humano e, especialmente, de interesse pessoal de Rohter⁹. Nesses momentos, o repórter distancia-se das pré-concepções dos “outros estrangeiros”: como no exemplo anterior, são os “gringos” que não tiram a bermuda na praia, nem conhecem os verdadeiros shows cariocas e se deixam enganar pelos “estereótipos” à custa da “autenticidade” que, presume-se, Rohter conhece e deseja. Da mesma forma, baseado em seu “conhecimento de dentro da sociedade brasileira”¹⁰, Rohter parte das expectativas sobre as imagens do país para quebrá-las de forma surpreendente, reconhecendo os eventos que não se encaixam no esperado por quem vê as coisas de fora.

Alguns sinais recentes podem apontar que Rohter esteja se tornando mais “apropriado”, ou seja, mais próximo de um *insider* do que de um *outsider*. Apesar de atualmente trabalhar em Nova York, o jornalista voltou à cobertura cultural da cidade. Além disso, seu livro foi publicado diretamente (e, até o presente momento, exclusivamente¹¹) no Brasil, em português. Durante seu período como correspondente no Brasil, podia ser considerado, em muitos aspectos, um dos jornalistas mais relevantes no país; entretanto, dentro das páginas internacionais do NYT, o Brasil ainda não ocupava um espaço de destaque se comparado com outras regiões mais atraentes para os olhares norte-americanos.

A cobertura brasileira atual do *New York Times* passou por mudanças para acomodar o novo papel do país nos últimos anos. Com a nova chefia de Alexei Barrionuevo, o *bureau* do diário norte-americano no Brasil passou a focar mais a cobertura econômica, e até cogita-se atualmente trocar a histórica sucursal carioca por um novo escritório em São Paulo¹², uma mudança representativa das transformações de expectativas em relação ao país.

Nó entre lugares

É possível imaginar, por alguns dos mecanismos analisados até aqui, que Rohter se aproxime mais de seus temas do que de seu público. Porém, como foi sugerido pela

⁹ “Fui apresentado à cultura e à sociedade brasileiras, no início, via literatura e comida, mas especialmente por meio da música” (ROHTER, 2008, p.13).

¹⁰ Como analisado, ao final do capítulo 4.1, a partir do texto “Rio's Squatters, By Guided Tour”. ROHTER, Larry. *The New York Times*, Nova York, 20/05/2001.

¹¹ Um novo livro de Rohter “*Brazil on the rise: the story of a country transformed*”, está previsto para lançamento no final de agosto de 2010 [esta pesquisa foi concluída em julho de 2010].

¹² “O jornal “New York Times” procura escritório em São Paulo. Deve transferir para cá, ainda neste ano, o posto de correspondente no Brasil, há décadas fixado no Rio, para reforçar sua cobertura econômica.” BERGAMO, Mônica. “NYT em SP”. 27/01/10. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2701201007.htm>

análise das traduções e paralelos entre culturas do capítulo 3.1, o correspondente ocupa outro espaço que não se ancora exclusivamente na cultura brasileira ou na norte-americana, mas sim alinha esses dois lados em pontes culturais por meio de seus textos. Esse posicionamento peculiar destaca-se em um de seus artigos mais surpreendentes – e também o último na seleção do corpus dessa pesquisa –, quando Rohter avalia o legado de Lévi-Strauss na análise de culturas diferentes. O texto foi publicado logo após a morte do antropólogo francês e apresenta não só a mútua influência entre as pesquisas de Lévi-Strauss e as comunidades brasileiras, mas principalmente o impacto da leitura de *“Tristes Trópicos”* no trabalho do próprio Rohter:

I recalled Mr. Lévi-Strauss while visiting the Cinta-Larga tribe as a correspondent for The New York Times in November 2006, near an area he had visited 70 years before. I was talking with a chief who had ordered the killing of 29 miners after they intruded on the tribe’s reservation when the chief halted the interview to ask me a question: “Why are your people so warlike?” In my head I thought I heard the old man chuckling.¹³

Esse relato de inter-incompreensão mostra a consciência de Rohter sobre o lugar intermediário por ele ocupado, dando nós nas tramas narrativas entre culturas que se medem a partir de visões de estranhamento. Subentende-se que a mesma questão feita pelo líder indígena poderia ter sido formulada pelo correspondente de volta para ele, visto que o chefe da aldeia havia “ordenado a morte de 29 mineiros invasores da reserva da tribo”. Em outro contexto, um brasileiro qualquer poderia apresentar, sem causar maior estranhamento, a mesma pergunta para Rohter, instado a se posicionar como um representante mais próximo ou mais distante do suposto belicismo norte-americano. O significado dessa questão só ganha seu sentido completo se contextualizado pelo posicionamento relativo do avaliador e do avaliado, em um tenso equilíbrio.

Em outro trecho da mesma reportagem, ao tratar das semelhanças identificadas por Lévi-Strauss entre a “mente primitiva” e sua “contraparte civilizada e moderna”, Rohter lembra que, devido a isso, *“it is always worthwhile to look at the familiar as if it were foreign and search for the familiar in what appears to be hopelessly foreign”*¹⁴ [sempre vale a pena olhar ao familiar como se fosse estranho e procurar pelo familiar no que parece ser absurdamente estrangeiro]. Essa frase parece auto-sintetizar a prática jornalística de Rohter, como descrita até aqui. É também um contraponto, com um substrato cognitivo, à recomendação de Keller sobre a procura por notícias que não se

¹³ ROHTER, Larry. “Other Voyages in the Shadow of Lévi-Strauss”. *The New York Times*, 04/11/09.
Tradução do autor:

Eu lembrei-me de Lévi-Strauss enquanto visitava uma tribo Cinta-Larga como correspondente do *New York Times* em novembro de 2006, perto de uma área que ele visitara 70 anos antes. Eu estava conversando com um chefe que tinha ordenado a morte de 29 mineiros que invadiram a sua reserva indígena, quando o chefe interrompeu a entrevista para me perguntar uma questão: “Por que seu povo gosta tanto de guerra?” Nos meus pensamentos eu ouvi o velhinho rindo.

¹⁴ ROHTER, Larry. “Other Voyages in the Shadow of Lévi-Strauss”. *The New York Times*, 04/11/09.

encaixam: afinal, tudo pode ser encaixado e amarrado se for possível ampliar e moldar as suas expectativas de acordo com conceitos “apropriados”.

Coberturas e furos, amarrados por fios narrativos

Quando Rohter baseia-se nas imagens brasileiras como premissas de suas “quebras de expectativa” tão características, as transformações narrativas resultantes de seus relatos não alteram seus personagens, objetos e cenários, como aconteceria nos desfechos de narrativas clássicas. O que muda é a visão que se tem sobre esses elementos.

No espaço simbólico ocupado pelo Brasil, diversos conceitos complexos e eventos contraditórios são ocultos sob imagens que tentam aplainá-los em versões mais simples e compreensíveis, compartilháveis e reconhecíveis como uma representação apropriada do país. Como um grande adesivo tapando um buraco ou aplainando uma superfície irregular, esses estereótipos sobre o que é brasileiro funcionam como soluções temporárias, até que novas ideias mais adequadas surjam para substituí-los e tentar novamente garantir a coesão de um caos que não pode ser contido, mas precisa ser enquadrado para sua compreensão. Se começamos a descolar o adesivo por suas bordas, ou, se a própria irregularidade do relevo inferior não permitir mais a sua aderência, seu destaque começará a revelar o que pretendia ser tapado: surgem à luz as lacunas, irregularidades e cores ocultas sob a aparência superficial e monocromática das imagens tidas anteriormente como sólidas.

E, aos poucos, as fixações podem perder sua aderência.

Por vezes, Rohter e outros tecedores de histórias como ele entrelaçam seus relatos em nós para costurar novos tecidos a partir de trapos antigos, reproduzindo pré-concepções. Outras vezes, remendam buracos, aplicando receitas para evitar que o manto deixe de cobrir partes sensíveis. Entretanto, também cortam e deixam que se revelem algumas falhas na superfície plana, em momentos e lugares apropriados. Quais frestas são ocultas e quais são tapadas nos permite vislumbrar, de baixo de sua cobertura, como e por que se amarram os seus fios narrativos.

Na sua cobertura, ele nos vê pelos “furos” jornalísticos. Nós encaramos de volta, pelos mesmos buracos ou apontando novas frestas, amparados em uma única rede de histórias tecidas. Em uma linha, o público norte-americano ouve as últimas notícias de uma terra verde e sangrenta, coberta por confetes enlameados. Em outra direção, os brasileiros se surpreendem por se verem por um olhar que não é o seu, e que não parece corresponder às expectativas das formas como querem ser vistos. Ambos os sentidos convergem em um só ponto, pelo olhar alheio, estrangeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Ruth. **A day in the life of the New York Times**. New York: Arno Press, 1981.

ADLER, Ruth (org). **The working press: special to the New York Times**. New York: Putnam, 1966.

AMANCIO, Tunico. **O Brasil dos Gringos: imagens no cinema**. Niterói: Intertexto, 2000.

ARENDT, Hannah. “A mentira na política – considerações sobre os Documentos do Pentágono”. In: **Crises da república**. São Paulo: Perspectiva, 1972. pp.9-48.

_____. “Crise na cultura: sua importância social e política”. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979. pp.248-281.

_____. “As esferas pública e privada”. In: **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: Edusp, 1981. pp.31-88.

_____. “Sobre a humanidade em tempos sombrios – reflexões sobre Lessing”. In: **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pp. 13-36.

_____. “A tradição revolucionária e seu tesouro perdido”. In: **Da revolução**. São Paulo: Ática, 1988. pp.172-224.

_____. “O declínio do Estado-Nação e o fim dos direitos do homem”. In: **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp.300-336.

_____. “Que é liberdade?”. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007. pp. 188-220.

ARÁN, Pampa Olga. O (im)possível diálogo Bakhtin-Lótman: para uma interpretação das culturas. In: MACHADO, Irene (org). **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007. pp. 145-156.

BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso”. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.

BARBOSA, Pedro Luiz Navarro. “O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente”. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Clara Luz, 2003, pp. 111-124.

BASTOS, Tatiana Freire. **A cobertura feita pelo jornal The New York Times sobre a vitória de Lula nas eleições de 2002** [Monografia para especialização em

Comunicação Jornalística]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

BERABA, Marcelo. “O mau jornalismo e a liberdade de imprensa”. *Folha de S. Paulo*, 16/05/2004.

_____. “Olhos estrangeiros”. *Folha de S. Paulo*, 11/12/2005.

BERGER, Meyer. **The story of the New York Times: the first 100 years**. New York: Arno, 1970.

BERRY, Nicholas. **Foreign policy and the press: an analysis of the New York Times' coverage of U.S. foreign policy**. New York: Greenwood Press, 1990.

BOURDIEU, Pierre. “A Opinião Pública Não Existe”. In: **Questões de Sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1983. pp. 173-182.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, José Luiz. “Comunicação, disciplina indiciária”. **Revista Matrizes** n. 2, abril/2008, p. 73-88.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. São Paulo: Unesp, 1995.

_____. “Os turistas aprendizes”. *Folha de S. Paulo*, 17/12/2006. Caderno Mais! p. 12.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta ao Rei Dom Manuel**. Belo Horizonte: Crisálida, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CARR, E.H. **Que é história?** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CASAQUI, Vander. Polifonia publicitária: das construções da “realidade” jornalística à da retórica em publicidade – uma análise dialógica. In BARBOSA, Ivan Santo (org). **Os sentidos da publicidade – Estudos interdisciplinares**. São Paulo: Thomson Learning, 2005. p. 29-50.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’áquem e d’álem mar: Percursos e Gêneros do Jornalismo português e brasileiro**. Santarém (Portugal): Edições Jortejo, 2000.

_____. **Pragmática do jornalismo – Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia** – o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Brasil** – mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity** – rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CORACINI, Maria José. “A celebração do outro na constituição da identidade do brasileiro.” In: **A celebração do outro** – arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 59-78.

CORTEZ, Lígia. “Olhai por nós correspondentes”. **Revista Imprensa** (jan-fev/2005).

CRESPO, Sílvio Guedes. “Imprensa estrangeira destaca Brasil como ator internacional”. *Blog Radar Econômico*, 26 de abril de 2010. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/radar-economico/2010/04/26/imprensa-estrangeira-destaca-brasil-como-ator-internacional>

CUNHA, Isabel Ferin. Identidade e reconhecimento nos media. **Revista Matrizes** 2007, 1. p. 187-208.

DAMATTA, Roberto. **O que faz do Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAVIS, C. **Diasporic Subjectivities**. *French Cultural Studies* 2006, 17: 335-348.

DOTA, Maria Inez Mateus. “Aspectos Econômicos do Brasil: o Discurso do New York Times”. In: *Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2004. Porto Alegre. São Paulo: Intercom, 2004.

_____. “Aspectos políticos do Brasil: uma análise de notícias do New York Times”. In: *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2005.

_____. “Candidatos à presidência do Brasil na visão do New York Times: o primeiro turno das eleições de 2006”. In: *Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2007.

DUARTE, André. “A dimensão política da filosofia kantiana segundo Hannah Arendt”. In: ARENDT, Hannah. **Lições sobre a filosofia política de Kant**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. pp. 143-165.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUVEEN, Gerard. O poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais** – investigações em psicologia social. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007. pp. 7-28.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. “Introdução”. In: **Os Estabelecidos e os Outsiders** – sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. pp. 19-50.

EMERY, Edwin. **História da imprensa nos Estados Unidos**: uma interpretação da história do jornalismo. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

ESCOLANO, Rita. **O Brasil e o mundo**: um recorte a partir de matérias publicadas no The New York Times e no The Guardian [Trabalho de Conclusão de Curso]. São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London; Longman, 1992.

_____. **Critical discourse analysis**. London: Longman, 1997.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse** – textual analysis for social research. New York: Routledge, 2003.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. “Mediações e medidas: o entre-lugar da interpretação”. **Outra Travessia**, 2º semestre de 2003, vol. 40, n. 1. p. 59-64.

FERRAZ, Oséias Silas. “Nota Preliminar”. In: CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta ao Rei Dom Manuel**. Belo Horizonte: Crisálida, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto & Edusp, 1989.

_____. Relações entre sistemas no interior da semiosfera. In: MACHADO, Irene (org). **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007. pp. 175-204.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2006.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do eu**. Edição Standard Brasileira Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **A Primeira História do Brasil**: história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **Brasil Best Seller de Jorge Amado**. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. **Repetição e diferença nas reflexões sobre comunicação**. São Paulo: Annablume, 2001.

_____. **Ética e jornalismo**: uma cartografia dos valores. São Paulo: Escrituras, 2002.

_____. **Poder no Jornalismo**. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. “Palavra de ordem / dispositivo disciplinar”. **Revista Galáxia** n. 5, abril 2003, p. 91-108.

_____. **Comunicação e Identificação**: Ressonâncias no Jornalismo. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia**: a (re)produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, nov. 2007, vol. 4, n. 11, pp.11-25.

GROSECLOSE, Tim; MILYO, Jeff. “A Measure of Media Bias”. Los Angeles, UCLA, Dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/groseclose/Media.Bias.8.htm> [acessado em 05/06/2010]

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, S. **Da diáspora** – Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2003.

HANNERZ, Ulf. **Foreign News** – Exploring the World of Foreign Correspondents. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna** – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. "Lula vs. Larry Rohter: Misconceptions in international coverage". **Brazilian Journalism Research**, Vol. 3, N. 1, 1º Semestre de 2007, p. 155-171.

HERMAN, Edward. "All The News Fit To Print (Part I): Structure and Background of the New York Times". **Z magazine**, Abril/1998. Disponível em: http://www.thirdworldtraveler.com/Herman%20/AllNewsFit_Herman.html [acessado em 05/06/2010]

HERMAN, Edward; MCCHESENEY, Robert. **The Global Media** – The new Missionaries of Corporate Capitalism. Nova Déli: Madhyam Books, 1998.

HIGGINS, Vanessa de Macedo. "Foreign perspectives of Brazil: A textual analysis of American newspaper coverage". **Brazilian Journalism Research**, Vol. 2, N. 1, 1º Semestre de 2006, p. 175-193.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HUE, Sheila Moura. **Primeiras Cartas do Brasil** [1551-1555]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1989.

JULIEN, Claude. **O império americano**. Rio de Janeiro: Civilização, 1970.

KEHL, Maria Rita. "Visibilidade e espetáculo". In: BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo, Biotempo, 2004. pp. 141-161.

KNIGHTLEY, Phillip. **A Primeira Vítima** – o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã. Rio: Nova Fronteira, 1978.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. "Correstrangeiros: Como me tornei correspondente do *The Guardian* e outras histórias". In: ROCHA, Jan; MILZ, Thomas; GOYZUETA, Verónica (orgs). **O Brasil dos correspondentes**. São Paulo: Mérito, 2008. p. 35-45.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ed. Ateliê, 1999.

LAWRENCE, Regina. **The politics of force: media and the construction of police brutality**. Berkeley: University of California Press, 2000.

LEITE, Francisco. "A publicidade contra-intuitiva: possíveis articulações e reflexos nos estigmas e estereótipos sociais". **Revista Rumores** Ano 2, n. 1, Julho-Dezembro/2008. Disponível em: http://www3.usp.br/rumores/visu_art2.asp?cod_atual=93 [acessado em 04/06/2010].

LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo. "A persuasão, os estereótipos e os impactos da propaganda contraintuitiva". **Contemporanea**, vol. 7, nº 1. Junho/2009.

LIMA, Fernanda Cristina. **Tradução como representação cultural**: Olhares sobre o Brasil [Dissertação de Mestrado]. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista: 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LOTMAN, Iuri. "Sobre o problema da tipologia da cultura". In: SCHNAIDERMAN, Boris (org). **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979. pp. 31-41.

_____. **La semiosfera I** – Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

_____. **Cultura y Explosión**: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

_____. **Universe of the mind**: a semiotic theory of culture. Indianapolis: Indiana University Press, 2000.

LOZANO, Jorge. "Cultura y explosión en la obra de Yuri M. Lotman. **Espéculo: Revista de estudios literarios**. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, mar.-jun. 1999, Ano VI, n. 11. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero11/lotman2.html> Acessado em: 15 dez. 2008.

MACHADO, Irene (org). **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007.

MAGALHÃES, Mário. "OMBUDSMAN: Deu no 'New York Times'; e daí?" *Folha de S. Paulo*, 16/03/2008, p. A8.

MAINGUENAU, Dominique. **Novas tendências em análise de discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAISONNEUVE, Jean. "Opiniões e Estereótipos". In: **Introdução à Psicossociologia**. São Paulo: Edusp, 1977. pp. 110-125.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MELETÍNSKI, E.M. “O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso”. In: PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 157-200.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, B (org). **Bakhtin: conceitos chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MORLEY, D. Belongings: Place, space and identity in a mediated world. **European Journal of Cultural Studies** 2001, 4: 425-448.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais** – investigações em psicologia social. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: Anais do XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), Rio de Janeiro, 05-09/setembro, 2005. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

MOWLANA, Hamid. **Global Information and World Communication** – New frontiers in International Relations. New York: Longman, 1986.

NÖTH, Winfried. Iúri Lótman: culturas e suas metáforas como semiosferas auto-referenciais. In: MACHADO, Irene (org). **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007. pp. 81-95.

NWAZOTA, Kristina. “Jayson Blair: A Case Study of What Went Wrong at The New York Times”. *PBS*, 10/12/2004. Disponível em: http://www.pbs.org/newshour/media/media_ethics/casestudy_blair.php [acessado em 05/06/2010]

OKRENT, Daniel. “THE PUBLIC EDITOR; Is The New York Times a Liberal Newspaper?”. *The New York Times*, 25/07/2004. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/07/25/opinion/the-public-editor-is-the-new-york-times-a-liberal-newspaper.html> [acessado em 05/06/2010]

PAGANOTTI, Ivan. **Uma certa libertinagem, muito carnaval e um pouco de pecado** – O Brasil dos correspondentes internacionais [Trabalho de Conclusão de Curso]. São Paulo: ECA-USP, 2007a.

_____. “Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais”. **Revista Rumores**. vol. 1, n. 1, 2007b.

_____. “Sedimentação, erosão, abalos e erupção de imagens: Reprodução e transformação de representações sociais na narrativa jornalística”. **Estudos em Jornalismo e Mídia** (UFSC), v. 6, p. 189-202, 2009a.

_____. “Imagens do Brasil turístico nas páginas do New York Times”. **Pensamento & Realidade** (PUC-SP), v. 24, n.2, p. 47-64, 2009b.

_____. “Partilhar e multiplicar histórias de fato: a narração do acontecimento na mídia” (RESENHA: SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009, 288pp.). **Rumores** (USP), v. 3, n. 3, 2009c.

_____. “Traduções e trans-gêneros: adaptação de termos e estruturas nos textos de correspondentes estrangeiros”. **CoMtempo** (Cásper Líbero), v. 2, n. 1, 2010.

PINHEIRO, Daniela. “Correspondentes Estrangeiros – eles levam um vidão”. *Revista Veja*, 27/11/02.

PINHEIRO, Flávio; GREENHALG, Laura. “Não sou inimigo do Brasil – Larry Rohter, jornalista do NYT que revelou hábitos de Lula, fala de reportagem polêmica três anos depois”. *O Estado de S. Paulo*, 19/08/07, Suplemento Aliás, p.01.

PRADO, José Luiz Aidar. “Experiência e receituário performativo na mídia impressa”. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, janeiro-junho/2009. p. 34-47.

_____. “The construction of the other in a Brazilian weekly magazine”. **Brazilian Journalism Research**, Vol. 1, N. 2, 2º semestre/2005. p. 41-63.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império** – relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. “O dissenso”. In: NOVAES, Adauto (org). **A crítica da razão**. São Paulo: Companhia das letras; Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional da Arte, 1996. pp. 367-382.

RASMUSSEN REPORTS. “New York Times, Washington Post, and Local Newspapers Seen as Having Liberal Bias”. *Rasmussen Reports*, 15/07/2007. Disponível em:

http://www.rasmussenreports.com/public_content/politics/current_events/media/new_york_times_washington_post_and_local_newspapers_seen_as_having_liberal_bias
[acessado em 05/06/2010]

_____. “24% Have Favorable Opinion of New York Times”. *Rasmussen Reports*, 27/02/2008. Disponível em:

http://www.rasmussenreports.com/public_content/politics/current_events/media/24_hav_e_favorable_opinion_of_new_york_times [acessado em 05/06/2010]

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil 1** – De Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. “Análise de discurso crítica: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso”. **Revista Latinoamericana de Estudos do Discurso**. Vol. 5 (1), 2005. pp. 27-50.

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Gleisse. “O Supremo Tribunal Federal e o controle dos processos de extradição”. **Revista do Programa de Mestrado em Direito do UniCEUB**, Brasília, v. 2, n. 1, Janeiro-Junho/2005, p.261-279.

RIVERS, William. **The opinionmakers**. Westport (Conn): Greenwood Press, 1983.

ROBERTSON, Roland. **Globalização** – teoria social e cultura global. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROCHA, Jan; MILZ, Thomas; GOYZUETA, Verónica (orgs). **O Brasil dos correspondentes**. São Paulo: Mérito, 2008.

ROHTER, Larry. **Deu no New York Times**: o Brasil segundo a ótica de um repórter do jornal mais influente do mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SANTARELLI, Christiane Paula Godinho. Análise da imagem publicitária: a revisão de alguns modelos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2006, Brasília. Anais... Brasília: INTERCOM/UNB, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br> Acessado em: 28 set. 2008.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1989.

SOARES, Nelma. Marca Brasil: formação e desenvolvimento. Anais da I Jornada Acadêmica PPGCOM – ECA-USP – 2008. Disponível em: http://sites.google.com/site/jappgcom/artigos/mt4_nelmasoares.pdf?attredirects=0 Acesado em 27/05/09.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009.

SPARKS, C. “What’s wrong with globalization?” **Global Media and Communication** 2007, 3: 133-154.

TAGÉ, Terezinha Fátima. “Gêneros discursivos integrados em mídias integradas”. **Revista USP**. São Paulo, jun.-ago. 2006, n. 70, pp. 120-127.

TALESE, Gay. **O Reino e o Poder** – uma história do New York Times. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TEIXEIRA, Jerônimo. “Deu no New York Times – a política, a sociedade e a cultura brasileiras na visão de Larry Rohter, o jornalista americano que quase foi expulso do Brasil por falar do gosto do presidente por bebidas alcóolicas”. *Revista Veja*, 05/11/2008. pp. 132-139.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

TRINDADE, Eneus. “**Brasil mostra a tua cara**” – publicidade e identidade cultural brasileira na transição secular [tese de doutorado]. São Paulo: ECA-USP, 2003.

_____. “Publicidade e identidade brasileira: por uma tipologia discursiva”. **Revista Brasileira de Lingüística**, v. 13, n. 1, 2005. pp. 227-240.

TUCHMAN, Gaye. “Making News by Doing Work: Routinizing the Unexpected”. In: BERKOWITZ, Dan. **Social meanings of news** – a text reader. Londres: Sage, 1997. p. 173-192.

VIANNA, Rodolfo. **O princípio da Ironia** - Manifestações no Jornalismo [Trabalho de Conclusão de Curso]. São Paulo: ECA-USP, 2007.

VIANNA, Ruth. “A importância e o papel dos correspondentes internacionais (estrangeiros) no País”. In: **Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro** – Série Correspondentes de Guerra. http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/forum4_e.htm Acessado em 27 de dezembro de 2007.

VIEIRA, Vinicius Rodrigues. **Democracia racial, do discurso à realidade**: caminhos para a superação das desigualdades sociorraciais brasileiras. São Paulo, Paulus, 2008.

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich (BAKHTIN, Mikhail). “O discurso na vida e o discurso na arte (sobre poética sociológica)”. Tradução para uso didático feita por C. Tezza e C.A. Faraco [mimeo]. Sem data.

WIEVIORKA, M. “Racism and Diasporas”. **Thesis Eleven** 1998, 52: 69-81.

WILLIAMSON, John. “The Washington Consensus Revisited”. In: EMMERIJ, Louis (org). **Economic and social development into the XXI Century**. Washington: Inter-American Development Bank, 1997. pp. 48-61.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

WEBSITES CONSULTADOS:

Times Topics: <http://topics.nytimes.com/topics/reference/timestopics/index.html>
[acessado em 05 jun. 2010]

The New York Times Company: <http://www.nytimes.com/company> [acessado em 05 jun. 2010]

The New York Times Media Kit: <http://www.nytimes.com/sites.net/mediakit> [acessado em 05 jun. 2010]

The New York Times online: <http://www.nytimes.com> [acessado em 05 jun. 2010]

ANEXO – Lista de textos de Larry Rohter publicados pelo *The New York Times* sobre o Brasil

Data	Título
21/03/85	SANDINISTA IS PRESSING PEACE PLAN
29/09/85	PAPERBACKS; LIFE UNDER THE MILI-TECHS
21/01/86	NO TITLE
22/06/86	AN AWFUL LOT OF COFFEE - AND MUCH MORE
03/08/86	LATIN AMERICAN STUDIES EMERGE FROM THE ACADEMIC SHADOWS
19/08/86	EDUCATION; RADICAL THEORIST TAKES HIS MESSAGE TO THE WORLD
24/11/86	2 SYSTEMS OF BILINGUAL LEARNING, BUT WHICH IS BETTER?
02/03/87	MEXICO PUSHES BANKS FOR NEW LOAN
21/05/87	NEW COMPLICATIONS LOOM FOR LATIN BORROWERS
10/08/87	INTERNATIONAL REPORT; BANK UNCERTAINTY IN PANAMA
02/09/87	Mexican Calls for Debt Flexibility
27/11/87	8 Latin Presidents in Acapulco for Summit Talks
28/11/87	Latin Chiefs Denounce 'Rich Countries' on Debt
29/11/87	8 Latin Chiefs Urge Cuba Role In Their Region
29/11/87	THE WORLD; SOUTHERN SUMMIT REKINDLES OLD DREAMS OF LATIN UNITY
30/11/87	LATIN CHIEFS URGE OVERHAUL OF DEBT AND OF O.A.S. TOO
22/12/87	Mexicans Fear Inflation in New Economic Plan
31/12/87	Latin America Hails Proposal on Mexican Debt
04/06/88	U.S.-Mexican Talks on Debt Are Expected
13/06/88	INTERNATIONAL REPORT; Mexico's Economic Plan, 6 Months Old, Slows Inflation
02/09/88	Leader Booed in Mexican Congress
02/10/88	Mexican Letter: Fighting Words, Poisoned Pens
11/10/88	Drop in Oil Prices Threatens Mexican Plan
23/10/88	THE WORLD: Relief for Salinas; Buying Time in Mexico
20/11/88	Can He Save Mexico?
02/12/88	MEXICO'S LEADER ASKS DEBT RELIEF
04/12/88	THE WORLD: Concern About Debt; In the Latin View, A Bush Era Can Only Be an Improvement
13/12/88	Mexico Sets End To Controls
24/01/89	IN ASIA, AFRICA AND LATIN AMERICA, A BANNER FOR REVOLUTION; Temptation for the Freethinker: Roberto Freire, Politician, Brazil
05/04/89	Latin Intellectuals Urge Brazil to Save Amazon Rain Forest
12/04/89	Accord Seen as Victory for Mexico
16/04/89	THE WORLD; As Mexico Moves On Drug Dealers, More Move In
23/04/89	Brazilian Pop, Uneasy in the Spotlight
07/05/89	THE WORLD; A Continent's Referendum on Democracy
11/05/89	Latin Nations, Though Disgusted by Noriega, Remain Wary of U.S.
05/06/89	INTERNATIONAL REPORT; Domestic Debt, Too, Hurts Mexico
20/06/89	Soft Underbelly: Sneaking Mexicans (and Others) Into U.S. Is Big Business
25/07/89	Mexico Feels Squeeze of Years of Austerity
13/08/89	THE WORLD; Central America Goes Its Own Way
03/02/90	Mexico's Recovery: Is It in Peril?
05/02/90	Pact Is Signed to Cut Mexico's Debt
18/03/90	THE WORLD; Latin America Is Transformed; Making Progress Is Another Matter

25/03/90	Villages and Beaches Along the Costa Verde
06/05/90	JOHN PAUL ARRIVES IN MEXICO TODAY
12/05/90	Pope, in Mexico, Faces Rising Protestant Tide
13/05/90	U.S. and Mexico Take Aim at Drug Chemicals
10/03/91	Brazil's Cultural Crossroads
04/04/91	For Nascimento, a Leap to Mass Popularity
18/04/91	Dramatizing a Family That Took On Dictatorship
11/08/91	From Brazil to Peru to Jamaica, Gun Smugglers Flock to Florida
11/01/92	Miami Emerges as Latin Art Center
13/01/92	No Recession for Firearms Industry
08/11/92	POP MUSIC; Gilberto Gil, Bahia's Most Beloved Export
28/02/93	ECONOMIC PULSE: Florida; Florida Is Acting Like a Sunbelt Economy Again
03/03/93	Citrus Glut Leaves Growers Gloomy
21/11/93	THE WORLD; Latin America Finds Harmony in Convergence
14/04/94	Moth, Probably Brought by Storm, Imperils Florida Citrus Crop
16/04/95	POP MUSIC; More Than a One-Bossa-Nova-Hit Wonder
23/09/95	A Fever, Once in Retreat, Surges in Latin America
22/10/95	THE WORLD; The New Latin Scandals Challenge Democracies
22/10/95	TRAVEL ADVISORY: CORRESPONDENT'S REPORT; Health Officials Warn On Re-emerging Fever
24/02/96	Havana Journal;Needing Cash for Bread, Cuba Tries a Circus
29/07/96	A Chastened Latin Left Puts Its Hope in Ballots
06/11/96	Nicaragua Now Plans to Look Into Where the Bodies Are Buried
06/12/96	With a Bang, Panama Is Erasing House of Horrors
06/01/97	Free Trade Goes South With or Without U.S.
22/03/97	Arms Cache in Nicaragua Casts a Long Shadow
12/05/97	Growing Latin Market Creates New Battleground of Cable TV
20/10/97	Cuba's Unwanted Refugees: Squatters in Havana's Teeming Shantytowns
15/01/98	The World; Forget the Maine. Spain Is Back.
22/01/98	THE POPE IN CUBA: THE IMPLICATIONS; Castro's Spin: Pope Is on Our Side
24/01/98	Pope's Call for Clemency Lifts Dissidents' Hopes
27/01/98	After the Visit: Mission Lies Now With Cuban Church
08/03/98	WHAT'S DOING IN; Cancun
02/06/98	Hong Kong's Latin Competitor; Panama's 'Den of Pirates' Tries to Upgrade Its Image
30/08/98	The World: Paper Trails; In Latin America, 'The Constitution Is What I Say It Is'
04/09/98	INTERNATIONAL BUSINESS: A Tiger in a Sea of Pussy Cats; Trinidad and Tobago Bids Goodbye to Oil, Hello to Gas
14/11/98	I.M.F. Announces a \$41.5 Billion Rescue Package for Brazil
19/11/98	Brazil Preoccupied With Mystery Tapes
19/11/98	INTERNATIONAL BUSINESS; Brazil Output Falls; Full Recession Feared
20/12/98	The World; In Latin America, the Strongman Stirs in His Grave
14/01/99	TURMOIL IN BRAZIL: THE OVERVIEW; BRAZIL DEVALUES ITS CURRENCY 8%, ROILING MARKETS
15/01/99	INTERNATIONAL BUSINESS; CRISIS IS DEEPENING IN BRAZIL MARKETS
17/01/99	Double-Edged Economic Crisis Whipsaws Brazil Workers and Companies
20/01/99	Brazil's Government Struggles To Pass Bills to Fight Crisis
21/01/99	Lawmakers In Brazil Adopt Step On Austerity
25/01/99	Brazil's Economic Crisis Pits President Against Governors
03/03/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Brazil Intervenes as Inflation Fear Sends Currency Down
05/03/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Brazil Increases a Key Interest Rate to 45%
09/03/99	New I.M.F. Aid Pact Further Limits Brazil

11/03/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Bank Chief Vows to Curb Brazilian Debt
11/03/99	Brazil Rights Group Hopes to Bar Doctors Linked to Torture
21/03/99	FILM; Eyes on Oscar: Brazil's 'National Treasure' . . .
21/03/99	The World: Latin America's Contagion; Where Taxes Aren't So Certain
26/03/99	Andes Battle: Right vs. Left vs. Civilians vs. Troops
11/04/99	QUICK TREKS TO WILD ADVENTURES; Brazil: A bit of jungle near Rio's beaches
11/04/99	WHAT'S DOING IN; RIO
23/04/99	There's a Lot of Grit in Brazil; A Once-Jittery Economy Is Getting Under Self-Control
23/04/99	Caracas Journal; The Squatters Have Their Day, Shaking Venezuela
22/05/99	Sao Paulo Journal; U.S. Dominance Wanes, At Least in Bad-Taste TV
23/05/99	The World; Yes, Investors Panicked. But Brazil Didn't.
01/06/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Brazil Devaluation Changes The Trading Bloc Picture
04/06/99	Rio Journal; The Ultimate Indignity: Fabled Beaches Are Soiled
13/06/99	Brazil, High In Shootings, Is Proposing To Ban Guns
17/06/99	ARTS ABROAD; From Rebellion to Romance: A Troubadour Endures
20/06/99	The World; Latin America's Armies Are Down But Not Out
25/06/99	Sao Paulo Journal; Can a Melodic Priest Be Good for the Church?
26/06/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Latin America And Europe To Talk Trade
27/06/99	FILM; The Stuff of Legend In a Brazilian Slum
27/06/99	RIO TO NEW DELHI, BY DESKTOP: RIO DE JANEIRO; The Site From Ipanema, And Lots of Carioca Spirit
29/06/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Colombia Devalues Peso by 10% in Emergency Decree
30/06/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Latin-European Meeting Ends With Vague Commitment
04/07/99	The World: Women on the Soccer Field; Brazil Averts Its Eyes
08/07/99	Brazil's Leader Undercut By His Quarreling Allies
11/07/99	Past Military Rule's Abuse Is Haunting Brazil Today
18/07/99	Colombia Is Reeling, Hurt by Rebels and Economy
27/07/99	U.S. Anti-Drug Chief, in Colombia, Speaks of 'Regional Crisis'
05/08/99	ARTS ABROAD; Brazilian Chemistry: A Samba Beat For 'Carmen'
18/08/99	Carlos Cachaca, 97, Brazilian Songwriter Who Popularized Samba
24/08/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Ecuador Seeks To Ease Fears It May Default
24/08/99	ARTS ABROAD; From Homeless to House-Proud: Brazil's 'Other' Music
30/08/99	MEDIA; A News Magazine War in Brazil
30/08/99	As Brazil's Chief Wavers, He's Deluged With Labor Protests
22/09/99	In Brazil, Big Bank, Big Portal
26/09/99	The World's Cheapest Spectator Sport; Rio de Janeiro
28/09/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Ecuador's Planned Default Does Not Jolt Latin Markets
04/10/99	Rio Journal; Where New Rich Adopt a U.S. Kind of Stylishness
09/10/99	INTERNATIONAL BUSINESS; Politics Threatens Brazilian Utility Sales
23/10/99	Joao Cabral, 79, Unflinching Poet, Is Dead
26/10/99	An Ancient Skull Challenges Long-Held Theories
29/10/99	Acquittals in Massacre Arouse Brazil
09/11/99	A Mirage of Amazonian Size; Delusions of Economic Grandeur Deep in Brazil's Interior
22/11/99	No Longer Tolerant of Official Misconduct, Brazilians Now Demand Accountability
28/11/99	Suspicion Following Sun Myung Moon to Brazil
01/12/99	Porto Seguro Journal; Indian Tribe Wants Brazil's Plymouth Rock Back
09/12/99	ARTS ABROAD; Brazil Wizard Makes Books Disappear From Stores
12/12/99	Brazil Carnival's Fabled Amity May Hide Bigotry

19/12/99	The World; Asia Moves In on the Big Ditch
20/12/99	OUTLOOK 2000: INTERNATIONAL; After a Hard Year, Latin America Looks for Better Times
26/12/99	What's Doing In; Panama
01/01/00	1/1/00: AROUND THE WORLD; Parties on the Beach, Then Pious Reflection
02/01/00	Brazil Is Shaken by Air Force's Challenge to Plans for Military
09/01/00	After Crisis, Reform Bills Languish In Brazil
10/01/00	Catholics Battle Brazilian Faith in 'Black Rome'
30/01/00	Ecuador's Coup Alerts Region to a Resurgent Military
21/02/00	Brazil Collides With I.M.F. Over a Plan to Aid the Poor
26/02/00	Rio de Janeiro Journal; Famed Carnival Beaches Incur Share of Indignities
25/04/00	500 Years Later, Brazil Looks Its Past in the Face
05/05/00	Sao Paulo Journal; What Mayor's Wife Saw: A Tangled Tale of Graft
14/05/00	An Abundance Of Markets; RIO DE JANEIRO
14/05/00	The World; Suddenly, Two Parts of a Nation That Aren't There
19/05/00	Recife Journal; A Brazilian City Resurrects Its Buried Jewish Past
23/05/00	INTERNATIONAL BUSINESS; A Developing Nation on the Frontiers of Space
04/06/00	ART/ARCHITECTURE; Showing Off The Profusion Of a Culture
07/06/00	ARTS ABROAD; Whodunit? A Professor Turned Novelist, That's Who
09/06/00	Brazil Opens Files on Region's Abuses in Age of Dictators
10/06/00	Brazil Grants Some Legal Recognition to Same-Sex Couples
21/06/00	Brazil Bans Gun Sales After Public Outcry Over Crime Wave
25/06/00	WHAT'S DOING IN; Sao Paulo
12/07/00	In the City of Lights or in the City of Angels, How to Go Local; In Rio, Shed Those Inhibitions
15/07/00	Wiretaps Lift Brazilian Scandal Into Top Ranks of Government
06/08/00	MUSIC; Rock en Espanol Is Approaching Its Final Border
06/08/00	The World: Chavez Picks an Icon; Bolivar's Your Hero? No, He's Mine
13/08/00	Who Is Vainest of All? Venezuela
27/08/00	TELEVISION/RADIO; Brazil Builds Bigger and Better Telenovelas
30/08/00	Brazil Begins to Take Role on the World Stage
02/09/00	Latin Leaders Rebuff Call By Clinton On Colombia
07/09/00	Brasilia Journal; Crusading Prosecutor Delights and Amazes Many
10/09/00	Set 'Em Up, Joe: Rio De Janeiro
20/09/00	ONLINE OVERSEAS; As Brazil's Market Grows, So Does the Free Access Dispute
25/09/00	Peru Spy Chief Flies to Panama Looking for Asylum
28/09/00	Rio Journal; Scandal Rocks Soccer, Sending Brazil Into Shock
09/10/00	Belem Journal; In Acts of Faith on Amazon, Middle Ages Live On
18/10/00	U.S. Aid to Colombia Worries Hemisphere's Defense Leaders
22/10/00	TRAVEL ADVISORY: CORRESPONDENT'S REPORT; Rio's Polluted Beaches Pose a Challenge
28/10/00	Irاندuba Journal; Snakes and Scorpions vs. the Census
30/10/00	Latest Battleground In Latin Drug War: Brazilian Amazon
16/11/00	Brazil's Chief, While Languishing, Is Challenged on Two Fronts
25/11/00	Brazilians Dazzled (Mostly) By Prospect of a Guggenheim
26/11/00	Mayor Most Rare: Sexologist and Monied Marxist
28/11/00	Leticia Journal; Dancing Across an Imaginary Line in the Jungle
30/11/00	With Economy Brighter, Brazil's Leader Faces Wage Demands
03/12/00	Brazil Miffed As Chile Shifts Trade Focus Toward U.S.
14/12/00	Spy Agency In Brazil Is Accused Of Abuses
17/12/00	THEATER; Reawakening the Giant of Brazilian Theater
18/12/00	INTERNATIONAL BUSINESS; Argentina's Economy Casts a Shadow
29/12/00	Rio Journal; For Brazil's College-Bound, a Brutal Test of Mettle

31/12/00	Brazil's Hot Commodity? Not Coffee or Soccer
08/01/01	Ecuador Is Fearful As Colombia's War Spills Over Border
18/01/01	(World Briefing)
23/01/01	Former Slave Havens in Brazil Gaining Rights
24/01/01	(World Briefing)
31/01/01	(World Briefing)
02/02/01	(World Briefing)
04/02/01	What's doing in Rio
14/02/01	Kingmaker in Brazil Has Built a Castle of His Own
04/03/01	Rebels Linked To Drug Trade By Arrests In Colombia
05/03/01	Brazilian Prison Revolt Exposes a Crumbling System
06/03/01	ARTS ABROAD; Brazilians Love Their Wild West (in the Northeast)
07/03/01	Mário Covas, 70, Governor Of State of São Paulo, Dies
12/03/01	Political Turmoil Threatens Brazil's President
16/03/01	WORLD BUSINESS BRIEFING: AMERICAS; BLASTS HIT GIANT OIL RIG
21/03/01	Oil Rig Sinks; Some Leaking Is 'Inevitable,' Official Says
24/03/01	INTERNATIONAL BUSINESS; South American Trade Bloc Under Siege
24/03/01	Huge Soccer Scandal Taints National Obsession of Brazil
27/03/01	Brazil Flexes New Muscle In Another Trade Fight
29/03/01	(World Briefing)
30/03/01	Bush and Brazil Chief Have Politics, if Not Trade, to Discuss
31/03/01	Maker Agrees to Cut Price Of 2 AIDS Drugs in Brazil
07/04/01	São Paulo's 'Roofless' Seize Downtown Buildings
08/04/01	Keeping Hold Of Top Office In Paraguay
15/04/01	MUSIC; Ignored for Decades, They're Suddenly a Hot Band
25/04/01	(World Briefing)
29/04/01	The World: Missionaries; On a Frontier Of Danger
01/05/01	Brazil Bounding Forward As Genomics Powerhouse
04/05/01	World Briefing Americas: Brazil: Great Train Robber Eyes Return
06/05/01	Feud Breeds Political Scandals and Public Outrage in Brazil
09/05/01	World Briefing Americas: Brazil: A Cabinet Resignation
10/05/01	World Briefing Americas: Brazil: Foot-and-Mouth Vaccination Ordered
15/05/01	Rio Journal; English Is Spoken Here . . . Too Much, Some Say
19/05/01	Brazil, Fearful of Blackouts, Orders 20% Cut in Electricity
20/05/01	Rio's Squatters, By Guided Tour
20/05/01	In a Land of Sun and Music, CD Pirates Play Robin Hood
20/05/01	Dam Project in Paraguay Mirrors Rift Over Riches
24/05/01	Accusations Trail Former Banker in Brazil
25/05/01	World Briefing Americas: Brazil: Facing Impeachment, Senator Quits
26/05/01	Currais Novos Journal; Pity the Donkey, a Beast That's Become a Burden
31/05/01	World Briefing Americas: Brazil: Senator Quits To Avoid Trial
06/06/01	Energy Crisis in Brazil Is Bringing Dimmer Lights and Altered Lives
08/06/01	World Briefing Americas: Brazil: Governor Rejects Power Rationing
08/06/01	World Briefing Americas: Paraguay: Pursuing Ex-Dictator
12/06/01	San Alberto Journal; Local Cry: An Awful Lot of Brazilians in Paraguay
13/06/01	World Briefing Americas: Brazil: Soccer Indictments Sought
20/06/01	Disease Is Big Setback For Brazil Cattle Region
20/06/01	Natal Journal; A Has-Been Wonders How to Honor What Was
21/06/01	Colonel Charged in 1992 Prison Massacre Goes on Trial in Rio
01/07/01	Energy Crisis Is Just One More Thing for Brazil
03/07/01	The Discipline of the Bolshoi In the Land of the Samba; A Satellite School in Brazil to Train Tomorrow's Ballet Stars

04/07/01	Pelotas Journal; Of Gays and Gauchos (and Brazilian Gaucherie)
11/07/01	ARTS ABROAD; Undeterred by Crises, São Paulo Biennial Celebrates at 50
28/07/01	Brazil Weighs Replacing Police Strikers With Troops
29/07/01	A Landscape Designer's Hideaway
05/08/01	Brazil Steps on U.S. Toes With a Plan for Fighter Jets
06/08/01	Arts Abroad; Brazilian Renaissance For an American Poet
06/08/01	Brazilians Uneasy Despite Help by I.M.F.
08/08/01	Brazil Inoculating Its Economy With an Injection of Austerity
09/08/01	World Briefing The Americas: Brazil: Aircraft Purchase
11/08/01	Ipanema Journal; Still Tall and Tan, a Muse Fights for a Title
12/08/01	The World: First Things Last; Argentina and the Aid Next-Door
18/08/01	Balloonist Calls Off His Global Conquest and Lands in Brazil
19/08/01	Slow to Yield, Brazil Passes Equal Rights For Its Women
23/08/01	Barretos Journal; Brazil's Wild and Woolly Side: Meet the Caubóis
30/08/01	From Brazil, An Emerging Steel Giant; A Family Company Shops Abroad for Acquisitions
31/08/01	World Briefing The Americas: Brazil: TV Mogul Seized, Freed
02/09/01	Brazilian Mayor in Marital Mess: Is It the Office?
09/09/01	Brazil Is Getting a New Political Party: Its Base Is in State Prison
12/09/01	Brazil Leftists Oppose Deal to Let U.S. Launch Satellites
21/09/01	SOUTH AMERICA; Sharp Blow to Already Struggling Companies
23/09/01	TRAVEL ADVISORY: CORRESPONDENT'S REPORT; Rio Is Easing the Way To Corcovado's Summit
23/09/01	Bill in Brazil Would Allow More of Jungle To Be Razed
27/09/01	Terrorists Are Sought in Latin Smugglers' Haven
02/10/01	Multiracial Brazil Planning Quotas for Blacks
09/10/01	Santarém Journal; Chicago Boy Makes Good (as Amazon's Bishop)
09/10/01	World Briefing The Americas: Argentina, Brazil: Talks On Region's Economy
11/10/01	World Briefing The Americas: Brazil, Paraguay: Oviedo Extradition Blocked
12/10/01	Amazon Populist's Killing Exposes Bitter Conflicts
12/10/01	Roberto Campos, 84, Apostle For the Free Market in Brazil
13/10/01	World Briefing Brazil: Four-Day Week To Save Energy
19/10/01	Amnesty Report Finds Use of Torture Is Still Common in Brazil
20/10/01	INTERNATIONAL BUSINESS; The Other World Trade Centers Vow to Persevere
21/10/01	Brazil Searches for More Energy
25/10/01	World Briefing The Americas: Brazil: Indians Occupy Ranches
26/10/01	World Briefing The Americas: Brazil: Ex-Official Indicted
29/10/01	Rio Journal; The Singer, the Scandal, The Jailhouse Pregnancy
29/10/01	A NATION CHALLENGED: LIVING ABROAD; A Columnist's Changes in Brazil
04/11/01	Electricity Rationing in Brazil Inflames Regional Animosity
05/11/01	Cotovelo do Xingu Journal; A Collector's Item Costs Brazilian Divers Dearly
11/11/01	Travel Advisory: Correspondent's Report; Far From the Worry, Rio Just Rolls On
17/11/01	World Briefing Americas: Brazil: Pre-Election Cabinet Shuffle
21/11/01	World Briefing Americas: Brazil: Trevi Extradition Postponed
24/11/01	World Briefing Americas: Brazil: Electricity Restrictions Eased
30/11/01	Salvador da Bahia Journal; Simmering Over Who Can Cook a Favorite Fritter
30/11/01	World Briefing Americas: Brazil: Singer's Asylum Request Rejected
02/12/01	Rivalry Redux As Argentina Blames Brazil For Slowdown
04/12/01	ARTS ABROAD; Brazilian Author Takes a Second Shot at Immortality
07/12/01	Renowned New Zealand Yachtsman Killed in Amazon
08/12/01	7 in Brazil Are Charged With Murder Of Yachtsman
09/12/01	Brazil's Effort to Overhaul Its Labor Code Stirs Heated Debate
13/12/01	ARTS ABROAD; The Real Carmen Miranda Under the Crown of Fruit

16/12/01	WHAT'S DOING IN; Salvador
19/12/01	Brazil Takes a Trade Stance and Offers a Warning to U.S.
19/12/01	Brazil's Unlikely Rising Star in Politics: a Woman
19/12/01	World Briefing Americas: Brazil: Paraguayan General Freed
22/12/01	TURMOIL IN ARGENTINA: THE POLITICS; Interim Presidency Decided in Argentina but Doubts Linger
23/12/01	Brazil Moves to Protect Jungle Plants From Foreign Biopiracy
29/12/01	World Business Briefing Americas: Brazil: Federal Budget Approved
01/01/02	World Briefing Americas: Brazil: Big Arms Sale To Malaysia
05/01/02	Argentine Leader Seeks Broad Powers in Economic Crisis
06/01/02	Brazil's Royal Scandal: Prince Is Said to Steal Aunt's Dish
07/01/02	Argentina Unlinks Peso From Dollar, Bracing for Devaluation
12/01/02	Argentine Peso Drops Sharply After Link to the Dollar Ends
13/01/02	Argentina's Crisis: It's Not Just Money
16/01/02	World Briefing Americas: Brazil: Seeking Trade And Support
20/01/02	Argentina and the U.S. Grow Apart Over a Crisis
22/01/02	Mayor's Killing In Brazil State Churns Politics And Stirs Rage
02/02/02	In New Blow to Peso, Argentine Court Voids Bank Freeze
05/02/02	Turmoil Grows as Argentine Fiscal Crisis Deepens
08/02/02	Argentina Paying Heavily for Squandering Blessings
17/02/02	Argentine Tourism Pins Hopes on Devalued Peso
19/02/02	World Briefing The Americas: Brazil: Jailed Pop Star Gives Birth
23/02/02	In Argentina, I.M.F. Impasse Heightens Fear on Economy
24/02/02	In Argentine Crisis, Military Stays in Step
26/02/02	Tens of Thousands Believed Ill With Dengue Fever in Rio's State
03/03/02	OUR CORRESPONDENT IN RIO; The City's Soul Lies Beyond The Tunnel
05/03/02	World Briefing Americas: Brazil: Candidate's Husband Target Of Raid
25/03/02	Brazil's Prized Exports Rely On Slaves and Scorched Land
27/03/02	ARTS ABROAD; From Brazil's Backlands, a Master of a Folk Tradition
28/03/02	For Chilean Coup, Kissinger Is Numbered Among the Hunted
30/03/02	Argentines Feel Misled by U.S. Banks in Crisis
31/03/02	Burgers in Chile: Hold the Criticism
04/04/02	World Briefing Americas: Brazil: Election Law Prompts Shake-Up
09/04/02	World Briefing Americas: Brazil: Presidential Candidate Subpoenaed
15/04/02	Fear of Loss of Democracy Led Neighbors to Aid Return
16/04/02	World Briefing Americas: Brazil: Candidate Switches Races
17/04/02	A NATION CHALLENGED: BRIEFLY NOTED; MILITANT ARRESTED
20/04/02	Venezuela's 2 Fateful Days: Leader Is Out, and In Again
23/04/02	Argentine President Unveils Crisis Legislation
24/04/02	OVER THERE; Correspondents' Choices: Finding Hidden Treasure in Five Locales
27/04/02	Argentina Opens Banks and Names Minister
14/05/02	Argentine Foundation Keeps Crumbling
17/05/02	José Lutzenberger, Brazilian Environmentalist, Dies at 75
17/05/02	A Leftist Surges in Brazil's Turbulent Presidential Election
17/05/02	World Briefing Americas: Brazil: Police Chief Convicted In Peasants' Deaths
23/05/02	World Cup Suspends Reality in Argentina
24/05/02	World Briefing Americas: Brazil: U.S. Offers Missiles
25/05/02	World Briefing Americas: Brazil: A Woman On The Ticket
27/05/02	A Tilt Toward the Third World at the São Paulo Biennial
28/05/02	For Brazilian Soccer Fans, Apathy Is Replacing Passion
29/05/02	World Briefing Americas: Brazil: Military Flexes Muscles In Amazon
14/06/02	Brazil Tries to Fight 'Wave of Anxiety' on Economy

15/06/02	World Briefing The Americas: Brazil: 124 Acquitted In Killings
21/06/02	World Briefing Americas: Brazil: Prison Terms In Yachtsman's Death
21/06/02	Uruguay Lifts Limits on Peso Trading to Assist Economy
22/06/02	World Business Briefing Americas: Brazil: Stocks And Currency Sink
23/06/02	Ideas & Trends; Deep in Brazil, a Flight of Paranoid Fancy
24/06/02	Rio Journal; Beauties of the Sky, Filled With Hot Air and Peril
24/06/02	Chile Will Privatize a New Span of Its Noted Social Safety Net
25/06/02	Brazil's Roller Coaster Market
26/06/02	Blows Keep Coming for an Argentina Long in Crisis
28/06/02	Rio Journal; At Your Great Peril, Defy the Lords of the Slums
29/06/02	SOCCER; Brazil Now Admits Its Guys Can Play a Bit
01/07/02	SOCCER; 175 Million Brazilians Hold a Samba Celebration
06/07/02	World Briefing Brazil: Journalist's Remains Recovered
07/07/02	Skepticism Greets Leftist's Makeover in Brazil
11/07/02	World Briefing Brazil: Justice Minister Quits
22/07/02	Iran Blew Up Jewish Center in Argentina, Defector Says
27/07/02	Brazil Employs Tools of Spying To Guard Itself
30/07/02	In Argentina, the Arts Struggle to Survive a Depression
02/08/02	World Briefing Brazil: Weak Economy Shortens Draft
03/08/02	No Headline
03/08/02	World Briefing Americas: 4 Nations In Education Pact
04/08/02	FILM; A Prison Story That Carries a Personal Meaning
05/08/02	Argentina's New Role Model: Its Old Rival, Brazil
07/08/02	O'Neill, Upbeat in Uruguay, Faces Tough Talk in Argentina
08/08/02	I.M.F. Agrees to Loan of \$30 Billion for Brazil
11/08/02	Brazilians Find Political Cost for Help From I.M.F.
11/08/02	Giving Argentina the Cinderella Treatment
17/08/02	THE SATURDAY PROFILE; From Maid to Rio Governor, and Still Fighting
23/08/02	Amazon Forest Still Burning Despite the Good Intentions
25/08/02	TELEVISION/RADIO; Brazil's Renaissance Showman Can't Be Contained by a Talk Show
08/09/02	A Brazilian State Battles Crime in High Places
10/09/02	Discovering Amazon Rain Forest's Silver Lining
18/09/02	World Briefing Americas: Paraguay: Protest Against President
20/09/02	World Briefing Americas: Brazil: Arrest In Reporter's Killing
22/09/02	Sept. 15-21; The Fall of Brazil's Big House
23/09/02	A Brazilian Campaign That Is All About the Jungle
25/09/02	World Briefing Americas: Brazil: Files On The Missing To Be Opened
26/09/02	3 Candidates Chasing Leader for Brazil's Presidency
01/10/02	A New Intrusion, of Soldiers, Threatens an Amazon Tribe
01/10/02	World Briefing Brazil: Gang Order Shuts Rio
04/10/02	Brazil's Presidential Vote Hinges on Debate's Result
05/10/02	In Free-Market Slump, Brazil's Voters Look for Change
06/10/02	At a Crossroad, Brazil's Undecided Consider a Left Turn
07/10/02	LEFTIST CANDIDATE TAKES A FIRM LEAD IN BRAZIL ELECTION
08/10/02	Man in the News; Workingman President, Maybe -- Luiz Inácio Lula da Silva
09/10/02	Brazil's Front-Runner Gets Backing
12/10/02	Out Front in Brazilian Runoff, Leftist Is Wary of a Spill
13/10/02	INTERNATIONAL: October 6-12; JUST SHY OF VICTORY
17/10/02	World Briefing Brazil: Gangsters Attack Governor's Palace
19/10/02	In Brazil Runoff, the Straggler Labors On Against Huge Odds
20/10/02	DANCE; A Brazilian Company That Zigs Where Others Zag
20/10/02	The World; Ipanema Under Siege: Rio's Gangs Flex Harder

20/10/02	Brazil's Presidential Election Reflects Power of São Paulo
21/10/02	Long Treated as a Joke, Brazilian Neofascist May Have the Last Laugh
27/10/02	Polls Say Leftist Will Win Brazil's Presidency by Wide Margin
28/10/02	Leftist Handily Wins Brazilian Presidential Race
29/10/02	Leftist Brazilian Victor Moves to Calm Nervous Markets
30/10/02	Brazil Sets an Example in Computerizing Its National Elections
31/10/02	Relations With U.S. a Challenge for Leftist Elected in Brazil
03/11/02	Law and Politics Likely to Curb Power of Brazil's New Leader
03/11/02	Oct. 27-Nov. 2: INTERNATIONAL; BRAZIL'S WORKING-CLASS HERO
06/11/02	Tiger in a Lifeboat, Panther in a Lifeboat: A Furor Over a Novel
10/11/02	Chronicle of a Tale Foretold
17/11/02	MUSIC; A Revolutionary Who's Still on the Move
24/11/02	South American Trading Bloc Frees Movement of Its People
29/11/02	Jet Purchase Splits Brazil: New Leader Wants Voice
29/11/02	Troubles Push Paraguay Close to Bankruptcy
30/11/02	INTERNATIONAL BUSINESS; Brazil's Government-Elect Softens Talk of Big Change
03/12/02	Brazilian Rallying Neighbors Ahead of Meeting With Bush
03/12/02	Argentina Lifts Its Freeze on Most Bank Accounts
12/12/02	U.S. and Chile Reach Free Trade Accord
15/12/02	South America Region Under Watch for Signs of Terrorists
16/12/02	South America's Financial Straits
22/12/02	Brazil's New Cabinet Offers Surprises, and Draws Criticism
27/12/02	Brazil Sends Gasoline to Venezuela at the Request of Chávez
29/12/02	Departing President Leaves a Stable Brazil
31/12/02	A Government Gig For Brazilian Pop Star; Gilberto Gil Becomes Culture Minister, But Not Everyone Sings His Praises
02/01/03	A Leftist Takes Over in Brazil and Pledges a 'New Path'
03/01/03	Picking Butter Over Guns, Brazil Puts Off Buying Jets
03/01/03	Venezuela's Chief Proposes Global Effort to End Strike
09/01/03	Brazil Needs A-Bomb Ability, Aide Says, Setting Off Furor
12/01/03	FILM; Filmed on Location: The Gangs of Rio de Janeiro
20/01/03	Antiglobalization Forum to Return to a Changed Brazil
02/02/03	WHAT'S DOING IN; Rio
07/02/03	World Briefing Americas: South American Nations Pursue Closer Ties
25/02/03	Carnival in Rio Is Dancing To More Commercial Beat
10/03/03	Argentine Judge Indicts Iranians in Bombing of Jewish Center
14/03/03	Brazilian Leader Introduces Program to End Slave Labor
16/03/03	Brazil's Military, Less Than It Was, Is Asked to Do More
22/03/03	Native Latins Are Astir and Thirsty for Power
23/03/03	Brazil's Leader Angers His Old Allies
30/03/03	Brazil's War on Hunger Off to a Slow Start
01/04/03	Brazil Chief's Hometown Is Poor as Ever
05/04/03	Racial Quotas in Brazil Touch Off Fierce Debate
05/04/03	THE SATURDAY PROFILE; At 87, a Playboy Can Dream, Can't He?
13/04/03	Private Sector; Finding Common Ground in Brazil
17/04/03	Portraying (and Stirring) Passion; Should Jesus Sign Autographs? Debate Over a Brazilian Town's Play
19/04/03	Brazil to Let Squatters Own Homes
20/04/03	The Faraway War Set Latin America on Edge
26/04/03	THE SATURDAY PROFILE; Out of the Slums of Rio, an Author Finds Fame
26/04/03	Runoff Is Likely After Argentines Vote Tomorrow
27/04/03	Travel Advisory: Rio's Drug Wars Begin To Take Toll on Tourism

08/05/03	As Crime and Politics Collide in Rio, City Cowers in Fear
12/05/03	Argentine Contender Dogged by Questions
18/05/03	In Latin America, the Cult of Revolution Wanes
18/05/03	Argentina, Turning the Corner, Leans to Its Left
25/05/03	Argentina Looks to a New Leader
26/05/03	Argentina's Chief Is Sworn In and Comes Out Fighting
29/05/03	Almir Chediak, 52, Preserver Of Brazil's Classic Pop Songs
31/05/03	Brazil's Leader Steps Gingerly Onto World Stage
07/06/03	World Briefing Brazil: Party Drops Support
07/06/03	World Briefing Americas: Brazil: Protecting Mahogany
10/06/03	Latin Lands Don't Share Powell's Priorities
11/06/03	Powell Visits Argentina and Finds It Wary on Foreign Policy
16/06/03	Behind Brazil's Leftist Leader, a Kindred Spirit Thrives
18/06/03	Now the Dirtiest of Wars Won't Be Forgotten
27/06/03	World Briefing Brazil: Court Bars A Guggenheim Museum
14/07/03	Leftist Leader of Brazil Sees A Strike From the Other Side
26/07/03	Amazon Indians Honor an Intrepid Spirit
27/07/03	Poor Press Brazil's Leader on His Promise of Land
23/08/03	Explosion of Brazilian Rocket During a Test Kills at Least 16
07/09/03	THE NEW SEASON/FILM; A Horrific Crime That Was Seen by Tens of Millions
07/09/03	30 Years Later, a Coup's Scars Have Been Masked
08/09/03	Musicians Gather in Homage to Allende
17/09/03	Relentless Foe of the Amazon Jungle: Soybeans
19/09/03	World Briefing Brazil: Making Anti-Semitism A Crime
28/09/03	Hard Realities: Brazil Drops Resistance to Genetically Altered Crops
14/10/03	Where Faith Grows, Fired by Pentecostalism
17/10/03	Bolivias Poor Proclaim Abiding Distrust of Globalization
02/11/03	The World; New Global Trade Lineup: Haves, Have-Nots, Have-Somes
04/11/03	Deep in the Amazon, Vast Questions About the Climate
05/11/03	Grievances That Can Bring Globalization to Grief
11/11/03	The Case of the Operatic Moon; In Rio, a Drawer-Dropping Director Is Due in Court
21/11/03	Brazil's Environmentalists Crying Foul
26/11/03	Taking Cargo and People, Chilean Airline Flourishes
30/11/03	Inexperience Catches Up With Brazilian Appointees
13/12/03	To Brazil, Orville and Wilbur Were Fly-by-Nights
15/12/03	Party Atop Brazil Government Expels 4 Dissident Lawmakers
24/12/03	Songs by a Man With Heart Mean Christmas in Brazil
27/12/03	MAD COW DISEASE IN THE UNITED STATES: EXPORTS; Brazil and Argentina Expect Rising Beef Sales
28/12/03	Brazil Resists Plan to Allow Spot Inspection Of Nuclear Site
04/01/04	Brazil Gives New Leader Room to Err
10/01/04	U.S. and Brazil Fingerprinting: Is It Getting Out of Hand?
13/01/04	Tourist-Minded Rio Resists Fingerprinting of Americans
14/01/04	Brazil Seeks To Bypass Fingerprinting
15/01/04	Brazil Jails American Airlines Pilot Over Fingerprinting Snub
21/01/04	Brazil Adopts Strict Gun Controls to Try to Curb Murders
23/01/04	Brazil's Soaring Space-Age Ambitions Are Shy of Cash and Sapped by Calamity
25/01/04	TRAVEL ADVISORY; Tourists Are Pawns in Brazil-U.S. Security Spat
01/02/04	Corruption Accusations Rise From Brazil Mayor's Death
16/02/04	Brazil Party Is Threatened By Videotape Showing Graft
21/02/04	THE SATURDAY PROFILE; Part of the Carnival Show: The Man Behind the Masks
22/02/04	Mountain Getaways For Cariocas

22/02/04	For visitors, fingerprints and photos
06/03/04	World Briefing Brazil: State To Allow Same-Sex Unions
06/03/04	Jorge Guinle, 88, a Playboy Who Outlived His Millions, Dies
10/03/04	Brazil's Shrimp Caught Up in a Trade War
17/03/04	World Briefing Brazil: Report On Fatal Launching-Pad Accident
19/03/04	Recife Journal; In a Slum of Shanties on Stilts, Help Isn't Always Helpful
22/03/04	São Domingos do Capim Journal; Far From the Ocean, Surfers Ride Brazil's Endless Wave
28/03/04	Long After Guerrilla War, Survivors Demand Justice From Brazil's Government
31/03/04	Energy Scarce as Argentina Faces Winter
04/04/04	Brazilian Efforts at Progress Mired in Scandal
04/04/04	For Once, Latin Americans Ask the U.S. to Butt In
09/04/04	Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern
22/04/04	In Brazil, Iconoclast Is Bearded In His Den; A Controversial Sculptor Revels in His Menagerie
28/04/04	Chile, the Rich Kid on the Block (It Starts to Feel Lonely)
23/05/04	THE ORGAN TRADE: A Global Black Market; Tracking the Sale of a Kidney On a Path of Poverty and Hope
26/05/04	Che Today? More Easy Rider Than Revolutionary
30/06/04	World Briefing Americas: Paraguay: Former Strongman Returns
25/07/04	Brazil Carries the War on Drugs to the Air
01/08/04	Brazil Is Leading a Largely South American Mission to Haiti
05/08/04	Rio Journal; The Devil Take August. In Brazil, It's Just Too Scary.
08/08/04	ATHENS: SUMMER 2004 OLYMPICS -- DAIANE DOS SANTOS/BRAZIL GYMNASTICS; A Nation's Hope Rises Out of Nowhere
23/08/04	Serra Pelada Journal; Brazilian Miners Wait for Payday After Diet of Bitterness
26/08/04	Marabá Journal; Brazil's Problem in a Nutshell: Bolivia Grows Nuts Best
29/08/04	MUSIC; You Can Take the Girl Out of Brazil . . .
01/09/04	World Briefing Brazil: Guerrilla's Extradition To Chile Denied
06/09/04	Plan to Tame Journalists Just Stirs Them Up in Brazil
07/09/04	Tucuruí Journal; Drowned, Not Downed, Trees in the Amazon Get Nasty
11/09/04	THE SATURDAY PROFILE; A Man of Many Names but One Legacy in the Amazon
25/09/04	The Two Brazils Combine For Night at Carnegie Hall
25/09/04	Brazil Pressing for Favorable Treatment on Nuclear Fuel
27/09/04	Judge Questions Pinochet About Killings Under His Rule
05/10/04	World Briefing Brazil: Runoff For São Paulo
12/10/04	World Briefing Brazil: Expert On Indians Shot Dead
13/10/04	Planting-Time Soy Quandary for Brazil
15/10/04	Brazilians Battle Indians: 'This Land Is Our Land'
17/10/04	Brazilian Leader's Party Shows Gains Everywhere Except Where It Counts Most
17/10/04	The Prestige HBO Series Is Going South
20/10/04	Brazil Agrees to Inspection of Nuclear Site
24/10/04	Exhuming a Political Killing Reopens Old Wounds in Brazil
26/10/04	Santa Maria do Tapará Journal; Big Fish, Little Fish Battle Over the Amazon's Bounty
29/10/04	Brazilian Jazz Master Whose Music Is Beyond Definition Begins U.S. Tour
31/10/04	The World: Nuclear Secrets; If Brazil Wants to Scare the World, It's Succeeding
31/10/04	Aided by Uruguay's Problems, Left Is Expected to Gain Power
01/11/04	Uruguay's Left Makes History by Winning Presidential Vote
02/11/04	Tiptoeing Leftward: Uruguayan Victor's Moment of Truth
05/11/04	World Briefing Brazil: Defense Minister Quits In Dispute With Army
07/11/04	Equatorial, Wild and Most Curious
13/11/04	THE SATURDAY PROFILE; Using Courts in Brazil to Strengthen an Indian Identity

20/11/04	China Widens Economic Role in Latin America
30/11/04	São Paulo Journal; Pedestrians and Drivers Beware! Motoboys Are in a Hurry
07/12/04	U.S. and Others Gave Millions To Pinochet
12/12/04	South America Seeks to Fill the World's Table
12/12/04	The Pinochet Money Trail
14/12/04	Chilean Judge Says Pinochet Is Fit for Trial
27/12/04	Argentine Leader's Quirks Attract Criticism
29/12/04	Learn English, Says Chile, Thinking Upwardly Global
09/01/05	Where to Go in 2005: Budget
13/01/05	Beaches for the Svelte, Where the Calories Are Showing
16/01/05	Hey, Remember Us, Right Next Door?
31/01/05	Hidden Files Force Brazil to Face Its Past
02/02/05	World Briefing Brazil: President To Fight Fat
13/02/05	Brazil, Bowing to Protests, Reopens Logging in Amazon
14/02/05	Brazil Promises Crackdown After Nun's Shooting Death
17/02/05	World Briefing Brazil: 2,000 Troops To Amazon Region
17/02/05	Paraguay' Author Finally Goes There, Finding an Uproar
20/02/05	Slowing the Pace Along Brazil's Coast
23/02/05	World Briefing Brazil: President Vows Hunt For Nun's Killers
25/02/05	World Briefing Brazil: Plan To Buy Planes Stalls
28/02/05	Success Brings Brazilian Party a Surprise: Disarray
01/03/05	With New Chief, Uruguay Veers Left, in a Latin Pattern
02/03/05	Leftist Chief Is Installed in Uruguay and Gets Busy on Agenda
25/03/05	Juazeiro do Norte Journal; In the Backlands of Brazil, a Stony Path to Sainthood
28/03/05	A Vast Brazilian Project for Water Diversion Is Greeted by Widespread Skepticism
02/04/05	String of Street Shootings Kill 30, Including Youths, in Rio Suburb
05/04/05	Third World Represents a New Factor in Pope's Succession
20/04/05	In Selection of New Pope, Third World Loses Out
03/05/05	Chilean, Once Opposed by U.S., Is Elected Head of the O.A.S.
05/05/05	World Briefing Brazil: U.S. Terms For AIDS Help Spurned
09/05/05	Adventures in Opera: A 'Ring' in the Rain Forest
11/05/05	Little Common Ground at Arab-South American Summit Talks
20/05/05	World Briefing Americas: Brazil: Green Party Breaks With Da Silva
29/05/05	Effort to Reduce Poverty and Hunger in Brazil Falls Short of Its Goals
03/06/05	World Briefing Brazil: Arrests On Illegal Logging
05/06/05	Brazilian Leader Goes on Defensive as Scandal Spreads
14/06/05	Brazil's Governing Party Knew Of Vote Payoffs, Legislator Says
14/06/05	The Troubadours of Brazil's Backlands
18/06/05	Top Aide to Brazil's Leader Quits After Scandal Charge
22/06/05	World Briefing Brazil: Governor Vetoes Wall Around Rio Slums
22/06/05	World Briefing Brazil: 'Iron Lady' Is New Chief Of Staff
30/06/05	Brazilians Streaming Into U.S. Through Mexican Border
06/07/05	World Briefing Brazil: 2 In Corruption Inquiry Step Down
24/07/05	Prostitution Puts U.S. and Brazil at Odds on AIDS Policy
24/07/05	Britain Says Man Killed by Police Had No Tie to Bombings
25/07/05	Relatives and Friends Remember a Busy, Hopeful Man, and Discover a New Fear
27/07/05	As Did O.A.S., Bank Resists a Candidate Backed by U.S.
30/07/05	Unending Graft Is Threatening Latin America
02/08/05	World Briefing Brazil: Lawmaker Steps Down Amid Scandal
13/08/05	Aide to Brazil Leader Admits Party Used Illegal Financing
14/08/05	Brazil's Opposition Shelters President From Scandal, for Now
28/08/05	Language Born of Colonialism Thrives Again in Amazon

30/08/05	Silves Journal; A Quest to Save a Tree, and Make the World Smell Sweet
01/09/05	After Decades, Nations Focus on Rights Abuses
06/09/05	Mamirauá Journal; Is This the Gaze of an Endangered Species or an Evil Croc?
18/09/05	To Many in the Amazon, Government Comes on a Boat
22/09/05	Senior Brazil Legislator Quits, Further Weakening President
23/09/05	Brazil's Lofty Promises After Nun's Killing Prove Hollow
09/10/05	Scandal Forces Brazil's Top Party to Regroup
11/10/05	Brazilians May Be Accustomed to Corrupt Officials, but Draw the Line at Soccer Referees
13/10/05	World Briefing Brazil: Da Silva Ally To Head Party
16/10/05	Loggers, Scorning the Law, Ravage the Amazon Jungle
20/10/05	Gun-Happy Brazil Is Hotly Debating a Nationwide Ban
01/11/05	Cuba Accused of Illegal Campaign Gifts in Brazil
02/11/05	Bush Faces Tough Time in South America
04/11/05	Bush Faces a Fight at Free Trade Talks in Argentina
05/11/05	Hemisphere Summit Marred by Violent Anti-Bush Protests
06/11/05	Hemisphere Meeting Ends Without Trade Consensus
07/11/05	Bush, Replying to Chávez, Urges Latin Americans to Follow U.S.
20/11/05	Brazil Weighs Costs and Benefits of Alliance With China
27/11/05	Venezuela's Leader Covets a Nuclear Energy Program
02/12/05	Brazil Congress Expels President's Former Top Aide
11/12/05	A Record Amazon Drought, and Fear of Wider Ills
17/12/05	THE SATURDAY PROFILE; An Unlikely Trendsetter Made Earphones a Way of Life
25/12/05	Brazil Opens Former Dictatorship's Files, a Bit
08/01/06	The Boys From Brazil
22/01/06	Bolivia's Leader Solidifies Region's Leftward Tilt
13/02/06	A Back-Fence Dispute Crosses an International Border
19/02/06	The Stones Rock 1.5 Million in Rio Days Before Carnival
02/03/06	Brazil Opposition Eager to Pick a Presidential Candidate
08/03/06	With a New Leader, Chile Seems to Shuck Its Strait Laces
11/03/06	Chile's Socialist President Exits Enjoying Wide Respect
28/03/06	Brazil's Finance Minister Quits Amid Continuing Political Scandal
03/04/06	For Argentina's Sizzling Economy, a Cap on Steak Prices
06/04/06	World Briefing Americas: Brazil: Ex-Finance Minister Indicted
08/04/06	Brazil's Man in Space: A Mere 'Hitchhiker,' or a Hero?
10/04/06	With Big Boost From Sugar Cane, Brazil Is Satisfying Its Fuel Needs
27/04/06	She Who Controls Her Body Can Upset Her Countrymen
30/05/06	Police Are Criticized in Wave of Gang Violence in Brazil
01/06/06	There's Brazil, and 31 Other Teams
04/06/06	Argentine Leader's Bid to Rein in Military Causes Clash
07/06/06	Argentina Unsure if It Should Dream
26/06/06	In Brazil, Unpaved Path to Soccer Excellence
26/06/06	In Digital Age, Advancing a Flexible Copyright System
27/06/06	As Soccer Mania Mounts, Politicians' Goals Also Count
23/07/06	Happy Birthday. Here's an Inspiration.
08/08/06	In Winter, Toughing It Out in a Traffic Jam at 12,000 Feet
10/08/06	World Briefing Americas: Brazil: New Wave Of Gang Attacks In São Paulo
13/08/06	New Attacks by a Heavily Armed Gang Rattle Brazil
13/08/06	How Do You Say Desperate in Spanish?
14/08/06	Scandal in Brazil Over Villa-Lobos International Piano Competition
07/09/06	In Brazil, Former Ally May Spoil Race for the President
11/09/06	Agriculture Discord Stymies World Trade Talks' Revival

12/09/06	Uruguay at Center of Lively U.S.-Venezuela Chess Game
19/09/06	Soccer Skirmish Turns Spotlight on Brazil's Racial Divide
22/09/06	Days Before Brazil Votes, New Scandal for Leader
25/09/06	As Brazil Prepares to Vote, Scandal's Taint Seems to Fade
01/10/06	Wreckage of Airliner Is Spotted in Amazon
01/10/06	Scandal Shadows Brazil's Election
02/10/06	Embattled Brazil Incumbent Fails to Win First-Round Ballot
03/10/06	In Brazil Balloting, Leader Finds His Base May Turn to Sand
22/10/06	In Surprise, Brazil's da Silva Is Back on Top
23/10/06	At Long Last, a Neglected Language Is Put on a Pedestal
30/10/06	Brazil's President Roars Back to Win Vote
31/10/06	In 2nd Term, Brazil's Leader Has Agenda Topped by Ethics
14/11/06	A Brazilian Singer Finds That Many Musical Styles Are Just the Right One
23/11/06	Of Rubber and Blood in Brazilian Amazon
07/12/06	Gas Smugglers Dodge the Law in Brazil and Venezuela
12/12/06	Streets Are Paved With Neon's Glare, and City Calls a Halt
25/12/06	A Widening Gap Erodes Argentina's Egalitarian Image
28/12/06	19 Are Killed as Drug Gangs Conduct Attacks in Brazil
29/12/06	Diamonds' Glitter Fades for a Brazilian Tribe
29/12/06	Burst of High-Profile Anorexia Deaths Unsettles Brazil
30/12/06	Struggling to Save His Amazon, From the Top of a Death List
07/01/07	How 'Ugly Betty' Changed on the Flight From Bogotá
14/01/07	In the Land of Bold Beauty, a Trusted Mirror Cracks
14/01/07	Brazil Gambles on Monitoring of Amazon Loggers
19/01/07	Venezuela Wants Trade Group to Embrace Anti-Imperialism
21/01/07	Vast Pipelines in Amazon Face Challenges Over Protecting Rights and Rivers
23/01/07	World Briefing Americas: Brazil: Air Controllers Share Collision Blame
25/01/07	Long-Lost Trove of Music Connects Brazil to Its Roots
06/02/07	Drawing Lines Across the Sand, Between Classes
03/03/07	Argentina May See Shared Custody of Its Top Job
03/03/07	U.S. and Brazil Seek to Promote Ethanol in West
06/03/07	Bush to Set Out Shift in Agenda on Latin Trip
09/03/07	Visit by Bush Fires Up Latins' Debate Over Socialism
09/03/07	Brazilian Politician Indicted in New York in Kickback Scheme
10/03/07	Bush and Chávez Spar at Distance Over Latin Visit
11/03/07	Gilberto Gil Hears the Future, Some Rights Reserved
14/03/07	Answering Latin Left, Bush Pledges to Help Poor
14/03/07	Brazilian Government Invests in Culture of Hip-Hop
16/03/07	Groups in Brazil Aim to Call Military Torturers to Account
19/03/07	Brazil's Top TV Preachers Land in Hot Water in Miami
07/05/07	As Pope Heads to Brazil, a Rival Theology Persists
09/05/07	Brazil Greeted Pope but Questions His Perspective
10/05/07	Pope Opens Trip With Remarks Against Abortion
12/05/07	Amid Burst of Fervor, Pope Canonizes a Brazilian
13/05/07	Pope and Bishops Set Thorny Agenda for Talks
14/05/07	The Pope Denounces Capitalism and Marxism
22/05/07	For Pan-Am Games, the Big Race Is to the Starting Line
24/05/07	World Briefing Americas: Brazil: Minister Quits Under Cloud
24/05/07	Pope Concedes Unjustifiable Crimes in Converting South Americans
03/06/07	At Pan Am Games, Play It Safe and Enjoy
07/06/07	Brazilian Numbers Game Ties Officials to Mobsters
11/06/07	Both Sides Say Project Is Pivotal Issue for Brazil

20/06/07	In the Amazon, Giving Blood but Getting Nothing
08/07/07	A Huge Amazon Monster Is Only a Myth. Or Is It?
10/07/07	Argentine Leader's Wife May Inherit His Troubles
10/07/07	In Brazil, Pan Am Games Gaffe Stirs Anti-American Sentiment
12/07/07	America's Pastime Is Only a Blip in Soccer-Crazed Brazil
15/07/07	Brazil's Musical Mutants Resume Their Strange Trip
18/07/07	Plane Crashes in Brazil; 176 Feared Dead
19/07/07	Brazil Demands Solution to Aviation Crisis
20/07/07	Prosecutors Seek to Close São Paulo Airport in Wake of Brazil's Worst Airline Disaster
21/07/07	3 Days After Plane Crash, Brazil's President Orders Changes
21/07/07	Antonio Carlos Magalhães, Brazil Politician, Dies at 79
25/07/07	WORLD BRIEFING AMERICAS; Brazil: Turmoil Mounts at Airports
27/07/07	In the Amazon: Conservation or Colonialism?
31/07/07	Brazil, Alarmed, Reconsiders Policy on Climate Change
28/08/07	As Brazil Defends Its Bounty, Rules Ensnare Scientists
16/09/07	Into the Amazon
24/09/07	Amazon Books, but Not What You Think
02/10/07	Scientists Are Making Brazil's Savannah Bloom
24/02/08	Echoes of Amado in the Dark and the Light
27/03/08	McCain, in Foreign Policy Talk, Turns His Back on Unilateralism
24/06/08	McCain Proposes a \$300 Million Prize for a Next-Generation Car Battery
02/07/08	Ruth Cardoso, Ex-First Lady of Brazil, Dies at 77
13/09/08	After a Century, a Literary Reputation Finally Blooms
03/10/08	Shipping Costs Start to Crimp Globalization
21/01/09	A New Look at the Multitalented Man Who Made Tropical Landscaping an Art
30/03/09	Toasting Graffiti Artists
23/04/09	The Three Amigos of Cha Cha Cha
23/07/09	New York Rhythm: Viva la Variedad!
19/08/09	Brazilian, but With a Different Beat
21/10/09	For a Brazilian Choreographer, Dance as an Obstacle Course
04/11/09	Other Voyages in the Shadow of Lévi-Strauss